



Paixão pela Fraternidade

Javier Aguirregabiria

Apresentação do livro do Pe. Geral

Paixão pela Fraternidade, mais do que apenas um livro...

Alegria, agradecimento e compromisso. Esses são meus sentimentos ao escrever esta breve apresentação do livro PAIXÃO PELA FRATERNIDADE, do Pe. Javier Aguirregabiria, atual Provincial do Brasil e Bolívia. Tenho a impressão de que todos vocês que o lerem poderão entendê-lo e compartilhá-lo.

ALEGRIA, porque estamos diante de um livro que não apenas apresenta ou descreve a rica realidade da Fraternidade das Escolas Pias, mas, acima de tudo, compartilha uma história construída por muitas pessoas ao longo desses anos. É um livro "cheio de vida", que exala vida e propõe vida. Para todos nós que somos e nos sentimos filhos de Calasanz, é uma grande alegria ver como o carisma de Calasanz, que é também carisma do Povo de Deus, está encarnado em tantas pessoas e comunidades em todo o mundo escolápio.

AGRADECIMENTO ao Pe. Javier por seu trabalho, mas também a todas as pessoas que contribuíram e continuam contribuindo para consolidar, pouco a pouco, essa rica comunidade e realidade apostólica que é a Fraternidade. Agradecemos a Deus em nome das crianças e jovens, especialmente os pobres, porque o carisma de Calasanz continua a crescer e a gerar novas respostas à vida e à missão.

COMPROMISSO, porque acredito que é isso que todos os escolápios devem sentir, viver e crescer quando falamos da Fraternidade das Escolas Pias. Estamos diante de uma realidade ainda muito jovem, que precisa ser cuidada e desafiada. Convido todos a crescer nessa mentalidade.

"Paixão pela Fraternidade" é um livro agradável, que combina muito bem a reflexão teórica com a experiência comprovada ao longo desses anos. Sua leitura pode ajudar-nos não apenas a entender, mas a amar a Fraternidade.

Eu acho que é um livro que ajudará muito a Fraternidade e a Ordem. Será possível trabalhar nas comunidades, pode ser usado para formação e para o discernimento de novas opções. Mas, acima de tudo, ajudará essa preciosa realidade carismática a crescer pouco a pouco, consolidando-se na fidelidade a Calasanz e em resposta aos desafios dos pequenos, das Escolas Pias e da Igreja. Boa leitura.

Pe. Pedro Aguado Sch.P., Pe. Geral das Escolas Pias

Apresentação do livro do Conselho da Fraternidade Geral

Paixão pela Fraternidade, além de resultar, em primeiro lugar, fruto da longa experiência e da reflexão precisa da pessoa que a assina, é também uma rede de vocações, experiências, testemunhos e sonhos de muitas pessoas que, de certa forma ou outra, optamos por viver nossa vida ligada à Fraternidade das Escolas Pias.

A longa lista de nomes com os quais o livro termina nos lembra as genealogias bíblicas com as quais tentamos transmitir que a história contada é a história de uma comunidade que, com seus sucessos e infidelidade, tenta se unir, neste caso, seguindo Jesus de Nazaré ao longo do caminho que José de Calasanz abriu. Essa lista também pode ser lida, como um convite para aqueles que, depois de lerem este livro, sentem que essa história também pode ser sua própria história.

Como indicado em alguns dos documentos de referência no anexo, a identidade de um grupo humano é como a tapeçaria tecida com os inúmeros fios vocacionais e de identidade de cada pessoa que os compõe. Fios de diferentes qualidades, espessuras e cores que compõem um conjunto singular vinculado a uma história que é vivida em conjunto e que reforça esse tecido, às vezes tão fino, que é precisamente essa identidade comum.

Reconhecer a importância de cada elemento que compõe nossa identidade é reconhecer nossa própria capacidade de assumir novidades e responder aos desafios que a História nos reserva.

A Fraternidade escolápio, humildemente, aspira a fazer parte da estrutura de identidade escolápio e contribui com suas próprias cores, suas próprias experiências, para o precioso tecido que Calasanz começou a tecer há mais de 400 anos. Haverá aqueles que, sem razão, lembram-se da advertência evangélica de não consertar um pano nobre e antigo com pedaços de pano novo, o que torna impossível o arranjo. Mas, a Fraternidade escolápio, embora nova, não pretende alterar ou consertar o que não precisa ser, mas incorporar à experiência do carisma escolápio que, por sua vocação leiga, desejam viajar com os religiosos escolápios seu próprio caminho vocacional.

Nesse sentido, a Fraternidade escolápia é um dom do Espírito Santo, pois destaca especialmente o significado de muitos religiosos escolápios, cuja vocação, que, como toda a Vida Religiosa, serviu para atrair os fiéis a um seguimento mais intenso de Jesus e um vínculo mais forte com a Igreja. Espera-se, portanto, que, nessa caminhada conjunta, a Fraternidade escolápia também possa trazer algum significado à história e missão escolápias. Para isso, é essencial que todos compreendamos a importância dessa vocação. Somos vasos de barro, mas compartilhamos um tesouro que nos transcende e que exige de nós o máximo empenho e fidelidade: aproximar as meninas, meninos e jovens que nos foram confiados, à Boa Nova de Jesus, que, estamos convencidos, é uma fonte de liberdade e felicidade, de salvação para todos eles.

Este livro é uma pequena contribuição para esse caminho de esclarecimento e conscientização que todos nós, religiosos e leigos, estamos percorrendo. Só podemos agradecer a dedicação e empenho do Pe. Javier Aguirregabiria por esse trabalho e pela experiência acumulada. Se depois de ler, orar e trabalhar, pudermos fortalecer nossa própria vocação escolápia, valerá a pena o esforço.

Conselho Geral da Fraternidade (Alberto, Guillermo, Izabel, Javier, Tere)

I. APRESENTAÇÃO

*Hoje, várias Fraternidades escolápias vivem nas Escolas Pias, que...
são um presente extraordinário para as Escolas Pias e pela missão
que somos chamados a promover dentro da Igreja e a serviço da sociedade
(Pe. Geral, Pedro Aguado, na apresentação de "A Fraternidade das Escolas Pias", (2011).*

1. Situando este livro

Este livro quer espalhar a paixão que a Fraternidade desperta quando é descoberta como um presente e um desafio que exige responsabilidade. Esse é o nosso desejo e gostaríamos que fosse seu quando você passar por essas páginas.

A Fraternidade apaixonou e comprometeu. Ela ganha nossos corações... e rouba-o de nós! Não é de surpreender que seja a outra face da missão, que também atrai e complica nossas vidas. E no meio dessa maravilha e luta diárias, encontramos Jesus Cristo, que está sempre vivo e agindo em comunidade e missão.

É uma publicação que pode ser lida pessoalmente e também coletivamente, pois não poderia ser de outra forma quando seu conteúdo for precisamente a comunidade. É oferecida como uma possível formação e também como um recurso para iniciar ou continuar avançando na Fraternidade nas diferentes presenças escolápias.

É um livro para ler em comum, na Fraternidade, em família. Pelo menos entre você, caro leitor, e nós. E sempre com Quem nos faz irmãos, que é o mesmo Deus a quem chamamos de Pai. E, se você quiser que a família seja mais ampla, incluiremos, como Calasanz gostaria, nossa mãe Maria, que é a protetora das Escolas Pias. E esperamos incluir também outros irmãos da comunidade religiosa, ou da Fraternidade, ou do Movimento Calasanz... ou daqueles que querem dar passos em direção à comunidade.

É necessário compartilhar esse dom da Fraternidade, porque não é nosso, mas d'Aquele que nos tornou irmãos. E é sempre um presente coletivo, descobrir e desfrutar juntos, porque ninguém pode mantê-lo como se fosse sua única propriedade.

Em 1988, começou a Fraternidade das Escolas Pias. Nesse período, houve muitas experiências, muitas iniciativas, muitas reflexões, muita vida. E hoje, continuamos fazendo o nosso caminho, muitas vezes pensando que somos os primeiros, que estamos inventando... e temos que evitar erros comuns, para não perder tempo e esforço (às vezes, também pessoas) em decisões já experimentadas. Precisamos escrever o que vivemos, coletar o que já experimentamos, compartilhar nossas descobertas e nossos erros, não para remover o destaque necessário em cada lugar, mas para enriquecer um ao outro e viajar com mais estilos escolápios... porque a Fraternidade está sempre compartilhando. Assumimos essa tarefa do Conselho da Fraternidade Geral como um serviço às Fraternidades atuais, às emergentes e às Escolas Pias.

Nestas páginas, queremos coletar várias reflexões, documentos, materiais, propostas que possam servir para quem quer saber mais sobre a Fraternidade, para quem deseja iniciá-la, para quem já mora na Fraternidade e deseja conhecer a experiência em outros lugares, para quem vê a necessidade de aprofundar esse mundo apaixonante da Fraternidade das Escolas Pias.

Destina-se a religiosos e leigos que desejam melhorar sua vida comunitária, que sentem que a Fraternidade é um tesouro que deve ser cuidado, mantido vivo, feito para dar frutos e desfrutar. É válido tanto para a comunidade religiosa quanto para a comunidade da Fraternidade, ou para o grupo de pessoas que desejam compartilhar fé e vida em um grupo cristão. Obviamente, são comunidades muito diferentes, mas com um elemento comum: ser um sinal vivo e sacramento da presença de Jesus no meio dos irmãos: *“Nisto saberão que vocês são meus discípulos”* (João 13, 35).

Foi escrito para escolápios, religiosos e leigos, porque eles têm o mesmo sangue, são da mesma família. É necessário perceber que um dos frutos mais preciosos da Ordem das Escolas Pias é o nascimento da Fraternidade. Ela é uma filha preciosa, um presente de Deus, que é chamada a ter uma vida própria, mantendo o DNA do carisma escolápico. Ela é uma filha que talvez não seja desejada e querida por todos, mas uma filha que enche a mãe de ternura e a faz sentir a grandeza de ser o instrumento de Deus para criar uma nova vida escolápica.

A Fraternidade faz da Ordem uma mãe (já era mãe de milhares de crianças, adolescentes, jovens, pobres que criou e acompanhou): agora é também mãe de uma comunidade que carrega seus próprios genes pela graça de Deus. Como mãe, ela deve ser um exemplo e esforçar-se para educar a filha quando ela for pequena, para lhe dar o melhor, para deixá-la crescer e ser ela mesma, para manter sempre a porta da casa aberta, para manter sempre o dom da maternidade no coração...

A Ordem deu vida à Fraternidade. E ela deve reconhecer sua mãe na Ordem e sempre amá-la, respeitá-la e deixar-se guiar à medida que cresce e assume sua própria identidade... e, todos os dias, descobre-se mais família escolápica e mais corresponsável. E perceber que a Fraternidade também é chamada a ser mãe de muitas crianças e jovens, de muitas pessoas necessitadas, do Movimento Calasanz, que é um filho compartilhado com a Ordem, e de todos aqueles que o Senhor coloca em nossas mãos.

Isso tem como objetivo este livro: transmitir, compartilhar com você, com vocês... na presença do Senhor, que é quem nos chama, nos torna irmãos e irmãs, nos dá o Espírito e nos acompanha.

O livro tem sua lógica de apresentação, como pode ser visto no índice. Mas também, pode ser lido nos capítulos que são de maior interesse a cada momento, porque cada uma dessas seções faz todo sentido.

É importante ler essas páginas com uma atitude aberta, sabendo que estamos entrando em um espaço sagrado. Porque a comunidade cristã é sempre um sacramento da presença de Jesus, que nos convoca como irmãos do mesmo Pai e nos dá seu Espírito para descobrir a maneira mais apropriada de segui-lo em todos os momentos. É um espaço sagrado, porque a Fraternidade é um compromisso daqueles que a formam e, ao mesmo tempo, é um presente de Quem chamou cada um de nós. É um espaço sagrado, porque reúne muita vida escolápica que tentou e continua tentando atualizar hoje e aqui o carisma de Calasanz. É um espaço sagrado, porque é uma oportunidade para o Espírito ajudar cada leitor a discernir o que o Senhor deseja perguntar a ele hoje.

E, ao mesmo tempo, quer ser um livro que ajude a vida fraterna das comunidades religiosas escolápias. A Fraternidade é filha das Escolas Pias e é um chamado para refrescar a vida comunitária dos religiosos, que é, juntamente com a missão, o grande desafio daqueles que desejam seguir Jesus, e sabemos que isso só é possível com os irmãos que Ele nos dá.

Muitas pessoas colaboraram: o Pe. Geral, o Conselho da Fraternidade Geral, mais de trinta pessoas que deram seu testemunho, algumas que leram o primeiro rascunho e enviaram suas contribuições (Pablo, Alberto). Obrigado. Da comunidade, é sempre necessário escrever em grupo.

Está escrito em capítulos curtos que sugerem, que possibilitam a reflexão pessoal e de grupo, que favorecem o diálogo comunitário, que ajudam a mudar corações e incentivam a ação.

No final de cada capítulo, há um testemunho, um texto, uma oração que pode servir para aprofundar, orar, verificar se isso não é um papel, mas a vida de muitas pessoas, que dá muita vida a outras pessoas e revela quem é o autor da vida.

TESTEMUNHO DE GOVERNADOR VALADARES - BRASIL

Falar da alegria de ter escolhido esse maravilhoso estilo de vida renova minhas expectativas e esperanças enquanto pessoa, profissional e missionária que sou desde o meu primeiro sacramento, o batismo.

Fazer parte da Fraternidade é para meu estado de espírito, alimento saudável, que nutre minhas necessidades, pois, a cada momento vivenciado com os irmãos fraternos, sinto-me uma pessoa melhor e me torno mais consciente da importância de servir à igreja e ao Senhor Deus.

Hoje, já está impregnado em mim o desejo de sempre me ocupar dos afazeres cristãos e caminhar junto a Jesus Cristo, deliciando-me com o carisma calasanz. Tenho São José de Calasanz como ídolo na minha vida profissional e, claro, que também na vida pessoal, experimentando a alegria de trabalhar na Escola Pia. Comungar com os colegas de trabalho a beleza de ser escolápio é um privilégio. Procuro não mensurar os resultados alcançados com os ensinamentos da pedagogia calasanz, pois sou a pessoa que mais recebe e quero sempre fazer da minha doação um ato de desprendimento, pois é assim que Deus quer e os irmãos precisam.

Comecei com os escolápios há alguns anos, matriculando meus filhos no Colégio Ibituruna. Na primeira reunião de pais, informaram que iniciariam a Catequese na escola e pediram ajuda às famílias para o trabalho voluntário de catequista, coloquei-me à disposição, “foi amor no primeiro encontro” e estamos juntos e acredito que seja para sempre.

Tenho uma caminhada enquanto agente de pastoral, passei pela Pastoral do Menor no Carapina, continuo na catequese do Colégio Ibituruna coordenando (eu e duas amigas) uma equipe de 53 catequistas e quase 400 catequizandos. Vivenciamos juntos a profundidade da evangelização de acordo com as diretrizes do Movimento Calasanz.

Iniciei a vida profissional no Colégio como monitora na Educação Infantil, fui professora do maternal de 2 anos, do 1º e 2º anos, e, desde novembro de 2013, exerço a função de Orientadora Educacional do Ensino Fundamental I.

Sou animadora na Comunidade Oração, faço parte do Conselho Demarcacional e participo da Equipe de Presença de Governador Valadares. E ainda sou filha, irmã, esposa, mãe, amiga.... De tudo isso que faço, o que mais me satisfaz é estar com as pessoas. Sentir, cuidar e zelar por elas. Sempre peço a Calasanz a inspiração para continuar minha missão e a Deus muita perseverança e sabedoria. Realizo-me trabalhando como voluntária e profissionalmente nas obras escolápias. Orgulho-me por fazer parte da Escola Pia e percebo que cresço em conhecimento e graça a cada passo que dou nessa linda caminhada.

Os padres escolápios são para mim referência na espiritualidade orante e também na ação transformadora da nossa sociedade. Sinto-me útil, uma verdadeira missionária consciente das atitudes que preciso continuar disseminando entre todos aqueles com quem convivo, no trabalho, na família, na igreja, no mundo. Obrigada, meus queridos padres, religiosos, irmãos fraternos! Vocês fazem muita diferença na minha vida! Estamos juntos nessa causa tão nobre que é a construção do REINO!

Riselha Dantas Santos Amorim, Fraternidade de Valadares – Brasil

PARA INICIAR UMA REUNIÃO

Aqui estamos, Senhor, reunidos por você.

Nós precisamos da sua presença.

Venha, fique conosco.

Mostre-nos o que fazer, mostre-nos o caminho.

Seja o inspirador de nossas decisões.

Não nos permita desrespeitar a justiça.

Que a ignorância não nos perca ou a afeição nos engane.

Junte-se a nós para ser um e andar na verdade.

2. Paixão pela missão... com paixão pela Fraternidade

Em 2015, foi publicado o livro “Paixão pela missão”¹, que, baseado no capítulo da missão escolápia das Constituições, desenvolveu como realizar a missão em nosso tempo.

Agora queremos complementá-lo com outro aspecto fundamental, a paixão pela Fraternidade, aproveitando o duplo sentido dessa palavra (a genérica que alude à experiência dos irmãos na comunidade e a aplicada especificamente à Fraternidade das Escolas Pias).

Às vezes, pergunta-se o que é antes, a missão ou a comunidade. Há quem pense que a missão é a primeira, a necessidade de servir aos outros, o envio para construir o Reino... e eles estão certos... e não estão. Outros argumentam que é necessário começar pela comunidade, que é a que realiza a missão, que é a parte mais central da missão e sua razão de ser... e eles estão certos e não. Quando uma mulher tem seu primeiro filho, ocorre simultaneamente o milagre de se tornar mãe e o bebê filho: a mãe faz o filho e o filho a mãe. Algo assim acontece com a missão e a comunidade: a missão cria a comunidade e a comunidade cria a missão.

Porque missão e Fraternidade são dois lados da mesma moeda, são inseparáveis.

Quem realiza a missão é a comunidade: a missão com uma única pessoa não é possível. A Fraternidade é sempre o agente da missão escolápia e cristã. E, ao mesmo tempo, a Fraternidade é a referência da missão, o horizonte, a oferta da abertura da tarefa educativa, evangelizadora e transformadora.

A Fraternidade é para a missão, não é para si mesma, nem para a satisfação de seus membros. A comunidade cristã é chamada por Jesus, uma a uma, para ser o povo que o acompanha e para ser enviada para pregar a Boa Nova com palavras e milagres (Mc 3: 13-19).



Temos que repetir isso mil vezes: a missão e a comunidade estão intrinsecamente unidas. Sem comunidade não há missão e sem missão não há comunidade.

Calasanz começou com o trabalho de educar crianças, procurando pessoas para acompanhá-lo. E, assim, ele passou vinte anos vendo como esse trabalho não alcançava a consistência necessária para acompanhar o tempo. Somente quando constitui a primeira comunidade da vida, essa tarefa começa a ser missão (envio), reconhecida pela Igreja e com frutos duradouros.

Devemos insistir sem nos cansarmos: quem trabalha duro para os demais, estando sozinho, não faz missão, quem quer ter uma comunidade só para se sentir confortável e sem se descobrir enviado para a missão não cria comunidade.

Comunidade e missão nunca entram em conflito. Às vezes, ouvimos dizer que muito ativismo prejudica a comunidade e isso é verdade, porque a atividade de cada membro deve ser amada, aceita, assumida e referida a toda a comunidade. E se não, essa ação é capricho, orgulho, interesse pessoal, mas não missão. E o mesmo poderia ser dito ao contrário: dedicar-se demais à vida interna da comunidade, se impedir o pleno desenvolvimento da missão à qual é chamada, está violando sua razão de ser.

Saber viver esses dois aspectos em harmonia é um desafio e uma maravilha, que devemos possibilitar todos os dias na Fraternidade.

Podemos usar como exemplo o desafio da família que deve dedicar tempo às crianças, ao mesmo tempo em que precisa buscar os meios para a vida familiar e atender à vida social e eclesial necessária para que as crianças cresçam em um ambiente saudável.

Nestas páginas, focaremos o aspecto da comunidade e não tanto a missão. Mas, desde o início, temos que estar muito conscientes de que fazer comunidade, cuidar dela, vivê-la, já está cumprindo uma missão e deve nos levar a fazer muitas missões também fora do grupo da comunidade.

Vamos acompanhar todas as páginas com as experiências vividas na Ordem e na Fraternidade (reunidas especialmente nas Constituições, nos documentos e na experiência).

¹ Está em <https://www.escolapios21.org/recursos-escolapios/libros-y-articulos/>

TESTEMUNHO DE BELO HORIZONTE (BRASIL)

“Bem-vindos às Escolas Pias os que, de coração, já se sentiam escolápios”. (Pe. Balcells)

Como me sinto honrada e feliz em participar da “missão escolápia”! Com a chegada dos padres escolápios, Jésus e José Félix, na paróquia São Marcos, em 1984, o trabalho que eu já fazia de catequizar as crianças, ganhou novo impulso. Eu, quase fazendo bodas de prata como catequista, pois, aos 14 anos de idade, havia iniciado a caminhada que considero a mais importante e a que mais me realiza como evangelizadora: preparar crianças para a vida de fé, senti-me renovada com o acompanhamento desses ternos e comprometidos religiosos. Quantos desafios; quantas alegrias ao ver muitas daquelas crianças que, um dia, chegaram pequeninas trazidas por seus pais, partilhando a mesma missão como catequistas e coordenadores do Movimento Calasanz. Outros que passaram por nossa catequese, trazendo seus filhos e até netos, para seguirem seus passos. Também aconteceram as decepções, vendo muitos jovens se desviando do caminho do bem, mas não desanimamos.

Passaram-se alguns anos e deparo com nova tarefa como seguidora de Calasanz: a PASTORAL DO MENOR, em parceria com as Escolas Públicas da nossa Paróquia. A missão era levar “educação para a vida” a nossos pequenos estudantes, tendo como base as palavras do Pe. José Carlos, religioso escolápio: “sabemos que a pessoa se estrutura a partir dos valores que são semeados nela na infância e adolescência”. Iniciamos em duas escolas, em 1995. As experiências nesse trabalho foram se tornando sólidas e expandindo em novas escolas. Tornou-se necessário criar um material para termos um programa a ser seguido e uniformizar nossos trabalhos. Reunimo-nos numa comissão de cinco agentes durante um ano e, após pesquisar temas, planejar cada encontro, criar dinâmicas para trabalhar com crianças de terceiro e quarto anos, editamos a cartilha: EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS. Algum tempo depois, foi publicada e, até hoje, é utilizada por nós nas Escolas e Centros Educativos Escolápios.

Superamos grandes desafios nos trabalhos em torno da educação para uma vida digna e feliz, entendendo que o mais necessário é o amor aos pequenos, disponibilidade de tempo e busca constante de formação. Nunca me sinto pronta. Vou me construindo a cada encontro. É no relacionamento com os religiosos escolápios, com os colegas de missão, na Fraternidade Escolápia, na oração e na participação das celebrações eucarísticas, que encontro a força e o entusiasmo para me manter firme nos meus objetivos de não me afastar de uma missão tão digna.

Em 2009, o Pe. Carlos Aguerrea faz nova proposta: iniciar no Brasil, nas presenças de Belo Horizonte e Governador Valadares, a FRATERNIDADE ESCOLÁPIA. Veio o período de discernimento e, no dia do meu aniversário de 65 anos, 10 de dezembro de 2011, fizemos a promessa de Leiga Escolápia eu e alguns irmãos de caminhada. O carisma de Calasanz aquecendo minha missão e o compromisso documentado com as Escolas Pias. Sempre agradeço a Deus pelos chamados diante da minha pequenez: catequese, Pastoral do Menor, Fraternidade escolápia, missionária pela Arquidiocese de Belo Horizonte que me envia aos mais diversos lugares para falar do infinito amor de Deus por nós.

Altair Ribeiro dos Santos, Fraternidade de Belo Horizonte – Brasil

PAI NOSSO

Nossos irmãos, que estão no primeiro mundo:
para que seu nome não seja blasfemado,
para que o seu reino venha a nós e seja feita a sua vontade,
não apenas no céu, mas também na terra,
respeite nosso pão diário,
você renunciando à exploração diária;
não insista em cobrar a dívida que não fizemos
e que nossos filhos, nossos famintos, nossos mortos estão pagando;
não caia na tentação do lucro, racismo, guerra;
procuraremos evitar cair na tentação do ódio ou da submissão,
e libertar um ao outro de qualquer mal.
Só então podemos orar juntos
a oração da família que o irmão Jesus nos ensinou.
Pai nosso, nossa mãe,
que você está no céu e na terra (Dom Pedro Casaldáliga).

3. Uma breve história da Fraternidade

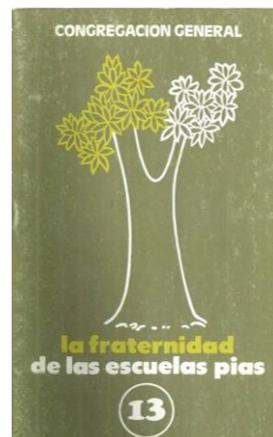
Toda história é uma narrativa particular de muitas histórias pessoais e coletivas e, portanto, é sempre parcial. Sabendo disso, é útil apresentar algumas características desses anos de Fraternidade, a fim de enquadrar o momento em que nos encontramos.

1. O começo oficial

Em 25 de junho de 1988, foi publicado o documento “Fraternidade das Escolas Pias”², onde o Pe. Geral José M^a Balcells constitui “oficialmente a Fraternidade das Escolas Pias”.

No prólogo, dizia

- Temos o direito de “refazer” as Escolas Pias em nosso presente e em nosso futuro, que é de Deus. Calasanz disse: “*Non dê o hábito a mais do que as pessoas que são muito adequadas para os fundadores*” (carta 4.031).
- Damos as boas-vindas calorosamente e abrimos uma casa, espiritualidade e carisma para aqueles que se identificam com eles. E sentimos uma Fraternidade desencadeada e abalada, que se abre como uma fonte não sonhada. Eles são irmãos nascidos do Espírito.
- Bem-vindos à sua casa, aqueles que se sentem, nas Escolas Pias, como em sua própria casa! Bem-vindos às Escolas Pias, aqueles que se sentem sinceros e escolápios!
- Esta “Fraternidade das Escolas Pias” nasce do coração de Calasanz. Há muitos que, pelo caminho percorrido por Calasanz, tentam seguir um caminho semelhante, que os levará ao próprio coração de Cristo, Mestre e Pastor.
- Assim, constituo oficialmente a “Fraternidade das Escolas Pias”, prevendo, ao mesmo tempo, um renascimento do ministério eclesial da educação cristã entre pais, professores, ex-alunos, estudantes e amigos em plena comunhão com o carisma de Calasanz.



A partir dessa data, surgiram as primeiras experiências de Fraternidade que, embora não tenham se concretizado a tempo, abriram caminho e sensibilidade para com elas.

2. A “pré-história” da Fraternidade

A proximidade dos leigos é um caminho que sempre esteve presente, desde o próprio Calasanz ao criar a Congregação e continuar contando, mesmo na mesma comunidade religiosa, com alguns leigos intimamente ligados. Alguns professores leigos participaram dessa vida comunitária, o mais famoso dos quais é o desenhista e calígrafo Ventura Sarafellini.

Um percurso que, com várias iniciativas (a figura do adido, as Cartas da irmandade, as experiências em algumas Demarcações), tornou-se uma caminhada importante.

O Concílio Vaticano II traz uma importante renovação na visão da Igreja e no papel complementar das diferentes vocações. A partir desse evento eclesial do Concílio, a Ordem inclui uma reflexão sobre o lugar dos leigos nas Escolas Pias, tanto no Capítulo Geral especial de 1967 como em todos os seguintes Capítulos Gerais até hoje.

A carta do Pe. Geral, Ángel Ruiz, sobre as “Comunidades eclesiais calasâncias” (Pe. Ángel Ruiz: “Comunidades eclesiais de calasâncias”. Salamanca, 1983) também é um marco de grande importância para criar o terreno fértil para as primeiras fraternidades e o aparecimento do primeiro documento oficial da Fraternidade.

3. Algumas notas da história até hoje

Após o nascimento da Fraternidade em 1988, surgiram as primeiras Fraternidades e outras experiências em torno do modelo das comunidades eclesiais calasâncias. Foram provações importantes que, apesar de não continuar hoje, deixaram uma semente que agora está dando muito fruto.

² Está em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2019/06/La-Fraternidad-de-las-EEPP-1988.pdf>

O Capítulo Geral de 1991 aprovou novamente “ad experimentum” o documento da Fraternidade de 1988. Isso representou um reforço nos planejamentos pastorais e no nascimento de núcleos comunitários que dariam origem às primeiras Fraternidades, como as entendemos agora.

Tudo isso também contribuiu para a abordagem de várias formas de participação nas escolas, refletidas no "Projeto Institucional para os Leigos:" Os Leigos nas Escolas Pias³", aprovado no Capítulo Geral de 1997.

Em 2001, foi publicado o primeiro “Diretório dos Leigos”, posteriormente modificado em 2004, ainda “ad experimentum” e aprovado de maneira mais estável no Capítulo Geral de 2015 com o nome de “Diretório de Participação nas Escolas Pias⁴”.

Atualmente, estão sendo lançadas iniciativas de grande interesse hoje presentes: comunidades conjuntas de religiosos e membros da Fraternidade (1995), envios de pessoas da Fraternidade para outros países para compartilhar a vida e missão escolápias (1995), o início dos ministérios escolápios confiados aos leigos (2000), nascimento da Fundação Itaka-Escolápios (2001) que reúne entidades que já estavam operando, os primeiros escolápios leigos com também integração legal (2002), nascimento das Comunidades cristãs escolápias e o funcionamento na chave da presença escolápia... e, acima de tudo, muita vida cristã escolápia, compartilhada de maneiras diferentes pelos religiosos e leigos escolápios.

Em 2011, a Congregação Geral constituiu oficialmente a Fraternidade Geral, aprova um novo documento, “A Fraternidade das Escolas Pias⁵” e nomeia um Conselho provisório para acompanhar as Fraternidades existentes, intervir no processo de criação de novas e preparar a primeira Assembleia. Geral da Fraternidade⁶, realizada em Peralta de la Sal, em julho de 2014, e nomear o Conselho da Fraternidade Geral até a próxima Assembleia em 2020.

Atualmente, temos as seguintes Fraternidades⁷, iniciadas em Demarcações que, às vezes, tiveram sua composição modificada pelo processo de nova estruturação da Ordem, no qual indicamos o ano de nascimento: Chile (1989), Emaús (1996), Betania (2006), Bolívia (2008), Venezuela (2009), República Dominicana (2010), Brasil (2011), Argentina (2012), México (2013), Polônia (2013), Nazaré (2014), Eslováquia (2016), Hungria (2017).

Graças a Deus, a história da Fraternidade está muito viva e podemos esperar o surgimento de novas Fraternidades em outras latitudes. Por esse motivo, será necessário complementar essa breve história com os eventos que ocorrem a cada momento.

Temos uma página na qual, a partir do Conselho da Fraternidade Geral, tentamos manter o censo da Fraternidade sempre atualizado com algumas informações sobre seus membros⁸, bem como informações e documentos de interesse e notícias.

TESTEMUNHO DE BELO HORIZONTE - BRASIL

Quando cheguei ao Colégio São Miguel Arcanjo, nada sabia da missão escolápia. Tinha acabado de passar por uma experiência transformadora; dois anos lecionando dentro de um complexo penitenciário. Experiência fantástica que muito contribuiu para minha formação. Sair de algo tão diferente, para ingressar em uma escola particular, foi desafiador.

Na primeira reunião, quando Padre Carmelo, diretor da época, começou a falar de “um tal” Calasanz e sua obra, fiquei curiosa e, como naquele tempo, não tínhamos tanto acesso digital (1988), fui direto à biblioteca para ver o que encontrava sobre o fundador dessa escola em que eu acabava de entrar.

³ El laicado en las Escuelas Pías, 1997: <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/08/El-laicado-en-las-EEPP-PIL-del-Cap%C3%ADtulo-1997.pdf>

⁴ Directorio de participación en las Escuelas Pías, Capítulo Geral de 2015: <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2015/11/La-participaci%C3%B3n-en-las-Escuelas-P%C3%ADas.pdf>

⁵ La Fraternidad de las Escuelas Pías, 2011: <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/04/2011-La-Fraternidad-y-m%C3%A1s.pdf>

⁶ Primeira Assembleia da Fraternidade Geral, 2014: <http://www.escolapios21.org/fraternidades/i-asamblea-de-la-fraternidad-general-y-encuentro-ic-mc/>

⁷ Às vezes, outras “fraternidades” têm funcionado, como iniciativas de alguns religiosos, mas não reconhecidas pela própria Província e que não continuam hoje.

⁸ <https://www.escolapios21.org/fraternidades/panoramica-de-la-fraternidad-hoy/>

Li tudo que encontrei e, depois dessa pesquisa, tomei coragem e pedi para conversar com o diretor. Conversamos por horas sobre Calasanz e me apaixonei.

Minha história era um pouco parecida com a daquelas crianças de Roma, que despertaram em Calasanz o desejo por transformar a realidade da educação. Nasci numa família muito humilde de cinco filhas, mãe e pai sem instrução. Mãe, dona de casa e pai, operário. Vida difícil. Estudei em escola pública e, aos 11 anos, por ser excelente aluna, ganhei bolsa de estudos numa escola particular. Aí foi a grande oportunidade da minha vida!

Poder ter acesso a uma educação de qualidade, estar em uma escola que exigia muito de mim, fazia-me sentir desafiada, impulsionada a querer mais. Essa “bolsa de estudo” foi a grande transformação na minha vida. Das cinco filhas, eu fui a única que conseguiu fazer um curso superior na época adequada.

Escutando sobre Calasanz, percebi o quanto podemos transformar a vida do outro pela educação. Pensando assim, não me limitei em apenas dar aula no Colégio São Miguel Arcanjo, fui além. Aproximei-me dos escolápios e, como voluntária, me ofereci para ajudar na formação de Catequistas. Sempre que convocada, ia à paróquia contribuir com a catequese. Foram manhãs de domingos, ensinando a fazer atividades pedagógicas, artísticas, dinâmicas etc.

Anos depois, veio a necessidade de ajudar os alunos que entravam no colégio através da assistência social. Muitos vinham de escolas públicas e encontravam dificuldade em acompanhar o ensino do colégio. Comecei a dar aulas particulares depois do horário. A notícia se espalhou, e os alunos não paravam de chegar, o jeito foi convidar (seduzir mesmo) colegas para que fizessem o mesmo. Consegui três professoras que começaram a ajudar. A única exigência é que fossem alunos que não pudessem pagar.

Mais tarde, em 2009, Padre Carlos Aguerrea me chamou para participar de um grupo de discernimento para formar a Fraternidade Escolápia. Quando ele foi me explicando do que se tratava, meu olho brilhou mais uma vez. Não tive dúvidas!

A minha trajetória no colégio foi marcada por desafios e chamados. De professora fui convidada a ser supervisora, depois o convite para assumir a direção pedagógica. Esse deu um “frio na barriga” e dúvidas, porque eu tinha um cargo público e teria que pedir exoneração. Conversei muito com Deus e, no silêncio da oração, coloquei em suas mãos minha vida. Assim o meu SIM foi consolidado.

Hoje, na direção pedagógica e como membro da fraternidade, sinto que meu compromisso com a missão só aumenta. A cada dia, peço discernimento para saber atuar com justiça em todas as situações. Sabedoria, para buscar me aperfeiçoar para melhor atuar. Para cada decisão que preciso tomar, me pergunto: O que Calasanz faria? Assim, tento seguir firme na proposta maior de transformar vidas através da educação.

Jacqueline Caixeta Figueiredo, Fraternidade de Belo Horizonte – Brasil

FRATERNIDADE... NA MESMA DIREÇÃO

Um casal de noivos perguntou à professora: "O que devemos fazer para que nosso amor dure para sempre?"

"Amar outras coisas juntos", respondeu o mestre.

Os amigos não se olham, mas ambos olham na mesma direção (Bruno Ferrero. ““El canto del grillo”, p. 54)

II. A COMUNIDADE, NOSSA IDENTIDADE

"Eu te dou um novo mandamento:
Que vocês se amem; como eu vos amei, que vocês também se amem.
Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos,
se vocês tivessem amor um pelo outro. " (João 13, 34-35)

Nossa identidade como seres humanos, cristãos, escolápios, nos é dada por pertencer a um grupo onde a vida, a fé, o carisma nos foram dados e é aí que precisamos encontrar nossa posição, nossa vocação, nossa identidade. O que nos define, além das particularidades sempre necessárias e importantes de cada pessoa, é pertencer à comunidade.

4. Povo de Deus desde o começo dos tempos

Em todo o Antigo Testamento, Deus se manifesta e deseja fazer uma aliança com o Povo. "*Deus quer salvar as pessoas, não isoladamente, sem nenhuma conexão com outras pessoas, mas constituindo um povo*", nos diz o Concílio Vaticano II (Lumen Gentium 9).

Deus não fala diretamente ao seu povo, mas o faz através de pessoas específicas a quem ele chama para falar e agir em seu nome diante do povo.

É o que acontece com Abraão e as primeiras palavras que Deus lhe falou: "*O Senhor disse a Abraão: Vai da tua terra (...) para a terra que eu te mostrarei. De ti farei um grande povo e te abençoarei*" (Gênesis 12, 1). -2). Essa promessa foi posteriormente confirmada por uma aliança (Gn 15,18; 17, 1-14) e proclamada solenemente após o sacrifício de Isaac (Gn 22, 16,17). De fato, Abraão estava destinado a se tornar "*o pai de todos os crentes*" (Cfr. Gên. 15, 6; Gl 3, 6-7; Rm 4, 16-17).

Fiel à sua aliança com Abraão, Deus chamou Moisés e disse: "*Vi as aflições do meu povo no Egito e ouvi o clamor deles ... descí para libertá-los do Egito*" (Êx 3: 7-10). Moisés é um instrumento, um mensageiro de Deus para manifestar o amor de Deus ao seu povo. "*Quando Israel era criança, eu o amava, e do Egito chamei meu filho*", lemos no livro do profeta Oséias (11, 1). Deus nos ama "*não porque você é o mais numeroso de todos os povos..., porque você é o menos numeroso de todos os povos; mas pelo amor que ele tem por você e por prestar juramento a seus pais*" (Dt 7, 7.8).

Essa iniciativa divina assume a forma de uma aliança. O mesmo aconteceu com Abraão. E também após a libertação de Israel da escravidão egípcia. O mediador dessa aliança estabelecida aos pés do monte Sinai é Moisés: "*Então Moisés veio e disse ao povo todas as palavras do Senhor e todas as suas normas. E todo o povo respondeu com uma só voz: cumprimos todas as palavras que o Senhor disse ... Ele então pegou o livro da Aliança e o leu perante o povo, após o qual recebeu mais uma vez dos presentes a promessa de obediência às palavras de Deus*" (Êx 24, 3.8).

Dessa maneira, Israel se torna "*um povo consagrado ao Senhor, seu Deus*" (cf. Dt 26, 19), e isso significa um particular pertencente a Deus: "*Eu serei o seu Deus e você será o meu povo*" (Jr 7, 23) Deus se compromete com a Aliança. Todas as infidelidades do povo, nas várias etapas de sua história, não alteram a fidelidade de Deus a essa aliança, mas abrem o caminho para a Nova Aliança, já anunciada no livro do profeta Jeremias: "*Esta será a aliança que pacto com a casa de Israel, depois daqueles dias (...): porei minha lei em você e escreverei em seus corações*" (Jr 31, 33).

Deus não deixa de se dirigir ao povo escolhido com sua palavra. Fala com seu povo muitas vezes através dos juízes, dos profetas. O mandamento principal permanece sempre o do amor a Deus acima de todas as coisas: "*Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma e com toda a força*" (Dt 6, 5). Esse mandamento está ligado ao mandamento de amor ao próximo (Lv 19,13.18).

Dos textos bíblicos, também, surge o desejo de Deus de estar presente entre seu povo: no deserto, estará nas nuvens, na tenda da reunião (Êx 33, 8.11). Mais tarde, será no templo que o rei Salomão constrói em Jerusalém.

E sempre haverá o desejo pela chegada do Messias que tornará esse Povo de Deus mais visível.

Assim, vemos que nosso Deus é um Deus do povo, da história, do desejo de continuar caminhando até a construção de um povo de Deus, um reino de Deus. Deus nos dá uma identidade particular baseada em seu amor incondicional, na oferta de uma aliança, na história compartilhada coletivamente com Ele, nos mandamentos que nos levam a viver como povo de Deus.

É muito rico analisar os diferentes momentos em que Deus faz uma aliança com seu povo:

- A aliança com Adão e Eva: dá-lhes o Paraíso, tudo o que é desejável ... desde que não experimentem a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:17). É sempre usar bem a liberdade para não provocar o mal.
- A aliança com Noé (Gênesis 9, 1-17), uma nova oportunidade para a humanidade.
- A aliança com Abraão (Gn 15,18), como aliança de plena confiança em Deus.
- A aliança com Moisés (Êx 19, 25) com alguns mandamentos para vivermos juntos como povo de Deus.
- O pacto com Israel ao chegar à terra prometida e, depois, com a necessidade de ser continuamente renovado devido às constantes infidelidades do povo.

- A aliança com Davi (2 Samuel 7, 8-17) prometendo um Reino final
- A nova aliança com Jesus na última ceia e selada na morte e ressurreição (1 Cor 11, 23-26)
- O convênio que o Senhor sempre deseja renovar (Hb 8, 8) e que continua a fazer hoje também a cada um de nós, à Igreja e à humanidade como um todo.

A identidade de Israel é ser o povo de Deus, colocar Deus como o único Senhor, cumprir a aliança refletida nos mandamentos e na tradição de sua história. Essa identidade é um presente que vem de Deus, que permite a coexistência mútua e que recebe todas as bênçãos.

Deus não é um deus na medida de cada um, não é para a experiência exclusivamente particular. Deus nos faz parte de uma comunidade e lá ele se manifesta. Sem comunidade, Deus fica confuso e perdemos a identidade mais profunda, aquela que vem de ser amada antes mesmo de nascermos.

Jesus vive nessa cultura e pensamento... e mantém-nos mostrando sempre um Pai nosso, de todos. Ele nos apresenta um Deus que nos ama pessoalmente e sempre na comunidade. Seguir Jesus hoje implica fazê-lo como um grupo, em comunidade, na Igreja. Quem tenta viver uma relação filial com Deus sem os irmãos é como o filho mais velho da parábola que nunca foi filho nem conheceu a vontade de Deus (Lc 15, 28s).

Seguimos Jesus em uma pequena comunidade, na Fraternidade, nas Escolas Pias, na Igreja local e universal, porque não é possível fazer o contrário. Nós somos o Povo de Deus, um pecador muitas vezes, longe do ideal que gostaríamos. Mas nunca devemos esquecer que não somos o Povo de Deus por nossos méritos, mas porque Deus nos escolheu e porque Ele quer assim.

TESTEMUNHO DE GOVERNADOR VALADARES – BRASIL

Eu sou Cláudia Lopes, educadora no colégio Ibituruna, membro da Fraternidade Escolápia da Presença de Governador Valadares, participante do Movimento Calasanz e agente de pastoral em algumas atividades da missão escolápia. Para mim, é uma alegria muito grande poder traduzir o sentimento de pertença às Escolas Pias, pois essas fazem parte da minha história com tal profundidade, que falar da vida é também falar desse pertencimento.

Desde 2003, faço parte da equipe de educadores do colégio, como professora de português. Porém só, em 2008, pude me envolver nas ações pastorais, tornando-me catequista e auxiliando nas eucaristias dominicais. Assim, fui conhecendo mais intimamente o carisma e a mística de São José de Calasanz e compreendendo a importância da missão escolápia.

A Catequese tornou-se uma segunda casa para mim. E o grupo de catequistas, outra família. Com o acompanhamento de um religioso escolápio, fomos interagindo com a Catequese Paroquial, avançando na formação e frequentando o curso de Teologia para Leigos na Paróquia Nossa Senhora das Graças. Compartilhávamos as atividades catequéticas e procurávamos estar nos encontros de catequistas. Mas, ainda, sentia que faltava algo, parecia haver um vazio existencial a ser preenchido. Quando em 2009, fui convidada para a Fraternidade Escolápia, respondi alegremente e fui percebendo que estar em um grupo, compartilhando a oração, a vida, a missão e a formação era o complemento da minha vocação. Já experimentava um sentimento de pertença à Igreja, a qual amo e da qual procuro cuidar. No entanto, tornar-me membro da Fraternidade revelou-se como um retorno ao Reino, do qual parecia ter me separado. Emociona-me perceber que recuperei algo que não sabia que perdera. Assim, permito-me ser impregnada pelo Calasânio que se concretiza no meu viver, de forma completa e apaixonante. E o amor, que já experimentava pelo santo das crianças, foi se ampliando, impulsionando-me a conhecer mais de Calasanz, sua mística, carisma, sua forma de viver a entrega a Deus e aos outros.

Aos poucos, penetrava no universo escolápio, refazendo a trajetória pessoal, profissional e espiritual. O desejo adormecido de comprometer-se, mais profundamente, com uma causa acendeu-se e foi tomando conta de mim. Junto com outros irmãos, companheiros de catequese e trabalho, fui me envolvendo com a missão escolápia, a partir da Fraternidade. A interação com as outras plataformas de missão foi consequência natural, então Centro Social e Paróquia tornaram-se parte da minha vida. Como escolápia, sinto-me responsável pelas obras e comprometida com as ações relacionadas a diversos aspectos da missão. Como escolápia, descobri-me membro de uma grande família, e um sentimento audacioso de universalidade me provoca a ser protagonista e me convoca à ação.

Percebo que eu e meus irmãos fraternos vamos passando por processo contínuo de conversão e mudança de atitude. Redimensionamos nossas debilidades e, juntos, fortalecemos o espírito e o desejo de transformar a realidade, segundo os valores evangélicos. Percebemos que o seguimento a Cristo, na perspectiva da proposta

escolápia, nos faz sentir pessoas mais maduras, reflexivas e comprometidas. Podemos afirmar, com convicção, que a Fraternidade conferiu mais dignidade ao nosso pertencimento à Igreja. E tem nos ajudado a ser cristãos melhores todos os dias.

Claudia Lopes, Fraternidade de Valadares, Brasil

SOMOS NECESSÁRIOS

Se a pedra dissesse "uma pedra não pode construir uma casa", não haveria casa. Se a gota dissesse "uma gota não pode formar um rio", não haveria oceano. Se o grão dissesse "um grão não pode semear um campo", não haveria colheita. Se o ser humano dissesse "um gesto de amor não pode salvar a humanidade", nunca haveria justiça, paz, dignidade ou felicidade na terra (Raúl Berzosa, "Parábolas para uma nova evangelização", p. 194)

5. A comunidade de Jesus ... até hoje

Jesus sente o Deus do céu como o Deus do Povo, como seu Pai e nosso Pai, de todos. Jesus sabe que precisa da comunidade o tempo todo. Primeiro no grupo de seguidores de João Batista e logo na comunidade que Ele chama.

1. A primeira comunidade

Jesus chama um grupo:

"Ele subiu a montanha e chamou aqueles que queria ao seu lado. Eles foram a ele, e Jesus instituiu doze para estar com ele, e os enviou para pregar com o poder de expulsar demônios. Assim, ele instituiu os Doze: Simão, a quem deu o apelido de Pedro; Santiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Santiago, a quem deu o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão, André, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Cananeu e Judas Iscariotes, o mesmo que o entregou (Mc 3, 13s).

Aqui temos os elementos fundamentais da Fraternidade: ser chamado pessoalmente por Jesus, responder a esse chamado, estar com Jesus, anunciar a Boa Nova e expulsar o mal através da construção do Reino de Deus. É simples assim e ótimo. Dessa maneira, Jesus muda nosso nome, a identidade anterior, nos torna outras pessoas. E, ao mesmo tempo, institui a comunidade, que não é um grupo informal, variável e indefinido, mas a entidade dos "Doze". Poderíamos dizer a Fraternidade.

Essa comunidade serve como referência. Também não escolhemos os irmãos da comunidade: é o Senhor que nos dá. A comunidade é um presente... e uma tarefa. Cada companheiro é um irmão e uma missão: a missão de torná-lo irmão, para nos tornar irmãos. Devemos aspirar ao ideal de comunidade com grande realismo! Viver juntos não é fácil. Deus não nos pede mudar nosso irmão, mas amá-lo, ouvi-lo e valorizá-lo. Não devemos ser como o filho mais velho da parábola do filho pródigo (Lc 15, 11s). Sempre haverá momentos difíceis, irmãos difíceis... e eu posso ser um deles. Descobrir que é Deus quem me dá esses irmãos, aprendendo uns com os outros, compartilhando, comunicando, sempre colocando Jesus e não a mim no centro, são atitudes que nos aproximam daquela primeira comunidade de Jesus.

Jesus me escolheu pessoalmente. E ele também escolheu aquele irmão que acho difícil de aceitar, que acho difícil de entender. Eu tenho que agradecer a ele pelo chamado que ele fez comigo, mesmo que a vida me complique. E tenho que agradecer a cada irmão, porque é sempre um presente.

Jesus muda nossas vidas, nos dá uma nova identidade de abençoados. Eu devo me permitir ser moldado por Jesus e pelos irmãos. E eu tenho que ajudar o Senhor a moldar cada um dos meus irmãos.

A escolha dessa primeira comunidade é curiosa: alguns eram irmãos, outros amigos, alguns muito diferentes dos outros: Mateus era cobrador de impostos, Judas era fanático e extremista, outros pescadores... Surgiram discussões: alguns pediram as primeiras posições e esse não gostaria aos demais (Mt 20, 21), Pedro dizendo a todos que não negaria, mesmo que outros o fizessem (Mt 26, 33) ...

A comunidade de Jesus não era ideal, seus membros não eram muito corajosos ou fiéis... mas Jesus foi quem os uniu. Não era uma comunidade de perfeitos, mesmo após a ressurreição. E, no entanto, essa comunidade é a nossa referência. Com essa comunidade, a Boa Nova chega ao mundo inteiro. Essa comunidade, com suas falhas, foi e continua sendo um sinal do Reino e uma referência para aqueles que desejam formar uma comunidade cristã.

Não é apenas um grupo de discípulos que deve aprender, mas essa comunidade já é um sinal da presença do Reino no mundo. Eles não são apenas relações do discípulo com o mestre, mas também relações de irmãos que devem

amar, perdoar, andar dois a dois para pregar o Evangelho, lavar os pés um do outro. É uma fraternidade, onde quem quer ser o primeiro deve estar a serviço dos outros.

A missão da comunidade é tríplice:

- estar com Jesus, acompanhá-lo, deixá-lo nos acompanhar, ser seus amigos, celebrar sua presença na Eucaristia, em oração pessoal e comunitária, em ouvir sua Palavra, na leitura cristã da realidade...
- anunciar a Boa Nova, com palavras e com o sinal da Fraternidade, com o trabalho educativo, evangelizador e transformador que nos define escolápios, com o testemunho da vida pessoal e principalmente comunitária...
- expulsar demônios da injustiça, falta de solidariedade, violência... dentro de nós mesmos e colaborar na construção de uma sociedade como Deus quer...

A comunidade de Jesus manteve níveis de pertença. Havia o grupo bem definido dos Doze, e algumas mulheres também estavam presentes. Esse era o núcleo, mas havia mais discípulos, até 72 o Evangelho nos diz, a quem Jesus enviou dois a dois (Lc 10, 1s). Havia colaboradores que o ajudaram, o receberam em suas casas...

Essa comunidade não era um grupo de amigos que se escolheram. Eles se descobrem amigos e irmãos, porque Jesus os chamou para estar com Ele. Jesus será um amigo, irmão, mestre, pastor... que está ensinando a toda a comunidade a ser amigos, irmãos, mestres, pastores de outros.

E é assim que eles entenderão depois da morte e ressurreição de Jesus: "*Ide e ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*" (Mt 28,19). E essa não é uma missão que todos possam fazer sozinhos, mas todos juntos. É por isso que eles devem ser um (Jo 17,20), porque trabalhar juntos será como o mundo acreditará (Jo 17,21).

Jesus não projetou a Igreja como a temos, com cada uma das decisões que a moldaram ao longo dos séculos, mas desencadeou uma comunidade que foi além de sua vida terrena e que continua sua presença. É a mensagem, que se torna o sinal fundamental do Reino de Deus que está por vir. A Igreja foi e continua sendo "a comunidade de Jesus", quando prevalece a centralidade de Jesus e do Evangelho, serviço fraterno, missão, comunidade, compartilhar fraterno, envio missionário, trabalho para os mais necessitados, celebração do Batismo e da Eucaristia, além dos demais sacramentos, ministérios da comunidade...

Essa comunidade, com suas fraquezas, garantirá que quase todos possam descobrir que Jesus ainda está vivo após a morte na cruz e que eles dão suas vidas pelo Evangelho e pela missão.

2. A comunidade eclesial, sempre diversa

Após a morte de Jesus, essa comunidade de apóstolos se torna uma comunidade eclesial e a Igreja nasce. É o Cristo ressuscitado que a chama por meio de seu Espírito no Pentecostes. O livro de Atos insiste na vida comunitária: eles tinham tudo em comum, o mesmo espírito, andavam juntos... Dá a impressão de que essa comunhão é precisamente o que atrai a simpatia e o louvor do povo. Mais do que as palavras de Pedro ou curas milagrosas. A vida em comum é um sinal mais visível do que uma cura excepcional, pois dura no tempo, se estende no espaço e é aberta a todos.

A comunidade de Jerusalém se apresenta como um modelo de cristãos que se amam: vivem juntos, têm tudo em comum, participam de oração e celebrações juntos (Atos 2, 42s; 4, 32s; 5, 12s). Cedo aparecem fraudes (Atos 5, 1-11) e dissensões (Atos 6.1). A situação econômica se torna difícil, dada a radicalidade com que é vivida essa expectativa do Senhor. E a comunidade se dispersa no ano 70.

As comunidades paulinas são diferentes. Elas se reúnem para ouvir a Palavra e celebrar a Eucaristia, mas não compartilham tudo em comum (1 Cor 11, 17-22), mas apenas uma parte para ajudar a Igreja de Jerusalém (2 Cor 8, 9) ou a mesmo Paulo (Fp 4, 10-20). Paulo se esforça para criar um vínculo entre eles. No final do século I, já existe uma consciência da Igreja universal, composta por numerosas comunidades locais, muito diversas, mas unidas na fé e aceitando a autoridade apostólica.

A comunidade evolui com a história e os lugares aonde chega, sempre com a nostalgia da primeira comunidade ideal.

Essas comunidades iniciais foram, apesar das dificuldades, um modelo e uma referência que se espalharam e convidaram com o testemunho de suas vidas a fazer parte delas. Alguns, como Paulo, "*caem do cavalo*" e mudam de vida, sempre passando pelo catecumenato, acompanhados por catequistas e pela comunidade (Atos 9). Outros

são convidados a começar a vida da comunidade, reconhecendo Jesus vivo ao seu lado. A comunidade que acompanha e mostra o Evangelho é sempre necessária (Atos 8,31).

Os Atos dos Apóstolos e as cartas de Paulo nos mostram como o Espírito está guiando o nascimento e o crescimento de comunidades, muito diversas em lugares diferentes. Ler essas páginas é entrar na ação do Espírito guiando seu povo... então e agora.

As situações são difíceis (perseguição aos próprios judeus e também aos romanos, expulsão da sinagoga, dispersão por muitos países...) e a comunidade continua caminhando com a força de Jesus e os esforços dos primeiros cristãos. O livro de Carlos Mester, "Vivendo e anunciando a Palavra; as primeiras comunidades" (Verbo Divino, 2001) apresenta os Atos dos Apóstolos e algumas cartas sobre como as decisões estão sendo tomadas que moldam a primeira igreja.

Quando o cristianismo deixa de ser perseguido e recebe uma carta de cidadania, as comunidades que vivem o espírito missionário dão lugar a um modo de vida mais institucional, em que a fé se torna social, oficial e, às vezes, mais confortável e sem graça. A organização territorial mais estruturada está se formando, inclusive a paróquia, que permite alcançar todas as pessoas, oferecer todos os serviços e talvez estar muito infectada pela mentalidade e pela sociedade do momento.

Então, e sempre que houver uma crise na Igreja, surgem experiências da comunidade que tentam viver o Evangelho mais radicalmente e se tornam um sinal profético que lembra toda a Igreja e o mundo do valor da fraternidade.

Poderíamos mencionar os anacoretas em torno do mestre Pacômio, as regras da vida comunitária de Agostín, Basílio e Benito, que estão criando a primeira estrutura de uma vida comunitária regulada. Os conselhos evangélicos se tornam votos. Os monges são guardiões da cultura e da intervenção política e eclesial. No final da Idade Média, os mendicantes (frades, irmãos) aparecem, então os diferentes tipos de congregações respondem a necessidades específicas e tentam viver o Evangelho de maneira mais radical, institutos seculares, comunidades de base que promovem a comunhão de comunidades etc.

Hoje também a Igreja continua a se recriar de maneiras diferentes, dependendo das circunstâncias em que se encontra: perseguida em muitos lugares, adormecida em outros, procurando novos caminhos...

Aproximar-se da história da Igreja, da diversidade de modelos, da ação do Espírito em diferentes contextos, ajudamos a sentir-nos mais livres e atentos aos sinais dos tempos e à voz do Espírito que guia o seu povo.

O elemento central da comunidade será sempre manter Jesus no centro, avançar na fraternidade com os irmãos e nos lançar à missão de anunciar o Evangelho e colaborar na construção do Reino de Deus. Então podemos convidar, como Jesus, a se aproximar da comunidade e descobrir nela o Ressuscitado: "Vinde e vereis"(Jo 1, 35-42).

TESTEMUNHO DE ZARAGOZA (ESPANHA)

Seu porco raivoso! Muitos anos se passaram desde a primeira vez que ouvi essas palavras, mas elas ainda me fazem sorrir e me trazem de volta ao começo do voluntariado. Surgiu sem procurá-lo, em uma conversa em um café, um terraço, um verão descontraído com seletividade aprovada, onde eles dizem, falta gente para um projeto infantil em Cáritas, coordenado então pela irmã de uma amiga. Portanto, embora eu seja uma pessoa um pouco determinada, quando você ouve que algo está faltando, seus pés coçam e isso o leva a ir para lá, algo me chamou.

Encontrei o que não havia imaginado. Descobri outros olhares em crianças. Crianças que não têm facilidade, mas, acima de tudo, encontrei sorrisos, muitos sorrisos, muitos desejos de viver. Foi um presente, um presente que para mim será a palavra que eu mais associo ao voluntariado.

O presente foi duplo, triplo, foi imenso, porque ele me deu esse presente da vida para minha pessoa, mas também me trouxe o presente do companheiro de vida que iria me acompanhar no meu caminho e que me traria a descoberta da Escola Pia.

O voluntariado é um presente para mim quando, depois de um duro revés na vida (uma doença que felizmente superei), dá vida a você novamente, coragem.

Eu poderia dizer que é até uma postura egoísta, mas devolve muito mais do que você dá.

O voluntariado na "Chino Chano" é especial. Comecei depois daquele estágio diferente, redefinição difícil e vital, emergindo como uma luz. Foi e continua sendo um chamado emocionante, depois de ter desfrutado da maternidade, estar na luta por cada precioso amanhecer, ... e por sentir o bem que minha fé me traz, pertencer à fraternidade. Eu

poderia compartilhar e transmitir o sonho de Calasanz às crianças, com a mesma ilusão de que o transmitimos ao nosso filho.

É uma alegria esperar todas as semanas para poder viver a sessão de “Chino Chano” com os pequenos, ver como seus rostos se iluminam e esperar o jogo começar ou tentar apagar a vela enquanto reza ou quando colocam um desenho ou texto em seu caderno...

Voltar a curtir com meus “taitantos” um final de semana ou acampamento com as crianças é como um anúncio da MasterCard, é o que repito, tripito e nunca me canso: um presente.

As crianças ficam chocadas, já que muitas me conhecem como a mãe “de” e que estou gastando meu tempo com elas, em vez de outras coisas que os pais fazem, pode ser diferente, mas para mim acho que é o exemplo mais gráfico e a melhor maneira de mostrar a eles que as coisas podem ser feitas e um exemplo vivo e próximo. Como pais, parece-nos também que é a melhor maneira de nosso filho conhecer a realidade e ser “figado”, assim como ele vive de seu olhar e prisma quando criança, pertencendo à Fraternidade.

É curioso ver como as pessoas ao seu redor o questionam pelo tempo que você perde, que você pode estar em uma aula de zumba ou tomar algumas cervejas... mas, como voluntário, você precisa conhecê-lo e, acima de tudo, precisa vivê-lo. E assim como os meninos ficam chocados ao ver a mãe “de”, para os pais também é útil, pelo menos, ver que você pode ser generoso, pode compartilhar.

O voluntariado é mais do que apenas ajudar as pessoas. É uma maneira de entender a vida, onde a ação generosa e livre é um pilar importante.

É uma maneira de entender a vida em conjunto com os outros, além do que uma pessoa pode fazer sozinha.

É uma maneira de ver a vida em que se percebe que ele dá muito pouco em comparação com o que recebe dia a dia, deixando-se questionar pelo que recebe.

Voluntariado, ação generosa em uma maneira de fazer o seu caminho, sem ter certeza de onde isso deve levá-lo, porque o que é verdadeiramente completo é caminhar com outras pessoas.

Irene Bueta. Fraternidade Betânia de Emaús

CONTAMOS CONTIGO

Quando o sol estava escondido atrás das montanhas, ele perguntou:

- Alguém quer me substituir?

- Faremos o que pudermos, respondeu a lâmpada de óleo (R. Tagore).

6. Uma Igreja sinodal, missionária e comunitária

Nossa Igreja, especialmente desde o Vaticano II, foi fortalecida por ser uma Igreja de comunhão, de maior atualização e diálogo com o mundo, de funcionamento renovado com maior transparência e comunicação, de insistência na evangelização com a Palavra e com o testemunho de seu compromisso.

Hoje existem aspectos que têm um significado especial: ser uma Igreja sinodal (em constante discernimento conjunto), sair de seus espaços naturais, para se tornar mais presente em toda a humanidade, reviver sua ação missionária e ser mais comunitário em busca de maior comunhão.

São chamados que envolvem especialmente todos os escolápios, religiosos e leigos, que assumem a responsabilidade de colaborar com a nossa Igreja nos moldes que eles nos apontam.

Portanto, temos que alcançar um ambiente escolápico mais participativo, uma Comunidade cristã escolápica onde os religiosos e membros da Fraternidade são agentes de convocação e convite à corresponsabilidade na vida e missão escolápias. E também temos a responsabilidade de sair de nossas comunidades, obras e presenças para transmitir o tesouro de Calasanz que encontramos e queremos compartilhar e fazê-lo ir onde for necessário.

Vale a pena fazer uma revisão dos Sínodos, momentos de reflexão e discernimento eclesial, desde o final do Concílio Vaticano II, com muitos e excelentes documentos, que ainda estão em vigor hoje, até hoje, para conhecer as abordagens de nossa Igreja, apreciá-las e assumi-las em nossa vida escolápica.

1. Breve história dos Sínodos de Paulo VI a Francisco⁹

O Sínodo dos Bispos foi instituído por São Paulo VI em 15 de setembro de 1965, através do Motu Proprio *Apostolica Sollicitudo*. Sua criação ocorreu no contexto do Concílio Vaticano II, exigindo uma maior participação dos Bispos cum et sub Petro (sob a autoridade do Papa), em assuntos de interesse da Igreja Universal.

Paulo VI

1. 1967. Sobre questões decorrentes do Concílio Vaticano II: ele propôs a criação de uma Comissão Teológica Internacional, que continuou a atuar até agora.
2. 1969. Sobre as Conferências Episcopais e sua colaboração com a Santa Sé, onde foi destacada a importância da teologia da comunhão.
3. 1971. Sobre o ministério sacerdotal e a justiça no mundo.
4. 1974. Sobre a missão da Igreja no mundo. O Sínodo desistiu de preparar seu próprio documento e entregou o material estudado ao Papa Paulo VI, que emitiu sua Exortação Pós-Sínodo **Evangelii Nuntiandi**, sobre Evangelização no Mundo Moderno (1976), um dos documentos mais lúcidos e influentes da Igreja na modernidade, focado no tema da evangelização, justiça e libertação

João Paulo II

1. 1977. Sobre catequese. O sínodo foi realizado sob a presidência de Paulo VI; mas a exortação pós-sinodal já foi promulgada por João Paulo II, com o título **Catechesi tradendae** (Catechesis em nosso tempo, 1978).
2. 1980. Sobre a família. A exortação pós-sinodal foi intitulada A Família Cristã no Mundo Moderno. Como resultado desse sínodo, foi instituído o Instituto Internacional de Estudos sobre Casamento e Família.
3. 1983. Sobre a reconciliação sacramental e social, com uma exortação sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja hoje.
4. 1985. Este Sínodo estudou as quatro constituições do Vaticano II (LG, DV, SC e BS), solicitando a elaboração de um **Catecismo Universal**, o que foi feito no Catecismo da Igreja Católica (CEC, 1992).
5. 1987. Sobre os leigos, com as orientações coletadas na exortação **Christifideles laici** (Os leigos na Igreja e no mundo).
6. 1990. Sobre os padres, com a exortação subsequente: **Pastores dabo vobis** (A formação de padres nas circunstâncias da Igreja atual).
7. 1994. Sobre a vida consagrada com sua exortação **Vita Consecrata** (Vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo).
8. 2000. Em preparação para o Jubileu de 2000, foram realizados sínodos especiais para os quatro grandes continentes: África (1994), América (1997), Ásia (1998) e Europa (1999), com as correspondentes exortações pós-sínodo (Ecclesia in Africa), na América etc.).
9. 2001. Sobre os bispos; exortação: Pastores Gregis (pastores do rebanho).

Bento XVI

1. 2005. Sobre a Eucaristia: Fonte e cume da vida e missão da Igreja. Sínodo realizado sob João Paulo II. Exortação Sacramentum Caritatis, preparada e assinada por Bento XVI (2007).
2. 2007. Sobre a Palavra de Deus, com a exortação de Bento XVI: Verbum Domini (Sobre a Palavra de Deus, a partir do ano de 2010)

Francisco

1. 2012. O novo Sínodo sobre a Nova Evangelização foi convocado e comemorado (documento pós-sínodo **Evangelii Gaudium**, assinado pelo Papa Francisco, 2013).
2. 2015. Sínodo da família com a exortação final **Amoris laetitia** (A alegria do amor)
3. 2018. Sínodo dos jovens, fé e discernimento vocacional, com a exortação **Christus vivit** (Cristo vive)
4. 2019. Sínodo da Amazônia.

A frequência desses Sínodos e os temas discutidos permitem verificar a importância da colegialidade e a constante busca e discernimento para viver o Evangelho com maior fidelidade em todos os momentos. Seria necessário

⁹ Xabier Pikaza em Religião Digital: https://www.religiondigital.org/el_blog_de_x_pikaza/Pablo-VII-Francisco-anos-Sinodos_7_2165553438.html

acrescentar a esses eventos eclesiais muitas outras reuniões, reuniões, cartas pastorais, que permitem à Igreja continuar avançando com sinodalidade, fidelidade e criatividade.

A corresponsabilidade de todo cristão adulto e de toda comunidade é conhecer, na medida do possível, essa riqueza eclesial, apreciá-la, torná-la conhecida a outros e, acima de tudo, vivê-la. Aqui permanece o desafio de abordar essa realidade.

2. Além de sinodal, comunitária e em saída

Essa dimensão sinodal é de grande importância e deve ser complementada pela dimensão comunitária e missionária.

Na Igreja, existem diferentes posições em relação à maneira de organizar a ação aos mais necessitados, ao diálogo com o mundo, à maneira de nos fazermos presentes na sociedade, à maneira de combinar os diferentes aspectos fundamentais de nossa fé...

Nossa vida escolápia, por estar sempre em comunidade, por estar na fronteira (em escolas, paróquias, obras sociais e outras obras) onde o diálogo entre fé e cultura é sempre necessário, a proximidade com os que mais precisam, a urgência em expandir nossa obra em outros lugares e países, a atualização constante de nossa missão, a colaboração de religiosos com muitos homens e mulheres leigos, nos coloca em uma grande contribuição própria para a Igreja e a sociedade.

Somos expertos no que oferecemos: os processos educacionais e pastorais que favorecem as pessoas adultas, formadas e solidárias, em comunhão com nossa Igreja e com todas as pessoas de boa vontade.

Isso supõe uma Igreja comunitária, que é a pessoa que assume a responsabilidade da missão e se oferece como uma possível saída para a inserção eclesial e social. É também uma comunidade ampla, com várias formas de participação, promovendo carismas e ministérios. É uma comunidade comprometida com a sociedade e o mundo, com dedicação especial aos mais necessitados. É uma comunidade corresponsável, disponível para novas chamadas da sociedade, missionária para ir aonde for necessário. É uma comunidade onde os leigos, a vida religiosa e o ministério ordenado se complementam e se enriquecem, sem prevalência ou subvalorização de nenhuma dessas vocações. É uma comunidade onde crianças, jovens, adultos e idosos têm seu lugar de destaque; onde homens e mulheres, pessoas de diferentes origens ou modos de viver a fé podem encontrar seu próprio espaço (Gl 3, 28). É uma comunidade a caminho, sempre descobrindo novos caminhos. É uma comunidade de diálogo, aberta, convocadora, flexível, cujo centro está em Jesus e na missão escolápia, para onde ele nos envia.

Nas Escolas Pias, temos a sorte de ter o que se chama "as três grandes vocações cristãs": o sacerdócio ou o ministério ordenado, a vida consagrada e os leigos. Isso implica uma mentalidade de integração, de complementaridade, de necessidade mútua, que enriquece nossa ação e nossa capacidade de convocação.

Podemos internalizar essas opções de nossa Igreja Católica e de nossas Escolas Pias, elaborando cada uma delas e, posteriormente, compartilhando na comunidade "a Igreja que eu quero". Nesse compartilhamento, poderíamos complementá-lo pensando sobre o que "a Igreja que Jesus deseja" poderia ser... e, finalmente, "a Igreja que estamos fazendo".

TESTEMUNHO DE MEDELLÍN (COLÔMBIA)

Meu nome é José Antonio Becerra Medina, sou filho de Deus, ser de luz, a quem Deus ilumina todos os dias e nutre com seu amor. Ele ilumina meu conhecimento e a minha fé. Minha conversão foi da mente para o coração; o Senhor me desviou do caminho que eu seguia, que me caracterizei com um bom fim, mas não com os melhores meios, pois estava inconscientemente usando as ferramentas ou muletas das minhas feridas. Ele me levou do trabalho no laboratório clínico e de pesquisa, examinando amostras biológicas, para acompanhar o processo de saúde das pessoas, para trabalhar no laboratório interno das pessoas, onde a fonte de tudo é o melhor de cada um (sua inclinação interna).

É por isso que eu evangelizo por meio da educação formal e não formal, ambos com o mesmo objetivo, ou seja, como cooperador da verdade, assim como São José de Calasanz, posso cumprir o chamado que o Senhor me confia, para ajudar a renovar sua Igreja e ajudar na transformação da sociedade, para a maior glória de Deus e a utilidade dos outros, começando primeiro comigo.

Para chegar aonde estou, tive que percorrer um longo caminho, primeiro de 26 anos na Venezuela, meu país de origem, onde minha família, meus pais e minhas irmãs me criaram e me ensinaram. Onde estudei minha profissão como bacteriologista, onde tenho lindas lembranças especiais de meus avós, tios e tias, primos... sempre em busca da verdade, sempre acompanhados por Jesus, mas me aventurando por sede de conhecimento, nos gnósticos, nos maçons, a nova era, a loja branca e os irmãos cristãos. Tudo para descobrir que a verdade é uma pessoa, não um pensamento, nem uma ideia, nem uma coisa. Uma pessoa que sempre me acompanhou, mas não reconheceu. Já na Colômbia, em 2012, onde fiz meus estudos de pós-graduação, devido à minha residência, minha esposa e eu chegamos à comunidade de Calasanz, começamos a nos reunir na paróquia de São José de Calasanz, um templo pequeno e simples, que acreditávamos ser a capela da faculdade. Estando na Eucaristia, outro chamado de Deus, para iniciar uma formação para ser catequista e compartilhar os dons que tínhamos. Minha esposa aceitou e me forçou a acompanhá-la, pois eu tinha medo, já que não conhecíamos ninguém na cidade.

Que ironia, que depois de cinco anos a partir desse momento, reconheço agora que, em minha vida, a educação não formal me contribuiu mais do que toda a educação acadêmica formal que recebi. Bem, é através da educação não formal recebida pelos escolápios, pelos jesuítas, a arquidiocese de Medellín e outras instituições de nossa Igreja, que Deus me ensinou a me conhecer primeiro, meu relacionamento com Ele, conhecê-lo melhor e cuidar dos meus relacionamentos com os outros. Abaixar meu conhecimento da mente para o coração e como colocar meus dons a serviço dos outros, para maior utilidade dos outros.

Tudo isso, sempre com a orientação do Espírito Santo, como diz Calasanz: *"A voz de Deus é a voz do espírito que vem e vai, toca o coração e passa; ninguém sabe de onde vem ou quando sopra; de onde é muito importante estar sempre vigilante para que não aconteça inesperadamente e passe sem fruto"*. Esse caminho me levou a ser hoje como membro da Fraternidade das Escolas Pias, coordenador de formação na paróquia, participar de vários conselhos, como o Conselho de identidade Calasância de Medellín, Conselho pastoral da paróquia, ser leigo escolápio comprometido com a mesma missão da minha Igreja, discípulo do Mestre, trabalhando em um colégio salesiano na área da ciência, tirando a vida de São José de Calasanz e sua espiritualidade como exemplo e caminho comunitário. Hoje descubro algo que o Pe. Diego me ensinou, as responsabilidades são conquistadas com fidelidade, esforço, mas sobretudo, devido ao compromisso e identidade com o carisma.

Hoje, fazer esse exercício, retomar e observar a obra de Deus em mim, na minha conversão e na transformação que o Senhor fez em mim, me faz pensar: O que mais Deus poderá fazer em mim nos próximos cinco anos? Definitivamente, é algo que vale a pena ver para mim; isso me leva a um discernimento constante. A questão que permanece é: Qual tem sido a obra de Deus em sua vida? Qual foi a transformação que o Senhor fez em você?

Senhor, ilumine-me, mostre-me o caminho e use-me para servir onde você mais precisa, Amém.

José Antonio Becerra Medina - Fraternidade das Escolas Pias de Nazaré (Medellín)

SOMOS EMBAIXADORES DE CRISTO

"Somos embaixadores de Cristo e é como se Deus estivesse exortando através de nós. Por meio de Cristo, peça que se reconciliem com Deus... Portanto, apoiando sua obra, também exortamos você a não rejeitar esta graça de Deus... Para que não prejudiquem o nosso serviço, nunca damos motivo a escândalo; pelo contrário, continuamos a provar que somos servos de Deus tanto quanto sofremos: brigas, infortúnios, angústias, golpes, prisões, tumultos, fadiga, noites e dias sem dormir, sem comer, procedemos com limpeza, conhecimento, paciência e bondade, com dons do Espírito e amor sincero, transmitindo a mensagem da verdade e força de Deus. Com a direita e a esquerda, empunhamos as armas de honestidade, através da honra e da afronta, de má e boa reputação. Nós somos os impostores que dizem a verdade, os desconhecidos bem conhecidos, os moribundos que estão bem vivos, os punidos nunca executados, os aflitos sempre felizes, os pobres que enriquecem a muitos, os necessitados que possuem tudo". (2 Coríntios 5, 20 - 6, 10)

7. O laicato na igreja

Começamos esclarecendo dois termos: "leigos" (povo) hoje tem um duplo significado: na linguagem civil, refere-se à independência de qualquer credo religioso (uma sociedade laica é independente de qualquer fé), enquanto na esfera eclesial, refere-se àqueles que são "povo" e não hierarquia da Igreja. Às vezes, a palavra "secular" é usada

de maneira semelhante, que se refere àqueles que não fazem parte da vida religiosa. Vejamos a história desses conceitos na Igreja.

Quando Jesus começou sua vida pública, ele começou escolhendo os companheiros de sua comunidade (Mc 3, 13s) com quem ele morava e formou, para ser seus seguidores e colaboradores em sua missão. Além desse grupo dos Doze, havia mais pessoas: algumas mulheres, outros discípulos (Lc 10,1s), colaboradores que o receberam... mas mal sabemos o nome ou o que eles fizeram especificamente.

Na primeira comunidade, após a morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos, com Pedro na cabeça, também têm um papel especial (Atos 2, 42), eles elegem sete "diáconos" para assistir às mesas (Atos 6, 1-6), nas comunidades paulinas, emergem líderes (1 Ts 5, 12-13): enviados, profetas, médicos, sacerdotes (Tito 1, 5)... como podemos ver em muitos momentos dos Atos dos Apóstolos.

Um resumo simples e bom é encontrado em 1 Cor 12, 5-28:

Existe uma diversidade de ministérios, mas só um Senhor. Existem diversas atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Em cada um, o Espírito se manifesta para o bem comum. O Espírito dá a um a sabedoria para falar; para outro, ciência para ensinar, de acordo com o mesmo Espírito; para outro, fé, também do mesmo Espírito. Para esse é dado o dom de cura, sempre naquele Espírito; para ele, o dom de realizar milagres; para um, o dom de profecia; para outro, o dom de julgar o valor dos dons do Espírito; para outro, o dom de línguas; para ele, o dom de interpretá-los. Mas, em tudo isso, é o mesmo e único Espírito que age, distribuindo seus dons a cada um em particular como ele deseja... Na Igreja, há alguns que foram estabelecidos por Deus, antes de tudo, como apóstolos; segundo, como profetas; terceiro, como doutores. Então, vêm aqueles que receberam o dom de realizar milagres, o dom de curar, o dom de ajudar os necessitados, o dom de governar e o dom de línguas.

É interessante notar que o dom de governar é citado no penúltimo lugar, muito atrás de outros.

Essas diferenças, carismas e ministérios não esquecem que todos nós formamos o mesmo corpo. E que a Igreja como um todo é o Povo de Deus, o sacerdócio real, a linhagem escolhida, a nação consagrada, um povo adquirido por Deus (1Pe 2, 9). Outras designações globais são "os chamados" ou "escolhidos", "os santos", "os crentes" e, acima de tudo, "os irmãos". Os seguidores de Jesus são aqueles consagrados a Deus pelo batismo e membros plenos do Povo de Deus (laos). Nesse sentido, "laos" é usado não em oposição aos líderes, mas aos não-crentes, aos não-batizados. A linha divisória profano-sagrada não passa pela comunidade, mas a separa do mundo incrível.

Os ministérios também não estabelecem termos que distinguem ministros sagrados e não ministros com nomes coletivos diferenciados (clérigos - leigos): o sacerdote é apenas Cristo ou toda a comunidade (Hb 4, 14ff e 1 Pe), não os detentores de ministérios.

Na literatura cristã, "leigo" é usado pela primeira vez na carta de Clemente 95-96 em referência ao modo de organização judaico na liturgia. "Laikós" é uma pessoa profana separada do âmbito religioso.

No século III, Clemente de Alexandria fala de padres, diáconos e leigos como tendo apenas uma esposa. Pela primeira vez na língua cristã, leigos são aqueles que não são bispos, padres ou diáconos. Esses grupos não têm efeitos significativos na delimitação de campos ou em funções do governo da comunidade.

A palavra "leigo" começa a ter consistência quando o termo "klerós" aparece, designando um pequeno grupo: os sujeitos para o ministério. Mas, isso também não implica mais santidade ou uma qualidade especial, mas uma função dentro do Povo de Deus. Pouco a pouco, o termo leigo se generaliza como "não ministro", "não ordenado". "Ordos" (estados de vida, ordens) são criados à semelhança do império romano que divide a sociedade em classes ou estados sociais: grupos fechados em si mesmos e separados dos outros.

A questão vai se complicando ao unir a ideia de "estados da vida" às ideias neoplatônicas que distinguem verdades imutáveis e o mundo das ideias que mudam (espírito - matéria; alma - corpo). A hierarquia é um reflexo da ordem divina e os ministros são a representação de Deus e de Cristo: o ministério ordenado como mediador e administrador da graça está sendo sacralizado. O mundo (em um sentido negativo) está sendo associado aos leigos.

O decreto de Milão (313) encerra a era dos mártires e a Igreja não é mais perseguida. Supõe também o início do entendimento entre Igreja e império, que culminará com a virada de Constantino (381). Até então, o mártir deu uma visão muito positiva de muitos leigos que optaram pelo Evangelho. Com Constantino, a Igreja adquire status de sociedade pública de direito divino e seus representantes públicos adquirem um lugar de honra social, privilégios e tarefas do governo também do Estado.

Os fiéis e o clero param de olhar juntos na mesma direção para olhar um para o outro e discutir o relacionamento deles, o que enfraquece a missão e o espírito evangelizador. O contraste entre povo e "não povo" muda para o das pessoas - líderes e leigos são definidos como "não-clérigos". Desde então, a maneira de definir os leigos e sua identidade dependerá do conceito de clero.

O termo "irmão" para o relacionamento dos membros da igreja está desaparecendo e apenas os portadores do ministério (bispos e clérigos) e os membros da comunidade monástica serão chamados assim. Ambos os grupos devem se tornar representantes da vida eclesial. O conceito de Povo de Deus não tem mais conteúdo teológico bíblico e não expressa mais a totalidade da Igreja em união e fraternidade; mas com significado sociológico para pessoas simples. A hierarquia não era um povo. Em vez de irmãos e irmãs, aparecem pais e mães, filhos e filhas.

Santo Agostinho apresentará sua teoria das três "ordens" ou estados opostos da vida eclesial: pastores, monges e leigos. Isso supõe, além da definição negativa de leigo ("aquele que não é clérigo nem monge"), a rotura da comunhão essencial. Logicamente, o leigo para de assumir responsabilidades, de participar ativamente da Igreja. Além disso, a formação teológica concentra-se no clero e no monge (eles são os estudiosos do "conhecimento latino"). Os leigos são configurados como nem sábios nem instruídos. Desde o século V, a dinâmica da afirmação negativa se repete: se os clérigos usam roupas próprias e o celibato é afirmado desde o final do século VI, é o leigo que não vive isso.

Os movimentos de reação que darão forma à vida religiosa estão em grande parte no início (Santo Antônio do século III se retira ao deserto do Egito para levar uma vida de eremita). Eles representam uma reação contra a clericalização e antes das conversões em massa após o decreto de Milão que relaxam o estilo de vida cristão. Existe uma clara intenção de uma plena vocação leiga. Eles se reuniram em comunidade para praticar o conselho de vida que Jesus deu aos discípulos (conselho evangélico) e consagrar sua vida a Deus. Diante dos ministros ligados às funções eclesiais, o monge encontra sua identidade de uma maneira de viver: deixando o mundo e vivendo para o Reino que não é deste mundo. Clero e monge foram claramente distinguidos: um consagrado pelo serviço sagrado e o outro pela renúncia pessoal ao mundo.

Para a comunhão eclesial e as comunidades, houve grandes consequências que o monaquismo deixou as comunidades em que habitualmente participavam junto com todos os fiéis. Essa opção dos monges é para a Igreja uma grande riqueza e significado, mas, por outro lado, os leigos foram definidos em contraste com os monges e, pertencentes ao mundo, tinham que cuidar de negócios mundanos que eram vistos em sentido negativo. A isso se acrescenta uma conexão progressiva dos monges ao ministério eclesial. A vida monástica atrai o clero. É cunhada a ideia de que os súditos do ministério tenham a virtude dos monges e se rendam a Deus. Monges e padres estão se fundindo. O monaquismo perde seu caráter como movimento leigo. Os requisitos do ministério coincidem com o ideal monástico.

Na Idade Média, consolidou-se a espiritualidade "fuga mundi" (fuga do mundo) baseada no desprezo pela terra. Clérigos e monges são cristãos autênticos e a perfeição está situada em relação ao maior desapego dos bens terrenos. O estado laico permanece como uma concessão à fraqueza humana: eles lidam com as coisas do mundo que não valem a pena e que são sujas (não são santidades). O casamento é sagrado, mas, desde a lei do celibato de Gregório VII, é uma "imperfeição", porque a plenitude é o clérigo.

Apesar de tudo isso, uma clara oposição teológica e política foi alcançada entre o clero (sujeito) e os leigos (objeto) com a reforma gregoriana do século XI. Os protagonistas leigos são os nobres, príncipes e reis que procuraram emancipar-se da tutela do clero e ocupar importantes posições na Igreja. Esses leigos exerceram uma grande influência através de "sua própria lei eclesiástica": esse poderoso leigo tinha pleno poder diretivo sobre seu clero. Os templos eram propriedade dos senhores e os sacerdotes celebravam para ele. O rei passou a ter poder decisivo na nomeação dos bispos (ele lhes deu um anel e um bastão como sinal de jurisdição e recebeu um juramento de fidelidade). Estamos em uma era de um "mundo cristão e confessional". Imperadores germânicos passaram a nomear e depor Papas. O Rei é o ungido, representante de Deus, "Vigário de Cristo" na terra.

Gregório VII (1073-1085) era um monge do mosteiro reformado de Cluny, cuja reinserção (909) consistia em uma atribuição a Roma: nenhum Rei, nenhum Bispo, nenhum príncipe secular deveria ter influência na comunidade dos monges. Gregório transferiu esse programa para toda a Igreja: liberdade dos mosteiros do poder civil e das influências não-papais. Uma consequência direta disso será a dependência das igrejas locais apenas de Roma e o vínculo absoluto a ela.

Entre suas lutas, o que nos interessa aqui é sua oposição à "investidura dos leigos": a prática de ter bispos e padres nomeados por imperadores, reis e senhores. O objetivo é eliminar toda a influência desses leigos na Igreja. Isso supõe um poder absoluto de jurisdição do Bispo de Roma sobre toda a Igreja. Estende-se que a Igreja não é dos leigos, mas apenas dos eclesiásticos. Bonifácio VIII (1294-1303) desenvolve a "teoria das duas espadas": Cristo deu ao Papa a espada espiritual e temporal: a primeira é realizada pelo Papa e a segunda é emprestada ou delegada aos príncipes que exercem seu poder em representação do Papa e quem pode retirá-lo e descartá-lo a qualquer momento. Disse em suas palavras "submeter-se ao papa romano é absolutamente necessário para a salvação de todos os homens". É produzido um tipo de teocracia que impede a autonomia da realidade temporal do estado e seu correto secularismo e neutralidade em assuntos religiosos.

E por último, mas não menos importante, em 1296, ele emitiu o touro "Clerecis laicos", onde se afirmar explicitamente que os leigos são hostis ao clero. Esse passo importante para a liberdade da Igreja do poder civil se traduzirá em uma concentração do poder do clérigo. O conceito de comunhão entre clero e povo não apenas desapareceu, mas é postulado um tipo de oposição. É importante saber que "ministérios leigos" eram as tarefas do governo dos príncipes, as responsabilidades político-sociais na estrutura feudal. Eles eram, portanto, perigosos e deveriam ser evitados a todo custo.

Havia movimentos leigos entendidos como tentativas de sair da inferioridade e da indiferença passiva que eles viviam. Surgiram continuamente de preocupações puramente religiosas e não, em princípio, em oposição ao clero, mas a estrutura os levou a clericalizar ou a confrontar o clero. Alguns estão se juntando aos movimentos de emancipação também sociais, culturais, profissionais... Há um boom e uma apreciação das profissões como o cumprimento da vocação ao Reino de Deus; trabalhe a partir da chave da autorrealização em Deus. O termo "leigo religioso" começa a ser aceito pela primeira vez para quem procura harmonizar seu ambiente profissional e familiar com as exigências do Evangelho.

Uma nova ideia também está tomando forma: o que conta não é a "ordem" ou "estado da vida", mas a justiça e a santidade pessoais. Os movimentos de pobreza dos leigos surgiram desde os séculos XI e XII. Mas, a história se repete mais uma vez: eles entraram em conflito radical com a hierarquia e se separaram dela ou ingressaram na vida religiosa.

Um exemplo são os cátaros ("os puros") que entendiam a sucessão apostólica como sucessão de estilo de vida, não em uma chave sacramental e muito menos em um sentido jurídico. O clero considerou que eles fizeram coisas que não correspondiam aos leigos, ou sem um mandato eclesial (como a pregação), ou que questionaram a autoridade de pregar autenticamente àqueles que não eram pobres e espirituais como eles. Do conflito, surge a ideia do leigo como "prisioneiro do mundo", que não pode pregar, porque vive segundo a carne e não possui o espírito (somente os membros ordenados). Deve-se notar também que muitos desses grupos careciam de formação teológica suficiente para desempenhar essas funções. Os que não romperam a comunhão eclesial fizeram ordens mendicantes, frades.

Outras tentativas sérias de sair da marginalidade na Idade Média são as confraternidades e as irmandades posteriores. Vale a pena notar a interessante experiência das "beguinhas": mulheres ricas que se reuniam para viver juntas, praticando castidade e pobreza, dedicando-se a cuidar dos doentes, mas sem querer se tornar freiras. Elas estavam tentando desenvolver sua vocação leiga como um modo de vida alternativo, mas isso era desaprovado e elas tinham que se vincular a terceiras ordens franciscanas e dominicanas.

Na Idade Média, havia também um serviço voluntário para leigos: cuidar de peregrinos pobres que atravessam a Europa, leigos agrupados em fraternidades... Hostels, hospitais, abrigos se multiplicam para servir os pobres, idosos, doentes e marginalizados. Infelizmente, eles obtiveram infinidade de doações e poder e foram localizados fora das igrejas locais e da jurisdição do bispo. Depois, fala-se em "igrejas paralelas" que romperam a comunhão e morreram de sucesso. Eles repetiram erros de relacionamento com o mundo do clero.

No Renascimento, o indivíduo surge como sujeito ativo do desenvolvimento histórico e político. Nesse contexto, a primeira tentativa de adaptação aos tempos é representada por Lutero. A reforma começa como uma reação à superioridade do clero sobre os leigos. Eles querem sublinhar a igualdade fundamental de todos os batizados e recuperar o Evangelho. Mas, devido à dinâmica do confronto, Lutero atravessou a fronteira novamente e rompeu a comunhão, afirmando que "apenas as Escrituras" são vinculativas (questiona a tradição e o magistério), por não reconhecer o ministério ordenado (e a sacramentalidade) e associando-o apenas a diferenças funcionais... Curiosamente, acabou nas mãos dos príncipes, que ele pretendia combater. A "guerra fria eclesial" acaba dando mais força ao que nos separa dos irmãos reformados: reafirmação da hierarquia e do clero.

Apesar de tudo, certos ares humanísticos vão penetrando: visão otimista do homem e do mundo, importância da transformação e construção social. Surgem correntes de espiritualidade para os leigos (não espiritualidade leiga) promovidas pelas congregações, direção espiritual para os leigos, um cristianismo exigente é sublinhado, expressões de religiosidade popular e evangelização são promovidas. Esses impulsos dificilmente se materializaram devido ao contexto ainda contrarreforma.

No século XIX, os processos de secularização e secularismo se desenvolveram. O cisma, dessa vez, é entre fé e cultura. A religião se torna um assunto privado que não deve determinar a vida pública. Sob a liderança do Iluminismo e do racionalismo, existem correntes anticlericais que não são contrariadas pela situação de passividade e falta do protagonismo dos leigos.

As primeiras organizações leigas modernas nascerão por iniciativa própria e animadas pela hierarquia. Seu objetivo é competir com as correntes socialistas e liberais para restaurar a república cristã. A dinâmica são frentes (movimentos leigos como escudo da Igreja contra as forças inimigas), fechamento e subcultura (catolicismo como bloco social autossuficiente).

A ideia da divisão funcional das tarefas também chega à Igreja: o mundo para os leigos, o eclesial para o clero. Isso causará conflitos contínuos com a hierarquia. O Papa Leão XIII condenará as ideias de liberdade, democracia, decisão pessoal de consciência e organização ativa do mundo.

Quando o Papa Pio IX percebeu a fraca eficácia de suas intervenções pessoais, o isolamento da Santa Sé e o início do colapso do poder temporal da Igreja, ele considerou que a defesa da Igreja e a oposição prática aos males do século só poderiam ser feitas através da promoção de forças católicas que, de dentro da nova sociedade, agiam de acordo com os valores e diretrizes proclamados pela hierarquia eclesiástica. Os católicos leigos foram os primeiros e mais imediatos cooperadores da renovação religiosa diante do que estava por vir. Assim, os primeiros passos do que será chamado de Ação Católica estão sendo semeados. Um corpo de leigos organizados está surgindo, apoiado pela Santa Sé, que trabalhará nos meios mais agressivos ou distantes da Igreja.

No século XX, com Pio X, "obras sociais" emergiram desde a chave para preservar o que restava do cristianismo dos ataques do mundo sob a proteção de instituições confessionais. Os leigos ativos eram desesperadamente desejados, mas sempre agindo por despacho e dependência do clero. As iniciativas de trabalho leigo tinham que ter um membro da hierarquia como presidente. Pio X exigiu a incorporação de todas as associações católicas à nascente Ação Católica, também aquelas que trabalhavam em esferas não-eclesiais. Era essencial preparar padres dedicados ao estudo de problemas sociais para se encarregarem dos trabalhos. Tentativas de autonomia nas esferas política, social e econômica levaram a conflitos permanentes entre os leigos e a hierarquia.

Será Pio XI quem confere alguns estatutos e reconhecimento eclesial à Ação Católica (1922), concedendo mais espaço de ação aos leigos. Esse apostolado dos leigos será considerado "participação dos leigos no apostolado da hierarquia", uma vez que existe apenas um apostolado, que é o que Cristo deu aos bispos e ao papa: além desse limite, delegam aos leigos poder que lhes foi concedido para cristianizar o mundo dos pastores. Sua ação não é baseada no batismo, mas em subordinação estrita à hierarquia. O leigo é um "auxiliar" que chega e é uma testemunha onde a hierarquia não pode.

A Ação Católica se consolida como um braço da hierarquia no mundo. Isso representa um passo fundamental para a plena reincorporação dos leigos, adquirindo uma missão fundamental na igreja, mesmo quando eles não podem assumir tarefas ministeriais internas. A Ação Católica foi desenvolvida nos movimentos especializados JOC e HOAC (trabalhadores), JAC, JEC (estudantes), JIC (profissões independentes), homens e mulheres, principalmente jovens e também adultos. Eles promovem ideias e iniciativas muito valiosas, como o método "ver - julgar - agir", a presença e o testemunho no mundo, o compromisso com as realidades temporais, a necessidade de maior colaboração entre leigos e clérigos.

Pio XII substituirá o termo "participação" por "cooperação", que aprofunda a distância entre o clero e os leigos. Isso será questionado com as experiências de padres operários que questionam a delimitação pretendida. Também surge a ideia de "leigos militantes" (os da Ação Católica), como se os leigos funcionassem em duas velocidades (leigos comprometidos e sociológicos).

Em 25 de janeiro de 1959, João XXIII anunciou a intenção de convocar um Concílio ecumênico. De acordo com suas próprias palavras, "*o primeiro anúncio do Concílio foi como a pequena semente que lançamos à terra com coragem e mãos trêmulas*". É agora, após o susto e a confusão iniciais, quando começamos a ver os enormes frutos que as

sementes podem dar se promovermos e desenvolvermos suas grandes intuições no desenvolvimento dos leigos como uma plena vocação cristã.

Nos últimos anos, diretrizes de grande valor vêm ganhando força: a recuperação do conceito de Povo de Deus, o chamado universal à santidade, os ministérios confiados aos leigos, as experiências de outras igrejas cristãs, as contribuições da sociedade civil para a participação de todas as pessoas, o papel das mulheres, a reavaliação dos leigos, o matrimônio como principal sinal de Deus, a centralidade do Evangelho e o estudo teológico também para os leigos... Hoje é urgente continuar acordando os leigos e recuperando a fraternidade .

TESTEMUNHO DESDE O MÉXICO

A comunidade escolápia, formada por religiosos e leigos, me incentivou a viver profundamente meu compromisso como batizado, como filho de Deus. Essa pequena comunidade me permite estar em comunhão com meus irmãos fraternos, religiosos escolápios e leigos da fraternidade, onde compartilho a experiência da missão escolápia, carisma e espiritualidade.

Essa experiência comunitária me fortaleceu com entusiasmo e convicção por compartilhar a missão de evangelizar, a educação de crianças e jovens, o trabalho em que participo, onde estou em contato com os membros da Fraternidade. Meu testemunho é de um cristão convencido do chamado que Deus me faz, apesar das minhas limitações pessoais, mas também do entusiasmo de evangelizar crianças e jovens, sabendo que Deus tem a última palavra em amor por eles.

Na comunidade fraterna que coordeno há mais de quatro anos, analisamos a necessidade espiritual que devemos alimentar, com o acompanhamento dos religiosos escolápios e possibilitando um encontro de Deus na vida com a liturgia das horas, a oração contínua, Eucaristia com crianças e jovens, visitas ao Santíssimo Sacramento, todos em comunidade. Exercício do apostolado sacramental em crianças e jovens para comunhão e confirmação.

Isso exige que eu testemunhe a vida fraterna, que eu simplesmente assumo, convencida do amor de Deus, disponível para apoiar o carisma escolápio em momentos diferentes. A formação humana, cristã e escolápia recebida e compartilhada na comunidade me enriquece e me ajuda a ser um cristão melhor, a me qualificar como uma pessoa comprometida com o carisma de Calasanz na Província escolápia do México

Agora, como parte do Conselho da Província escolápia do México, permite-me compartilhar e participar de diferentes trabalhos e com diferentes irmãos fraternos, compartilhando vida, missão, carisma e espiritualidade, todos eles embelezaram a vida, assumindo responsabilidades no nível provincial e colaborando em isso. Assim, reconheço a oportunidade de assumir minha convicção e entusiasmo na Província escolápia.

Estou muito entusiasmado com o chamado do Senhor, através do carisma de Calasanz, para contribuir, como instrumento do Senhor, na construção do Reino de Deus entre meus irmãos, para promover e ser constante na colaboração com os religiosos escolápios e fraternos, para que juntos sejamos responsáveis pela educação das crianças e jovens, esforçando-me para testemunhar o amor de Deus por minha pessoa e comunidade.

Alejandro Domínguez Zamora – Fraternidade do México

EU SOU A VIDEIRA E VOCÊS SÃO OS SARMENTOS

Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor...

Permaneçam em mim, como eu permaneço em vocês. Assim como o ramo não pode dar frutos se não permanecer na videira, vocês também não podem se não permanecer em mim.

Eu sou a videira, vocês são os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele dá muito fruto, porque fora de mim vocês nada podem fazer. Mas o que não permanece em mim é como o galho que é jogado fora e seco; depois é recolhido, jogado no fogo e queimado.

Se vocês permanecerem em mim e minhas palavras permanecerem em vocês, peçam o que desejam e vocês o conseguirão...

Como o Pai me amou, eu também vos amei. Fiquem no meu amor... Este é o meu mandamento: amem-se como eu os amei. Não há amor maior do que dar a sua vida pelos amigos. Vocês são meus amigos se fizerem o que eu estou mandando (Jo 15, 1-14).

8. A vida religiosa

A vida consagrada tem tido um papel muito importante na história da Igreja e da sociedade. Ela, além dos carismas de cada uma das entidades e outras contribuições, talvez tenha sido a maior guardiã e promotora do seguimento de Jesus em comunidade.

À medida que a Igreja ganha reconhecimento, os martírios terminam e a identidade cristã cria cultura social enquanto se assimila ao meio ambiente, alguns cristãos tentam viver o Evangelho de maneira mais radical... e assim a vida religiosa surge.

A intenção é viver o mesmo estilo de Jesus com toda intensidade. Ele não é outro tipo de cristão, nem ninguém separado. É uma maneira de viver o seguimento de Jesus, assumindo algumas chaves de sua vida que configuram a pessoa e o grupo de pessoas que vivem dessa maneira a fé cristã. Simples e maravilhosamente, apesar de suas muitas fraquezas, eles tentam "exagerar" quais são as características de todo cristão.

E, portanto, algumas opções estão tomando forma que moldam a vida consagrada ao longo do tempo. Podemos destacar o seguinte:

1. A ousadia de tentar ser um sinal no meio da sociedade

Todo cristão é chamado a ser sal e luz no meio da sociedade. Os religiosos tentam fazê-lo publicamente, cuidando de sua vida pessoal e comunitária, para ser um sinal de Jesus e seu Evangelho no local onde estão.

É por isso que eles usaram e continuam a fazê-lo símbolos de sua vocação consagrada com algum sinal em suas roupas, na maneira de se apresentar, em suas ações, nas instituições que criaram, na presença de identidade comunitária ...

A vida religiosa não pertence à hierarquia da Igreja, não é chamada para organizar a vida e o funcionamento da comunidade eclesial, mas para ser um sinal de santidade, um sinal de que é possível viver radicalmente o Evangelho, um sinal de que a proposta O Evangelho é para todas as pessoas, um sinal da bem-aventurança encarnada em pessoas e comunidades concretas ...

Por esse motivo, as congregações religiosas tornaram-se frequentemente mestres de espiritualidade e vida comunitária para todos, em vozes proféticas, em admiráveis vidas de dedicação a outros ...

Essa intenção de ser um sinal no meio da Igreja e da sociedade é muito ousada. Porque podem pecar de ser fariseus e se crer melhor do que os demais. Porque os religiosos são, como todas as pessoas, fracos muitas vezes. Porque erros e pecados na vida consagrada tornam-se exatamente o oposto de sua identidade: anti-sinais do Evangelho.

E, no entanto, os religiosos continuam a responder com humildade e muita ousadia ao que entendem como o chamado de Deus, sabendo que precisam da ajuda do Senhor e da comunidade para permanecerem fiéis nesse estilo de vida.

2. A opção para sempre com um caráter quase sacramental

Esse sinal de vida religiosa tem a característica de perseverança, de escolha para sempre, de compromisso definitivo e sem voltar atrás no seguimento de Jesus... como para todo cristão!

Mas, sabemos bem que, em nossa sociedade, as decisões não são frequentes para sempre. Quem parece mais livre, que está mudando sua palavra e seu compromisso sem mais delongas.

Os religiosos, após um longo processo de formação e discernimento compartilhado com os formadores e responsáveis pelo Instituto correspondente, fazem sua profissão para esta vida consagrada para sempre, destacando o valor da resposta a um chamado que é de Deus e que não pode mudar, que a comunidade e os destinatários da missão possam contar com ele para sempre, que ele está disposto a não olhar para trás no seguimento de Jesus (Lucas 9, 62)...

Essa profissão não é um dos sacramentos oficiais da Igreja, mas tem caráter semelhante por ser pública, renovada nos primeiros anos antes de se tornar perpétua, aceita pela autoridade da própria Congregação, no âmbito de uma celebração da Eucaristia. .

Novamente, o engajamento para sempre parece difícil e ousado demais. Mas, o religioso vive isso como libertação, entregando-se Àquele que descobre como Mestre e Senhor que sabe melhor que ele o que é conveniente em sua vida.

3. A vida comunitária

Jesus formou um grupo com o qual ele viveu os anos de sua vida missionária. Ele compartilhou com eles a oração, a missão, as preocupações, a vida, a caixa de dinheiro comum, o destino, a caminhada diária.

Todo cristão vive sua fé na Igreja, na paróquia, em algum grupo ou comunidade... porque é essencial em nossa fé. Os religiosos também querem viver sob o mesmo teto, formando uma família religiosa, compartilhando fé, espiritualidade, vida, missão, bens, dia após dia.

Sabemos que a convivência é maravilhosa e, ao mesmo tempo, tem muitos desafios. E assim acontece em famílias, em grupos, em todos os tipos de grupos.

Os religiosos trazem o sinal de uma convivência baseada na centralidade de Jesus, que é quem os chamou, quem os torna irmãos, quem lhes envia o sopro do seu Espírito. E assim a vida comunitária se torna um sinal proeminente da própria presença dos Jesus vivo e ressuscitado.

Não paramos nesse aspecto central, porque é precisamente o que iremos desenvolver mais adiante nestas páginas.

4. O voto de castidade

Um elemento de Jesus que raramente se fala é o de seu celibato, de sua vida totalmente dedicada e centrada no Pai Deus e na missão recebida. Jesus, que tinha mulheres em seu grupo e tinha um relacionamento ainda mais aberto com elas do que o habitual em sua época, permaneceu celibatário.

O matrimônio e a criação da família são uma vocação totalmente cristã e devemos lembrar que é o melhor sinal do Criador Deus, Pai e Mãe, que nos dá irmãos com laços de sangue e para sempre.

Os religiosos aqui também querem imitar Jesus assumindo sua condição de celibatário, tentando colocar seu maior amor ao Senhor que os chamou e com quem mantêm um relacionamento de amizade íntima. Não se trata apenas de ter uma maior disponibilidade para a missão, mas também de ser um sinal de que Deus pode encher completamente o coração. A imagem tradicional do religioso que se casa com Deus, Jesus... também pode ser válida hoje.

Quando falamos de castidade, não falamos apenas do exercício da sexualidade, mas de focar nossa própria afetividade e a maneira de nos relacionar com todas as pessoas dessa vocação em colocar o coração no Senhor primeiro.

Esse também é um chamado para todo cristão (Mt 10: 37-39). O religioso tenta torná-lo mais visível por não ter esposa ou marido, filhos, que obviamente também pedem amor por eles.

5. O voto de pobreza

Jesus desiste de seu trabalho e parte para pregar as Boas Novas sem bens e instando seus discípulos a fazê-lo também (Lc 10, 4s). No grupo, eles também tinham a bolsa comum (Jo 13, 29).

Compartilhar bens com os necessitados, ajudar os pobres, é uma constante na pregação de Jesus, bem como o chamado para não ter dinheiro como Deus. Mais uma vez, encontramos um convite para todos os cristãos.

Os religiosos, com seu voto de pobreza, querem avançar nesse caminho e também ser um sinal maior a esse respeito. Por isso, eles renunciam a não ter nada como eles próprios, porque têm tudo em comum na Congregação vivendo em dependência da comunidade.

A dificuldade da pobreza pessoal e comunitária é frequentemente contrastada com a necessidade de recursos para cumprir a missão que geralmente requer recursos financeiros significativos. Embora seja um assunto delicado, é muito fácil diferenciar as duas áreas e, ainda mais, se você contar com a ajuda de um leigo bem preparado e identificado, que possa se encarregar, com mais capacidade e vocação, desses aspectos da gestão de obras.

Desistir de não possuir nada é um passo muito importante e um grande desafio. E, portanto, também se torna um sinal do estilo de Jesus.

6. O voto de obediência

Jesus chama todos nós, cristãos, a responder ao que o Pai nos chama, a orar para que a sua vontade seja feita e não a nossa, para nos mostrar disponíveis para os chamados de Deus através das necessidades do próximo...

Os religiosos querem responder a esse chamado através de uma das mediações mais cristãs: discernimento em comunidade. E colocar nas mãos da pessoa escolhida pela própria comunidade para discernir essa vontade de Deus.

Impressionante! Obviamente, é uma obediência compartilhada em comunidade, em comunhão com a equipe de governo da Congregação, em diálogo com a pessoa, em um ambiente de oração...

Em uma sociedade como a nossa, onde a liberdade individual parece prevalecer, o sinal de obediência é muito impressionante, desde que seja entendido como um exercício de liberdade em si que deixa a última palavra nas decisões para a comunidade e o superior.

E é também um sinal da comunidade de grande valor que aceita essa mediação e pede que algumas pessoas exerçam por um tempo esse difícil papel de ser o instrumento do Senhor para discernir a vontade da comunidade e de seus membros.

Isso não apenas dá maior eficiência à vida da comunidade e sua missão, mas, acima de tudo, ajuda a aumentar a disponibilidade, a humildade, o compartilhamento da comunidade ...

7. O carisma particular com seus componentes

Cada Congregação ou entidade de vida consagrada também possui algum carisma próprio, alguma abordagem do Evangelho que enriquece a Igreja como um todo e que se torna a marca registrada desse instituto religioso.

É um chamado do Senhor a um grupo de religiosos, através de seu fundador ou grupo inicial, que a Igreja reconhece como um carisma valioso para a Igreja e a humanidade.

Cada pessoa tem seus próprios talentos, suas qualidades, que deve colocar a serviço dos outros. Na vida religiosa, além dessa esfera pessoal, o carisma compartilhado se destaca como um dom e um compromisso de todos com toda a Igreja.

Entre os escolápios, descobrindo a criança pobre, o jovem carente, que não tem educação e futuro, é o chamado que Calasanz recebe e que infectou todos nós que seguimos seus passos. E, assim, vivemos uma espiritualidade em que a criança e o jovem se tornam um sacramento de Jesus em nosso ambiente. E, assim, assumimos a educação cristã transformadora como nossa contribuição para o bem da humanidade e da Igreja. E, assim, no grupo escolápio, descobrimos as pessoas que o Senhor colocou em nosso caminho como irmãos e companheiros na missão de fazer um mundo melhor através desse carisma escolápio.

Todos os cristãos se sentem chamados, atraídos por algum carisma, algum estilo de comunidade. Os religiosos concentram suas vidas em fazer desse carisma sua vocação, sua completa dedicação.

A vida religiosa quer retornar à primeira comunidade, para ser uma *"parábola do Reino e profecia da nova humanidade"* (Atilano Alaiz): *"O Reino dos Céus é como uma comunidade de irmãos que compartilham seus bens e suas vidas, que oram e juntos celebram a Eucaristia, que se amam e juntos servem o mundo, que descobrem a felicidade nas bem-aventuranças..."*. Um sonho que está se tornando realidade.

A Igreja precisa da vida religiosa para mostrar ao mundo sua comunhão universal, que une pessoas de diferentes países, histórias, culturas, idades... em um carisma comum, que é o documento de identidade dessa Congregação.

A Vida Consagrada é hoje referência e mestre da vida cristã em comunidade de todos os cristãos e, portanto, da Fraternidade.

TESTEMUNHO DE BELO HORIZONTE - BRASIL

Eu sou Fernando Aguinaga, religioso escolápio e tive a oportunidade de ser aluno dos escolápios em Estella e Tolosa (País Basco). Desde criança, admirei os escolápios pela alegria de servir, pela proximidade com crianças e jovens e pela paixão de evangelizar e de educar a partir dos valores cristãos. Sempre gostei da visão humana e social: aberta ao mundo, em favor dos humildes, em atitude de serviço e respeitando a dignidade das pessoas.

Quando decidi ser religioso escolápio, pensava que era um privilégio poder servir a Jesus Cristo no caminho de Calasanz, a quem sempre admirei muito pela entrega, simplicidade, amor às crianças e pela opção pelos pobres. Tive muita sorte na formação inicial escolápio, pois contei com mestres extraordinários, formados na escola do Concílio Vaticano II, recém-acontecido. Os jovens escolápios com os quais convivi nessa época eram, também, muito bons e apaixonados pela missão. Foi uma formação em diálogo com o mundo moderno, enraizada na paixão por Jesus e pela sua mensagem, orientada a serviço de uma educação integral das crianças e jovens, cujo cerne é o Evangelho.

Ainda bem jovem, a missão escolápio estava sempre presente como um convite maravilhoso, principalmente a catequese, pela qual fui sempre apaixonado. Adorava ser catequista no grupo de crianças, adolescentes ou jovens.

A catequese parte da pessoa humana, nasce da comunidade cristã e nela desemboca. Daí a necessidade de articular a Igreja a partir de pequenas comunidades cristãs, em atitude de serviço e de integração com outros níveis de comunhão. Outro desafio é a participação do laicato na Igreja, especialmente da mulher, que ainda não é reconhecida nem valorizada como deveria.

A Fraternidade Escolápia surgiu como uma realidade natural do trabalho pastoral e catequético, como um passo importante e necessário para fortalecer o sujeito evangelizador de forma adulta, com maturidade e justiça. Então, eu sonhei em poder contribuir com a sua implantação na realidade de Escolápios Brasil, na qual me encontrava. No Brasil, tive a sorte de encontrar uma Igreja aberta e comprometida em favor dos pobres, a partir de uma eclesiologia de participação do laicato com dignidade e reconhecimento, com comunidades eclesiais de base que testemunham o Evangelho, o anunciam com obras e palavras e que mostram o rosto de uma Igreja mais próxima a Jesus e aos pobres, mais comunitária e servidora. Tudo isso combina muito bem com a Fraternidade Escolápia, cuja implantação no Brasil considero extremamente feliz e fecunda.

Atualmente, a presença escolápia no Brasil é outra com a participação ativa da Fraternidade. Em cada obra, em cada atividade, em cada sonho escolápico de servir melhor, ela está presente. Hoje, graças à Fraternidade, a minha vivência como religioso escolápico é diferente, a missão apresenta-se com maior sentido, melhor orientada e acompanhada. Sinto que, no meio a tantas dificuldades, o nosso sujeito é mais forte, com maior mística e poesia. Sinto uma alegria intensa, uma confiança maior, um serviço ao evangelho mais caprichado. Sinto-me, em síntese, um religioso melhor e mais feliz.

P. Fernando Aguinaga, Fraternidade de Belo Horizonte – Brasil

A PRIMEIRA COMUNIDADE EM JERUSALÉM

Eles eram constantes em ouvir o ensino dos apóstolos e na comunidade da vida, em partir o pão e em orações. Todos ficaram impressionados com as muitas maravilhas e sinais que os apóstolos realizavam. Todos os crentes viviam juntos e tinham tudo em comum; vendiam posses e bens e os distribuíram a todos de acordo com as necessidades de cada um. Diariamente, eles frequentavam o templo em grupo; Partiram pão nas casas e comeram juntos, louvando a Deus com alegria e com todo o coração, sendo bem vistos por todo o povo; dia após dia, o Senhor acrescentou ao grupo aqueles que estavam sendo salvos. (Atos 2, 42-47)

9. Nossa vida comunitária escolápica

Na história escolápica, a primeira coisa que surge é a ação educacional. A vida comunitária aparece mais tarde, como consequência e dependendo das escolas. A missão precede a comunidade, pelo menos historicamente, embora teologicamente saibamos que é a comunidade que permite a missão¹⁰.

Embora seja muito breve, vale a pena pegar algumas notas dessa história, principalmente no começo.

Em julho de 1604, foi determinado em uma reunião dos Operadores das Escolas Pias (nascidas no final de 1597) que eles viviam em comum. Eles eram 18 nessa época, dos quais apenas dois perseverariam: o próprio Calasanz e Ventura Sarafellini, sempre leigo¹¹. Entre essa data e a compra final de San Pantaleón (1612), havia 73 colaboradores, dos quais apenas onze entraram na nova casa. Após a união efêmera com os Luqueses, teremos que esperar a fundação da Congregação das Escolas Pias (1617) para que essa vida comum seja consolidada como vida religiosa canônica.

Durante os primeiros vinte anos, as escolas funcionaram com notável sucesso e começaram a ser conhecidas e apreciadas. O que não deveria ter funcionado tão bem foi a vida comunitária, dada a variação das pessoas nesses anos.

¹⁰ Tomamos essas informações do interessante livro de José Pascual Burgués. “La experiencia comunitaria del escolapio... un largo camino por andar”. ICCE, 1993.

¹¹ Josep Miró y Miguel Ángel Asiain, en “Vivir hoy el carisma de Calasanz”, ICCE, 2000, na página 97 diz que aquele que ficou com Calasanz desde o início foi Dragonetti. De qualquer forma, a presença do leigo Ventura Sarafellini é muito significativa para ver a importância dos leigos no nascimento das Escolas Pias.

Calasanz escreverá as primeiras Constituições no final de 1620, depois de ter confiado ao Pe. Casani a tarefa e a proposta elaborada não sendo do seu agrado. Calasanz retirou-se para Narni por quatro meses, para escrever as próprias Constituições com base em sua própria experiência e nos modelos de outras congregações.

É impressionante, mesmo sabendo que outros tempos existiram e que era um documento canônico, o pouco que se fala sobre a comunidade. Ainda assim, deve-se notar que ele fala de caridade e de ter um coração e uma alma, inspirados pela comunidade de Jerusalém. Ele também fala sobre união, paz, oração como base da comunidade e reuniões da comunidade ou "congregações", bem como aspectos muito específicos da vida em comum (papel de superior, número de membros, organização etc.).

A urgência da missão e os constantes apelos para iniciar novas escolas agilizam o crescimento das Escolas Pias e nem sempre cuidam muito da formação dos novos escolápios e da vida comunitária. Como dados, podemos apontar que, para as onze casas existentes em 1622, outras 35 foram adicionadas até 1646.

O conceito de comunidade evoluiu nesses séculos, também dependendo dos lugares e das trajetórias específicas de cada lugar. Numa visão muito geral, podemos dizer que a comunidade escolápia sempre esteve muito focada no trabalho educacional e com grande autonomia de cada comunidade local que era quase soberana dos trabalhos que realizou. A teologia e a eclesiologia desses anos insistiram na salvação pessoal, na organização hierárquica e em outros aspectos que também marcaram o estilo das comunidades.

O Concílio Vaticano II também supõe repensar a vida da comunidade, dando uma nova abordagem à eclesiologia e seus vários componentes.

Desde o final da década de 1960, a Igreja tem refletido muito sobre a vida comunitária, a vida religiosa, a comunidade das comunidades... e surgiram muitas experiências que nos chegam hoje com os frutos alcançados nesses anos e também com problemas e erros. Poderíamos citar algumas dessas notícias da comunidade:

- Novos institutos e entidades de vida religiosa e também leiga da comunidade
- Florescimento de movimentos apostólicos
- Surgimento de comunidades de base de diferentes tipos
- Experiências de diversas comunidades religiosas
- Renovação do funcionamento de muitas paróquias e dioceses
- Maior participação dos leigos em todas as esferas eclesiais...

Isso também chegou às comunidades escolápias. E hoje nos encontramos com diversidade suficiente: ainda existem comunidades relativamente grandes e mais "clássicas", muitas das quais são muito pequenas (três ou quatro pessoas... ou menos!), algumas localizadas dentro de escolas e obras, outras de inserção em áreas populares, algumas em conjunto com leigos, outras vivendo em lugares diferentes e compartilhando momentos semanais...

Hoje também devemos mencionar como comunidades escolápias as pertencentes à Fraternidade. Elas geralmente se reúnem semanalmente para compartilhar oração, vida, missão e formação. Colaboram com grande dedicação nas obras escolápias, como profissionais e, acima de tudo, como voluntários. Vale destacar o compartilhamento econômico dentro da própria Fraternidade e também para a missão escolápia, normalmente através da Rede Itaka - Escolápios. Podem ser mais ou menos numerosos, ter uma presença maior ou menor de religiosos escolápios, ter uma trajetória diferente em anos e identidade, ser mais ou menos estável...

A vida comunitária escolápia, seja da Ordem ou da Fraternidade, torna-se um elemento fundamental para as Escolas Pias e sua missão. Valorizar a vida compartilhada como a primeira missão e fonte.

O estilo e as características dessa vida comunitária são definidos nas Constituições¹² e também no documento-quadro da Fraternidade e nos documentos de cada Fraternidade¹³. Eles se tornam uma referência concreta e espelho onde podemos revisar nossa vida comunitária e considerar as melhorias correspondentes.

O Senhor não nos envia para educar uma criança, milhares de crianças, para que cada uma seja feliz e responda a Deus: Ele nos envia a toda a humanidade para anunciar e construir um Reino no qual todos somos solidários, todos membros do mesmo Cristo, nos salvando juntos. A comunidade é o fundo que dá forma ao que é mais visível, à missão.

¹² Em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/04/2004-Constituciones-CC-C.pdf>

¹³ Em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/04/2011-La-Fraternidad-y-m%C3%A1s.pdf>

A comunidade é o ponto em que a vocação de cada pessoa se encontra, a resposta semelhante de várias pessoas à mesma comunidade escolápia, uma história que começou antes de nós e acreditamos que ela continuará mais tarde, uma missão e um projeto que vem de Calasanz e que ainda estão muito vivos em todo tempo e lugar. A vida comunitária é a pedra angular da vida religiosa escolápia ... e da Fraternidade!

NOSSA VIDA COMUNITÁRIA, capítulo III das Constituições

Veja que doçura, que deleite irmãos coexistentes. Salmos 132, 1

25. Reunidos em Comunidade de fé pelo amor que o Pai nos dedicou e pela vocação calasãncia e imitando o estilo de vida de Cristo com seus discípulos e da Igreja primitiva com Maria, somos, de certa forma, ministros da esperança do Reino futuro e da união fraterna entre os homens.

26. Em nossa vida comunitária, a castidade nos move a amar em plenitude os irmãos; a pobreza a partilhar tudo; a obediência a unir-nos estreitamente, para cumprir com maior certeza a vontade de Deus. Incentivamo-nos mutuamente para vivermos fielmente as exigências de nosso batismo e de nossa consagração religiosa com espírito de conversão interior.

27. Convocados pela Palavra de Deus a uma vida em comunhão, somos sinal de unidade na Eucaristia, atualizando em nós a morte e ressurreição de Cristo, para crescermos constantemente no serviço aos irmãos.

28. Nossa comunidade religiosa tem como centro a Eucaristia, fundamenta-se na fé e se consolida nas relações interpessoais. Aceitamos de todo coração nossos irmãos como eles são e ajudamo-los ativamente a desenvolver suas aptidões e a crescer no amor, procurando que o ambiente comunitário sirva a cada um para responder fielmente à própria vocação.

29. A vida comunitária exige, de uma parte, aptidões para a convivência; por outra, favorece a plena maturidade mediante a caridade e aquelas virtudes humanas que conduzem à comunhão fraterna, particularmente a sinceridade, a afabilidade, o respeito às pessoas, sem constituirmo-nos juízes de ninguém. Isso cria ambiente de diálogo e evita tudo que possa ser motivo de divisão entre irmãos.

30. O Espírito de Cristo, sempre presente em nós, perpassa nossa caridade de uma delicada simplicidade, para tomar a iniciativa no respeito mútuo, amar-nos como irmãos, ajudar-nos com benevolência e tolerância e, inclusive, com fraterna correção.

31. As relações comunitárias cobram vida e vigor com a caridade e a corresponsabilidade: o espírito de colaboração nos leva a esquecer de nós mesmos

32. Fazemos autêntica comunidade, quando sentimos preocupação e interesse pelas situações em que se encontram os irmãos; quando participamos nos atos comunitários de oração, nos quais Cristo se faz presente; quando participamos ativamente nas reuniões de comunidade para programar e revisar nossa vida espiritual e a atividade apostólica e quando somos fiéis ao horário marcado pela Comunidade a aprovado pelo Superior Maior com seu Conselho.

33. Com especial cuidado e amor fraterno, preocupamo-nos com os que abraçaram recentemente nossa forma de vida, com os angustiados com dificuldades pessoais, com os enfermos e anciãos. Finalmente, com nossos sufrágios, como está determinado nas Regras, ajudamos no Senhor aos que nos precederam com o sinal da fé.

34. Todos temos assumido esse compromisso de criar e fomentar a comunidade ao abraçar a vida religiosa; contudo, recai principalmente sobre os que têm recebido a responsabilidade de animar a comunidade e têm o encargo de constituir comunidades em cada Província.

35. Procuramos que todos tenham tempo suficiente para reparar as forças, para sua oração pessoal e para renovar sua cultura científica e espiritual. Colocamos à disposição dos irmãos energias, tempo e tudo que possuímos. Para fomentar a intimidade da família religiosa, mantemos lugares reservados exclusivamente à Comunidade, segundo o estabelecido nas Regras.

36. A Família escolápia, formada pelos religiosos de todo tempo e lugar, se concretiza e faz visível na Comunidade Local, constituída pelos religiosos a ela assignados. A Comunidade Local, por sua vez, forma parte de comunidades escolápias mais amplas, como são as Províncias e toda a Ordem. Da vida da comunidade escolápia participam também, a seu modo, os formandos não professos e os leigos que compartilham nossa vocação em distintas modalidades.

37. Sentindo intensamente a vivência de autêntica comunhão com a Igreja, estabelecemos relações de fraternidade com dioceses e paróquias, com as Congregações irmãs da Família Calasância e com os demais Institutos religiosos, especialmente os comprometidos em obras educativas, e fomentamos, quanto possível, a mútua colaboração.

38. Nossa comunidade, membro de toda a família humana, e sempre disposta a servir, faz suas, decididamente e de bom grau, as alegrias e esperanças, as tristezas e fadigas de todos os homens, particularmente os da comunidade local em que vivemos.

39. Através dessa vida comunitária, respondemos melhor ao Senhor que chama. Essa resposta será, com a graça de Deus, nossa melhor recomendação para que aqueles que têm relacionamento mais assíduo conosco, especialmente crianças e jovens, se sintam fortemente atraídos a trabalhar na messe do Senhor.

VOCÊ, SENHOR, NOS CHAMA PARA VIVER NA FRATERNIDADE

Senhor, você nos chama para viver em comunidade e deseja que construamos a comunidade; você nos quer em comunhão com os outros, não para sermos mais fortes, mas para servi-los, sermos nós mesmos e servir.

A comunidade é forte se for incentivada, a comunidade é verdadeira se ama, a comunidade é santa se todos são santos, a comunidade existe para o serviço, a comunidade existe para a missão.

A comunidade está se encontrando com outras pessoas no Senhor, é orar e viver com eles em união, está dando sinais de esperança porque você espera.

Somente assim podemos anunciar o Senhor,

Somente assim podemos anunciar para aqueles que mal o conhecem.

10. Compartilhar missão, carisma, comunidade escolápia¹⁴

É conveniente colocar as atuais comunidades escolápias, religiosas e da Fraternidade dentro da estrutura eclesial que está se formando desde o Concílio Vaticano II e da vida consagrada e leiga de nossa Igreja. O caminho que estamos percorrendo nas Escolas Pias é entendido nesse contexto geral, para o qual também estamos contribuindo com as experiências e reflexões escolápias.

As Congregações religiosas têm origem em um carisma dado a um fundador ou a um pequeno grupo que o oferece à Igreja para o bem do mundo. A continuidade do carisma foi realizada, de maneira praticamente única, por cristãos que se sentiram chamados a fazer parte do Instituto correspondente.

A situação mudou nas últimas décadas. Os institutos de vida religiosa, desde o Concílio Vaticano II, e especialmente a partir dos anos 80, incorporaram em suas reflexões, debates e declarações de textos legislativos sobre o que foi chamado de "*missão compartilhada*". O Concílio abriu novos horizontes e nos transmitiu uma imagem da Igreja como "*koinonía*" ou comunhão do Povo de Deus, seguindo a imagem da Trindade. Em 1985, o segundo Sínodo extraordinário dos Bispos confirmou o caminho pós-conciliar com base em uma declaração central que João Paulo II adotou em sua Exortação Pós-Sinodal *Christifidelis laici* (ChL): "*A eclesiologia da comunhão é uma ideia central e fundamental na Documentos do Concílio*" (ChL 19).

A Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, de 1996, foi o primeiro texto do magistério em que surgiu a formulação do compartilhamento do carisma:

"Devido às novas situações, poucos institutos chegaram à convicção de que seu carisma pode ser compartilhado com os leigos. São convidados, portanto, a participar mais intensamente da espiritualidade e missão do próprio instituto. Em continuidade às experiências históricas das várias ordens seculares ou terceiras ordens, pode-se

¹⁴ Este capítulo é baseado na Revista *Sal Terrae*. Diversos carismas, el mismo Espíritu» (1 Cor 12,4) Misión compartida. Junio / 2011 (Tomo: 99/6- Nº: 1157) e nas reflexões de Antonio Botana, irmão de La Salle.

dizer que um novo capítulo, rico em esperança, começou na história das relações entre pessoas consagradas e leigos».

Mais tarde (2007), a Congregação para a Educação Católica produziu um documento importante intitulado *“Educar juntos na escola católica. Missão compartilhada de pessoas consagradas e leigos fiéis”*, onde foi dito, entre outras coisas:

“A capacidade de compartilhar a mesma missão educacional na pluralidade de pessoas, vocações e estados de vida é, sem dúvida, um aspecto importante da escola católica na sua participação na dinâmica missionária da Igreja e na abertura da comunhão eclesial em relação ao mundo. Deste ponto de vista, uma primeira e preciosa contribuição é dada pela comunhão entre leigos e consagrados na escola.”

Em nossos dias, a expressão foi reformulada e aprofundada e, portanto, frequentemente se fala em "compartilhar carisma e missão". E isso implica algumas convicções e atitudes que devemos conhecer e desenvolver:

- A missão carismática, que não nasce da iniciativa humana, mas do Espírito, exige atenção aos sinais do Espírito, discernimento e docilidade às suas inspirações. Com essa atitude, devemos abordar esse caminho conjunto de religiosos e leigos nas Escolas Pias.
- Em princípio, hierarquias ou intervalos não devem ser estabelecidos entre os abençoados com o carisma. Os leigos não devem ser considerados "segunda categoria". Isso significa que as instituições da vida religiosa não devem se estabelecer na "primeira instância" de governo, economia e liderança. Na melhor das hipóteses, eles devem fazê-lo para iniciar e facilitar o processo, como uma espécie de orientação inicial, para levar a responsabilidades e liderança compartilhadas.
- A participação na missão e no carisma é baseada na vocação recebida de Deus e não na mera colaboração para amizade ou simpatia em vários empregos ou pessoas. Falamos de uma nova identidade baseada nessa vocação recebida.
- A vocação carismática se desenrola através de um processo de configuração com Jesus Cristo, tanto no modo de vida religioso quanto no modo de vida leigo. Existe um caminho espiritual e formativo que deve ser compartilhado, por um lado, e diferenciado, por outro. Esse requisito não deve ser dispensado para evitar que a missão e a espiritualidade sejam deformadas. Por esse motivo, juntos eles devem estabelecer estruturas formativas de "missão conjunta ou compartilhada".
- A missão compartilhada não é discriminatória ou exclusiva. Congratulamo-nos com os irmãos ou irmãs que Deus nos dá, respeitando a identidade do modo de vida cristão de cada um: não obscurece a identidade dos religiosos ou leigos, celibatários ou casados. Isso exige um respeito requintado pelo outro, pelo diferente: respeitar seus ritmos, processos e comunidades mais íntimas de pertencimento.
- A missão compartilhada tem um perfil carismático que deve ser cuidado e favorecido, que não visa apenas trabalhar mais, mas contribuir mais para a missão da Igreja com seu próprio carisma.

Tudo isso nos situa de nova maneira aos religiosos e leigos. A Vida Consagrada não é um círculo fechado, um "estado de perfeição", os únicos responsáveis pelo carisma recebido e pelo ministério vocacional a essa vocação religiosa. O leigo não é apenas um destinatário da missão, mas um verdadeiro protagonista, chamado à santidade e colaborar na construção do Reino de Deus.

A partir dessa eclesiologia de comunhão, as diferentes vocações não são separadas ou independentes, mas se complementam e se enriquecem: elas precisam uma da outra. O primeiro ministério dos religiosos deve ser um sinal do que deve caracterizar todo cristão, recuperando assim sua função original de "estimular a memória" para todos. Por esse motivo, qualquer cristão pode se sentir parte da essência da Vida Consagrada, mesmo que não seja religioso, e também pode se sentir compelido a procurar quem quer que continue com essa "memória estimulante", porque é necessário para a Igreja.

1. É necessária uma mudança de mentalidade e ações

A visão de "missão compartilhada" envolve muito mais do que suspeitávamos. Está nos levando além das barreiras, previamente estabelecidas, dos "estados da vida cristã". Os estados da vida cristã (religiosos, religiosos e leigos) eram considerados autênticos compartimentos fechados e selados. Agora falamos antes de "formas estáveis da vida cristã", sujeitas a processos de transformação pela correlação carismática de uma Igreja de comunhão. Isso requer uma mente e um coração abertos:

- Desterrar de nossa mente a confusão de identificar “missão compartilhada” com “trabalho compartilhado” sem a espiritualidade de enviar o que isso implica. Ou com um voluntário que ajuda os institutos religiosos livres, que podem contar com ele ou não a vontade.
- Ter a convicção de que os religiosos não são os donos do carisma, que os leigos devem ajudar a atualizá-lo o tempo todo. Por esse motivo, tudo que é carismático deve ser refletido juntos.
- Mover-se da crença de que a missão compartilhada é opcional, para a convicção de que é algo necessário, porque a missão nunca é apenas uma pessoa ou um grupo.
- A missão compartilhada nasce espontaneamente quando existe a consciência de que é o próprio Senhor quem nos chamou, que a missão está sempre ligada a uma espiritualidade e uma vida, que somos uma família que compartilha o mesmo “espaço” na Igreja, que a contribuição de todas as vocações é necessária em uma Igreja de comunhão. A missão compartilhada torna-se assim o modo normal de missão para todo Instituto religioso... e para todos os leigos.
- Assumir atitudes positivas: enfrentando resistência à mudança, antecipando o que já está surgindo: enfrentando rigidez organizacional e operacional, flexibilidade contra a centralização, uma cultura de rede em que todas as pessoas podem ajudar; enfrentando o medo da sobrevivência institucional, inovação e criatividade do carisma inicial; em face da vitimização maior destaque para mais pessoas; contra personalismos, cooperação e muito trabalho conjunto.
- Será necessário iniciar processos formativos, diferentes ofertas vocacionais, onde cada um pode encontrar a chamada do Senhor. Especialmente aqueles de nós que têm uma responsabilidade educativa e pastoral devem desenvolver esses processos de crescimento pessoal e descoberta de nossa própria vocação, ao mesmo tempo em que oferecemos possibilidades concretas de vivê-la. O trabalho nos colégios, nos centros educativos, no Movimento Calasanz, será fundamental, juntamente com a apresentação de possibilidades vocacionais e de inserção eclesial onde elas possam liderar e onde as ofertas que os escolápios estamos vivendo na vida religiosa, na Fraternidade e nas outras formas de participação nas Escolas Pias.
- Descobrimos que é maravilhoso compartilhar o mesmo espaço eclesial (o escolápio em um centro educativo, paróquia ou obra...). Mas, podemos avançar compartilhando tarefas específicas (colaboradores com muitas possibilidades). E também é possível crescer como uma missão compartilhada, enviados em conjunto à mesma missão. E também vale a pena compartilhar o carisma, que supõe espiritualidade, vida e missão. E também pode ser a comunidade, em diferentes níveis: a Comunidade cristã escolápio, a comunidade de referência, a mesma comunidade conjunta de religiosos e leigos na mesma casa, a comunidade paroquial... E para o que mais o Senhor está nos chamando nesse compartilhar?

2. Temos um caminho pela frente

Na Igreja, ninguém deve "fazer tudo sozinho" (seja um indivíduo ou um grupo), mas cada um deve colaborar de acordo com suas possibilidades, unir esforços para a missão, avançar em harmonia: "*A vida de comunhão eclesial será um sinal para o mundo e uma força atraente que leva a crer em Cristo*" (ChL 33).

Obviamente, a estrada é longa. Houve progresso, mas ainda há trabalho pela frente. E não apenas porque ainda estamos em "tempos de recepção pós-conciliar", mas porque é um assunto sujeito a discernimento, onde há muitas novidades e interesses (alguns legítimos e outros nem tanto) que devem ser revistos para aprimorar ou purificar.

Podemos destacar alguns pontos particularmente delicados, tentando destacar os riscos e tentações mais frequentes.

1. Recordar quem nos chama e por quê

Foi Jesus quem nos chamou e não o nosso desejo. Isso deve ajudar-nos a estar constantemente atentos à tentação da "apropriação". Nos religiosos e / ou sacerdotes, tende a se manifestar como uma tendência a assumir a missão ou o carisma em que é realizada; nos leigos, como uma tendência a acreditar em si mesmos os autênticos "renovadores" da Igreja, aos quais eles retornam sua frescura original. Obviamente, nem um nem o outro marcam a direção certa. Não é enfatizando um sobre o outro que comunicamos a bondade de nosso Deus, mas tendo paz um com o outro (Mc 9,50) e retornando ao Senhor seu lugar de direito.

2. Situar as vocações complementares, justamente porque são diferentes

Um dos pontos mais delicados da missão compartilhada é a maneira de entender o vínculo entre os leigos e a instituição religiosa. Os leigos têm um papel de liderança que devem desempenhar em harmonia com a hierarquia ou com qualquer tipo de autoridade reconhecida. A questão é a natureza dessa relação.

Agora parece claro que os leigos não são chamados a trabalhar para uma congregação, mas a colaborar em uma missão comum; o que implica que os religiosos e padres terão que procurar, por sua vez, como colaborar com os leigos. Essa mudança de "para" para "com" tem implicações notáveis para todos.

O padre ou o religioso não deve fazer tudo, porque a missão não é deles. Faz parte de sua obrigação melhorar os dons dos fiéis e ajudá-los a colocá-los a serviço do bem comum. A experiência mostra que esse ponto é geralmente conflituoso, pois, muitas vezes, os leigos acabam sendo mais um "executor" de ordens. E, por outro lado, o desejo de querer estar em lugares anteriormente inacessíveis, com uma reivindicação indescritível de controle e poder, também é uma tentação dos leigos. O Evangelho segue em outras direções (Rm 15,7). *"Para construir a casa comum em solidariedade, também é necessário que todo espírito de antagonismo e contenda seja depositado e que alguém concorra mais em estima mútua, em antecipar afeto mútuo e em disposição de colaborar, com paciência, clareza e vontade de sacrificar isso, às vezes, acarreta»* (ChL 31).

Uma boa colaboração não deve resultar na confusão de vocações, como se fossem as mesmas e não importa se uma coisa é a outra. A Igreja há muito alerta sobre o perigo de "clericalização" dos leigos, bem como de uma secularização excessiva de padres e religiosos. Isso pode acontecer e precisamos estar vigilantes. De fato, uma característica da cooperação saudável seria que cada vocação se reconhecesse mais no encontro com o outro. Para isso, é necessário conhecimento mútuo e discernimento compartilhado.

3. Cultivar a confiança mútua

Uma relação de cooperação mútua deve contar com confiança.

Não podemos delegar para outro sem conhecimento prévio sério; e assim como os padres e religiosos têm um longo tempo de formação, onde a pessoa "curte" sua fé, é necessário procurar meios de "provação" dos leigos, para que sua presença não se deva apenas a "padrinhos" ou amigos particulares, a questões ideológicas (que também funcionam na Igreja), a bons propósitos pouco elaborados. Um desejo excessivo de promover os leigos geralmente leva a decisões nas quais a intenção não é totalmente correta e, a longo prazo, quebra a confiança mútua.

Esse ponto é extremamente delicado e importante, especialmente nos casos em que se quer que um leigo ocupe um lugar de destaque em uma comunidade ou instituição. Antes de realizá-lo, é essencial "pesquisar" a recepção que pode ter nos outros leigos, bem como "contrastar" de várias maneiras (e não apenas pelas pessoas interessadas) a honestidade da pessoa escolhida. É essencial que o sujeito se sinta legitimado em sua posição pela comunidade, pela Congregação e por aqueles que colaborarão diretamente com ele (leigos, religiosos, padres).

A confiança deve ser conquistada todos os dias. Os leigos costumam sentir certa suspeita em relação a padres e religiosos porque *"eles não entendem as coisas do mundo"*; mas, ao mesmo tempo, eles sabem que são vistos com desconfiança em suas motivações (particularmente em assuntos materiais), pois poucos realmente acreditam que Deus pode ser o primeiro também para eles.

Quando a desconfiança supera a confiança, geralmente existe o sigilo e "agendas ocultas" (especialmente quando se trata de informações), em vez de prudência e transparência. Mas sem essas duas últimas virtudes, os relacionamentos estão se deteriorando irremediavelmente.

4. Manter o espírito do carisma

Outro desafio primário é como garantir a sobrevivência do carisma fundador da instituição religiosa na qual os fiéis leigos colaborarão. É provavelmente um dos aspectos de maior preocupação. De fato, geralmente é a causa de dúvidas e suspeitas. Qualquer carisma é um presente de Deus para a edificação da comunidade e para o bem de todos. É verdade que as Congregações são depositárias do carisma do Fundador e, portanto, encarregadas de cuidar e preservá-lo; mas as chamadas para participar não se limitam aos membros da referida instituição. Ocasionalmente, novos olhares conseguem trazer à luz aspectos esquecidos ou sombreados, e também podem ser a razão de uma reinterpretação do mesmo, encarnando pessoas que pertencem a outro estado de vida com suas próprias características.

Por parte de padres e religiosos, geralmente aparece a tentação de uma atitude paternalista humilhante. Da parte dos leigos pode haver a tentação de "abaixar" o valor da tradição, pensar que eles "já conhecem tudo" e que não precisam de ninguém. O carisma deve ser só um local de encontro, de gratidão, de enriquecimento mútuo e de serviço aos outros.

5. Reconhecer várias formas de autoridade e poder

Outro aspecto a ser observado é o do poder e da autoridade, que se manifestam diferentemente nos diferentes participantes da missão compartilhada. Colaborar com uma instituição consolidada que possui muitos meios (materiais e humanos) não é o mesmo que realmente pertencer a ela. Certamente, os modos e graus de envolvimento em um trabalho religioso são muito variados: realizar catequese, incentivar a oração, ser um guia de grupo, fazer exercícios espirituais, ensinar como professor em uma escola, encarregar-se de uma casa de espiritualidade, ocupar posições de direção em uma obra... Mas, em todos os casos, os leigos devem coexistir com o fato de que existe uma margem de responsabilidade (e, portanto, de poder de decisão sobre coisas e pessoas) que, em última análise, pertence às figuras de autoridade da Congregação com a qual ele trabalha (Superiores, Provinciais etc.).

Agora, há um ponto de difícil equilíbrio que precisa ser tratado ao compartilhar responsabilidades, decisões... em uma estrutura de diálogo básico e fraterno.

Outra maneira seria criar obras ou instituições verdadeiramente compartilhadas, onde sempre será necessário cuidar dessas formas de autoridade e poder. É uma caminhada já iniciada na Rede Itaka-Escolápios.

6. Examinar a inter-relação entre os âmbitos profissional e religioso

A colaboração na missão em uma instituição cujo chefe é uma Ordem religiosa ou uma Diocese deve ser realizada, deixando claro que existe uma certa autonomia das realidades terrenas, certos valores e normas do mundo que têm uma certa autonomia - e não separação - do âmbito religioso. Conhecer história, marketing, desenho gráfico, computação, administração, idiomas, filosofia ou psicologia é algo independente de professar ou não crenças religiosas, de ser secular ou religioso. A contratação de pessoal, condições de trabalho (financeiras, horas de dedicação, responsabilidades etc.), a promoção de funcionários e até demissões devem ser feitas com critérios profissionais claros em ambientes institucionais, quando se fala em uma missão compartilhada entre os cristãos, sejam eles leigos, religiosos ou padres. "*Os filhos do proprietário*", quem quer que sejam, não devem ter mais privilégios do que servir mais profundamente e desinteressadamente. A missão compartilhada também inclui cuidar das condições de trabalho, como gerenciar instituições. Tudo isso sem ingenuidade ou "*coisas boas*", mas também sem discriminação ou violação de direitos.

Uma vez que um mínimo de justiça é integrado, é quando é possível considerar falar em compartilhar missão, carisma e comunidade.

Também vale a pena perguntar aos leigos que buscam na missão compartilhada: algumas vantagens profissionais ou trabalhistas, um reconhecimento pessoal... ou onde a participação nas decisões se destina sem assumir as obrigações e responsabilidades correspondentes.

7. Revisar e atualizar os locais específicos da missão

Hoje existe uma presença pública deficiente de cristãos, que se concentram principalmente em educação, ação social, hospitais, prisões, missões no terceiro mundo... enquanto a presença na política, sindical, economia, mídia, arte e cultura são escassas. Talvez a missão compartilhada deva levar a repensar novas presenças e maneiras renovadas de realizá-las.

8. Avaliar as experiências

Em geral, a missão compartilhada está gerando um cristianismo mais adulto e eclesial. A experiência está se mostrando positiva, e seria injusto não agradecer muito a Deus por essa graça de trabalhar juntos. No entanto, existem várias questões subjacentes que, após algumas décadas de colaboração, devem ser avaliadas.

Nem sempre foi certo e é essencial integrar falhas, limitações, cegueira e injustiças. A colaboração nem sempre incentivou o desenvolvimento de sujeitos responsáveis. A missão compartilhada nos tornou mais adultos e responsáveis? Certo reducionismo significa que a maior parte da formação dos colaboradores continua sendo orientada para a formação de catequistas, professores e ajudantes, em vez de adultos responsáveis na fé. Abandonamos completamente o paternalismo que é tão infantil? Não está claro se a formação que recebemos (leigos, sacerdotes e religiosos) nos permite viver uma fé adulta e madura em uma sociedade secularizada, uma fé em uma sociedade em que é cada vez mais difícil acreditar. A missão compartilhada viveu atualizada em nosso tempo?

Três questões parecem centrais na avaliação: a construção de sujeitos adultos e responsáveis, a escuta mútua da Palavra e a criação de modos de vida cristãos.

Esse espírito é o que é descoberto nos textos de Mateus que falam da missão dos apóstolos (caps. 10 e 18). A missão compartilhada é uma missão que busca curar e purificar, que trata de ovelhas perdidas, que dá de graça porque recebeu de graça, que não busca ouro ou prata, que abençoa com paz, que é prudente como cobras e simples como as pombas, que sabem que somos comandados no meio de lobos, que não têm medo, que tomam a cruz e seguem o Senhor, que perdem a vida e a encontram, que se tornam como crianças, que não escandalizam os pequeninos, que corrigem fraternalmente quando um irmão peca, que oram juntos e perdoam setenta vezes sete. Esse estilo de Jesus é o que nos convida a nos preocupar com a forma e direção onde estamos indo na missão compartilhada, ainda mais do que com os frutos.

9. Missão compartilhada e visão compartilhada

Está muito bem aprofundar a missão compartilhada, na identidade compartilhada, no compromisso comum de desenvolver uma missão... mas também, devemos avançar no compartilhar a visão da realidade, do momento em que estamos vivendo, do horizonte para o qual estamos caminhando. Além de aprofundar a missão, no que somos e no que fazemos, devemos trabalhar em conjunto, os religiosos e os leigos, sobre os valores, as crenças subjacentes, a cultura das Escolas Pias e as linhas do futuro.

10. Distinguir bem liderança, autoridade e poder, sempre da chave do serviço

No fundo de algumas dificuldades na missão compartilhada está um mal-entendido de quem é o protagonista, quem somos nós (só os religiosos, apenas os leigos, a Ordem e a Fraternidade...?). A chave é sempre o serviço a crianças, jovens, pobres... Para isso, é necessário liderança (a capacidade de se unir em um projeto comum e acompanhar), uma autoridade (reconhecimento de algumas pessoas por sua experiência, habilidade...) e também um poder (a capacidade de decidir). Em nosso mundo atual, complexo e em mudança, é necessário não confundir esses aspectos e saber tirar proveito de todo o seu potencial do serviço e distinguir áreas específicas.

TESTEMUNHO DO MÉXICO

Sou Cecilia Oliveros Alvarado, minha vocação como educadora surgiu por muitos anos e decidi me formar como professora de Educação Primária e, por 22 anos, tenho ministrado cursos em diferentes níveis. Há uma década, presto meu serviço a crianças do primeiro e do segundo ano.

Sou uma professora que se preocupa com o bom desenvolvimento das crianças, tanto na aprendizagem básica quanto na maturidade psicomotora e emocional. Ver como pouco a pouco mudaram sua maneira de se comportar, o estado das habilidades cognitivas desenvolvidas na pré-escola e o apoio que seus pais fornecem em casa para acompanhá-lo em sua vida.

Já sabemos os professores quais são essas dinâmicas de planejamento, ordenação da sala de aula, brincadeiras com eles e, principalmente, sempre atentos às necessidades e preocupações da criança para adaptar nossos planos de aula e obter o melhor deles.

Durante essa jornada, posso dizer que cumpri minha vocação como educadora. Mas, Deus tem outros planos.

Confesso que sou uma pessoa inquieta, gosto muito de viajar, cuidar de mim mesma e cultivar boas relações interpessoais e aprender a viver meus dias ao máximo. E ali estava Deus me chamando para combinar meus interesses pessoais e o que naquela época chamava vocação.

Me convidaram para participar da Fraternidade das Escolas Pias, tivemos reuniões, assistimos a alguns retiros fora da cidade e, entre reflexões e dinâmicas de integração, o tempo passou. Começamos muitas pessoas e, pouco a pouco, cada uma decide continuar ou não. Eu escolhi estar atenta e disposta a participar, colaborar em reuniões da comunidade e em alguns serviços que foram solicitados pela escola. Confesso que não era muito atraente, mas era nossa comunidade.

Foi até dois anos atrás que passei por experiências tanto na minha vida pessoal quanto na Fraternidade que compreendi que Deus nos chama para procurá-lo e encontrá-lo. Não foi fácil, mas decidi seguir o convite indo ao Centro Social Calasanz para apoiar crianças com atraso educacional.

Quem me conhece sabe que o que eu gosto e amo, compartilho com as pessoas mais queridas e, por isso, convidei uma irmã da minha comunidade paulina e outro amigo com quem trabalhei no colégio por uma década, para ir e empreender esse voo.

Cheia de sentimentos confusos, entre alegrias e medos do desconhecido, me agrediram no caminho para o Centro. Foi na chegada e que as crianças nos receberam com grande alegria quando conquistaram meu coração e tudo fez

sentido. Eles me transformaram ao longo de mais de um ano para acompanhá-los, amá-los ou talvez sentir-se amados, esperados e amados por eles. Na verdade, são crianças maravilhosas que, no meio de suas vidas destruídas pela violência em seus lares, devido à falta de recursos emocionais e familiares, estão dispostas a avançar apenas por estar com elas e incentivá-las a fazer o que é necessário para que aprendam a ler, escrever e gerenciar suas emoções de maneira pacífica.

Eles me fizeram entender a vocação escolápia, que não é apenas para ser um educador ou professor, mas uma pessoa que se sente com as crianças mais vulneráveis e coloca todos os recursos para que elas possam ter sucesso por conta própria. Olha, eu gosto de curtir a vida e viajar, mas o atendimento ao menor do Centro Social me fez acordar para uma experiência de vida que está transformando minha pessoa em alguém melhor e eu amo isso. Deus me olhou nos olhos através dos rostos desses pequeninos e encheu meu coração de bênção e amor.

E como alguém que tem uma grande e boa notícia, não consegui ficar quieta, contei aos meus filhos da primeira série e alguns ficaram preocupados em ir apoiar as mães no Centro. Convidei outros professores e irmãos do colégio e da minha comunidade para colaborar conosco. É que as boas notícias são notadas e compartilhadas.

Já entrei na Fraternidade há seis anos e, embora cada um tenha sido importante, o último não tem precedentes. Hoje me sinto mais satisfeita e inquieta em aprender mais, servir, melhorar o cuidado das crianças, não apenas do Centro social, mas também daqueles que estão em situação de vulnerabilidade devido à falta de atenção e amor de seus pais...

Deus me despertou neste caminhar, encontrando pessoas diferentes que na comunidade se acompanham, sonham e trabalham para educar as crianças mais necessitadas. Deus me amou e me enviou para viver a experiência de José de Calasanz. Acho que tenho sido uma boa professora, mas quando cheguei ao Centro Social (meu Trastévere), Deus me fez uma escolápia e não o deixarei por nada no mundo.

"O que é feito por essas crianças pobres é feito por Cristo" São José de Calasanz 1638.

Cecilia Oliveros Alvarado, Fraternidade do México

ORAÇÃO (Mateus 10, 38-42)

Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim.

Quem encontrar sua vida a perderá; e quem perder a vida por mim a encontrará.

Quem te recebe me recebe; e quem me recebe, recebe quem me enviou.

Quem recebe um profeta por ser profeta receberá a recompensa de um profeta; e quem recebe um homem justo receberá a recompensa de um homem justo.

Garanto-lhe que quem der uma bebida, mesmo que apenas um copo de água fresca, a um desses pequeninos por ser meu discípulo, não ficará sem recompensa.

III. FRATERNIDADE ESCOLÁPIA, OUTRA MANEIRA DE VIVER O CARISMA

"Convido os religiosos escolápios a acolher as Fraternidades como um presente que enriquece e fortalece as Escolas Pias, e a todas as pessoas que fazem parte das Fraternidades Escolápias para que, todos unidos, contribuimos para o fortalecimento e a renovação das Escolas Pias, para o bem das crianças, jovens, pobres e de todas as pessoas a quem somos enviados por Deus, através da Igreja, para a afortunada ousadia e paciência tenaz de São José de Calasanz"
(Pe. Geral Pedro Aguado, no prólogo de "A Fraternidade das Escolas Pias". ICCE, 2011).

A Fraternidade escolápia é, pelo reconhecimento da Ordem, uma nova realidade onde também se vive o carisma de Calasanz. A integração carismática que define essa forma de participação nas Escolas Pias é um salto na história escolápia: anteriormente, aqueles que incorporavam plenamente o carisma escolápico eram os religiosos em comunidade; agora também são os leigos agrupados na Fraternidade que se tornam, juntamente com os religiosos,

o rosto de Calasanz hoje, em um novo sujeito escolápico que, juntamente com a Ordem, é encarregado de dar continuidade à espiritualidade, vida e missão escolápias.

Essa realidade escolápica ainda nascente enriquece a vida religiosa e abre um novo espaço para os leigos vinculados às Escolas Pias.

11. A riqueza da vida religiosa em e para a Fraternidade

Uma característica fundamental de toda pessoa que segue a Jesus é o compartilhar comunitário de sua fé, sua vida, sua missão. No entanto, esse aspecto da comunidade nem sempre foi suficientemente destacado na Igreja. A vida religiosa, além de outras contribuições, tem o mérito de ter salvaguardado a comunidade dentro da Igreja e um sinal de fraternidade, tanto dentro de cada Instituto quanto em relação às pessoas a quem dedica sua dedicação.

Curiosamente, a missão da vida religiosa e os votos que a definem se tornaram mais evidentes do que a própria comunidade, quando é precisamente essa comunidade religiosa quem torna possível a missão, sua continuidade, o grande alcance que teve e hoje ainda tem para muitas pessoas... e é o sinal, nem sempre claro, de uma vida comunitária convincente e de referência em seu ambiente.

Quando o Concílio Vaticano II relança o modelo da Igreja como Povo de Deus, como comunidade de comunidades... pequenas comunidades de estilos muito diferentes estão ressurgindo em todo o mundo. A vida religiosa tem sido a força motriz por trás desse relançamento e um mestre de como viver plenamente em comunidade. Hoje, muitas comunidades são inspiradas pela experiência e sabedoria dessa realidade eclesial estabelecida que é vida consagrada.

Um possível dilema da vida religiosa foi levantado em seus dias, e ainda está presente hoje: ser um sinal visível e palpável, com presença clara e instituições próprias ou ser fermento oculto e inserido em realidades sociais sem manifestar a própria identidade cristã e religiosa. São duas atitudes muito diferentes, cada vez mais compatíveis, que devem ser conhecidas.

A vida religiosa, e também logicamente a vida escolápica, apresenta como proposta e como realidade consolidada uma comunidade que é uma família, onde se tenta deixar o espaço fundamental para o Pai Deus e o Espírito, para viver a experiência de Jesus com os irmãos e irmãs.

A vida religiosa é uma comunidade de vida, de estar aos pés de Jesus ouvindo-o dia a dia, de torná-lo presente na Eucaristia e na fraternidade, de compartilhar bens em uma caixa comum tendo renunciado à propriedade privada, de centrar os afetos em Jesus e nos irmãos que ele escolheu, discernir a vontade de Deus com total generosidade e disponibilidade, sentir-se enviado à missão de anunciar o Evangelho e transformar o mundo, de perseverança e fidelidade até a morte... É viver como família com os irmãos, Ele nos dá o destino de compartilhar, como filhos do Pai no céu e a serviço de toda a humanidade.

Hoje nós, religiosos escolápicos, podemos nos orgulhar do nascimento da Fraternidade, porque o Senhor nos deu uma filha preciosa, com nosso mesmo código genético, com o mesmo sangue. E este é um sinal de que permitimos que Jesus trabalhasse em nosso ambiente, chamando também homens e mulheres leigos à colheita escolápica de seguir Jesus no estilo Calasanz e à missão de colaborar com seu Reino por meio da educação cristã transformadora, especialmente para as pessoas mais carentes.

Mas o presente não é apenas o presente da maternidade da Fraternidade, que multiplica as possibilidades de nossa comunidade e missão, mas também é a contribuição que a Fraternidade dá à Ordem na revitalização permanente à qual é chamada: o nascimento desse novo sujeito escolápico, também portador do carisma de Calasanz, é um novo impulso do Espírito que dá nova vida aos religiosos e à Ordem.

A realidade trinitária de nossa imagem de Deus nos convida a nos descobrir sempre em um relacionamento, agora com a Fraternidade e com as outras formas de participar das Escolas Pias, para permitir que o Espírito nos dê um novo ar de fidelidade no momento em que vivemos.

As possibilidades abertas pela Fraternidade para as Escolas Pias são um novo horizonte para a vida comunitária, para a missão, para a releitura do carisma escolápico hoje, para nossas instituições e obras, para nossa maneira de nos situar na Igreja e na sociedade.

Como mostra disso, pode valer-nos ver a riqueza que é para um religioso, ou para uma comunidade, a participação na Fraternidade, compartilhando vida e fé com os leigos escolápicos, e discernindo com eles a vontade de Deus em

cada um. Ou a possibilidade de lançar com maior intensidade o modelo de presença escolápia onde os religiosos, juntamente com outras pessoas, assumem a missão e presença escolápias.

TESTEMUNHO DE SERRA (BRASIL)

Ultimamente, tenho escutado muito da minha mãe a seguinte frase: "Hoje eu não preciso carregar vocês para Igreja, quando eram pequenos fiz tudo que pude, ensinei o caminho, não deixava perder um domingo de missa, batizei, coloquei na catequese... e agora vocês cresceram e já podem caminhar conforme as próprias escolhas", pois bem, me parece que está sendo exatamente assim, meu nome é Jéssica dos Anjos, tenho 23 anos, sou Fraterna da comunidade Shemá em Serra/ES, educadora, psicóloga, trabalho mais diretamente com adolescentes na Obra Social Itaka - Escolápios e posso dizer que tenho caminhado conforme "minhas próprias escolhas".

Desde sempre, fui presente na Igreja, considero-me católica apostólica romana e, não desde sempre, e sim, desde muito recente, tenho a alegria de me descobrir escolápia... A primeira impressão que se tem é que foi de repente, foi mudar de cidade e ir para uma paróquia nova, com um nome até então desconhecido "Paróquia São José de Calasanz", com um santo simpático e carismático, de nome espanhol e que vive rodeado de crianças, crianças pobres e carentes. Mas, pensando bem, não sei se posso dizer que foi assim "tão de repente" ou que foi uma "escolha própria", porque quando você diz sim a algo tão grandioso é porque já faz parte de você, de forma que você não escolhe e sim vivencia dia a dia.

Conhecer os escolápios foi despertar para um carisma que sempre fez parte de mim, que precisava ser compartilhado, ser vivenciado em comunidade e ser transformado em missão.

Sempre servi na Igreja e, até conhecer os escolápios, nunca havia me dado conta de que pudesse fazer algo a mais. A partir de então, as inquietações que já andavam comigo passaram a incomodar, e incomodaram tanto que o preocupar-se já não era suficiente e, como José de Calasanz, eu senti que precisava fazer algo, ir ao encontro do outro, entender suas necessidades e me doar. Tem sido assim a minha vida como fraterna, educadora, filha, irmã, jovem, psicóloga. Em todos os ambientes, em todos os meus grupos de convívio, eu tenho buscado vivenciar esse carisma, é algo que transborda, que se espalha e cativa a todos, da mesma forma que um dia fui cativada.

Hoje vivencio, partilho e me sinto responsável por essa missão, responsável por cada criança que encontro e por cada adolescente do meu ambiente de trabalho. Dou graças a Deus por essa oportunidade de estar aqui, pela possibilidade de mostrar um caminho, como um dia minha mãe me mostrou, como São José de Calasanz tem mostrado a tantos leigos e religiosos: um novo caminho, uma nova maneira de servir. Que São José de Calasanz siga inspirando a minha vida e me tornando, a cada dia, mais inteira e cuidadosa ao tocar a vida desses pequenos.

Jéssica dos Anjos Ribeiro, Shemá de la Fraternidad de Brasil

SER UM CAMINHANTE DE EMAÚS

+ Quero fazer um caminho, ser um caminhante de Emaús.

Encontrar pessoas diferentes para caminhar e me deixar inundar por suas realidades, deixando que os sentimentos que eu sei que estejam em muitos momentos contraditórios surjam em mim.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

Lançar-me na tarefa de me formar para cometer o menor número de erros no meu tratamento, no meu modo de falar, nos meus gestos e atitudes, para não prejudicar nenhuma dessas pessoas com quem eu gostaria de andar.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

E começar a maravilhosa aventura de conhecer histórias concretas, colegas que veem a vida de maneira diferente da minha. Absorver seus sentimentos, ouvir, contemplar e dialogar.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

Estar nas suas lutas, demonstrar solidariedade com suas ilusões, compartilhar seus sonhos e problemas. Subir encostas íngremes e bater, mas com os irmãos de mãos dadas.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

Formar um grupo, desenvolver projetos, porque não quero andar sozinho. Quero caminhar com outros irmãos e irmãs que sentem o mesmo que eu e seguir o caminho juntos, mesmo se formos mais devagar, mas chegarmos onde estamos, juntos.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

Deixar-me evangelizar para aqueles que encontrarei em minha jornada. Eu quero fazer um caminho, ser um caminhante de Emaús. Compartilhar pão, vinho e vida, trabalho, suor e alegria, festejando e chorando. Sentir meu coração ardendo enquanto compartilho o que sou e tenho e observar a história de cada pessoa como Deus as vê: com imensa ternura.

+ Quero ser um caminhante de Emaús.

E descobrir em cada rosto, em cada olhar, ao caminhante... o Senhor da Vida.

12. O lugar da Fraternidade no futuro das Escolas Pias

A Fraternidade é fruto da Ordem, não apenas pelo trabalho educativo e pastoral que a criou, mas também e sobretudo porque a Ordem é, de alguma forma, a referência que norteia o crescimento da Fraternidade e seu estilo.

A imagem da Fraternidade como filha da Ordem nos permite visualizar essa realidade que está se formando em nossa geografia escolária. A Fraternidade nasce da Ordem, com os mesmos genes, o mesmo carisma. Esse é um presente de Deus à Ordem para este dom de outra forma de maternidade. E também é um grande presente para a Fraternidade, porque é o presente da vida. Os laços de uma mãe com seu filho e do filho com a mãe são indelévels.

À medida que a Fraternidade cresce, os anos passam, amadurece, a Fraternidade toma consciência de ser outro sujeito. Assim como os adolescentes e os jovens precisam encontrar seu próprio lugar na família e na sociedade, a Fraternidade também precisa fazer esse caminho.

É um desenvolvimento que, esperançosamente, é feito do amor, do entendimento mútuo, do respeito pela identidade de um e do outro (Ordem e Fraternidade), da convicção de que eles são do mesmo sangue, com a mesma missão... de duas realidades com vida própria.

As Fraternidades que vêm percorrendo esse caminho descobrem que devem se defender nas decisões, na autonomia econômica, na preparação dos membros da Fraternidade sem sempre depender dos religiosos... e sempre caminhando ao lado da Ordem, para tirar proveito da sua sabedoria. E a própria Ordem deve incentivar a autonomia de funcionamento, para orientar sem impor, para também aprender da juventude dessas comunidades.

E, para isso, será essencial compartilhar elementos básicos, desde o reconhecimento de serem duas entidades com vida própria: religiosos que pertencem e participam da Fraternidade, leigos e leigas pertencentes à Ordem (escolários leigos), trabalho compartilhado nas diferentes plataformas de missão escolária (colégios, paróquias, obras sociais, Movimento Calasanz...), promover a entidade compartilhada juridicamente que é a Rede Itaka - Escolários, os ministérios escolários confiados aos leigos conjuntamente pela Ordem e Fraternidade, bem como os envios, as comunidades conjuntas...

A Fraternidade está chamada a ocupar um lugar importante nas Escolas Pias e só será possível se tiver consciência de sua própria identidade e da conexão intrínseca que mantém com a Ordem. E também se a Ordem é capaz de admitir que "a filha" está crescendo e deve ocupar um lugar importante na vida e na missão das Escolas Pias. A filha deve saber que está crescendo e a mãe também.

A Fraternidade contribui com mais mãos para a missão. São mãos que não apenas colaboram com os religiosos, mas também são portadoras do carisma de Calasanz. Superando as distâncias, o que São Pedro fez na casa do centurião Cornélio está acontecendo novamente, quando disse: "*A água do batismo pode ser negada a esses que receberam o Espírito Santo como nós?*" Vendo o que muitos leigos querem e fazem conosco, podemos negar que eles também têm o carisma de Calasanz?

A Fraternidade pode trazer frescor, novidade, juventude, um complemento eclesial essencial como laicato adulto e comprometido na Igreja.

Na história escolária, houve momentos de grandes e muito valiosas mudanças, como a saída da Europa para outros continentes com suas culturas, o desenvolvimento de novas áreas da missão escolária, o crescente papel das mulheres em nossas obras... Com a Fraternidade novas Escolas Pias estão nascendo.

A espiritualidade escolária, sempre intimamente ligada à vida religiosa, também assume outras características com a experiência dos leigos, das famílias e dos pequenos, compartilhando também a vida de uma nova maneira com os religiosos. A missão é enriquecida com mais mãos e com mãos diferentes: muitos religiosos tiveram que assumir

tarefas (direção, administração, construção...) possivelmente mais típicas dos leigos: essa complementação é uma grande mudança. A vida religiosa contribui muito para a vida comunitária da Fraternidade e, ao mesmo tempo, é obrigada a ser mais exemplo, para aprender com as novas comunidades que emergem da Fraternidade. A organização escolápia, com um estilo mais clerical, pode ser enriquecida com novas formas de participação real na vida e missão escolápias hoje e no futuro.

Um livro já clássico de R. Hostie ("Vida e morte de ordens religiosas". DDB. 1973) apresenta as crises que as Congregações religiosas sofrem com o tempo e a necessidade de introduzir mudanças profundas para dar nova vida. Quem não introduz essas transformações está condenado a desaparecer. Talvez a Fraternidade seja uma daquelas mudanças necessárias que o Senhor nos envia, para manter Calasanz vivo em nosso tempo.

A participação e proximidade dos religiosos enriquecem a Fraternidade e também a si mesmos. Novas Escolas Pias estão nascendo.

TESTEMUNHO DE BARQUISIMETO (VENEZUELA)

A Fraternidade escolápia significou em minha vida a referência necessária para alcançar o objetivo concreto de fazer parte da Igreja e do projeto de Deus, logicamente que, do desejo ao fato, são necessárias muitas conquistas, estas são menos difíceis se houver um grupo de irmãos lembrando-o com palavras e ações, como é o modo de viver para não se desapegar do objetivo. Desde 1995, eu conheço os padres escolápios no Colégio de Barquisimeto; mais tarde, no ano de 97, conheci dois irmãos extraordinários que semearam em mim o desejo de viver como leigo comprometido no carisma escolápico, Alberto e Bea, um casal basco que tocou o coração de muitos por três anos e deixou uma marca indelével para cada rua percorrida em seu voluntariado. Mas, foi somente em 2010, quando dei o passo para a Fraternidade na cidade de Carora, naquela época, éramos 30 pessoas, loucas por Jesus e sua maneira particular de nos chamar. O Pe. Provincial Juan Mari Puig, na época, nos convidou a consolidar a relação com a Escola Pia e a continuar nas diferentes áreas em que sentimos que éramos úteis a Deus (o Colégio, os bairros onde apostolamos, a comunidade fraterna, nossas próprias famílias) já na meia-idade e depois de se reunir novamente com a adolescência, marcada por experiências semelhantes da igreja. No mesmo ano, volto a Barquisimeto e entre as missões que me foram confiadas foi acompanhar a criação do Fraternidade nessa cidade, juntamente com o Pe. Edgar Romero. Hoje somos cinco e formamos a comunidade Divina Pastora de El Trompillo. Os cinco trabalhamos no bairro onde temos um templo, um liceu, um centro de formação profissional, um centro cultural e quatro núcleos com suas capelas. Até agora, todos assumimos a missão escolápica com muito carinho e responsabilidade e, embora não haja comunidade religiosa em nossa cidade, fazemos o possível para manter cada uma das obras com a direção e o apoio dos escolápios de Carora.

Em 2013, fui convocado por meus irmãos frateros para fazer parte do Conselho local da fraternidade, fiz isso até 2016 e testemunho de uma extraordinária missão de conhecimento, serviço e escuta no crescimento de nossa Fraternidade venezuelana. A "Frater" tem sido para mim o ponto de apoio nas decisões da vida, no estilo de vida, embora isso implique algumas renúncias ao conforto e às pessoas que já fizeram parte da minha história. O melhor de tudo é que a comunidade se torna o espelho, onde nos olhamos em um caminho de conversão e, embora ainda esteja faltando, com a ajuda de Deus e o carinho amoroso dos irmãos, inclusive dos padres, estamos caminhando no caminho que criamos os nossos em plena liberdade e com consciência. Espero fazer parte da concretização do plano pastoral do meu país e Província que contempla o crescimento e a consolidação do Movimento Calasanz, dos Centros Culturais, colégios, paróquias com atenção integral e muito especialmente com a vocação, tudo da mão da Fundação Itaka – Escolápios e da Ordem. Na Venezuela, fazemos um trabalho humilde, mas cheio da presença de Deus e Maria Santíssima e com a bênção de São José de Calasanz.

Carolina Paredes P. Divina Pastora. Barquisimeto. Venezuela

NOSSA COMUNIDADE

Pai nosso, apresentamos a você nossa comunidade com suas fraquezas e riquezas. Olhe para ela gentilmente. Dê a ela sua graça para que ela se torne o que ela deseja ser.

Que seja uma família em que se encontre vida e entusiasmo, onde cada um possa expressar o que pensa e o que sente, o que acredita e o que procura; uma comunidade de liberdade.

Que seja uma família em que se ouve antes de falar, se acolhe antes de julgar, se perdoa sem querer condenar, onde é anunciado e não muito denunciado; uma comunidade de misericórdia.

Que seja uma família na qual o Espírito Santo possa ser convidado, pois nem tudo está previsto, regulamentado e já decidido; uma comunidade que olha para o futuro.

Que seja uma família que, quando a veem, dizem: "olhe como se amam" e não muito "veja como estão bem organizadas"; uma comunidade de vida que sempre cresce ouvindo sua Palavra. AMÉM.

13. Escolas Pias enriquecidas com a Fraternidade

A Fraternidade das Escolas Pias é uma riqueza para seus membros, que encontram nela um espaço comunitário ideal para viver sua fé e seguir Jesus. Também enriquecem a Ordem, porque a possibilidade de ter essa realidade é um presente de Deus para os religiosos que participam da Fraternidade, para a vida e missão escolápias no lugar, para viver mais plenamente a espiritualidade escolápia. E também as Escolas Pias, agora entendidas como Ordem e Fraternidade com todas as pessoas e entidades que a formam, estão situadas em um novo mapa, onde a missão tem mais possibilidades de ter mais pessoas identificadas e disponíveis, onde a vida escolápia pode se desenvolver de novas maneiras e onde a própria espiritualidade escolápia recebe novas contribuições do mundo leigo escolápio e da inter-relação de vocações que a Fraternidade implica.

1. A missão, a vida, a organização escolápias reforçadas com a Fraternidade

É evidente que a missão escolápia tem mais mãos, mais pessoas e mais possibilidades graças as centenas de membros da Fraternidade que assumem essa missão em conjunto.

Talvez a riqueza que representa para a vida escolápia não seja tão visível, mesmo para a vida comunitária escolápia. A Fraternidade e a comunidade religiosa de um lugar podem encontrar espaços compartilhados de oração, celebração, reflexão... da vida. Quando a comunidade religiosa ou a Fraternidade são reduzidas em número ou força, compartilhar momentos é um apoio muito importante. A existência de algumas comunidades conjuntas é uma experiência que está sendo muito valiosa. A Comunidade cristã escolápia ganha mais força e visibilidade quando é uma realidade promovida em conjunto pela comunidade religiosa e pela Fraternidade.

A organização escolápia da Fraternidade também ganha consideravelmente. Não apenas pelo número e pelas possibilidades que isso implica, mas também, porque facilita opções escolápias importantes, como a implementação do modelo de presença escolápia e a missão institucional compartilhada na Rede Itaka - Escolápios.

Vale a pena pensar mais na riqueza que isso implica para a espiritualidade escolápia.

2. Espiritualidade escolápia, mais encarnada e visível

A espiritualidade escolápia, que tem sua origem em Calasanz, é extremamente rica, embora nem sempre seja suficientemente conhecida e apresentada nos ambientes em que nos encontramos. Existem muitas publicações que ajudam a descobri-lo, torná-lo vivo e divulgá-lo a outros (podemos encontrá-los em <https://edicionescalasancias.org/espiritualidad/>).

A Fraternidade assume a espiritualidade escolápia como sua, é formada em ela, encarna-a em seus membros e comunidades... e ajuda-a a ser mais visível e convincente nos locais onde é encontrada.

Vale lembrar brevemente alguns elementos dessa espiritualidade que nos configuram como escolápios, religiosos e leigos:

Da espiritualidade de Calasanz, místico em ação

- Centralidade da missão, de serviço e atenção aos outros e, principalmente, aos mais pobres.
- Criatividade e liderança para realizar a missão escolápia.
- Conhecer e aproveitar as espiritualidades da sociedade, como Calasanz fez com os franciscanos, os carmelitas e os jesuítas.
- Atitude permanente de conversão, de ouvir as necessidades dos necessitados, de despojar os planos... como foi toda a trajetória de nosso Fundador.
- Pobreza pessoal, austeridade para dedicar todos os recursos aos mais desfavorecidos, proximidade aos pobres, dedicação total aos pequenos e necessitados.
- Fidelidade, disponibilidade, autenticidade e coerência até o fim, como atitudes permanentes para alcançar a vontade de Deus.

- Humildade, simplicidade, obediência, paciência, perdão, magnanimidade, bondade, gentileza, suavidade, modéstia, na vida comunitária e com outras pessoas.
- Oração pessoal e comunitária, também como elemento fundamental na educação de crianças e jovens.
- Conforto, alegria, felicidade, esperança, confiança, dons de Deus encontrados na oração e na dedicação à missão.
- Configuração com Jesus Cristo meditando sobre Cristo crucificado, imitando Jesus, vendo Cristo nos pequeninos.

Da vida escolápia ao longo da história

- O aprofundamento da vida religiosa com seus elementos constituintes: profissão de voto, vida comunitária, missão escolápia...
- A experiência da espiritualidade ministerial como sacerdotes.
- A adaptação escolápia à história social, teológica e eclesial.
- A crescente importância da Palavra e da comunidade viva em nossa Igreja.
- A necessidade de testemunhar a vida pessoal e comunitária em nossa missão.
- A crescente conscientização missionária nos escolápios.
- A experiência espiritual como uma Ordem, com seus componentes de interculturalidade e universalidade.

3. Atualizando a espiritualidade com a contribuição da Fraternidade

A vida da Fraternidade introduz novos elementos que enriquecem a já valiosa espiritualidade escolápia:

- Importância das histórias vocacionais pessoais e da Fraternidade, onde a experiência espiritual toma forma: símbolos, lugares, metáforas que usamos.
- As experiências vividas que levaram à Fraternidade: os processos educativos, o Movimento Calasanz, a dedicação aos mais pobres, as celebrações significativas, a vida em grupo e comunidade, o acompanhamento, o relacionamento com outras realidades escolápias, os testemunhos de vida, as propostas pessoais...
- A avaliação de nossas plataformas missionárias: a pequena comunidade, a Fraternidade, a Província, a Ordem, os colégios, os centros sociais, o Movimento Calasanz, as paróquias, os projetos sociais... Itaka - Escolápios como uma novidade da missão compartilhada internacionalmente.
- Os novos desafios da nossa realidade: inovação pedagógica e pastoral, nova pobreza e fontes de marginalização e exclusão, feminismo, ecologia integral e atendimento à casa comum, multiculturalismo e interculturalidade, denúncia social e profética, compromisso político, novas linguagens para transmitir a fé, novos modelos de família...
- A necessária maior formação e participação dos leigos, dos jovens, das comunidades na vida eclesial e escolápia.
- A importância da Eucaristia como centro da vida comunitária, com liturgia viva, com sinais mais transparentes e transformadores.
- Experiência espiritual em uma pequena comunidade, na Fraternidade, nas Escolas Pias, na Igreja universal, em toda a humanidade, na criação.
- Experiência de diversidade vocacional, de complementaridade de espiritualidades leigas, religiosas e sacerdotais, vivida nesta rica Comunidade cristã escolápia.
- A importância de ser referentes, significativos, atraentes e convocadores.

Essas anotações são claramente incompletas, mas podem servir de explicação para o enriquecimento da Fraternidade e para outros da espiritualidade escolápia de ontem, hoje e do futuro. Um bom exercício comunitário pode ser concluir esses pontos com sua própria experiência vivida na Fraternidade.

TESTEMUNHO

A fraternidade escolápia é... uma escola de amor!

Senhor, ensina-nos a amar aqueles que não têm ninguém que os ame. Existem milhões de seres humanos, seus filhos e nossos irmãos, que morrem de fome sem merecê-lo, que morrem de sede, sem terem feito nada para morrer de sede, que não o conhecem, sem serem culpáveis dessa ignorância.

Senhor, não permitas que vivamos felizes e satisfeitos em nosso pequeno mundo. Faz-nos entender a angústia da miséria universal e nos livra do nosso eu cego e solitário. Essa é a nossa oração ardente.

NOSSA FRATERNIDADE É...

(...) Permanecer unida a Jesus, videira vivificante e dar frutos abundantes. E tudo isso nessa faceta de Jesus que Calasanz desenvolveu tão bem: atenção às crianças, aos pobres, aos jovens.

Eu sou a videira verdadeira, meu pai é o agricultor. Todo ramo meu que não dá frutos corta-o; aqueles que dão frutos os purificam para que deem mais. Você já está limpo por causa da mensagem que lhe comuniquei.

Continue comigo, eu vou continuar com você. Se um ramo de videira não permanece na videira, não pode dar frutos sozinho; nem vocês se não me seguir. Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem continua comigo e eu com ele é quem produz frutos abundantes, porque sem mim você nada podem fazer. Quem não me segue é jogado fora como um galho e seca; eles os pegam, jogam no fogo e os queimam. Se você continuar comigo e minhas palavras continuarem com você, pergunte o que você quer, será cumprido. Nisto se manifesta a glória de meu Pai: que vocês deem fruto e sejam meus discípulos. (João 15, 1-8).

IV. INICIAR A FRATERNIDADE

"O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que tocamos com as mãos sobre a Palavra da Vida, é o que anunciamos a vocês". (1 João 1, 1).

A implementação da Fraternidade é um passo de grande importância para a vida e a missão da Demarcação correspondente e para sua missão. Portanto, é conveniente apresentar algumas orientações para isso e lembrar de que você sempre pode contar com a ajuda do Conselho da Fraternidade Geral, das outras Fraternidades e da Ordem.

14. A decisão de começar

A abertura da Ordem aos leigos é uma constante desde a sua criação, que se torna ainda mais intensa com o Concílio Vaticano II e as orientações que estão surgindo na Igreja e na Vida Consagrada. Desde a aprovação no Capítulo Geral de 1997 do documento-quadro "Os leigos nas Escolas Pias" e, desde então, em todas as diretrizes escolápias, a abertura aos leigos e o compartilhar entre religiosos e leigos é uma realidade viva e crescente.

Existem várias formas de participação nas Escolas Pias, que geralmente agrupamos em quatro capítulos principais para melhor compreensão: colaboração na missão, equipes de missão compartilhadas, a Fraternidade que implica integração carismática e os Escolápios Leigos com integração carismática e jurídica. .

Ao considerar o início da Fraternidade, é necessário tomar uma decisão fundamental: estar preparado e disposto a compartilhar o carisma com a Fraternidade, outra entidade diferente da Ordem e, ao mesmo tempo, muito próxima. Esta é a decisão: que os religiosos dessa Demarcação e os leigos que possam entrar na Fraternidade estejam preparados para assumir, juntos, Província e Fraternidade, o carisma escolápio hoje.

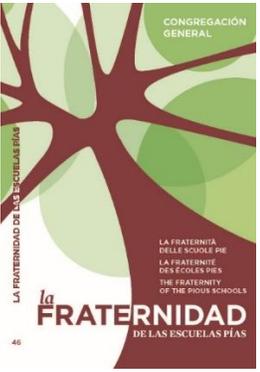
1. Conhecer que supõe o reconhecimento de uma Fraternidade

A Congregação Geral publicou, em 2011, "A Fraternidade das Escolas Pias". É um documento de grande importância que é necessário conhecer em profundidade e aplicá-lo à realidade concreta de cada Província antes de iniciar a Fraternidade. Essa é a primeira tarefa.

Nas Escolas Pias, sempre houve colaboradores, e nossa história é impensável sem eles. Nos últimos tempos, a implementação da integração carismática (Fraternidade) e jurídica introduz uma novidade importante na Ordem.

No congresso de espiritualidade calasância, em Bogotá, em abril de 2014, o Pe. José Pascual Burgués disse: "Acho que essa é a mudança mais importante que está ocorrendo hoje na Ordem, ainda mais do que a reestruturação, porque terá maiores consequências... comparável à abertura a outros continentes e outros ministérios".

É necessário conhecer a reflexão que está sendo realizada e que é apresentada muito ordenada em alguns documentos, dentre os quais devemos destacar agora:

			
<p>O laicato nas Escolas Pias (Capítulo Geral de 1997)</p>	<p>A Fraternidade (Congregação Geral de 2011)</p>	<p>Participar nas Escolas Pias (Secretariado Geral IC-MC 2012)</p>	<p>Diretório da Participação nas Escolas Pias (Capítulo Geral 2015)</p>

Depois de estudar essa reflexão, vale ressaltar algumas consequências que a implementação da Fraternidade na Demarcação escolápia acarreta:

1. Ao longo da história, tem havido uma participação constante, por leigos, do espírito e missão de Calasanz ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 2.). Mesmo assim, os responsáveis pelo carisma escolápio são os religiosos. Sentimo-nos desafiados pela descoberta de Calasanz, pela necessidade de tantas crianças e jovens que exigem nossas ações e pelo chamado de Deus para consagrar nossas vidas a essa missão. Isso que ainda é realidade está passando por uma mudança.
2. O Concílio Vaticano II, a reflexão subsequente da Igreja e das Escolas Pias nos fizeram saber que o carisma escolápio não é propriedade de ninguém que não seja o Espírito e que pode e deve ser compartilhado com aqueles que se sentem chamados a ele. ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 3. Vita consecrata, nº 54). O Espírito levou as primeiras comunidades cristãs a sair para os não-judeus (Atos 15, 7-8), levou-nos e continua a levar os escolápios a novos países e obras, além de nos levar a novas formas de participação dos leigos com o que supõe mudança de mentalidade e organização das Escolas Pias.
3. A Ordem convida-nos a iniciar a Fraternidade escolápia ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 7-8.), reconfigurando as Escolas Pias como um lugar de inserção eclesial para aqueles que se sentem chamados a ela e como espaço para os religiosos e leigos caminharem juntos ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 12.).
4. O início da Fraternidade em uma Província implica responsabilidades da Província e dos religiosos: pôr em marcha os itinerários e processos de convocatória e formação em direção à Fraternidade, compartilhar o carisma, acolher os irmãos e irmãs da Fraternidade, acompanhá-los desde o próprio ministério, participar adequadamente da Fraternidade... ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 15)
5. O início da Fraternidade é para todos nós, religiosos e leigos, estar cientes de que não apenas mais um grupo de colaboradores se iniciou, mas a comunhão de comunidades que encarnam junto com a Província o rosto de Calasanz. A coerência pessoal e comunitária, o testemunho da qualidade de vida, a disponibilidade e a dedicação são consequências imediatas.
6. O início da Fraternidade supõe uma mudança profunda que nos obriga a reconfigurar a Província e seu funcionamento, buscando formas de participação real nas decisões, no trabalho e nos compromissos mútuos. É conveniente organizar reuniões periódicas da Província e da Fraternidade, bem como da Congregação com o Conselho ("A Fraternidade das Escolas Pias", nº 15 f).
7. É importante situar bem a participação dos religiosos na Fraternidade: todos nós a apoiamos e a reconhecemos, aqueles que podem e são chamados a ela participam das comunidades da Fraternidade, enriquecendo assim sua vocação religiosa escolápia. O papel dos religiosos na Fraternidade é muito rico: ele é mais um irmão na comunidade e também deve contribuir com sua especificidade vocacional e ministerial. Na medida do possível, deve haver outros trabalhos e serviços na Fraternidade para melhor situar o papel dos religiosos e do padre entre todos na diversidade vocacional da comunidade.

8. É essencial cuidar da admissão, formação e discernimento das pessoas que vão acessar a Fraternidade¹⁵, principalmente as primeiras que se tornam referência para quem chegará no futuro.
9. Itaka - Escolápios, uma rede de Demarcações e Fraternidades escolápias, é uma plataforma que incorpora essa realidade da missão compartilhada. Serve, assim, de auxílio à missão em uma rede internacional e se torna um lugar privilegiado para a participação compartilhada da Província e da Fraternidade, não apenas para o desenvolvimento de certos projetos ou apenas para a missão, mas também como um espaço para a vida e o discernimento compartilhado.
10. A implementação da Fraternidade deve ser uma decisão do Pe. Provincial com sua Congregação e, na medida do possível, é conveniente que conte com o apoio decidido e manifesto de todos os religiosos que compõem a Província. Também deve ter a aprovação do Conselho da Fraternidade Geral.

2. Iniciar a Fraternidade é enriquecer e transformar as Escolas Pias da Demarcação

Tomar as medidas para iniciar uma Fraternidade é estar pronto e preparado para fazer essa profunda transformação da realidade escolápia da Província.

E também envolve seguir algumas etapas concretas:

1. Convocar o grupo de pessoas que poderia iniciar a Fraternidade, dar-lhes as informações necessárias e convidá-las a fazer um processo de discernimento para a Fraternidade.
2. Desenvolver este plano de preparação. Alguns indicadores são oferecidos nas páginas a seguir.
3. A participação dos religiosos é muito importante nesse momento, para acompanhar e compreender melhor a participação deles e pertencer à nascente Fraternidade.
4. Preparar o documento concreto que define a Fraternidade nessa Demarcação. O documento-quadro "A Fraternidade das Escolas Pias" deve ser usado como uma estrutura fundamental, e os documentos de outras Fraternidades também podem ser usados¹⁶.
5. Entre em contato com o Conselho da Fraternidade Geral para mantê-lo informado e receber os conselhos necessários e, no devido tempo, a aprovação necessária do documento da Fraternidade.
6. Preparar o momento para o início da Fraternidade, com as informações apropriadas para aqueles que, de alguma forma, fazem parte da vida escolápia e, com a celebração apropriada, onde os primeiros membros farão sua promessa.
7. Discernir quem pode entrar na Fraternidade em cada momento. A princípio, será importante o papel do Superior Provincial, dos religiosos que acompanham o processo... e, mais tarde, o Conselho da Fraternidade com os responsáveis na preparação dos novos membros assumirá essa responsabilidade. Deve-se tomar cuidado para que seja uma decisão pessoal, talvez com a apresentação de uma carta pessoal, solicitando a entrada, que dará origem a um diálogo com alguém responsável por esse processo.

Aqui estão alguns capítulos que podem ajudar nesse processo preliminar.

TESTEMUNHO DE SERRA – BRASIL

Conhecer a missão escolápia mudou meu olhar para as crianças e adolescentes, principalmente, as mais pobres. Após uma longa caminhada, eu e minha família chegamos ao município de Serra/ES e começamos a fazer parte da paróquia São José de Calasanz nos bairros Feu Rosa, Vila Nova de Colares e Nova Zelândia, região de periferia do município. Renata, minha filha, me apresentou ao Pe. José Carlos, Pároco da Paróquia à qual pertencço e diretor do Centro Social São José de Calasanz.

Nasci em uma pequena cidade, no estado de Minas Gerais, onde iniciei a vida cristã através do batismo e fiz o processo da caminhada cristã de uma criança, passei pelo grupo de adolescentes e, posteriormente, grupos de jovens. Nas cidades onde morei, estive sempre presente na vida e ações das paróquias.

¹⁵ As Constituições dizem em seu nº 9: "Como essa tarefa com a qual estamos lidando é de tanta importância e requer pessoas dotadas da maior caridade, paciência e outras virtudes, será necessário considerar com muita atenção quem deve ser admitido ou excluído na formação para nosso ministério ". Embora se refira a religiosos, é analogicamente aplicável aos irmãos e irmãs da Fraternidade.

¹⁶ Em <https://www.escolapios21.org/fraternidades/estatutos-de-fraternidades/>

Carrego os aprendizados da infância, adolescência e juventude que alicerçaram a vida adulta e me colocaram a caminho. Até chegar em Serra, passei por nove paróquias, sempre aprendendo e atuando: grupos de jovens, pastoral familiar e catequese, mas ainda estava por vir o que seria o divisor de águas, o encontro com os escolápios.

Envolvendo-me no Centro Social como voluntária, iniciei nova etapa na vida de caminhada de fé. E, para maior alegria, encontrei Pe. José Luis que, com muita sabedoria, nos acompanha, orienta e presenteia com seus ensinamentos. Descobri um espaço que nos convida a acreditar que é possível lutar por um mundo melhor, um espaço que permite olhar a criança e pensar no seu desenvolvimento e crescimento humano e espiritual. Um espaço de vida, pois aí estão crianças e adolescentes com brilho nos olhos, com sonhos e esperanças.

Fui convidada a fazer parte de uma equipe que desenvolve o trabalho voltado para as famílias das crianças e adolescentes, inseridas na instituição: Projeto Família. Uma ação que, desde o início, me encantou, tendo em vista a oportunidade de criar um espaço com possibilidades de acolhimento e escuta de tantos pais repletos de anseios e esperanças. O Projeto Família conduz ao diálogo e partilha que se constituem elementos capazes de promover transformação. Trata-se de uma proposta que convida ao cuidado em sua plenitude: olhar a crianças através de suas famílias.

Conhecer os padres e a missão escolápia me tocou profundamente e esse sentimento se ampliou quando fui convidada a fazer parte da Fraternidade escolápia. Afinal, Deus nos chama das mais diversas formas. Após dois anos e meio de discernimento, estudando e conhecendo o Santo Padre José de Calasanz e seu carisma, me deparei frente ao grande momento: dizer sim, emitindo a promessa junto à ordem Escolápia e me colocar a serviço.

Ao dizer sim, registra-se em mim um novo e apaixonante jeito de viver uma vida em comunidade de irmãos que partilham a vida e a palavra de Deus, que sonham os mesmos sonhos, que assumem a mesma missão como sustento para suas vidas.

Um sim que me leva a fazer parte de algo maior, um compromisso: Viver a Fé, seguindo os passos de Calasanz. Servir a Deus e às crianças, preferencialmente as mais pobres.

Maria Emília da Silva Jorge, Fraternidade de Serra – Brasil

VIDA DAS COMUNIDADES CRISTÃS PRIMITIVAS

De fato, os cristãos não se distinguem dos outros homens nem por suas terras, nem por suas palavras, nem por seus costumes. Porque eles não habitam cidades exclusivas dele, nem falam uma língua estranha, nem levam um tipo de vida à parte dos outros. Na verdade, essa doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação dos sábios, nem eles professam, como outros, um ensino humano, mas, habitando cidades gregas ou bárbaras, de acordo com o destino que cada um se encaixa e adaptando-se em alimentos, roupas e outros tipos de vida aos usos e costumes de cada país, mostram sinais de um teor superior e admirável da vida e, pela confissão de todos, surpreendente. Eles habitam suas próprias pátrias, mas como estranhos; eles participam de tudo como cidadãos e suportam tudo como estrangeiros: toda terra estrangeira é sua terra natal e toda terra natal é uma terra estrangeira. Eles se casam como todo mundo, como todo mundo, gera filhos, mas os nascidos não são expostos. Põem uma mesa comum, mas não uma cama. Eles estão em carne, mas não vivem de acordo com a carne. Eles obedecem as leis, mas superam as leis com suas vidas. Eles amam a todos e são perseguidos. Eles são desconhecidos e condenados. Eles são mortos e nisto recebem vida. Eles são pobres e enriquecem a todos. Eles não têm tudo e abundam em tudo. Eles são desonrados e nas mesmas desonras são glorificados. Eles são amaldiçoados e declarados justos. Eles os repreendem e os abençoam. Eles são insultados e dão honra. Eles fazem o bem e são punidos como criminosos. Condenados à morte, eles se alegram como se tivessem recebido a vida (Carta a Diogneto, ano 86)

15. Opção para pequenas comunidades on-line

Na Igreja existem vários conceitos de comunidade. E nem todos são igualmente válidos. A Igreja assimilou a palavra comunidade como muitas das grandes palavras que temos (amor, perdão...). É assim que falamos de comunidade universal, comunidade paroquial, comunidade de cristãos...

É preciso dizer claramente: a Igreja Universal pode ser comunhão, mas não comunidade. Uma paróquia pode ter um espírito comunitário, deve ser uma comunidade de comunidades, mas não é uma comunidade no sentido que estamos apresentando aqui: a comunidade é um pequeno grupo de pessoas, que se conhecem e são reconhecíveis.

Por outro lado, a comunidade não é para poucos, para os mais radicais. Como os grandes elementos de nossa fé, como oração ou serviço, a comunidade é para todos. O estilo específico de comunidade para o qual cada pessoa é chamada será diferente, mas não o chamado para compartilhar fé numa comunidade.

Hoje, o individualismo e a competição prevalecem sobre o compartilhamento. A desconfiança nos outros domina, talvez porque não confiamos em nós mesmos. Sim, existem experiências generosas ocasionais, mas comprometer o futuro pessoal na comunidade é algo muito caro. Em tal situação, apresentar o seguimento de Jesus na pequena comunidade é audácia.

Mas, não é somente o ambiente social e cultural que não ajuda nessa opção. Tampouco a comunidade é sempre apoiada e valorizada na Igreja, porque é preferida outra organização, a numerosa presença pública cristã... Pode ter suspeita do que é comunitário pelo que pode implicar em posições críticas, fragmentação eclesial...

Hoje existem diferentes modelos de inserção eclesial em nossa Igreja. São fundamentalmente quatro: paróquias, movimentos, pequenas comunidades e a associação de pequenas comunidades. Todos são considerados válidos em nossa Igreja e podem servir ao cristão no seguimento de Jesus. Mas, eles não são iguais. Propomos o modelo de pequenas comunidades associadas entre si, em comunhão com a paróquia e Diocese.

Paróquias podem ser realidades muito vividas, com elementos comunitários de grande valor... embora não seja, infelizmente, o mais comum. Os movimentos estão mais focados na equipe da missão, em "ver, julgar, agir", em ações da missão. As pequenas comunidades compartilham fortemente a vida, mas têm a fraqueza de ser mais isoladas e têm dificuldade em permanecer no tempo. As pequenas comunidades associadas têm o valor de pequenas comunidades e também uma entidade que permite maior visão e permanência.

Por que, então, propor a pequena comunidade associada como a maneira de ser cristão?

1. Por razões teológicas

Quando Deus age, ele sempre produz libertação e reunião fraterna. Isso decorre do princípio básico de que "Deus é amor" (1 carta de João). É o fundamento da ideia trinitária de Deus. O amor não pode se expressar individualmente.

Olhando para o Antigo Testamento, vemos que o povo de Israel surge na libertação da escravidão do Egito, que o êxodo se refere a nós e à Assembleia de Siquém. É quando Yahveh começa a ser conhecido. Isso é nuclear: Israel sempre se definirá como uma grande assembleia. Os profetas seguem essa mesma linha.

No Novo Testamento, a experiência é semelhante. A primeira coisa que Jesus faz, mesmo antes de começar sua vida pública, é reunir um grupo para anunciar a Boa Nova e libertar, que se manifestavam naqueles tempos e sempre para curar os enfermos e expulsar demônios, a injustiça no mundo. Os próprios apóstolos são libertados da vida cotidiana, deixando seus lares e empregos, para participar dessa reunião fraterna de Jesus. Novos relacionamentos são criados nesse grupo: ninguém tem que ser o primeiro, ninguém oprime ninguém ... Essa primeira comunidade, com todas as falhas que está tendo (apesar de ser Jesus seu catequista), é quem vai anunciar Jesus depois de morto e ressuscitado. Através deles, o Evangelho chegará até nós.

Estrada nos explicou da seguinte maneira: Jesus tenta, em primeiro lugar, a conversão de todo o povo de Israel. Mas, isso falha. A crise da Galileia ocorre. Jesus percebe que todas as pessoas não vão se converter. Há uma mudança de estratégia: prepara um pequeno grupo para manter a pregação do Reino e viver nessa realidade. Será a comunidade de Jesus com seus apóstolos.

Hoje o mesmo acontece conosco: se esperarmos a conversão do mundo inteiro, o retorno ao estado da cristandade... não será fácil ver frutos. Será necessário criar pequenos núcleos, como o de Jesus, para tornar esse Reino que defendemos para todos uma realidade em si e em seu ambiente.

Depois que Jesus morreu, a mesma experiência continua: o Espírito Santo os reúne (da Galileia, onde alguns estavam) e os lança para dar a Boa Nova. O Espírito Santo reúne você e fortalece a tarefa da libertação.

Por esse motivo, na fé, a comunidade não é um acréscimo, mas algo que nos precede: através dela o testemunho de Jesus chegou até nós e a Igreja é a única comunidade na qual podemos sobreviver como cristãos e seguidores de Jesus. .

2. Por razões eclesiais

No Vaticano II, a Igreja se apresenta como sinal, sacramento e instrumento de salvação e reconciliação da humanidade.

Apesar dessa realidade, a Igreja pode ser um antissinal que não dá frutos. Hoje na Igreja há uma crise de relevância e significado. Em vez de ser um sinal, as pessoas geralmente têm um sentimento negativo pela Igreja.

Como recuperar o significado? A única maneira é usar a fé, valorizá-la e conseguir que ela seja significativa para nós mesmos. E aqui a comunidade tem muito a dizer. A comunidade é viver o evangelho. E é também um modo de vida impactante que cria perguntas irresistíveis. Viver o Evangelho é sempre surpreendente. Hoje é essencial para grupos de cristãos que vivem o Evangelho em profundidade, que se atrevem a compartilhar, que questionam os valores da sociedade.

A comunidade é um lar e um laboratório, onde você experimenta pela primeira vez o que deseja oferecer a toda a sociedade. Esse é o caminho de toda comunidade centralizada em Jesus. Se a Igreja fosse assim, seria surpreendente, como acontece muitas vezes.

3. Por razões socioculturais:

Não é somente verdade que a experiência da fé é comunitária e que a Igreja está arriscando seu futuro na comunidade, mas também que cada pessoa precisa da comunidade como um oásis no meio do deserto.

Ser cristão é ser um seguidor de Jesus. Mas, isso não é ser um admirador de Jesus ou passar um tempo com ele, mas colocar toda a pessoa a seu serviço. Hoje, em uma sociedade que não persegue os cristãos, mas em um ambiente que destrói as convicções crentes, a comunidade é necessária. E nos países em que é perseguida, sutil ou violentamente, a experiência da comunidade é ainda mais necessária para perseverar na fé e seguir o Crucificado.

Existem três relações que nos definem como cristãos: fé como relação com Deus, amor com irmãos e serviço ao mundo. Os três relacionamentos estão ameaçados hoje em muitos dos ambientes em que operamos. Fé através da secularização como um sentimento geral. A experiência de amor e fraternidade está ameaçada pela sociedade burguesa, consumista e individualista. O serviço é desafiado pela injustiça estrutural, que parece sobrecarregar qualquer possibilidade de transformação.

A experiência da comunidade torna a fé possível porque cria um espaço para a plausibilidade. Espaços são necessários onde é avaliado o que é valor para cada um. Nenhuma crença se mantém sem um grupo para apoiá-la.

Deus uma vez advertiu o povo de um terremoto que deveria engolir as águas de toda a terra. E as águas que substituiriam as desaparecidas deixariam todo mundo louco.

Somente o profeta acreditou em Deus. Ele transportou enormes recipientes de água para a caverna de sua montanha, para que o elemento líquido não mais faltasse nos dias de sua vida.

E, de fato, o terremoto ocorreu, as águas desapareceram e novas águas encheram os córregos, lagos, rios e lagoas. Alguns meses depois, o profeta desceu de sua montanha para ver o que havia acontecido. E era verdade: todos enlouqueceram e o atacaram e não queriam ter nada a ver com ele. Todos já estavam convencidos de que ele era louco.

Então o profeta voltou para sua caverna nas montanhas, feliz por ter a preocupação de esperar pela água. Mas, com o passar do tempo, a solidão tornou-se insuportável. Ele ansiava por companhia humana. Então ele desceu à planície novamente. Mas, novamente, ele foi rejeitado pelo povo, tão diferente dele.

Então o profeta tomou sua decisão: jogou fora a água que havia poupado, bebeu da água nova e juntou-se ao próximo em sua loucura" (Anthony de Mello." O canto do pássaro ". Sal Terrae).

Nossa fé vem de uma comunidade e somente nela pode ser mantida. O apoio social à nossa fé é escasso e as estruturas de plausibilidade são necessárias, para que as crenças permaneçam, porque, caso contrário, elas são perdidas ou alistadas em uma seita ou em fanatismo. Mas, o chamado da Igreja é ser um fermento no meio do mundo, e mais ainda com os leigos. Somos convidados a não deixar o mundo, mas sem perder nossa identidade cristã.

É necessário ter uma comunidade para poder continuar acreditando em um mundo secularizado. É preciso um grupo que confirme a fé, esse relacionamento com Deus. Muitas dificuldades na fé não advêm do evangelho, mas do fato de a sociedade não o valorizar. A fé precisa do grupo. Quando toda a sociedade era cristã, talvez a missa dominical fosse suficiente, mas hoje isso não é possível.

A experiência do amor precisa de uma comunidade onde seja verificada a verdade do que Jesus afirmou. A comunidade é o espaço onde as bem-aventuranças são testadas, onde se vê que compartilhar é melhor do que competir. A comunidade é uma espécie de laboratório da humanidade, algo essencial para fazer um anúncio credível.

É essencial poder dizer "isso aconteceu comigo". A comunidade deve ser, além da experiência de Deus, um laboratório de fraternidade e um compromisso de equipe.

O serviço, o compromisso, é impossível durar e ter uma certa qualidade sem o apoio de outros, sem críticas, aplausos e incentivo a outros. As falhas são numerosas em uma sociedade como a nossa e precisamos da comunidade para isso.

Isso pode acontecer conosco, como na parábola que mostra como os cristãos não devem colocar nossos projetos legítimos diante da comunidade e da transformação social:

"Um homem estava dando um banquete e convidou muitas pessoas. No momento do banquete, ele enviou o responsável para avisar os convidados: 'Venha, já está preparado.'

Mas, todos, como combinado, se desculparam. O primeiro disse-lhe: 'Comprei um campo e tenho que ir vê-lo. Com licença, por favor. Outro disse: 'Comprei cinco jugos de bois e vou experimentá-los. Com licença, por favor. Outro disse: 'Acabei de me casar e naturalmente não posso ir'.

O encarregado disse ao senhor. Então, o dono da casa, indignado, disse-lhe: "Corra pelas praças e ruas da cidade e traga os pobres, aleijados, cegos e coxos".

O servo disse: "Senhor, o que você pediu foi feito e ainda há espaço".

Então o mestre lhe disse: 'Saia pelas estradas e caminhos e insista até que entrem e minha casa esteja cheia, porque eu lhe digo que nenhum dos convidados provará meu banquete' "(Lc 14, 16-24).

A situação atual é indicada pelas seguintes características:

- As comunidades existentes são poucas. Toda a Igreja deve ser articulada em grupos primários, com outras estruturas que os agrupem. A Diocese não pode ser um sinal de amor, porque é necessário ver e estar perto dela, e isso só é possível em grupos onde as pessoas se veem e se reconhecem.
- As comunidades existentes dificilmente se entendem. Cada um se reproduz. E assim, quando reunidos, torna-se uma torre de Babel, onde ninguém entende: cada um fala sua própria língua.
- O clero tem pouca predisposição para a comunidade e prefere e está melhor formado para organizar estruturas. E ainda mais quando olhamos os pastores e bispos, que esperam grandes manifestações juvenis e pouco das pequenas comunidades. E assim, em vez de serem apoiadas, eles são, na melhor das hipóteses, consentidas.
- A construção da comunidade é apaixonante e difícil. Porque não é fácil concordar. "Quando dois estão de pleno acordo, é porque um não pensa". Após o primeiro momento de salvar as aparências, as diferenças aparecem.
- Não é o mesmo querer criar um tipo de comunidade do que fazê-la. Da mesma maneira que não é o mesmo querer procurar uma namorada do que encontrá-la. Em vez de criticar meus colegas membros da comunidade, devemos agradecer porque há irmãos que me aturam.

TESTEMUNHO DO GOVERNADOR VALADARES (BRASIL)

Em agosto de 2011, ingressei-me no discernimento da Fraternidade Escolápia em Governador Valadares-MG e passei a sentir um diferencial em minha vida ao participar em uma pequena comunidade Emaús, na qual hoje sou membro ativo.

A cada encontro, fica um gosto de quero mais, pois criamos um ambiente de família cristã, onde partilhamos a fé e a vida de todos os membros em comum. Sinto uma transformação diária em minha pessoa, como membro e coordenador de um conselho pastoral (Comunidade de Santa Efigênia da Paróquia Nossa Senhora das Graças).

O carisma escolápico leva-me a entender que podemos transformar pequenas gotas de água em grandes oceanos, desde que procuremos dar oportunidades aos nossos irmãos em Cristo, marginalizados pela sociedade, sem direito a vez e a voz.

Com esse sentimento de pertença ao carisma e missão escolápicos, deixo o meu registro agradecido por fazer parte desse grande projeto.

Antônio Pinto Neto, Fraternidade de Valadares (Brasil)

ASSEMBLEIA NA CARPINTARIA

Dizem que na carpintaria houve uma assembleia estranha. Foi uma reunião de ferramentas para corrigir suas diferenças. O martelo presidiu, mas a assembleia notificou-o de que ele tinha que renunciar. A causa? Estava fazendo muito barulho! Além disso, ele passava o tempo batendo.

O martelo aceitou sua falha, mas pediu que o parafuso também fosse ejetado; Ele disse que tinha que dar muitas voltas para fazer funcionar.

Antes do ataque, o parafuso também aceitava, mas, por sua vez, solicitava a expulsão da lixa. Ele fez parecer que ela era muito rude em seu tratamento e sempre teve atritos com os outros.

E a lixa concordou, com a condição de que o metro que sempre passava medindo os demais de acordo com seu tamanho, como se fosse o único perfeito, fosse expulso.

Foi quando o carpinteiro entrou, vestiu o avental e começou o trabalho. Ele usou o martelo, a lixa, o medidor e o parafuso. Finalmente, a madeira áspera inicial tornou-se uma bonita peça de mobiliário.

Quando a carpintaria estava sozinha novamente, a assembleia retomou a deliberação. Foi então que o serrote falou e disse: "Senhores, foi demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades. É isso que nos torna valiosos. Portanto, não pensemos mais nos nossos pontos negativos e nos concentramos na utilidade dos nossos pontos positivos".

A assembleia então constatou que o martelo era forte, o parafuso se uniu e deu força, a lixa era especial para afiar e limar arestas e eles observaram que o medidor era preciso e exato.

Eles então se sentiram como uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Eles estavam orgulhosos de seus pontos fortes e de trabalharem juntos.

O mesmo vale para os seres humanos. Olhem e verão. Quando as falhas são frequentemente procuradas nos outros em um grupo, a situação se torna tensa e negativa. Em vez disso, tentando sinceramente perceber os pontos fortes dos outros, é quando a melhor conquista humana floresce.

É fácil encontrar defeitos, qualquer um pode fazê-lo, mas encontrar qualidades, isso é para espíritos superiores, capazes de inspirar todos os sucessos humanos (Martha Lambrechts)

16. O que é a pequena comunidade

A fórmula da comunidade é: "C = C (C C C C C)", ou seja, a comunidade deve compartilhar cinco elementos: contemplação, comunicação, conhecimento (formação), comprometimento e celebração. Jesus nos chama a compartilhar essas dimensões que são mais que cristãs, porque também são experiências profundamente humanas.

Que diferença existe entre um grupo cristão e uma comunidade? Um grupo geralmente se concentra em um desses aspectos. A comunidade tenta alcançar todos. Estamos sempre em um processo em relação à comunidade e não vale a pena uma abordagem legalista (comunidade é quando certos pontos são alcançados e não é comunidade quando algum está faltando) nem grupo é uma comunidade pelo simples fato de se chamar assim.

A imagem da comunidade é uma planta ou uma árvore. A semente, as raízes, é a oração: Deus que nos convoca, nos sustenta e nos dá apoio. Essa relação de afeto e amizade com Jesus é a raiz da qual toda a planta dependerá. Se o ambiente em que a planta está é deserto, as raízes terão que ser maiores e mais profundas.

"Uma comunidade diz muito quando é de Jesus. Quando fala sobre Jesus e não sobre suas reuniões. Quando anuncia Jesus e não se anuncia ela mesma. Quando glorifica Jesus e não seus méritos. Quando se reúne ao redor de Jesus e não em torno de seus problemas. Quando ela alcança Jesus e não a si mesma. Quando ela se apoia em Jesus e não em suas próprias forças. Quando ela vive em Jesus e não vive em si mesma... Uma comunidade diz muito quando é de Jesus. Uma comunidade fala pouco quando fala de si mesma. Quando comunica seus próprios méritos. Quando anuncia suas reuniões. Quando presta testemunho de seu compromisso. Quando se gloria em seus valores. Quando se estende para sua própria vantagem. Quando vive por si mesma. Quando se apoia em suas forças... Uma comunidade fala pouco quando fala de si mesma. Uma comunidade não é abalada por falhas, mas por falta de fé. Não é enfraquecida por pecados, mas pela ausência de Jesus. Não é quebrada pelas tensões, mas pelo esquecimento de Jesus. Não permanece pequena devido à falta de valores, mas porque Jesus é pequeno dentro dela. Ela não está se afogando por falta de ar fresco, mas por asfixia de Jesus. Uma comunidade só se perde quando perde Jesus. Uma comunidade é forte quando Jesus dentro dela é forte. Uma comunidade pesa quando Jesus tem peso nela. Uma comunidade marcha junto quando

Jesus está no meio. Uma comunidade se expande quando estende Jesus. Uma comunidade vive quando Jesus vive nela. Uma comunidade convence e enche quando é a comunidade de Jesus ("Uma comunidade que convence e enche" de Patxi Loidi. Gritos e orações).

O tronco da árvore é a fraternidade. Normalmente, o que nos une é a amizade e isso é mais forte do que qualquer coisa que possa nos separar. Fraternidade é compartilhar o que sentimos, o que fazemos, o que decidimos, as ilusões... A fraternidade não pode cair no legalismo. Compartilhamos as coisas boas e as pobres de cada um, porque, muitas vezes, o bem se torna mal e vice-versa.

Os ramos são a formação, que não serve em si mesma, mas para tudo. Os ramos colocam o tronco em contato com as folhas e os frutos. Essa formação é necessária para não se apropriar da fé, enriquecer-se, poder comungar na Igreja com uma linguagem comum e se comprometer.

A fruta é o compromisso transformador. "*Pelos frutos os conhecereis*" (Mt 7:15). Mas, é necessário reconhecer todos os frutos, grandes e pequenos. Não apenas os resultados impressionantes são importantes, mas também os detalhes simples de cada dia que devem ser reconhecidos e apreciados.

A celebração, a festa, são as flores. Aparentemente, são inúteis, mas são os que nos fazem viver, os que evitam o estresse. O problema da celebração é o da autenticidade, de ter uma razão conjunta para a celebração. Se as flores estão faltando, talvez seja porque não há frutos ou ramos... A celebração é o fim de algo e o começo de outra realidade.

A comunidade não é uma soma de cinco dimensões, mas uma articulação onde uma nova realidade é produzida. Não basta juntar raízes com algumas folhas e galhos... para torná-la uma árvore com vida. A vida vem de ter os cinco elementos bem articulados e adequados.

Toda comunidade deve ter essas dimensões. Mas, não existe um modelo único. O ritmo, a forma e o local dependerão dos membros e de cada comunidade específica. O mais importante é estar em uma dinâmica de crescimento de todas essas dimensões.

Como definição de comunidade, poderíamos dizer: uma comunidade é um grupo reunido por Jesus, de forma estável, para orar juntos, amar um ao outro, refletir juntos, ajudar os outros e celebrar tudo isso. E quanto ao demais, é relativizado a partir dessa realidade.

Quatro critérios para valorizar nossa comunidade:

- Quando Jesus se torna o centro da vida e não apenas outro valor. E isso para todos os membros da comunidade. E essa é uma luta diária contra os ídolos que ainda estão bem presentes.
- Torna-se mais comunidade quando mais aspectos da vida são compartilhados e orientados a partir do Evangelho. Das palavras aos sentimentos, de lá às opções, aos bens e à fé ...
- Há mais comunidade quando os sentimentos de vocação, estabilidade, pertencimento... crescem.
- E quando a fé é vista em todas as suas dimensões, não se limita apenas a alguns de seus aspectos.

O trabalho de construir uma comunidade é o trabalho de um "arquiteto". Isso, antes de construir e enquanto ele o faz, analisa o clima do local (o contorno no qual a comunidade se move), o solo para onde os cimentos irão (a camada eclesial na qual será inserida), os materiais de construção (as pessoas específicas que compõem a comunidade), as características da casa (o estilo da comunidade), os possíveis riscos que ela deve enfrentar, etc.

EXPERIÊNCIA DE COCHABAMBA (BOLÍVIA)

Minha vida adulta está intimamente ligada à Fraternidade escolápia. Em 1991, terminei meus estudos universitários em Biologia. Ao mesmo tempo em que era hora de discernir e tomar decisões importantes, a comunidade Itaka foi formada em Bilbao, oferecendo uma saída para as pessoas que vieram do catecumenato de jovens e adultos. Os primeiros anos dos anos 90 foram muito intensos, tanto pessoalmente quanto para a comunidade. Nesse momento, a comunidade Itaka está definindo e tomando consciência de sua identidade, estabelecendo-se como uma Fraternidade escolápia em 1996.

Uma das características que mais admiro em nossa Fraternidade escolápia de Itaka é estar sempre em busca, em constante movimento, de responder ao que o mundo e a igreja precisam. Nesse ambiente, foi fácil para mim estar disponível para as necessidades da Fraternidade e da missão escolápia e assumir diferentes desafios e compromissos: quatro anos como "liberados" na associação Itaka (mais tarde Itaka-Escolápios), três anos enviado para Valência (Venezuela), trabalho como professor no colégio Calasâncio em Bilbao, assumindo gradualmente

diferentes responsabilidades pastorais e administrativas, fazendo parte da comunidade conjunta Mikel Deuna, animador e membro do Conselho local da Fraternidade,...

Essa atitude de abertura à ação do Espírito levou a Fraternidade a ampliar horizontes, a abrir caminhos, a aprofundar em si mesma e sair a sociedade, desenvolvendo ministérios, canalizando a diversidade vocacional, designando diferentes encomendas, assumindo a responsabilidade pela missão escolápia, iluminando a Rede Itaka – Escolápios, tornando-se mais universal, estando presente em novos lugares, sentindo-se parte de uma realidade eclesial e escolápia muito maior...

A partir dessa experiência da Fraternidade, rica em ministérios e diversidade vocacional, aberta às necessidades do mundo e da Igreja, em 2010, recebi o chamado de ser sacerdote escolápio e religioso. No sim que dou a essa proposta, a Fraternidade desempenha um papel muito importante: pelas experiências vividas anteriormente e pelo apoio prestado na época.

Em 2011, fiz minha simples profissão de religioso após o ano do noviciado. Desde então, a cada quatro anos, fui enviado para um novo destino. Primeiro, para Vitória-Gasteiz, onde fiz meus estudos de Teologia e, em 2015, minha profissão solene. Mais tarde, em 2015, sou enviado para minha cidade de origem, Bilbao, onde recebi as ordenações diaconal e sacerdotal. E, finalmente, em 2019, para a Província do Brasil-Bolívia, especificamente para a cidade de Cochabamba.

Nos três lugares, faz parte de uma comunidade conjunta composta por escolápios religiosos e leigos (temporários, definitivos ou enviados), compartilhando vida, fé e missão com as famílias. Nos três lugares, vivendo em diversas Fraternidades, principalmente em número, mas sempre focados na missão, abertos a novos horizontes missionários, oferecendo caminhos aos jovens e permitindo que eles se renovem. Nos três lugares, trabalhando e vivendo a partir do modelo de presença.

Ao olhar para trás, o sentimento que domina é o de gratidão por tudo que vivemos. Enquanto esperamos, desta terra boliviana, esperamos o que está por vir. Peço a Deus que me dê, que nos dê fidelidade à vocação recebida e às promessas feitas. Tenho certeza de que continuará nos surpreendendo.

Pe. Alberto Prieto

PRECISAMOS UNS DOS OUTROS

No centro de um grande bosque, havia uma grande árvore, uma árvore magnífica. À sombra dela, sentaram-se para descansar os caminhantes e os pássaros em seus galhos construíram seus ninhos.

Mas, um dia, os ramos disseram: "Você vê como somos importantes? Causamos a admiração de todos que nos veem e os pássaros ficam muito felizes em viver conosco... Além disso, que cor maravilhosa nossas folhas têm! O que temos a ver com aquele velho tronco sujo, tão feio e horrível e quanto menos com aquelas raízes fedorentas que ficam o dia inteiro no subsolo?"

E eles decidiram que a partir daquele dia viveriam sozinhos, sem precisar de ninguém.

O tronco do lado dizia: "O que seria da árvore sem mim? Sou eu quem sustenta os galhos e dou vigor a toda a árvore. Se eu não estivesse aqui, os galhos não teriam fundamento ou seiva para dar cor e vida... eu sou certamente o mais forte e mais importante".

Somos muito importantes, disseram as raízes. A árvore não poderia sobreviver sem a absorção da terra, a substância com a qual produzimos a comida que sustenta o tronco e as folhas. Portanto, não temos nada a ver com aquele tronco tão hostil e gordo e menos com aqueles galhos que se acreditavam. A partir de hoje, nos alimentaremos e não daremos nossa seiva a ninguém. E assim eles fizeram.

A grande árvore começou a secar. As folhas caíram e o tronco foi deixado sem uma gota de seiva. As raízes estavam mais tristes do que nunca. Os pássaros deixaram os ninhos construídos nos galhos, e as pessoas que passavam pelo bosque não se sentavam mais para tomar sombra... O bosque inteiro estava muito triste, porque a grande árvore estava morrendo.

Mas, pouco a pouco, as raízes, os galhos e o tronco perceberam que não podiam viver separados, que eram feitos um para o outro, que a importância não era de cada um, mas da árvore que todos se formavam... Então as raízes pararam de guardar a seiva só para elas e deram para o tronco. No começo, ele se recusou a participar, mas, no final, também colaborou. Os ramos ficaram felizes quando receberam a primeira gota de seiva e pediram perdão ao tronco e às raízes por tê-los desprezado. Tudo estava como antes. Os pássaros continuaram a nidificar em seus galhos e as pessoas continuam a sombrear sob o dossel.

17. A vocação à comunidade

1. Quebrando mitos que nos prejudicam

Vale a pena começar desmontando alguns mitos sobre a comunidade que se tornam grandes inimigos da comunidade real.

Os mitos são crenças de que, sem críticas, aceitamos e influenciam nossos comportamentos. Os mitos nos impedem, precisamente porque fazem parte da verdade.

Tente identificar quais dessas expressões você já disse várias vezes na sua experiência de grupo ou na imagem que você faz de que uma comunidade deveria ser e adicione outras afirmações da sua colheita que esteja descobrindo.

1. Porque eu conheço e amo a Jesus, já sou seguidor de Ele.
2. Porque somos amigos e acreditamos em Jesus, somos comunidade.
3. Todos esperamos o mesmo da comunidade.
4. Na comunidade, todos seremos iguais e faremos o mesmo.
5. Na comunidade que ninguém deve mandar, devemos ser totalmente democráticos.
6. As comunidades falham porque cada um faz o que quiser.
7. Quem sabe, a pessoa responsável, faça. Eu não valho a pena.
8. Na comunidade não há normas ou legalismos.
9. Estamos todos igualmente convencidos do projeto comunitário.
10. Somos um grupo aberto: qualquer pessoa pode entrar sem uma consideração mais aprofundada.
11. Discussões, brigas, conflitos e críticas quebram a comunidade.
12. Ser honesto é ser capaz de "cantar os quarenta", dizer as verdades na cara.
13. Fraternidade implica pensar, sentir ou fazer o mesmo.
14. Na comunidade vou satisfazer todas as minhas necessidades.
15. Comunidade: expectativas elevadas a baixo custo.
16. O essencial é o esforço e as técnicas de grupo.
17. O mais autêntico e o sincero é o espontâneo.
18. Eu tenho que simpatizar com todos e me sentir confortável.
19. Tenho o direito de escolher os companheiros da minha comunidade.
20. Pessoas de fora são melhores que nós em tudo.
21. O tempo vai resolver os problemas.
22. A causa do problema é desta pessoa.
23. Todos somos responsáveis pelo que acontece.
24. A comunidade é minha maneira de entender minha inserção eclesial.
25. Os independentes e impedem a comunidade.
26. Basta fazer a comunidade para crescer.
27. Se algo não funcionar, você deve voltar para as divergências anteriores.
28. Os demais devem intuir o que acontece comigo...
29. Para melhorar, a chave é analisar e criticar as falhas da comunidade.
30. Ao discutir: quem seja melhor que vença!
31. A boa comunidade é uma questão de sorte nos membros que a compõem.
32. Com essa pessoa ou problema, não há solução possível, perdão ou esperança de solução.
33. Todo mundo sabe qual é a vocação da comunidade.
34. A comunidade ideal é a que concorda comigo e com meus critérios.
35. Se houver problemas na comunidade, a solução é "boa dinâmica de grupo."
36. Se meu esposo ou esposa não está na comunidade, não faz sentido eu estar.
37. ...

2. O que é vocação

Ninguém foi ontem, nem vai hoje, nem amanhã irá a Deus

*pelo mesmo caminho que eu vou.
Para cada homem, um novo raio de luz mantém o sol ...
e um caminho virgem a Deus. (Leon Felipe)*

O chamado de Deus para cada um é único e irrepitível. Cada um tem o seu caminho, que o próprio Deus escolheu e sonhou para ele, e o importante é descobri-lo. Helder Câmara disse que "o segredo da juventude eterna é ter uma causa à qual dedicar a vida".

Isto queremos pensar agora. Como passar do desejo para a realidade? Como tornar o sonho realidade em uma opção? Como tornar a ilusão real em uma motivação profunda? Como discernir se sou chamado à comunidade?

E essa é a vocação. O chamado que Deus faz para cada um de nós. A vocação que pode ser aplicada a qualquer campo (missão, estado de vida ...), mas que agora especificaremos na vocação à comunidade. Uma chamada que permanece exclusiva para cada pessoa específica.

É importante perceber que a vocação de uma pessoa tem duas dimensões: é descoberta por um lado e, por outro, é regada e trabalha dia após dia. E não basta apenas um deles, se o outro não for produzido.

Toda vocação sempre tem três características:

- Descubro a possibilidade de ser feliz em profundidade. Uma profunda alegria cheia de problemas, mas que sinto como um chamado para viver mais plenamente. Não é um dever ou esforço, embora também o implique, mas não como um primeiro elemento. Você tem que ver se essa ligação o faz feliz, mais do que qualquer outra. A cruz não é a primeira, mas uma felicidade cara. Ou você quer viver uma vida apaixonante com grandes riscos e essa é a vocação ou você não a vive completamente.
- Toda vocação é escolha e renúncia. Isso é algo que custa aos jovens, porque escolher é renunciar. Você não pode ser tudo de uma vez. Assim como somos chamados a seguir Jesus (e é isso que temos visto nos estágios anteriores do nosso próprio processo), agora tenho que descobrir qual é a minha maneira concreta de viver e seguir. Toda vocação é se definir. Ao escolher, você escolhe o que acha que será mais valioso para você, mas, ao fazer essa escolha, está desistindo de outras opções possíveis. Se você estuda uma carreira, deixa todas as outras, se casa com uma pessoa desiste do resto, se se comprometer com uma atividade, deixa o resto. Portanto, é necessário definir-se: essa é a vocação.
- Toda vocação tem um elemento de cruz, de carga. Qualquer escolha (um estudo, um emprego, um estado de vida, uma opção em qualquer campo) exige esforço. Toda vocação tem um custo, seus momentos difíceis e escuros. Somente quem não escolhe evita problemas. Mas, pelo preço de não viver.

3. Analisando os elementos da vocação

Quatro elementos devem sempre ser considerados em qualquer vocação.

EU GOSTO	EU SEI
SINTO-ME CAPAZ	EU ARRISCO

Para estar motivado, preciso dizer sim a todos os quatro elementos. Ultimamente, insistimos demais no risco, mas devemos deixar claro que, por generosidade e determinação, uma vocação não é mantida: no final, torna-se um peso tão grande que não é mantida: a fidelidade pode ser alcançada, mas à custa da amargura. Por esse motivo, o gostar, o conhecimento, a capacidade e o risco assumido devem ser equilibrados.

A primeira coisa de uma vocação é que eu gosto, que sou seduzido, que me apaixono, que estou cheio de entusiasmo, que isso traz amor e carinho para mim, que eu amo, que eu esteja motivado. O que não cumpre isso dificilmente será possível para eu seguir. O afetivo é o efetivo. A racionalidade nos permite resolver problemas, mas o afetivo nos permite desfrutar. Isso é ilusão. O mundo do afetivo, do agradável, é uma dimensão fundamental da pessoa e aqui vem muita felicidade: o que enche o coração, o que faz feliz. Para ser uma vocação, eu tenho que gostar. O que eu gosto não é ruim, como alguns cristãos podem dizer. Vocação não é renúncia a outra coisa; é se sentir amado, valorizado... Se esse fator não for levado em consideração, acaba cobrando seu preço e se volta

contra você como um bumerangue. Mas também, não pode ser o único elemento. É a criança que se move apenas por causa do que gosta. Uma vocação não é simplesmente "eu quero".

Um segundo elemento é o conhecimento. Isso se refere à capacidade de pensar. Não tenho vocação se não conheço de maneira adequada e suficiente onde vou entrar. Antes de escolher, você deve saber. Caso contrário, o fanático surge. Isso causa infantilismo e uma opção falsa. Nós também somos a cabeça e temos que calcular os meios, as possibilidades... Não se trata de saber tudo, porque isso pode levar à paralisia até que você saiba tudo, uma tarefa que nunca termina. Mas sem saber, caminhamos cegos.

Eu também tenho que me sentir capaz. Eu tenho que ver isso possível para mim. Ninguém nasce com uma vocação pronta, mas está fazendo, regando e cuidando. Mas, para isso, você deve se sentir capaz. Os cristãos geralmente não têm autoestima e apreço. Se eu acho que vou sofrer, porque não sou capaz, é melhor nem começar. Outras vezes, pode faltar realismo e ignorar as próprias capacidades e atitudes que podem me levar a não ser capaz.

Finalmente, preciso correr um risco. A fé tem a ver em todos os níveis, mas aqui ainda mais. Existe o risco de se abrir, que eles não me aceitem, que me falhem, que eu mesmo lhes falhe... Porque o outro é outro e não é como eu. Aqui não há garantias. Se a vocação é comunitária, é com os outros e tenho que confiar neles e estar disposto a arcar com os custos que isso acarreta.

A vocação é realizada nas quatro dimensões que se complementam. Na medida em que eu gosto, conheço mais. E enquanto eu sei mais posso gostar. Se me sinto capaz, é mais fácil correr riscos e, se me arriscar, é fácil me ver capaz. Se eu sei, posso arriscar mais facilmente e, se arriscar, sei mais. Etc., etc.

Com relação à minha vocação para a comunidade, devo me perguntar: eu gosto? Sei o que significa? Sinto-me capaz? Estou disposto a correr o risco? Tenho todas as quatro dimensões igualmente desenvolvidas?

Mas não são apenas esses elementos positivos que intervêm. Também podemos mudar isso e olhar de outra forma. O que eu não gosto? O que eu não sei? Quais são os meus limites? Que medos eu tenho? É importante identificar esses aspectos negativos e nomeá-los. Os cristãos tendem a idealizar a realidade e isso é perigoso. Devemos partir da realidade: daquilo que me atrai e repele, o que sei e ignoro, minhas possibilidades e limitações, minhas opções e meus medos. Se eu conhecer minhas falhas (limites, medos, ignorância...), será mais fácil entender os outros. Isso nos leva, além de conhecer a nós mesmos, a ser menos críticos com os outros e mais tolerantes.

Esses elementos mais negativos são frequentemente negligenciados. Assim, por exemplo, há casais que, após longos namoros, terminam no último momento por terem esquecido isso. Esses aspectos não devem ser negados, mas amados e aceitos também. Quem não tem medo, limitações, ignorância ou qualquer coisa que o desagrade, está claramente em risco, porque o importante é a realidade e não somente minhas expectativas ou ilusões. Para impedir que alguém seja jogado na sarjeta e queimado, você deve estar ciente disso.

4. Complementaridade vocacional e capacidade de mudança

Depois de fazer essa dupla análise, ainda temos dois passos a serem dados: descobrir a complementaridade e nossa capacidade de mudança.

Primeiro, ver a complementaridade que existe em nós, em vez de criticar os outros. O ideal é equilíbrio e complementaridade. Isso ocorre no grupo. Alguém gostaria que os outros fossem como eu, mas a comunidade ensina que esse não é o caso, que outros querem e valorizam de maneira diferente, e essa é precisamente a riqueza da comunidade.

"É fato que o corpo, sendo um, tem muitos membros, mas os membros, embora sejam muitos, formam um corpo único entre todos. Bem, Cristo é assim... E também o corpo não é o mesmo órgão, mas muitos. Embora o pé diga: "Como não sou mão, não sou do corpo", não é por isso que deixa de existir. E embora o ouvido diga: "Como não sou olho, não sou do corpo", não deixa de ser assim. Se todo o corpo era um olho, como ele podia ouvir? Se todo o corpo era ouvido, como podia cheirar? Mas, de fato, Deus estabeleceu no corpo cada um dos órgãos como ele queria. Se todos foram o mesmo órgão, qual seria esse corpo? Mas não, na verdade existem muitos órgãos e apenas um corpo.

Além disso, o olho não pode dizer para a mão: 'não preciso de você', nem a cabeça para os pés: 'você não é necessário para mim'. Pelo contrário, os membros que parecem ser menos graduados são os mais indispensáveis e aqueles que parecem menos dignos de nós os vestem com mais cuidado. Tratamos o menos apresentável com mais consideração, o apresentável não precisa dele.

Além disso, Deus combinou as partes do corpo, buscando mais cuidado com o que valeu menos a pena, para que não haja divisões no corpo e os membros se preocupem igualmente um com o outro. Assim, quando um órgão sofre, todos sofrem com ele; quando um é bem tratado, todos ficam felizes com isso.

Assim você é o corpo de Cristo, e cada um de vocês é um membro" (1 Cor 12, 12-27).

A comunidade precisa de todos, porque somos diferentes e isso é bom. "Quando dois concordam plenamente, um não pensa." O que eu vejo não é visto de mesma maneira pelo outro e vice-versa. Isso nos permite progredir. Um arrisca em uma coisa e outro em outra. Um gosta de algo que para outro não é atraente e valem para coisas diferentes...

Tanto em mim quanto no grupo, os polos são complementares:

- O gostar e o risco andam juntos, porque eu arrisco mais na medida que gosto e gosto mais à medida que me envolvo. E o mesmo acontece com a consciência dos meus limites e o conhecimento. E com cada um dos elementos em relação aos outros.
- Quando vejo meus pontos fortes e fracos em mim, entendo melhor meu irmão, que também tem seus pontos fortes e fracos.
- Deve-se perceber que os defeitos e qualidades são intercambiáveis. O mais perfeito tende a prejudicar a coexistência, por exemplo. A complementaridade existe em todos os sentidos. Todos nós valem para alguma coisa. A misericórdia brota de olhar a si mesmo em sua fraqueza. Nenhuma qualidade é sempre válida, nem qualquer defeito é sempre ruim.
- Em um grupo, existem múltiplas qualidades e defeitos que são precisamente a riqueza da comunidade. A cruz e a possibilidade de comunidade é a diversidade, ser diferentes. Aqueles que nos incomodam são nossa riqueza, porque normalmente aqueles que mais nos incomodam indicam o que mais nos falta.

José Antonio García escreve em seu livro "*Lar e laboratório*" que quatro papéis são necessários em qualquer comunidade. Não é que sejam papéis que sempre possam ser acomodados a pessoas específicas, porque em determinadas situações eles podem variar.

O profeta é sempre necessário, aquele que denuncia, protesta, irrita, mexe com os outros e com o grupo. Ele é quem revela os aspectos fracos das pessoas e do grupo. Quem está preocupado com o futuro ideal que nunca chega ao presente.

Na frente do profeta, o cantor, o menestrel é necessário, aquele que sabe aproveitar os detalhes do dia-a-dia, aquele que sempre destaca os aspectos positivos do grupo e de seus membros, aquele que não vê nada para mudar, que talvez não dá importância ao progresso do grupo, porque tudo está bem. Ele não está preocupado com o futuro, mas com o presente.

Também em toda comunidade, há necessidade de um médico, alguém que se preocupe com os feridos, aqueles que têm dificuldades, que evite todo confronto e discussão, que queira paz e tranquilidade no grupo, reconciliando o que for necessário. Ela é a mãe da comunidade, que quer todos que desejam estar na comunidade.

E o reitor, o organizador, aquele que tem autoridade e coordena os diferentes aspectos da comunidade também é necessário.

São papéis complementares. Se houvesse só profetas, a comunidade seria um inferno. Se apenas menestrelis, o grupo ficaria preso. Se apenas médicos, também não haveria avanço. Se apenas organizadores, ninguém propõe o novo. Mas, se o profeta está ausente, não há progresso, se o menestrel não está falta a paz, se o médico faltar não tem lugar para aqueles que estão mal, se o organizador faltar não há possibilidade de funcionar. Mas, o profeta tem dificuldades com o menestrel que é o seu oposto, o reitor com o médico, o médico com o profeta... E, enquanto isso, todos são necessários.

Descobrir a necessidade de complementaridade nos permite fugir da excomunhão e entender a importância dos outros, especialmente daquele que me parece mais contrário. O máximo da comunidade é ver como uma grande sorte ter alguém muito diferente ao meu lado, na minha comunidade.

Mas, além do passo da complementaridade, é preciso estar muito consciente da possibilidade e do interesse da mudança. Todos somos capazes de mudar: podemos mudar gostos, conhecimentos, habilidades e capacidade de risco. Isso supõe a urgência de uma pedagogia, de um caminho a avançar nessas dimensões. Ninguém é adequado para a comunidade, mas podemos ir avançando. Ninguém nasce sabendo, mas é necessário regar e continuar trabalhando a nossa vocação para comunidade.

5. Como trabalhar nessas quatro dimensões?

No "eu gosto", as experiências em grupo já são um aprendizado para desfrutar. Conviver e se juntar com aqueles que já fazem comunidade. Ou por contágio. Talvez, você possa ter uma experiência temporária.

O avanço no conhecimento pode ser alcançado através de livros, oficinas, seminários, textos do evangelho, visitando e conhecendo outras comunidades.

A capacitação cresce mostrando a todos que são valorizados, ouvindo-os, cuidando dos detalhes, sendo pontual... Apesar do fato de que nós cristãos sabemos que somos filhos de Deus, muitos de nós nos sentimos mal. É preciso fazer uma teologia positiva, destacando o bem, saboreando o positivo de cada um, não permitindo bodes expiatórios, agradecendo o que cada um faz. Devemos perceber que nossa vida se esgota se lutarmos contra falhas em vez de tirar proveito das qualidades que possuímos. O evangelho introduz o tema da progressividade: ele nos fala sobre as metas para as quais as etapas são necessárias. Não se trata de querer chegar ao fim, mas de avançar. Todos temos muitas capacidades, mas precisamos encontrar um ritmo adequado para desenvolvê-las.

A capacidade de risco tem a ver com tudo que favorece a fé: oração, contato com outras comunidades, a força de nossa amizade com Jesus... A pedagogia da fé e do apoio tem muito a ver com a progressividade nesse aspecto. Mas, sabendo que, no final, sempre é necessário pular no vazio.

A dinâmica vocacional parte de um relacionamento pessoal que nunca acaba. O importante é viver essas quatro dimensões a partir da relação pessoal com Jesus. Aqui há uma ligação pessoal que não é apenas cabeça. Não é apenas meu projeto, mas um chamado de Jesus. Portanto, o discernimento deve ser muito rezado.

As opções para a vida inteira são as que são renovadas todos os dias. Quem não cuida da sua vocação todos os dias a perde. Todos os dias, Jesus, como a Pedro, me pergunta: "Você me ama?" A questão é seguir em frente. Seguir Jesus é próprio do cristão e é necessário segui-lo, seguir em frente, progredir. O batismo e nossa opção por Jesus, pela comunidade e por nossa vocação pessoal devem ser renovados todos os dias.

Nesse momento de decisões, me pergunto como Jesus me chama nos pontos indicados acima: estado de vida, profissão, experiência comunitária, compromisso...

6. Para continuar aprofundando

Reveja sua vocação pessoal. Como são os traços que definem a sua vocação comunitária? Quais são os elementos que a tornam mais difícil? Como você pode trabalhar em sua própria vocação? Como você pode trabalhar nos quatro aspectos de cada vocação (gosto, sei, me sinto capaz, corro riscos)?

Você pode fazer algo semelhante à sua vocação em outros campos da sua vida. Como está sua vocação no trabalho? No estado da vida? No compromisso com os outros que você assumiu? Como você pode seguir em frente na resposta a essa vocação, ao chamado que Jesus faz a você? Como tudo isso complementa sua vocação para a comunidade?

Todo o Novo Testamento é escrito desde a comunidade para pessoas que estavam na comunidade. Tire um tempo para redescobrir esse Novo Testamento. Entenda-a como a primeira comunidade que escreve para você. Tenha seu tempo de oração pessoal.

Juntamente com o exposto, escolha uma leitura que o atinja completamente. Ore, converse com Jesus.

TESTEMUNHO DE PAMPLONA - IRUÑA (ESPANHA)

Sinto que dei muitos passos nos anos em que tive a sorte de fazer parte do Catecumenato e do Discernimento em Lurberri (Presença Escolápia de Pamplona-Iruña), todos eles me trouxeram à Fraternidade e me forjaram como sou hoje.

Houve passos na clareza do evangelho quando celebramos a Páscoa que a vida reinava acima de tudo; houve passos na escuridão da incerteza quando as decisões da vida não deram o fruto sonhado; houve passos nas trevas do medo quando as decisões acadêmicas aparentemente me distanciaram da vida escolápia; houve passos na alegria de compartilhar com outras pessoas quando a vida em grupo me permitiu abrir a Deus e minhas irmãs e irmãos para saborear que o que é Jesus é mais se for compartilhado em Fraternidade; e havia passos na tristeza de perder um ente querido quando o desejo pela vida e a água abundante eram maiores que a morte e o desespero.

Se penso e oro com os anos dedicados ao Catecumenato e ao Discernimento, sinto que todos eles sempre foram guiados pela mão de Deus. É muito macio, muito leve, tanto que parece que não é assim; sempre presente enquanto

jogava em Mikel Gurea dos 10 aos 14 anos, sempre atento a cada passo que dava na adolescência em Bidean dos 15 aos 18 anos. Sempre pronto para me acompanhar junto com meu grupo e meus monitores do Movimento Calasanz, nas sombras das dúvidas e medos e nas luzes da fé e dos "sins". E em todos esses sentimentos, em todas aquelas sombras e luzes, o olhar de Jesus estava oculto: paciente, quente, íntimo, carinhoso e suave, esperando meu coração abrir um pouco; Apenas o suficiente para que Ele pudesse entrar, me abraçar forte e nunca mais me soltar até eu dar um novo passo em direção à Fraternidade.

Em todos esses anos de vida, crescendo como cristão e escolápio, estudando na universidade e compartilhando minha vida com meu grupo de referência, cheio de experiências brilhantes, erros, pessoas e momentos inesquecíveis, solidão e paixões, sempre permaneceu um sentimento profundo e claro: quero que na minha vida exista algo mais importante que eu, quero que na minha vida haja espaço para os outros, quero que na minha vida haja água abundante. Todas essas intuições estavam tomando forma, estavam se tornando realidade e estavam se tornando um sonho tornado realidade: chegou o dia em que fui convidado a dar outro passo, entrar na Fraternidade escolápio e, assim, poder realizar todos esses sonhos de viver como Jesus viveu sendo água para os sedentos e luz para aqueles que foram separados da suavidade da vida pelas circunstâncias. E assim como aconteceu comigo durante meus primeiros passos no Movimento Calasanz, por trás de todos esses grandes sonhos e desejos, você sabe quem estava andando? Esse mesmo. Paciente, quente, sereno e profundo.

Kristian Rey Capellín. Fraternidade Escolápio do Pamplona-Iruña

EM VELOCÍPEDE DUPLO COM JESUS

A princípio, pensei que a vida espiritual era meu próprio esforço e que meu cansaço e trabalho eram de minha exclusiva responsabilidade. E assim me entreguei dia após dia a ela, carregando todo o peso da estrada em mim. Mas, a coisa era extraordinariamente cansativa. E até notei algo estranho em tudo, como se eu fosse uma pessoa que anda sozinha e sente uma fadiga que não é proporcional ao resultado obtido. Em suma, um estresse, quanto tempo teria durado?



Mas, a certo momento, encontrei Jesus, que simplesmente sugeriu que eu andasse de velocípede duplo. Talvez eu o movi a compaixão... E naturalmente aceitei: eu estava à frente, ele atrás. Um bom casal e, obviamente, maior velocidade: eu dei a direção e ele deu impulso com eficiência notável e menos fadiga para mim.

Mas, num momento, ele me disse: "E se eu estivesse na frente?" Naquela época, eu também aceitei, entre outras coisas, para agradá-lo: o que está na frente gosta mais da paisagem. Mas, logo percebi a proposta e a mudança radical que significava para minha caminhada. Ele é, a partir desse momento, quem escolhe a direção, quem decide para onde ir.

Quando eu liderava, estava no caminho que eu conhecia. Era uma rota talvez chata e previsível, mas era segura; e também era um caminho fácil, porque tomei o cuidado de não cometer erros. Mas, quando eu deixei Jesus liderar o conjunto, eu não sabia mais aonde estávamos indo. Entre outras coisas, porque ele é muito estranho: frequentemente ou quase sempre ele não escolhe a maneira mais fácil e confortável e, então, decide descer aquelas trilhas intransitáveis da montanha ou descer ladeiras íngremes, e eu fico nervoso e comento com ele. Mas, então eu descobri que as coisas estavam indo bem assim. E assim aprendi a confiar em mim mesmo para deixá-lo escolher a direção da minha vida. Também porque vejo que ele conhece perfeitamente os caminhos a seguir.

No começo, pensei que seria apenas uma alternância de funções e que, mais cedo ou mais tarde, eu voltaria a dirigir. De fato, sou constantemente tentado a recuperar o controle da minha vida. Mas, ele me faz entender que não, que tudo está indo bem assim: ele está à frente, me preservando do ar da corrida e adivinhando qual é o itinerário certo; eu atrás, pedalando. Desse modo, não apenas me canso menos, mas principalmente tenho a certeza de que nunca vou dar errado na estrada". (Amadeo Cencini." A verdade da vida". P. 290)

18. Elementos de toda comunidade

1. Algumas notas para começar

Existem muitas formas, ritmos e estilos da comunidade. Não se trata de copiar modelos. Por exemplo, a vida contemplativa se destaca pela alegria de seus membros, mas não é para todos.

O importante é que todos encontrem seu lugar. Temos uma referência muito boa no filme "Um lugar no mundo". Conhecer outras comunidades e modelos nos permite descobrir nossos próprios caminhos. É necessário partir do modelo de cada um e uni-lo, tentando obter algo novo, diferente do que é pensado por cada um, onde cada um de nós se vê. Devemos começar pelas forças de cada um. Tem que ser assustador, mas a sedução supera esse medo. A característica da comunidade é que ela avança na fé, no compartilhar e no serviço. Mas, o fim nunca é alcançado. Estamos sempre avançando. Não existem metas... que, uma vez superadas, nos permitem descansar tranquilos, porque já alcançamos a comunidade. Jesus não nos pede o que não podemos fazer. Ninguém pode amar ao extremo para sempre. O que damos de nós mesmos é o que Deus nos permite, sabendo que não é nosso mérito, mas de Deus. Isso é uma libertação. Na medida em que percebemos, damos frutos. Se damos menos, é que somos "servos inúteis". Se não descobirmos isso, ficaremos angustiados com os esforços titânicos e não chegaremos a nada.

É assim que Bonhoeffer pode ser entendido: "Jesus é quem fundamenta a comunidade, o único que torna isso possível e quem nos uniu" ("Vida em comunidade"). Ou a 1ª Carta aos Coríntios: "Aspirem pelos melhores carismas" (1 Cor 12, 31), pelos melhores presentes, e o critério é o amor. A comunidade é um dom do Espírito Santo. Não é uma questão de punhos e esforço.

O critério da comunidade não é dar todo o dinheiro, nem ser queimado..., mas amar. O mais cristão é o que supõe mais amor. O critério da comunidade é o amor, não sua ideologia, nem suas normas, nem as pessoas que a compõem.

A comunidade é para pessoas normais, para todos os cristãos do mundo. Não é para os escolhidos, não somos esquisitos. A comunidade é uma dimensão tão fundamental quanto a oração ou o compromisso. E é para todos. Mas sim: para todo mundo que leva o evangelho a sério, para quem Jesus seja o mais importante para ele. E quem descobre que o resto nos será dado além disso.

Não se trata de ter experiências fugazes da comunidade, mas estáveis. A Igreja precisa de comunidades estáveis que durem. Não é a comunidade dos jovens até que eles "sintam a cabeça". Isso não é "estabelecer-se", mas sentar-se.

2. Devemos começar desde a opção pessoal

A primeira coisa é separar o que acontece comigo como indivíduo do que acontece com o meu grupo. Cada um deve verificar se se sente chamado à comunidade e qual é o seu projeto comunitário concreto. O momento individual é essencial. Não basta que um grupo decida mudar-se para a comunidade ou que alguém seja levado por outros. É necessário esclarecimento e escolha pessoal; a personalização da referida escolha para sempre.

Esse esclarecimento supõe seus passos concretos, integrando em nós quatro níveis: cabeça, coração, tripas e joelhos.

A cabeça, o pensamento passa muito rápido (ao ler um livro, na convivência, ao conhecer uma realidade), à frente de todo o corpo. As entranhas, o corpo, meu jeito de ser, geralmente vão à velocidade da tartaruga e lutam contra a cabeça e os ideais. O coração, a afetividade, o sentimento, precisam apoiar a opção de evitar amargura e infelicidade. Os joelhos, a oração, a experiência de Deus, devem conter a cabeça e empurrar o corpo.

O caminho é conhecer e provar pouco a pouco. Para isso, é necessário um treinamento para harmonizar esses quatro elementos.

Também é necessário superar o medo em cada um. Inclusive a dos pais que desejam que seus filhos frequentem uma escola cristã, que sejam bons e que entrem nos grupos, mas que não levem isso muito a sério. Hoje, é assustador definir-se, vincular-se com os outros, comprometer-se com um projeto comunitário que inclua o futuro. Mas se eles não são superados, se esses medos são grandes, eles impedem a comunidade.

Existem dois elementos fundamentais na vida de cada pessoa: trabalho e família que nos puxam com força. Se eles não estiverem integrados ao projeto comunitário, haverá uma divisão intolerável. As Ordens religiosas resolvem essas questões com os votos de pobreza e celibato. Mas, em nossas comunidades, devemos ver a resposta apropriada. Na medida em que o projeto do casal não está harmonizado com o da comunidade, não há futuro. E algo semelhante pode ser dito com o trabalho e o uso do dinheiro que isso implica.

Há também outros temas para mais tarde: a revisão da vida, o discernimento compartilhado, a comunidade de bens, a inserção eclesial, as novas incorporações, a vida em comum... Pouco a pouco, o momento de paixão da comunidade passará ao amor fiel mantido ao longo do tempo, de "nossa" comunidade a "comunidade de Jesus pelo Reino".

3. Condições essenciais para uma comunidade

A boa vontade e o desejo não são suficientes para formar uma comunidade. Há também a necessidade de uma série de condições, de elementos, para que, se elas não ocorrerem no início, devem ser alcançadas em um tempo relativamente rápido.

Até que esses cinco desafios sejam respondidos, a comunidade não é possível:

a. A vocação

É a primeira coisa a esclarecer. No início, muitas vezes se pensa que todos estão em sintonia e no mesmo nível, e que é suficiente para nos sentirmos unidos a Jesus. Na realidade, geralmente é o contrário: cada um tem suas expectativas (bastante diferentes dos outros) e é isso o que realmente nos une. Somente no final, cada um descobrirá a força de Jesus que nos une. No fundo, queremos ter uma boa experiência que achamos que depende do nosso esforço. E, no fundo, existem contratos psicológicos, geralmente não conscientes, que exercem uma grande influência.

Por isso, é necessário descobrir a vocação de cada membro do grupo. Vocação é um chamado de Deus, a perseverança é um presente. A primeira coisa é ver por que nos reunimos e não ter medo de contar os verdadeiros motivos. São motivações que terão que ser purificadas, mas aqui devemos começar.

O importante é que Deus nos chama e nos acompanha e o secundário é a nossa resposta. Antes desse chamado de Deus, continuaremos avançando em nossas motivações. Mas, é necessário conhecer o ponto em que começamos. Trata-se de distinguir o principal do secundário. O ponto principal é que Deus nos encoraja a fazer isso. O grupo dá o passo quando descobre que Deus o está chamando. O ponto de partida é geralmente a amizade... mas o principal é que queremos seguir Jesus. "*Se o Senhor não edifica a casa, os pedreiros trabalham em vão*" (Sl 126). Se você não começar com essa convicção, a tarefa da comunidade se tornará exaustiva. É reconfortante saber que a velocidade do avanço da comunidade é o que Deus nos permitiu.

Na Fraternidade, sempre falamos de um processo anterior à entrada na comunidade, onde há um esclarecimento da própria vocação, com a intervenção dos companheiros nesse processo e dos responsáveis pela Fraternidade. É um processo de discernimento em que já existe um tempo para o compartilhamento do grupo e em que a decisão deve sempre ser pessoal.

No documento-quadro, temos várias indicações a esse respeito, apresentando também qual é a vocação comum a todos os membros e a necessária diversificação das vocações de cada uma das pessoas que formam a Fraternidade ("A Fraternidade das Escolas Pias, nº 13-35").

b. A pertença

Deve ser claro na Fraternidade quem está dentro e quem está fora. O falso mito de que qualquer um pode entrar na comunidade a qualquer momento não é aceitável. Não é assim: os limites devem ser definidos. É essencial apontar as características de pertença. Devemos definir mínimos claros aos quais não precisa voltar todos os dias, mas eles se tornam elementos essenciais para pertencer à comunidade. E é algo que sempre é feito, consciente ou inconscientemente.

Alguns grupos são fortes, porque dificultam a adesão, outros desaparecem, porque não são claros quanto a esse aspecto.

No começo, com a euforia, a gente costuma definir um mínimo tão alto que realmente é o máximo. A associação deve ser estabelecida em um tempo normal.

Esses critérios devem vir de todos e estar acessíveis a todos, para eliminar o risco de exclusão. Esses mínimos nos dão o campo de jogo e evitam muitas discussões. Isso é o básico e obrigatório. As diferentes comunidades, portanto, apresentam ofertas diferenciadas. Esses critérios têm que vir da experimentação: primeiro é conveniente colocar provisórios e verificá-los em prática.

Um mito frequente é pensar que normas não são necessárias em uma comunidade.

Na Fraternidade, no documento-quadro para todos os escolápios, são indicadas as características da vocação comum (A Fraternidade das Escolas Pias, nº 14) que, além de definir a vocação, marcam esses critérios básicos de pertença.

c. A identidade

A identidade é bem diferente da pertença. Aqui importa o que nos une e o que nos diferencia, no que temos que concordar como desejo e objetivo. Identidade é o objetivo que desejamos, mas nunca pode ser totalmente alcançado. O que não é identidade é um terreno livre onde cada um escolhe. São as Constituições das Ordens religiosas, é o estilo, as linhas gerais, o projeto. Assim como a pertença deve ser realista, na identidade é preciso ser ousado, estabelecer fortes ideais.

O mito aqui é pensar que estamos todos igualmente convencidos no projeto original. A identidade, ao invés de revisá-la, é o elemento de contraste com o qual devemos nos confrontar para continuar avançando.

As Congregações religiosas geralmente o guiam em torno do estado da vida (os votos) e da missão. Nos leigos, a identidade tende a coordenar, compartilhar estados, tarefas... que dão riqueza e fragilidade. É necessário aspirar à comunhão com todos de diferentes identidades. É sobre espiritualidade e missão. Eles não são um mínimo de pertencimento, mas o objetivo ideal que nunca foi alcançado é a utopia que nos puxa. A identidade nos faz sentir parte do mesmo projeto, mesmo quando está em níveis diferentes. Não é uma lei, como pode ser os mínimos de pertença.

No documento-quadro da Fraternidade, é apresentado um capítulo, o primeiro, para apresentar essa identidade que marca o caminho que queremos viver juntos (A Fraternidade das Escolas Pias, nº 1-12). Trata-se de viver o carisma escolápio, a espiritualidade de Calasanz atualizada em nossos dias, a vida compartilhada com os religiosos e os que participam das Escolas Pias, bem como a missão escolápio de educação cristã transformadora, dirigida especialmente àqueles que mais precisam.

d. A organização

Trata-se de apontar nossa maneira de trabalhar, como as decisões são tomadas, como nos organizamos.

O mito aqui é que todos somos igualmente responsáveis, que nenhuma estrutura é necessária, que as coisas funcionam "sozinhas".

Para progredir, a organização é essencial. Em qualquer grupo humano, há um líder, algum colaborador, algum crítico e alguém que nunca é ouvido. A organização tenta exatamente que todos tenham sua palavra. O grupo que não se organiza gera muita frustração e acaba desaparecendo, porque é preciso uma estrutura, alguns ritmos, algumas tarefas e os responsáveis por isso funcionar.

Para os cristãos, é questão de carismas e ministérios. Não é preciso que uma pessoa sozinha carregue tudo, nem a técnica do voluntário (que são sempre os mesmos e acabam se queimando). Trata-se de ver as tarefas (formação, oração, celebração, tesoureiro, boas-vindas, biblioteca...) e distribuí-las. Existem muitas maneiras de se estruturar. O ideal é que todos participem e seja possível aproveitar o máximo de qualidades de cada um. Não é precisa a especialização, mas não é errado aprender algo sobre a tarefa que temos que executar. A fórmula concreta é secundária se as tarefas funcionarem.

À medida que a Fraternidade cresce e assume mais missão e responsabilidade, exige mais organização para que tudo corra bem.

O documento-quadro da Fraternidade e os Estatutos de cada uma das Fraternidades definem a marcha de cada pequena comunidade, de toda a Fraternidade, da conexão na Fraternidade Geral, do relacionamento com as Escolas Pias, na forma de escolha de pessoas com responsabilidades de animação, funcionamento econômico etc. Também no documento-quadro, temos um capítulo a esse respeito (Fraternidade das Escolas Pias, nº 39-60).

e. O amor

O mito é que todos nos amamos e somos irmãos sem que surjam diferenças.

Ser irmãos vem de ser filhos do mesmo Pai. É um fato, um fato de fé.

Mas, ao mesmo tempo, o outro fato é que temos que trabalhar para tornar isso real. Devemos descobrir com quem eu me dou bem, com quem regular e com quem é fatal. Há um chamado à fraternidade e ao amor ao outro, mas assim como nós somos. Temos que nos amar, não porque os outros mudem da maneira que eu quero, mas porque aceitamos o direito dos irmãos de serem diferentes.

Para fazer isso, o primeiro passo é reconhecer honestamente nossas relações. É estar cientes de nossas limitações e seguir em frente. É preciso reconhecer que o outro tem todo o direito de ser diferente de mim. E não o desqualificar por isso. É necessário partir da situação em que estamos e não tentar encobrir o que é desagradável: somente

reconhecendo a realidade é possível progredir. A tarefa é harmonizar a diferença na unidade, adquirir habilidades de comunicação, sinceridade¹⁷...

Esses cinco desafios (vocação, pertença, identidade, organização e amor) devem receber uma resposta adequada e crescente. Caso contrário, uma comunidade real não será possível.

4. Algumas indicações úteis

Existem também algumas indicações úteis e essenciais na comunidade que nasce. Existem quatro condições: interna e externa, inicial e futura, que condicionam fortemente a comunidade emergente.

- A condição previa é ter um bom catecumenato no qual a fé tenha sido personalizada, onde a fé é uma prioridade na vida de cada pessoa. O centro é Jesus. Se isso falhar, a comunidade ainda não é possível e teremos que realizar o catecumenato que nos levará à descoberta de Jesus em nossas vidas e à resposta a esse amor do nosso modo de viver.
- A condição interna é que a comunidade tenha organização e ritmo suficientes: os dias da reunião são muito claros, os assuntos são discutidos, quem é responsável das diferentes tarefas, encontrar um ritmo que funcione para todos nós. Se esse mínimo de organização não for dado, todos os membros acabam perdendo tempo e se desmoralizando.
- A condição externa é uma boa inserção eclesial. Nenhuma comunidade pode sobreviver sozinha. A comunidade é sempre muito frágil e fraca. Pelo contrário, a Igreja é um espaço muito grande e sólido que possui todos os carismas (teólogos, por exemplo). Embora o calor da pequena comunidade não é comparável ao de uma grande igreja. A Igreja tem falta de vida, mas é sólida: são as contribuições mútuas que podemos oferecer. É a complementaridade da grande igreja e das pequenas comunidades. A ligação das comunidades e a inserção eclesial são necessárias. Quando a comunidade passa por momentos difíceis, a grande igreja oferece estabilidade e serviços estáveis; e a proximidade e a demanda de pequenas comunidades são a riqueza da grande igreja. Por exemplo, em uma Congregação religiosa, existem comunidades de dois membros, porque elas têm um projeto maior, algo impensável em outros tipos de comunidades. A Fraternidade tem uma clara inserção eclesial através das Escolas Pias, o que lhe permite uma ampla estrutura de ação e muita consistência.
- A condição futura é viver a comunidade polarizada no serviço aos pobres. A unidade da comunidade vem de fora: de Jesus e do trabalho pela causa do Reino. Ele une essa tarefa mais do que tentar resolver as diferenças diretamente. A Fraternidade é um presente que nos chega em maior grau se o que nos une é a missão para o exterior.

Portanto, temos essas quatro condições para orientar o início e a vida da Fraternidade:

CONDIÇÃO PREVIA: um bom catecumenato	CONDIÇÃO INTERNA: organização
CONDIÇÃO FUTURA: serviço aos pobres	CONDIÇÃO EXTERNA: inserção eclesial

CARTA ABERTA AOS QUE FORMAM AS ESCOLAS PIAS

da I Assembleia da Fraternidade Geral

Caros religiosos escolápios, membros da Fraternidade Escolápia, pessoas que compartilham a missão escolápia, colaboradores e colaboradoras:

Durante a última semana de julho, realizamos em Peralta de la Sal, sob a presidência do Pe. Geral, a I Assembleia da Fraternidade Geral e a Reunião de Responsáveis pela Integração Carismática e Missão Compartilhada da Ordem.

A primeira coisa que queremos comunicar a vocês é a nossa alegria e felicidade. Foram alguns dias de intensa reflexão, trabalho e, também, uma profunda experiência de comunhão. Atualmente, nos familiarizamos melhor com

¹⁷ Aqui é muito interessante o livro de Elkin Arango, "El camino comunitario". Verbo Divino, 1990

os esforços que muitos religiosos e leigos escolápios estão fazendo em todo o mundo para fortalecer o sujeito escolápio que realiza nossa missão, onde quer que o Espírito nos chame.

Constatamos, com alegria, que milhares de pessoas, religiosas, leigos e leigos receberam de Deus o dom e a tarefa de seguir a Jesus Cristo, continuando a missão de José de Calasanz, cada um de acordo com sua vocação específica. Muitas pessoas fazem isso em conjunto com os religiosos escolápios, pertencendo a uma das nove Fraternidades Escolápias que hoje existem nas Demarcações da Ordem. Outros o fazem com o desejo de compartilhar a missão escolápia e colaborar em várias plataformas educacionais formais e não formais, de acordo com as modalidades do Projeto Institucional para os Leigos, que a Ordem lançou dezoito anos atrás.

Estamos felizes de que o testemunho de fé e perseverança que tantos religiosos escolápios deram ao longo da história tenha produzido frutos abundantes e diversos em todo o mundo. Além das vocações religiosas escolápias necessárias, surgiram várias vocações em pessoas que querem ser seguidores de Calasanz desde a sua própria vocação leiga.

Desse modo, descobrimos que as Escolas Pias que assumem a tarefa confiada por Deus e pela Igreja ao nosso fundador, hoje somos constituídas por uma Ordem centenária que continua a se recriar em novos lugares, juntamente com uma Fraternidade que, mesmo dando seus primeiros passos, quer aportar o melhor de si para unir forças sempre que necessário, assim como muitas pessoas que compartilham a missão e colaboram conosco no que é comum a todos: a convicção de que encontramos o mesmo Deus em meninas e meninos, especialmente nos mais necessitados, quando nos tornamos seus instrumentos para lhes trazer amor e futuro. Essa comunhão, que é promovida por cada Capítulo Geral desde o Concílio, é sem dúvida a graça de Deus, mas foi forjada tenazmente ao longo desses anos por numerosos religiosos e leigos que a tornaram sua própria vocação.

Após essa I Assembleia, o Conselho Geral eleito da Fraternidade, juntamente com o Secretariado Geral de Integração Carismática e Missão Compartilhada, assume pelos próximos seis anos a tarefa de aprofundar o caminho percorrido. Para isso, deve ser formado como uma equipe que possa acompanhar as Fraternidades emergentes, além de ser uma interlocução válida da Congregação Geral e dos Secretariados Gerais para promover nosso projeto comum.

Nesse sentido, existem várias áreas em que essa colaboração é necessária e pode ser muito proveitosa: é necessário continuar difundindo o conhecimento das opções da Ordem e de seu Projeto Institucional dos Leigos entre todos os religiosos e leigos interessados em compartilhar nossa missão. É necessário projetar e desenvolver juntos processos de formação na chave da identidade escolápia para religiosos e leigos, nos quais as chaves desse projeto comum aparecem claramente.

A proposta de definir conjuntamente, sempre que possível, projetos de presença escolápia nos quais o papel das comunidades religiosas, da Fraternidade, das equipes de Missão Compartilhada e das várias plataformas da missão seja explicitamente explicada, pode ser uma maneira de colocar em prática os desejos de comunhão que são propostos.

Nesses projetos de presença escolápia, o horizonte de formar, em todos os lugares em que estamos presentes, uma Comunidade cristã escolápia, com as comunidades religiosas e a Fraternidade no centro, onde todos as pessoas que desejam compartilhar e celebrar sua fé na Eucaristia, onde os processos pastorais, especialmente do Movimento Calasanz, veem sua saída natural, onde os jovens que consideram sua vocação religiosa e pertencem à Fraternidade podem ter um espaço para crescer vocacionalmente, onde os ministérios escolápios necessários possam ser criados para o melhor desenvolvimento de nossa missão...

Nessa semana de reunião, também verificamos o alcance da Fundação Itaka-Escolápios como uma conquista concreta da missão institucional compartilhada entre a Ordem e a Fraternidade. Estamos convencidos de que essa plataforma está dando bons frutos em nosso esforço compartilhado de aumentar a presença e a missão escolápia em todo o mundo. Da mesma forma, notamos a importância da implementação do Movimento Calasanz em muitos lugares. Essa proposta da Ordem está possibilitando configurar processos pastorais completos que levem à desembocadura na Fraternidade e na vida religiosa escolápia, oferecendo a crianças, jovens e adultos uma inserção na Igreja com uma identidade escolápia.

Continuar a construir essas Escolas Pias na chave da comunhão é tarefa de todos. Essa I Assembleia da Fraternidade Geral foi um passo significativo, mas é necessário continuar trabalhando e nos comprometendo com esse projeto apaixonante.

Não queremos terminar sem agradecer o trabalho e a dedicação do Conselho Geral Provisório nos últimos anos, que, entre outras realizações, tornaram possível a realização dessa Primeira Assembleia.

Colocamos nossos sonhos nas mãos de Deus e pedimos que Calasanz continue a apontar o caminho para nós e que Maria, nossa Mãe, sempre nos acompanhe e nos proteja. Assim seja.

Peralta de la Sal, 31 de julho de 2014. Participantes da
ASSEMBLEIA DA FRATERNIDADE GERAL

E REUNIÃO DE MISSÃO COMPARTILHADA E INTEGRAÇÃO CARISMÁTICA

SABEDORIA DA AMIZADE

Uma bela lenda árabe diz que dois amigos viajaram pelo deserto e em um determinado ponto da viagem que discutiram.

Um, ofendido, sem nada a dizer, escreveu na areia: "Hoje, meu melhor amigo me deu um tapa na cara".

Eles continuaram e chegaram a um oásis onde resolveram tomar banho. Aquele que havia levado um tapa e ferido começou a se afogar, sendo salvo pelo amigo. Ao se recuperar, ele pegou uma caneta e escreveu em uma pedra: "Hoje, meu melhor amigo salvou minha vida".

Intrigado, o amigo perguntou: "Por que depois que te machuquei, você escreveu na areia e agora escreve em uma pedra?"

Sorrindo, o outro amigo respondeu: "Quando um grande amigo nos ofende, devemos escrever na areia onde o vento do esquecimento e do perdão o apaga; por outro lado, quando algo grande acontece conosco, devemos gravá-lo na pedra da memória do coração onde nenhum vento no mundo inteiro pode apagá-lo".

19. Diversidade de vocações na vocação comum

Já apontamos, no capítulo anterior, a importância da vocação para a implementação e a vida da Fraternidade. Devemos agora insistir nessa distinção entre a vocação comum e a vocação particular de cada membro da comunidade.

Todo cristão tem o chamado para seguir a Jesus: é uma vocação compartilhada com todos os cristãos do mundo.

A maneira de seguir Jesus é diferente de acordo com o ambiente em que se vive, de acordo com as descobertas e opções que está tomando. Assim, todos os membros da Fraternidade das Escolas Pias veem em Calasanz e na vida dos escolápios a estrutura onde eles podem viver sua fé e seguir a Jesus. As pessoas que formam a Fraternidade têm uma vocação comum: viver o carisma de Calasanz, ler o Evangelho do Mestre Jesus e das intuições escolápias, colaborar na construção do Reino de Deus através da educação cristã transformadora, celebrar e viver a fé em ambientes escolápio... Agora estamos falando sobre a vocação comum à Fraternidade escolápio.

Nela encontramos pessoas com uma vocação comum e também com vocações mais particulares: na Fraternidade há religiosos, padres, casais e solteiros, educadores e profissionais de outras áreas, pessoas mais ou menos sensíveis às diferentes formas de encarnar a vida e a missão escolápias... É o que chamamos a diversificação vocacional que encoraja cada pessoa a continuar descobrindo sua vocação dentro da Fraternidade e que enriquece toda a Fraternidade com essa variedade de carismas, estilos, vocações pessoais...

Na Fraternidade, ajudamos a discernir essas vocações mais particulares, na chave da cultura vocacional, com propostas de crescimento pessoal e comunitário, com concretizações de caminhos que abrem perspectivas vocacionais, como o envio para outros lugares, a encomenda e os ministérios escolápios, acompanhamento no crescimento pessoal, referência de diferentes vocações escolápias na mesma fraternidade (sacerdócio, vida consagrada, casamento, paternidade e maternidade, dedicação profissional, comunidades conjuntas de religiosos e leigos...).

A missão da Fraternidade é atender aos chamados de nossa sociedade, principalmente dos mais vulneráveis. E também para promover cada um de seus membros a seguir Jesus, em sua disponibilidade para o que Deus pode chamá-lo, em corresponsabilidade com as tarefas dentro e fora da Fraternidade, em perseverante fidelidade à vontade de Deus em todo momento da vida.

Haverá muitas iniciativas que podem ajudar nesse discernimento permanente da própria vocação, comum e particular, por meio de atividades formativas, retiros e exercícios espirituais, oração pessoal e comunitária, revisões da vida, projetos pessoais compartilhados na pequena comunidade, acompanhamento pessoal, propostas da pequena comunidade e da Fraternidade e da Ordem, etapas na capacidade de dedicação e disponibilidade etc.

Um momento importante nesse sentido é o que promove a Opção Definitiva para a Fraternidade, onde, após alguns anos de experiência e com o necessário contraste da comunidade e de seus animadores, cada pessoa discerne essa vocação para sempre pela Fraternidade que pode ser complementada com outros aspectos vocacionais em outras áreas da vida pessoal, família, trabalho, dedicação...

TESTEMUNHO DO ENCONTRO DE FRATERNIDADES DA BETÂNIA E EMAÚS 2015

Sonhando juntos a cultura vocacional

As Fraternidades escolápias de Emaús e Betania desejam contribuir para a promoção de uma cultura vocacional cristã e escolápia compartilhada e coerente que permita que cada pessoa e comunidade descubra, escolha e cresça em sua vocação pessoal e comum.

Estamos comprometidos em...

1. Trabalhar e cuidar das diferentes convocatórias, divulgando a pluralidade de propostas vocacionais e gerando opções para todos, para que cada vez mais pessoas se sintam chamadas e cada uma possa crescer em sua vocação. Procuraremos, em especial, despertar a centelha que cada jovem tem, oferecendo modelos apaixonantes de entrega, para que descubra o chamado para buscar sua felicidade máxima.
2. Preocupar-nos com o surgimento de todas as vocações, fazendo propostas individualizadas e aproveitando cada vez mais as plataformas que temos (colégios, Itaka, Movimento Calasanz, paróquias, projetos...).
3. Ser claros e transparentes no que queremos dizer, adaptando-nos aos diferentes destinatários e usando as formas de comunicação mais apropriadas para cada um deles.
4. Convocar mais pelo exemplo, testemunho e com sinais que nos tornem pessoal e institucionalmente reconhecíveis em nossa identidade escolápia.
5. Acolher pessoas com carinho, sem deixar ninguém de fora do projeto. Acima de tudo, cuidar e mimar os processos das pessoas que vêm de trás.
6. Espalhar o espírito de buscar a vocação a cada momento, vivendo em uma chave de disponibilidade e permitindo-nos ser guiados com docilidade e confiança evangélica pelo que os irmãos e irmãs veem em mim. Incentivaremos o compartilhamento e a redescoberta de "meu lugar nas Escolas Pias", para que, uma vez discernidos, o comuniquemos à Fraternidade e à Ordem na chave do serviço.
7. Estar atentos à realidade que nos cerca para responder às novas necessidades escolápias, eclesiais e sociais, pedindo ajuda, se necessário, e formando-nos no que nos é confiado.
8. Incentivar a participação em reuniões fraternas, locais e provinciais, transmitindo a importância que elas têm para criar laços, aumentar a comunhão, sentir-se parte das Escolas Pias.
9. Amar um ao outro e mostrar que nos amamos. Viver com alegria e faze-a brotar com força na Eucaristia, nas orações e nas celebrações, de maneira a atingir cada um dos membros da Comunidade cristã.
10. Fazer celebrações mais abertas, cuidadosas e participativas, dependendo dos destinatários, dos eventos e dos momentos litúrgicos. Viver a Eucaristia como centro da Fraternidade e da presença escolápia.

FAZER O QUE PODER

Um enorme incêndio foi declarado na selva e todos os animais acudiram para apagá-lo. Eles corriam o risco de serem queimados lá se não o apagavam.

Os camelos encheram suas barrigas com água, as girafas coletaram litros de água na boca... e assim todos os animais.

Uma manada de elefantes pegava água do lago com seus grandes baús. Cheio de surpresa, a chefe dos elefantes viu um passarinho rondando ao redor do lago: "O que você está fazendo aqui?"

O passarinho respondeu: "Estou molhando as penas e depois voando sobre o fogo e jogando algumas gotas de água".

“E você acha que é assim que vai apagar o fogo?”, respondeu o elefante.
“Não sei”, respondeu o passarinho, “mas faço o que posso”.

20. Cuidar da Fraternidade como corpo vivo

A Fraternidade é “um corpo habitado” pelo próprio Deus, que quer depender de nós, da comunidade, para se tornar mais presente no meio do mundo.

Nessa comunidade, todos somos necessários. Recordamos, mais uma vez, a preciosa parábola de São Paulo:

Assim como o corpo tem muitos membros, e ainda assim é um, e esses membros, apesar de serem muitos, formam apenas um corpo, assim é com Cristo...

O corpo não é composto de um único membro, mas de muitos. Se o pé dissesse: “Como não sou mão, não faço parte do corpo”, não seria por isso que não faria parte dele? E se o ouvido dissesse: “Como não sou olho, não faço parte do corpo”, deixaria de fazer parte dele? Se todo o corpo fosse um olho, onde estaria o ouvido? E se tudo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

Mas, Deus organizou cada um dos membros do corpo de acordo com um plano estabelecido. Porque se todos fossem um membro, onde estaria o corpo? De fato, existem muitos membros, mas o corpo é um.

O olho não pode dizer para a mão: “Eu não preciso de você”, nem a cabeça para os pés: “Eu não preciso de você”. Além disso, os membros do corpo que consideramos mais fracos também são necessários, e aqueles que consideramos menos decentes são aqueles que tratamos com mais decência. Assim, nossos membros menos dignos são tratados com maior respeito, pois outros não precisam ser tratados dessa maneira. Mas Deus organizou o corpo, dando maior honra aos membros que mais precisam, para que não haja divisões no corpo, mas que todos os membros se apoiem mutuamente. Um membro sofre? Todos os outros sofrem com isso. Um membro é exaltado? Todos os outros compartilham sua alegria.

Você é o Corpo de Cristo, e cada um em particular, membros desse Corpo (1 Cor 12, 12-27).

Convém lembrar mil vezes que os diferentes órgãos são essenciais para o funcionamento do corpo, que cada um tem uma função para o bem comum, que o trabalho conjunto é o que permite que o corpo continue, que ninguém pode pensar que ele é mais do que os outros. Além disso, que ninguém pode deixar de cumprir sua tarefa... e que quem dá vida ao corpo é a presença do próprio Jesus. Uma grande descoberta é saber que é Ele quem dá vida a cada um e também a comunidade e que uma grande responsabilidade é assumir a tarefa que lhe é confiada a cada um para o bem do corpo de Cristo.

Será tarefa da comunidade descobrir o papel de cada membro, valorizar cada irmão, agradecer sua contribuição, dar a cada um de nós o máximo possível, regozijar-nos com o bem do companheiro e ter empatia em seus momentos de dificuldade... para o bem de todos.

Essa parábola preciosa sobre o ego pode nos ajudar:

Minha mão, minha mão direita, escreveu muitos poemas que componho. E minha mão esquerda não escreveu nenhum poema. Mas, minha mão direita não pensa: “Mão esquerda, você é inútil”. Minha mão direita não tem nenhum complexo de superioridade e é por isso que é tão feliz. E minha mão esquerda não tem complexo de inferioridade. Portanto, em minhas mãos existe um tipo de sabedoria conhecida como não discriminação.

Lembro que um dia eu estava martilhando uma unha... Minha mão direita não estava muito firme e, em vez de bater na unha, bati em um dedo. Abaixei o martelo para que minha mão direita cuidasse da minha mão esquerda com muito amor, como cuidar de si mesma. No entanto, não diz: “Mão esquerda, você sabe que eu, a mão direita, cuidei de você, você precisa se lembrar e deve retribuir esse favor para mim no futuro”. Eles não pensam assim! E minha mão esquerda não diz: “Mão direita, você me machucou muito, me dê o martelo! Eu quero justiça!” Porque ambos sabem que estão unidos e são iguais¹⁸”.

¹⁸ Thich Nhat Hanh, “Ego” em <https://www.youtube.com/watch?v=9ORzDVGhusY>

Podemos enriquecer essa comparação pensando não apenas nos órgãos individuais, mas também nos sistemas que dão vida ao ser humano. Uma vida não é a soma de uma série de órgãos, mas o funcionamento harmônico de muitos sistemas:

- O sistema ósseo, com centenas de ossos, que dão estrutura e suporte a todo o corpo. A Fraternidade também precisa desse esqueleto para colocar todos os outros elementos.
- O sistema digestivo que alimenta cada célula, cada órgão. E a comunidade deve cuidar da nutrição pessoal de cada um de seus membros.
- O sistema respiratório que transporta o ar necessário para a vida, da mesma forma que a comunidade precisa do ar do Espírito, da Palavra, da Fraternidade...
- O sistema circulatório que transporta sangue com oxigênio e alimentos necessários para cada parte do corpo. E a comunidade deve ter algo semelhante para que a Fraternidade alcance todos.
- O sistema muscular que permite movimento, a ação, realizando o que o corpo deseja. E a Fraternidade deve ter músculos para se mover e cumprir a missão.
- O sistema reprodutivo que cria nova vida, que convoca novos membros, da mesma forma que a Fraternidade cria nova vida e novos irmãos e irmãs.
- O sistema excretor que elimina toxinas e tudo o que não precisamos nem nos faz bem, pois a comunidade precisa se libertar daquilo que nos intoxica.
- O sistema nervoso, encarregado de capturar a realidade e processá-la no pensamento e na ação, no sentido. E a Fraternidade deve ter sua visão, sua narração, suas linhas de ação.
- O sistema linfático e hormonal que sabe como responder automaticamente às várias situações que o corpo está enfrentando em seu desenvolvimento e em momentos críticos. Isso pode nos ajudar a ver como são nossas reações habituais na comunidade e como devemos melhorar.



Pode ser interessante tirar proveito dessa analogia de sistemas para verificar nossa comunidade nos diferentes sistemas e áreas de que precisamos para a vida e a missão à medida que crescem. E, é claro, ter em mente a necessidade de cada órgão, a necessidade do trabalho coordenado de todos, a complementaridade com a qual os diferentes elementos do corpo são ajustados... e da Fraternidade!

Entender a Fraternidade como um corpo vivo, como um ecossistema que precisa de todos, nos ajuda a entender melhor a nós mesmos, a tirar o melhor de cada um, a ter a vida plena que a presença de Jesus dá para animar cada órgão e área ao mesmo tempo que se faz presente por toda a Fraternidade.

TESTEMUNHO DO GOVERNADOR VALADARES - BRASIL

Meu nome é Márcio Furbino de Oliveira, sou de Governador Valadares, tenho 44 anos, sou casado com Elaine e tenho dois filhos, Luíza e Mateus.

Sempre participei na paróquia Nossa Senhora das Graças, em uma pequena comunidade chamada Bom Pastor, onde fui catequizado e iniciado na fé cristã. Minha paróquia é orientada pelos padres escolápios, então sempre tive contato com eles.

Em 2009, junto com outros irmãos, fomos convidados para um encontro na casa dos padres. Ficamos todos curiosos para saber do que se tratava. Pensávamos que seria mais uma reunião que os padres escolápios tinham inventado para nós.

Junto a minha esposa, fomos para aquele encontro que, desde o início, era muito bom. Naquela época, estavam em Valadares Pe. Alberto (que nos fez o convite), Pe. Enivaldo, Pe. Carmelo e Pe. Fernando, grande incentivador da Fraternidade em Valadares e no Brasil.

Passamos muito tempo sem entender direito o que os escolápios queriam da gente, mas aquele jeito de rezar, de partilhar a vida e, principalmente, de se formar ia nos enchendo de alegria e abrindo novos horizontes. Passei a entender melhor o que é ser católico e cristão.

Conhecendo a história do nosso santo fundador, São José de Calasanz, fui me apaixonando por suas intuições e seus ideais. A Fraternidade foi dando sentido à minha vida de cristão e me ajudando a viver melhor e, com qualidade, a minha fé.

Após oito anos de caminhada na Fraternidade, posso dizer tranquilamente que esse é meu estilo de vida, que preenche os espaços que eram vazios na minha vida pastoral. Sinto-me pertencente à ordem escolápia e quero contribuir com meus talentos, que Deus nos dá, para que o sonho de São José de Calasanz seja sempre uma realidade: evangelizar crianças e jovens, preferencialmente pobres.

Através da Fraternidade, tive privilégio de conhecer a terra natal de São José de Calasanz, Peralta de la Sal, quando participei do primeiro Conselho da Fraternidade do Brasil, junto com minhas irmãs: Izabel e Cidinha de Belo Horizonte. Foi um momento de muita alegria e descobertas.

Hoje, continuo colaborando na pequena comunidade Bom Pastor, comunidade que eu amo, e colaboro também na Paróquia, sempre na Liturgia e na Catequese. E digo que a Fraternidade é para mim espaço de partilha, vivência de fé e lugar onde eu me abasteco. Sinto-me um privilegiado em fazer parte da missão escolápia, especialmente, na Fraternidade Escolápia.

Vale muito a pena ser escolápio! Calasanz nos une!

Márcio Furbino de Oliveira, Fraternidade do Brasil em Governador Valadares

A REBELIÃO DAS COISAS

Quando olho para o céu e vejo que as coisas não estão funcionando, acho que algo está errado. Procuramos explicações em todos os lugares... Culpamos a América ou a Rússia, padres ou ateus, um partido ou um sindicato... aqueles que não pensam como eu... mas e, se no fundo, a explicação era mais profunda?

Este mundo é como um grande relógio. E dá a impressão de que algumas de suas engrenagens não funcionam. Por esse motivo, a hora está errada. E, para explicar, forjei um sonho, ou melhor, um pesadelo, e peço desculpas por narrá-lo como era em seu caos de imagens.

PRIMEIRA VISÃO

O rio disse à fonte: "Não, não preciso de você." E o rio fechou a boca. Ela secou e logo não tinha água suficiente para chorar.

O galho da cerejeira disse à cerejeira: "Não, não preciso da sua seiva". O galho fechou a boca e secou. A roseira disse ao sol: "Não, eu não preciso da sua luz." E a roseira não dava senão espinhos. O jardineiro o cortou e incendiou a clareira.

Isso ainda não era muito sério, e a face do mundo não havia mudado. Mas, os casos daqueles que recusaram receber multiplicaram-se. Os animais se recusavam a beber e os homens se recusavam a comer. O bebê não tomou o peito da mãe. O trabalhador não usou a máquina e até se recusou a pegar sua ferramenta. A terra disse ao sol: "Deite-se e nunca mais te vejo." O homem disse a Deus: "Não preciso mais de você" e depois disse a mesma coisa ao irmão. E ele se viu isolado, triste, condenado a morrer. A humanidade secou na terra enegrecida. E o próprio universo não passava de um imenso monte de esterco.

SEGUNDA VISÃO

Tudo começou com a revolução do pão. O pão disse ao homem: "Não quero mais que você me coma. Prefiro ficar como pão do que alimentá-lo. O homem, estupefato, deu cinco minutos para explicar o pão. O pão foi recolhido sobre a mesa e ele disse: "Estou cansado de servir você. Eu me rebelo. Eu sou livre, como você, para dizer sim ou não... e eu digo não".

E os vegetais, a carne, o sol, o ar, a água e o vinho recusaram-se a comer ou beber. Coisas foram contra os homens e as ferramentas caíram de suas mãos. Cada coisa dizia não à sua maneira. E os homens seguiram o movimento. O homem disse não ao irmão. Não havia nada além de NÃO na terra; NÃO, NÃO... A Terra ressoou com o barulho daqueles NÃO. Os NÃOs foram respondidos em ecos formidáveis. A rebelião foi unânime. Foi um gatilho indescritível para o NÃO. Da negação do mínimo de átomos, à gigantesca negação das estrelas e constelações. A pedra recusou-se a cair e a lua a brilhar. As estrelas perderam a capacidade de girar, o Sol não brilhou mais e as plantas secaram nos prados. Os sábios perderam a cabeça e o Presidente da república, a palavra, cada um era contra sua própria lei. Tudo foi negado. A humanidade disse não a Deus. Muito em breve tudo quebrou e havia apenas um imenso depósito de esterco no chão.

Sou o primeiro a rir dos meus sonhos, mas gosto de interpretá-los. O relógio é quebrado quando cada engrenagem quer ser suficiente sozinho e diz não.

Deus não deu liberdade às coisas e cada um segue sua própria lei. A maçã sempre cai e a roseira continua a dar rosas e o sol nunca se esconde. E se, no meu pesadelo, eu desse liberdade às coisas, era melhor ensinar aos homens suas próprias inconsistências. Bem, o homem é livre, o homem é capaz de negar a si mesmo... e nunca acaba de pisar sua lei e quebrar seu coração e sabotar a criação.

Isso é um sonho, mas...

... e se as coisas cumprirem sua lei à medida que você cumpre a sua, o que aconteceria?

... e se o padeiro, o agricultor, o fazendeiro... o pedreiro ou o electricista... todos aqueles - milhares de pessoas - que possibilitam que você viva cumpriram a lei deles como você cumprir a sua, você poderia ser livre?

... e se, pelo contrário, cada homem segue sua própria lei, e a mão estendida, a amizade substituiu a preguiça, o ressentimento... não seria a terra nova, o homem livre de verdade e a vida uma canção de louvor ao Criador?

21. Etapas da fraternidade e opção definitiva

Vale a pena parar por um momento para pensar nas etapas pelas quais uma Fraternidade passa e também em cada um de seus membros.

No nascimento, a Fraternidade vive a aventura do início, do começo de uma história, de ser protagonista de algo novo, de inventar... e tudo isso é, ao mesmo tempo, algo atraente que excita e, ao mesmo tempo, algo que suscita muitas perguntas e dúvidas sobre o que o que deve ser feito em cada caso.

Quando algum tempo passa e novos membros se juntam à Fraternidade, o caminho, a maneira de agir, o estilo comunitário fica mais claro... o que facilita muito a vida comunitária. E, ao mesmo tempo, alguns aspectos são questionados por os novos irmãos e irmãs: isso poderia funcionar de outra maneira.

Isso se manifesta no dia-a-dia e também em situações concretas: nas assembleias, na renovação dos conselhos, em certas decisões que devem ser tomadas... Isso, que serve para manter viva a Fraternidade, também pode criar algumas tensões.

Além disso, a primeira ilusão da gente, com o passar do tempo, deve tornar-se uma fidelidade sustentada que purifica as motivações para continuar seguindo Jesus. Não é incomum que haja algumas baixas de pessoas que estão decepcionadas ou que não respondem aos requisitos da comunidade. Será necessário na Fraternidade lançar algumas iniciativas que ajudem a continuar a crescer pessoalmente, a manter a perseverança feliz e também na capacidade de chamar e ter ilusão para todos.

Esse processo da Fraternidade está unido e em influência mútua com o processo que vive cada uma das pessoas que compõem a comunidade. É interessante e muito sugestivo apresentar essa possível evolução como Jean Vanier faz quando fala de quatro crises, com base na figura de Pedro:

- A primeira crise, e menos difícil, é quando a pessoa entra na comunidade e renuncia a alguns aspectos da família, trabalho, casa, uso do dinheiro...
- A segunda crise ocorre quando descobrimos que a comunidade não é tão perfeita quanto pensávamos, que possui seus defeitos: Pedro deve aceitar que Jesus não é um Messias cheio de poder.
- A terceira, quando alguém se sente pouco entendido e valorizado pela comunidade, estimado em menos: Pedro abandona e nega Jesus quando anuncia sua redução à morte.
- A quarta e mais dolorosa crise é quando alguém se sente decepcionado consigo mesmo, dominado por suas frustrações e ciúmes: Pedro entende que Jesus estava certo sobre ele e chora amargamente.

Esses momentos de crise, quando superados, ajudam a purificar a própria vocação da comunidade escolápi, a relativizar os critérios e as expectativas que antes serviam, a focalizar o que o Senhor nos propõe todos os dias através da Fraternidade e as situações que vão aparecendo.

Será importante ter na Fraternidade algumas pessoas (os animadores de cada comunidade, o Conselho, os religiosos da Fraternidade, as pessoas com esse carisma pessoal) e alguns mecanismos que possam ajudar nesse processo de realismo e fidelidade.

Nessas etapas da Fraternidade e de cada membro, será fundamental o conhecimento suficiente, com o apoio que possa ser recebido de outras pessoas e comunidades, de algumas ações que possam ajudar (material de formação, retiros, acompanhamentos, compartilhamento de vida, correção fraterna, propostas atraentes etc.).

A mobilidade de pessoas de uma pequena comunidade para outra ajuda, em grande parte, a sair da zona de conforto, a encontrar-se nas opções fundamentais da vocação à Fraternidade, a revitalizar cada comunidade com a novidade da transferência de membros, a mudanças concretas na dinâmica da comunidade, para crescer em um sentimento de Fraternidade além de cada pequena comunidade...

Essa mobilidade, que deve ser bem cuidada e dirigida pelo Conselho e pelos responsáveis da Fraternidade, é um sinal de maturidade para indivíduos e grupos, além de uma excelente ferramenta para manter a Fraternidade mais viva.

1. As renovações da promessa

Podemos refletir na renovação periódica da promessa de entrar na Fraternidade, como um momento para parar e reviver a primeira vocação, introduzir as mudanças necessárias, continuar apostando nos irmãos e na Fraternidade, sugerir as modificações pertinentes na marcha comunidade, reler e orar os documentos que nos definem, analisar a caminhada pessoal...

Em cada renovação, é necessário contrastar, pelo menos, os traços da vocação comum (Fraternidade das Escolas Pias", nº 14) que configuram os irmãos e irmãs da Fraternidade:

1. aprofundar sua vocação cristã e sua missão como membros do Povo de Deus;
2. saber mais sobre a pessoa de Jesus, bem como a Palavra de Deus;
3. avançar em um melhor conhecimento da pessoa e da obra de Calasanz;
4. orar pessoalmente;
5. participar da Eucaristia semanal, se possível na Comunidade Cristã Escolápia;
6. disponibilizar semanalmente um tempo livre para serviço a terceiros;
7. compartilhar economicamente na missão escolápia e nas necessidades internas;
8. colaborar na construção das Escolas Pias, especialmente na consolidação de todas as vocações escolápias e sua missão.
9. participar ativamente da pequena comunidade, entendida como uma comunidade de referência, onde oração, vida, formação são compartilhadas...;
10. cultivar o sentido e os laços comunitários com os outros grupos da Fraternidade;
11. participar de reuniões da Fraternidade e das Escolas Pias, organizadas para promover a convivência fraterna, a formação ou a missão escolápia;
12. favorecer a integração da obra, à qual pertencem, no âmbito do país, a Demarcação escolápia, a Comunidade e a Igreja local;
13. assumir a missão escolápia como sua;
14. animar a Comunidade cristã escolápia;
15. sentir-se parte das Escolas Pias e, como tal, corresponsável por elas.

A renovação também é um momento em que o Conselho da Fraternidade, os animadores das pequenas comunidades e todos os membros devem intervir para ajudar cada pessoa a ser mais fiel à Fraternidade por meio de apoio, correção ou discernimento sobre sua continuidade.

A revisão do projeto pessoal e sua transformação desde o plano de cada um para a resposta ao projeto do Senhor manifestado nos impulsos internos, nas demandas dos irmãos da comunidade, no permanente discernimento, serão um elemento a ser cuidado.

A possibilidade de uma Opção Definitiva para a Fraternidade também é uma oportunidade como um novo passo na vida de alguém, após o catecumenato inicial e os anos já vividos na comunidade.

2. Rumo à Opção Definitiva

Nos primeiros anos da Fraternidade, a promessa é temporária e, após o prazo estabelecido em cada caso¹⁹, com discernimento pessoal suficiente e da Fraternidade, é realizada a Opção Definitiva pela Fraternidade, com registro escrito e assinado.

Essa promessa para sempre representa um avanço na vida pessoal e também da Fraternidade. Para a pessoas é começar uma nova etapa, sem olhar para trás (Lc 9, 62). Para a Fraternidade, é saber com quem se pode contar permanentemente.

A preparação deste passo é uma ajuda para quem o realiza e também para toda a Fraternidade toda vez que uma irmã ou irmão promete seguir Jesus na Fraternidade escolápia para sempre, porque questiona a todos e porque revive a Opção de cada um.

Deve ser a Opção Definitiva que cobre um determinado itinerário em que, além dos anos já vividos na Fraternidade, a pequena comunidade intervém acompanhando a pessoa, os responsáveis da Fraternidade participam e são promovidos momentos especiais de reflexão, oração, discernimento, talvez também propostas individualizadas...

Talvez seja hora de ter um acompanhamento pessoal, uma entrevista com o Conselho da Fraternidade e com as mediações possíveis e convenientes.

É conveniente um pedido por escrito para realizar a referida Opção, e o Conselho terá que aceitá-la ou adiá-la após ouvir a parte interessada e as pessoas que julgar apropriadas.

A celebração, no âmbito da Eucaristia, será essencial para mostrar a centralidade de Jesus, que é quem chama e que convida cada um de nós e toda a Fraternidade a segui-lo de maneira generosa, disponível e comunitária.

A Opção Definitiva oferece um espaço muito adequado para continuar se aprofundando na vocação particular, que concretiza a vocação comum à Fraternidade. Pode ser uma oportunidade de discernimento pessoal, de propostas da comunidade, de abertura para atender aos apelos da nossa realidade...

TESTEMUNHO DE VALÊNCIA – VENEZUELA

Fazer parte da Fraternidade escolápia tem sido um caminho cheio de alegrias, desafios educacionais e transformadores, e tudo isso enriquecido pela luz do Evangelho de Jesus de Nazaré e no estilo escolápico. Agora, ser membro da Fraternidade, voluntariar no trabalho escolápico tem suas implicações - em todas as dimensões - de muito testemunho e comprometimento, nas quais a consistência é fundamental, portanto não será fácil, mas também não haverá oportunidade de ficar entediado. Eu compartilho um pouco.

Ser membro da Fraternidade escolápia me envolveu diariamente (ou quase) em vários ambientes, desde que trabalho na Unidade Educacional de Assistência Social São José de Calasanz em Valência - Venezuela - e como voluntário estou na Paróquia, em menos ocasiões em Itaka-Escolápios e no Centro Cultural Calasanz. Como podemos ver, é uma presença escolápica complexa, dinâmica e rica. Me deparei com momentos em que não distingo o trabalho voluntário e, quando paro para olhar atentamente, digo para mim mesmo: "em qualquer ambiente, estou fazendo a missão escolápica, e vocês também, então vamos trabalhar". No meu caso, trabalho na administração da escola e em outros ambientes de logística, talvez não seja o trabalho direto com os meninos, mas nos preocupamos e cuidamos para que nada falte - em pedagogia, pastoral, infraestrutura, entre outros - nossa equipe, voluntários e catequistas, para que essa "evangelização pela educação" seja eficaz em todas as idades, para o Movimento Calasanz, desde o menor até o acumulado.

Ser membro da Fraternidade também implica estar disponível para outras tarefas nas quais a comunidade de referência ou a Equipe de presença escolápica indica a você, com discernimento prévio, que saberemos que terá sucesso se você liderar ou acompanhar, conforme seja necessário.

A participação na Fraternidade também envolveu o compartilhamento de ativos e finanças. É um aspecto que fazemos de maneira pessoal, embora saibamos que faz parte do passo para a Fraternidade, mas quando damos a chave para operações de transferências bancárias, fazemos com prazer, com solidariedade. Devemos investir tempo, habilidades e dinheiro em todos os projetos aqui e ali (a partir de nossa Demarcação ou não), apesar do fato de que isso nos foi difícil pela situação complicada que estamos enfrentando neste momento na Venezuela.

¹⁹ Normalmente, o termo é de dois ou três anos de vida na Fraternidade. E também é indicado um prazo máximo de sete anos em que a promessa temporária deve se tornar definitiva.

Ser membro da Fraternidade escolápia deixa claro para mim, como diz o itinerário formativo anterior à comunidade, que é "vocacional", compreendendo a vocação não apenas para os religiosos, mas também para nós, leigos, que de nosso estado também vivemos o carisma escolápico (missão-comunidade-espiritualidade) com todas as suas letras, talvez alguns de nós não vivam em uma comunidade conjunta, mas vivemos sendo uma comunidade de vida escolápica e vida em abundância.

Para concluir, ser membro da Fraternidade escolápica me fez descobrir e me reconhecer como filho de Deus, e nessa descoberta e reconhecimento eu o coloquei sob o comando dos mais próximos e também dos mais distantes, uma vez diretamente ou em outros momentos, por trás da cortina, mas focada na missão, na espiritualidade e na comunidade, como Escola Pia e como uma Igreja.

Raúl Zambrano, Comunidade Peralta. Fraternidade de Valência - Venezuela.

JESUS, SOMOS SUAS MÃOS

Jesus, você não tem mãos. Você tem apenas nossas mãos para construir um mundo onde a justiça vive.

Jesus, você não tem pés. Você tem apenas nossos pés para impulsionar a liberdade e amor.

Jesus, você não tem lábios. Você tem apenas nossos lábios para anunciar ao mundo as boas novas dos pobres.

Jesus, você não tem meios. Você tem apenas nossa ação para fazer todos os homens serem irmãos.

Jesus, nós somos o seu evangelho, o único evangelho que as pessoas podem ler, se nossas vidas são obras e palavras eficazes.

V. ESCOLAS PIAS NA FRATERNIDADE, UM HORIZONTE QUE SE ABRE

Voltaram os setenta e dois e disseram-lhe com alegria:
"Senhor, até os demônios se submetem a nós em seu nome."
Ele lhes disse: "... Eu lhe dei o poder de andar sobre cobras e escorpiões e vencer todas as forças do inimigo; e nada pode prejudicá-los. Não fiquem contentes, no entanto, que os espíritos se submetam a vocês; Antes, alegrem-se por seus nomes estarem escritos no céu. Naquele momento, Jesus estremeceu de alegria, movido pelo Espírito Santo, e disse:
"Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por ter escondido essas coisas dos sábios e prudentes e revelar aos pequenos. Sim, pai, porque você quis fazer isso (Lc 10: 6-21).

Nos capítulos anteriores, já indicamos como a implementação da Fraternidade introduz uma mudança qualitativa nas Escolas Pias do lugar. Agora vamos desenvolver esse aspecto.

Quando a Fraternidade existe, a vida e a missão escolápias são grandemente fortalecidas, tanto pelo número quanto pela diversidade de pessoas que assumem essa identidade escolápica como sua. É um novo sujeito escolápico que, juntamente com a Ordem, assume em corresponsabilidade o carisma escolápico: ele é um "novo nós".

Os componentes da Fraternidade são os leigos escolápicos (e religiosos) que assumem o carisma escolápico por sua própria vocação e isso representa um importante reforço para as Escolas Pias do lugar. Eles não são mais apenas religiosos, mas também um grupo de pessoas fortemente identificadas, um grupo constituído e altamente visível, com diversas capacidades e situações que abrem mais possibilidades, com sensibilidades que favorecem uma maior conexão com o meio ambiente.

Assim, por exemplo, uma Fraternidade presente em um centro educativo proporciona uma maior presença escolápica que reforça o trabalho dos religiosos, oferece um maior número de pessoas para as diferentes tarefas (podemos pensar nas profissões dos membros da Fraternidade) e é uma referência (podem ser famílias da Fraternidade, estudantes que têm seus pais na Fraternidade, idades variadas), podem ser novas maneiras de abordar as gentes, podem promover o trabalho conjunto como educadores (papel das famílias, ex-alunos, educadores voluntários ou profissionais) etc.

22. Viver na chave da presença escolápia

"Para educar uma criança, toda a tribo é necessária" é uma afirmação de todo educador que considera necessário unir sua tarefa à da família, do ambiente da criança, de seus amigos, do mundo em que ele se move, da mídia, das leis... Tentar educar individualmente é uma missão destinada ao fracasso.

Estamos cada vez mais conscientes do trabalho em equipe, da necessidade de colaboração de diferentes agentes educacionais, das sinergias necessárias para qualquer trabalho eficiente. Quanto maior a complexidade de nossas obras, a crescente demanda de nossa sociedade, as mudanças nas pessoas responsáveis por nossas obras, as novas situações das comunidades religiosas indicam que o trabalho coordenado é cada vez mais essencial.

Os escolápios estamos crescendo nessa conscientização e em passos para um trabalho mais conjunto e coordenado. As práticas individualistas em que cada um é o "proprietário" de um espaço escolápio (seja na sala de aula, em seu próprio grupo, na responsabilidade específica) já estão terminando para passar a uma ação mais comum, compartilhada e sustentável ao longo do tempo, enriquecida com as diferentes contribuições de todas as pessoas que colaboram de alguma forma na missão escolápia.

Em todo lugar escolápio, há, além das pessoas que promovem a vida e a missão, uma série de obras: pode ser um colégio, uma paróquia, uma obra social, um centro social ou cultural, algum tipo de movimento juvenil, uma obra mais ou menos desenvolvido com as famílias ou com o meio ambiente etc.

Chamamos o grupo escolápio de pessoas e comunidades, juntamente com os trabalhos que realizam, a presença escolápia, que pode ser local, demarcacional ou mesmo geral. É um conceito incluído nos regulamentos escolápios desde o Capítulo Geral de 2015:

"A presença escolápia é o conjunto de instituições comunitárias e apostólicas (e as plataformas relacionais estabelecidas em seu ambiente) que constituem e configuram a realidade escolápia concreta de um local, seja localidade, Demarcação ou mundo escolápio geral. Equiparemos nossas presenças escolápias com os projetos e equipes apropriados para seu crescimento e consolidação" (Regras Comuns, nº 12).

A introdução dessa chave multiplica as possibilidades da vida e da missão escolápias, ganhando a satisfação das pessoas e a eficiência do seu trabalho.

Implementar esse modelo de presença escolápia significa aumentar a conscientização da comunidade através da constituição de uma equipe de presença que, em cada área (local, provincial ou geral), assume, com a liderança de uma pessoa, um projeto de presença que possa dar unidade à vida escolápia (comunidades religiosas, Fraternidade, outras pessoas e equipes que colaboram) e obras escolápias.

O usual é que cada Demarcação, levando em consideração as linhas estabelecidas pela Ordem, estabeleça um projeto de presença que, posteriormente, em cada localidade seja especificado nos objetivos comuns das comunidades e obras, as ações fundamentais de cada uma delas, as iniciativas de colaboração conjunta, a agenda correspondente, os órgãos de coordenação, os sistemas de avaliação... e tudo o que parecer conveniente para o desenvolvimento do referido projeto de presença.

Isso, que pode parecer complicado a princípio, facilita uma linha escolápia comum, o sentimento de corresponsabilidade de todos, trabalho conjunto e sustentado ao longo do tempo, trabalho em equipe mesmo em diferentes instâncias, criatividade em nosso trabalho, maior eficiência e satisfação...

Trabalhar com essa chave de presença também permite que outras pessoas sejam incluídas na vida e missão escolápias, graças às informações compartilhadas, aos espaços comuns que estão sendo criados, à mentalidade geral, à possibilidade de contribuição de diferentes pessoas e entidades, à maior variedade de possibilidades de cooperação.

A capacidade de convocar mais pessoas para o projeto escolápio também ganha uma nova perspectiva, ganhando em difusão, em riqueza de conteúdo por meio de uma maior participação, no aumento de agentes que podem realizar a missão escolápia.

A Fraternidade está sendo uma força motriz por trás dessa chave de presença que a ajuda a se posicionar na vida e missão escolápias, enriquecendo-as enormemente com sua contribuição.

Já existem muitas Demarcações e Fraternidades que estão desenvolvendo essa chave e que podem servir de orientação para que todos possam avançar nessa direção²⁰.

²⁰ Podemos ver alguns projetos e experiências em <https://www.escolapios21.org/presencia/>

1. Presença escolápia e Comunidade escolápia de referência

Deve-se ter em mente, em qualquer presença escolápia, que é necessário ter a comunidade escolápia de referência. Isso ficou muito claro para Calasanz, que vê a necessidade de vida comum dos escolápios que realizam a missão em cada lugar. É a comunidade, além das pessoas concretas, que dá continuidade no tempo e estilo de ação a todo trabalho escolápico, a toda presença escolápia.

Durante muito tempo, essa comunidade de referência foi e continua sendo, em muitos lugares, a comunidade religiosa. Trata-se de uma grande riqueza que visualiza a identidade escolápia, reforça e confere consistência.

Agora, a situação atual está mudando em muitos lugares escolápios devido à diminuição de religiosos em cada uma das obras ou à perda de influência devido à alta idade ou falta de saúde, devido à expansão da missão, devido à existência de duas comunidades religiosas na mesma presença, devido ao aparecimento da Fraternidade, que também é um sujeito escolápico da missão... e tudo isso aconselha a atualização dessa comunidade escolápia de referência em cada presença.

Hoje temos experiências muito variadas, algumas com grande sucesso e outras nem tanto, que é conveniente estar certo na situação em que cada uma está.

Hoje temos experiências negativas de presenças sem uma comunidade de referência, o que causa um rápido enfraquecimento. Às vezes, esforços impossíveis são solicitados a religiosos que não conseguem responder à necessidade de estar em duas populações ao mesmo tempo. Também pode ser comunidades com comportamentos individualistas que não são referência e dependem dos religiosos que estão em cada momento.

Graças a Deus, temos muitas mais experiências positivas de comunidades religiosas vivas e unidas, que são um sinal de identidade e unidade escolápia. Temos Fraternidades que se tornam a comunidade de referência com os religiosos, às vezes, comunidades conjuntas que compartilham o lar e que são uma referência muito próxima às pessoas a quem estamos nos dirigindo. Às vezes, existem várias comunidades de referência na mesma localidade, bem coesas e referenciais. Em algumas ocasiões, a comunidade de referência pertence exclusivamente à Fraternidade, com o apoio da Província. E também temos muitas outras realidades que estão dando uma resposta escolápia muito adequada. O que parece essencial para funcionar com esse modelo de presença é poder contar com uma comunidade escolápia de referência, onde os religiosos, a Fraternidade e as pessoas que se sentem chamadas possam viver sua fé e assumir a liderança carismática dessa presença.

TESTEMUNHO DE BILBAO – ESPANHA

Como a Fraternidade se situa na presença escolápia.

Num contexto de redução numérica da vida religiosa e do sacerdócio, à vezes, surge a pergunta: Quantos de vocês são escolápios em Bilbao? A resposta é geralmente: 108. O interlocutor fica surpreso, porque provavelmente pensou apenas em escolápios religiosos. Mas, existem realmente 108 pessoas em nossa cidade que são seguidores de Jesus, vivendo a fé em uma comunidade escolápia e participando do carisma de Calasanz. Existem 108 pessoas que fazem parte da Fraternidade escolápia e que são pessoas integradas carismaticamente nas Escolas Pias. Destes, 4 são religiosos escolápios e 8 escolápios leigos (integração carismática e jurídica).

Aqueles que compõem a Fraternidade recebem o carisma escolápico, um presente, um presente que o Espírito Santo dá, que dá vida e que comete. A Fraternidade significa aceitar o carisma.

1. Fazer presente Jesus:

Esta é a sua principal tarefa. Dar testemunho através da vida pessoal e comunitária de Jesus Cristo, de sua presença viva entre nós. Refletir seu rosto, ser suas mãos.

O rosto de Jesus é multifacetado, muito rico, inesgotável. Como escolápios, cabe a nós "reflexar" o rosto e as mãos de Jesus que aborda as crianças (educar), especialmente os pobres, para anunciar o Reino (evangelizar-anunciar) e viver hoje nele (transformar a sociedade).

Através da vida comunitária, trabalho e missão, a celebração de nossa fé, através de nossa espiritualidade, nossa vida animada pelo Espírito de Jesus, a Fraternidade mostra todas as pessoas, especialmente crianças e jovens, o caminho da vida em Jesus Cristo.

2. Assumir responsabilidade na missão escolápia e em suas principais mediações:

Aceitar o carisma escolápio implica também receber a rica herança das obras escolápias. Isso significa que um bom número de membros da Fraternidade participará ativamente delas, em alguns casos, como profissionais e, em muitos outros, como voluntários. E para todos, significa sentir essas obras como próprias, conhecê-las e, respeitando a autonomia das diferentes áreas e equipes, contribuir com tudo o que é possível para o colégio, para os diferentes projetos de Itaka-Escolápios e na formação e promoção da Comunidade Cristã Escolápia.

Por ser relativamente recente (no nosso caso, 25 anos) e, sobretudo, por ser um dom do Espírito que nunca se deixa capturar completamente, a descoberta do que esse novo "sujeito" escolápio implica ter muito caminho em frente. A riqueza que ela traz para a vida e missão escolápias é contrastada, mas ainda há um caminho a percorrer. Nesta jornada, as pessoas que agem como uma "prateleira" têm uma responsabilidade especial, unindo diferentes âmbitos e realidades, como escolápios religiosos, escolápios leigos e diferentes ministérios. Nessa mesma linha, novas realidades estão assumindo importância que ajudam a formar esse novo sujeito escolápio, como projetos e equipes com presença local e provincial e a Fundação Itaka-Escolápios.

Pe. Alberto Prieto, Itaka Fraternidade de Emaús

VOCÊ NOS REUNIU EM COMUNIDADE

Obrigado, Padre Santo, porque, através de Jesus, Você nos uniu nesta comunidade.

Queremos tornar o estilo de vida de Jesus, ouvindo sua Palavra, compartilhando sua missão, sendo seus discípulos.

Pai, que nosso grupo nunca se encerre,

Que eu sempre viva para a missão, anunciar o seu Reino ao serviço de todos os homens, assumindo a causa dos pobres.

Que Maria esteja sempre entre nós, como entre os apóstolos para nos ajudar na tarefa de evangelizar.

Que seu Reino venha, Senhor!

23. Possibilitar diferentes formas de participação

A implementação e o desenvolvimento da Fraternidade facilitam muito a promoção de outras formas de participação nas Escolas Pias. Obviamente, esse não é o único caminho, mas é um elemento que ajuda muito o início e o crescimento das pessoas que desejam abordar o mundo escolápio de acordo com sua própria vocação.

Recordamos a estrutura escolápia que nos ajuda a apresentar essas possibilidades de participação:

1. A vida religiosa escolápia

É, sem dúvida, uma maneira completa de viver o carisma escolápio, que permitiu desde Calasanz até hoje que as Escolas Pias alcancem todos nós. A consagração religiosa com seus votos e vida comunitária supõe a vocação de imitar o pobre, casto e obediente Jesus, que compartilha a vida em comunidade. A ordenação sacerdotal da maioria dos religiosos é a vocação de ser "outro Cristo" para a comunidade, com seu ministério da Palavra, celebração, comunhão e caridade. A experiência do carisma, que Calasanz inicia, é uma vocação a favor dos menores e mais necessitados para construir um mundo melhor através da educação cristã transformadora. Pertencer à Ordem para sempre é uma cristalização dessa rica vocação com o grupo de irmãos, com as obras existentes, com as opções que são tomadas em conjunto e com o caminho que estamos percorrendo juntos. Tudo isso constitui um modo completo de viver e fazer parte das Escolas Pias.

Durante séculos, a vida religiosa escolápia viveu plenamente sem a presença da Fraternidade e, nesse sentido, não precisava dela. Mas sempre, mesmo na vida de Calasanz, as Escolas Pias são impensáveis sem leigos próximos que colaboram e possibilitam a missão escolápia.

Quando a Fraternidade está viva e forte em uma Demarcação, a vida religiosa é grandemente enriquecida. Em primeiro lugar, porque ela se tornou a "mãe" da Fraternidade, porque ela foi capaz de criar e acompanhar uma nova vida escolápia. Também porque a "filha" não é apenas uma tarefa da Província, mas também um dom que nos faz viver em outra dimensão e que multiplica as possibilidades da missão.

A Fraternidade dá mãos e coração à vida escolápia. Expande as possibilidades de comunidade e de convocatória para a colheita escolápia. Facilita tarefas que podem ser realizadas em conjunto, religiosos e leigos, cada uma de

acordo com sua vocação e habilidades. A Fraternidade abre horizontes, contribui com uma nova sensibilidade para a diversidade que isso implica e se torna um colaborador fundamental da Demarcação.

2. Os escolápios leigos

A Fraternidade, à medida que cresce, estabelece novos passos para seus membros e ajuda a discernir os aspectos de uma vocação particular que concretizam a vocação comum na Fraternidade.

Não é de estranhar que os irmãos e irmãs da Fraternidade que vivem intensamente o carisma escolápio considerem e peçam uma conexão maior com a Fraternidade e com a própria Ordem! Eles estão pedindo uma integração carismática (que já ocorre na Fraternidade) e também uma integração jurídica: são os escolápios leigos.

Essa vocação ajuda a Fraternidade, fomentando pessoas chamadas para esse novo passo de envolvimento e também a Ordem. São também uma realidade que une esses dois sujeitos escolápios, Ordem e Fraternidade, com pessoas que participam de ambas as entidades, analogamente aos religiosos que participam plenamente da Ordem e também da Fraternidade.

Tal vocação é impensável sem a existência de uma Fraternidade viva que a propõe e a acompanha, juntamente com a Ordem. Abrir a porta a esta vocação é um passo corajoso para a Ordem, a Fraternidade e as pessoas que a descobrem como um chamado do Senhor.

3. A Fraternidade das Escolas Pias

A Fraternidade deve cuidar especialmente dessa maneira de participar do carisma escolápio, viver com intensidade, compartilhar na pequena comunidade e na Fraternidade esse carisma que vem de Calasanz, caminhando junto à Ordem, trabalhando na missão escolápia desde a própria vocação e sempre em disponibilidade, dando a conhecer e convocar outras pessoas que possam estar interessadas nessa vocação...

A Fraternidade escolápia compartilha o carisma escolápio junto com a Ordem. Isso significa que assume a espiritualidade, a vida e a missão escolápia. Vale ressaltar a importância disso e, principalmente, do ministério escolápio assumido pela Fraternidade como um todo: é responsável, em conjunto, pelo ministério que a Igreja concede a Calasanz e aos escolápios. Esse é um grande presente... e uma grande responsabilidade!

A afiliação à Fraternidade pode ser grandemente enriquecida ao ingressar na Rede Internacional Itaka - Escolápios, se assim o decidirem junto com a Demarcação correspondente. Representa um passo qualitativo de crescimento ao dispor de um instrumento que multiplica as possibilidades de missão, de pertencer ao mundo escolápio internacional, de organização interna em conexão com outras Províncias e Fraternidades, de corresponsabilidade com as Escolas Pias etc.

4. Equipes de missão compartilhada

A formação da modalidade de missão compartilhada envolve a organização de equipes de pessoas que, após um processo de formação e uma decisão pessoal também aceita pela Província, desejam viver sua dedicação como missão junto aos escolápios.

Uma Fraternidade pode ajudar muito a iniciar essa forma de participação, não apenas porque são mais mãos para seguir esse caminho, mas também porque pode facilitar o início com envolvimento de algumas pessoas nessas equipes. Por exemplo, algumas pessoas da Fraternidade podem criar o grupo inicial, para que outros tenham um espaço de garantia para iniciá-lo.

Ter a Fraternidade abre mais possibilidades para pensar em equipes de missão compartilhada de professores, profissionais e / ou voluntários de obras escolápias, de famílias etc.

A Fraternidade também possibilita convidar aqueles que se sentem chamados à mesma Fraternidade após algum tempo nessas equipes de missão compartilhada.

5. Os colaboradores

Nas obras escolápias, há muitos e diversos colaboradores que participam das diferentes atividades: educadores, voluntários, famílias, ex-alunos, parceiros...

A Fraternidade pode ajudar muito a promover essa colaboração com novos apelos, com o testemunho de vida, com o treinamento de colaboradores em suas tarefas, com proximidade e sinais de agradecimento, com iniciativas de apoio em determinados momentos etc.

Ao expandir o número de pessoas (já não são somente os religiosos), não apenas aumentam as possibilidades de colaboração, mas também se tornam mais institucionais e menos dependentes do relacionamento pessoal que os colaboradores podem ter com um determinado religioso.

6. Os destinatários da missão escolápia

O centro das Escolas Pias são sempre as crianças e os jovens, os pobres. Toda vez que temos um novo religioso, um novo colaborador, um novo irmão da Fraternidade ou das equipes de missão compartilhada, aqueles que mais se beneficiam são aqueles a quem servimos.

Ter a Fraternidade é um grande reforço, uma vez que não é apenas uma colaboração pessoal, mas também institucional, que dá mais garantia de solidez e perseverança ao longo do tempo.

Uma Fraternidade é um presente para seus membros e também para as outras maneiras pelas quais as pessoas podem participar das Escolas Pias.

TESTEMUNHO DESDE BILBAO - ESPANHA

Os grupos de missão compartilhada são grupos de pessoas enviadas para promover e incorporar a presença escolápia nos diferentes âmbitos de cada lugar.

No nosso caso, em Bilbao, temos três grupos, um composto por pessoas que trabalham no colégio, outro composto por pessoas que trabalham em Itaka-Escolápios e outro composto por famílias do colégio.

No caso dos grupos de Itaka-Escolápios e do colégio, de que participamos, faz do nosso trabalho profissional uma missão compartilhada vivida de maneira vocacional. Além disso, queremos ser um motor que promova, a partir da cultura vocacional e da convocatória de todos os que compõem o colégio e Itaka - Escolápios, para a Comunidade cristã escolápia como agente e horizonte da missão educativa, pastoral e solidária escolápia em Bilbao.

Por outro lado, existe o grupo de missão compartilhada de famílias, composta por mães e pais do colégio, que não apenas participam e colaboram com a escola e / ou Itaka - Escolápios, mas também compartilham a missão escolápia e a promovem globalmente.

Tenho sorte de participar das três equipes e, para mim, é uma grande riqueza de que precisamos cuidar e continuar promovendo. Nos últimos anos, percebemos que muitos de nós querem se envolver mais com a presença escolápia em nosso ambiente, cada um a partir de sua própria realidade (trabalho, família, vocação...).

Algumas das riquezas que descobrimos nesses grupos ao longo do tempo:

- Ajudam o crescimento pessoal em cada um dos âmbitos e promovem o trabalho conjunto com pessoas que sonham em conjunto com a Escola Pia.
- Promoveu o desenvolvimento de materiais e a preparação de formações que não teríamos imaginado e que nos permitiram continuar avançando na missão.
- Ajudou a atrair mais pessoas para a Comunidade cristã escolápia, participando da Eucaristia e se envolvendo em projetos que já existiam e nos novos que estamos criando.
- Enriqueceu a presença escolápia em Bilbao, em todos os seus aspectos, facilitando a participação de mais pessoas e ajudando cada um a se sentir parte dos seguidores de Jesus no estilo de Calasanz.

Iratxe Meseguer, Fraternidade Itaka de Emaús

ESTAR UNIDOS

Os filhos de um fazendeiro estavam brigando. Este último, apesar de suas muitas recomendações, não conseguiu mudar sua atitude com seus argumentos. Ele decidiu que isso tinha que ser feito com a prática. Então os exortou a lhe trazer um maço de varas. Quando eles fizeram o que ele ordenou, ele primeiro lhes entregou as varas e ordenou que fossem quebradas. Embora tenham se esforçado, não conseguiram; depois desamarrou a trave e deu-lhes as varas uma a uma. Sendo capaz de quebrá-los dessa maneira facilmente, ele disse: "Bem, crianças, vocês também, se vocês conseguirem ter harmonia, serão invencíveis diante de seus inimigos, mas se lutar, serão presa fácil" (Esopo).

24. A Comunidade cristã escolápia

Durante muito tempo, a comunidade religiosa foi o motor e a referência da presença escolápia... E ainda continua sendo em muitos lugares. É evidente a importância de uma comunidade que dê consistência e apoio a cada um dos escolápios, que possibilite a missão escolápia e dê continuidade ao trabalho, que se torna referência para o meio ambiente e para os destinatários da missão em cada lugar.

Agora, em muitos lugares, essa constante na história escolápia está mudando: em alguns lugares devido ao desaparecimento da comunidade religiosa, em outros, porque perdeu força devido aos muitos trabalhos realizados ou devido à idade avançada dos religiosos ou porque os leigos assumiram maiores responsabilidades... E, em todas partes, porque a participação de homens e mulheres leigos no trabalho exige, mais ou menos claramente, uma maior corresponsabilidade e visibilidade.

Especialmente quando a Fraternidade surge e toma consciência de ser também, juntamente com a Ordem, um sujeito escolápico, é necessário expandir o conceito de comunidade de referência, para que também alcance a Fraternidade e todas as pessoas que participam dessa presença escolápica.

Estamos falando de uma mudança fundamental: a Comunidade cristã escolápica está aparecendo. Isso abrange a comunidade religiosa, a Fraternidade e todas as pessoas que desejam compartilhar sua fé e crescer em sua identidade escolápica:

“Nós nos esforçaremos para fortalecer nossa presença em cada localidade, configurando a Comunidade Cristã Escolápica na qual os religiosos, os membros das Fraternidades escolápias e todas as pessoas que fazem parte de toda a presença escolápica, possam se reunir para compartilhar sua fé e crescer em sua identidade calasanziana” (Regras Comuns, nº 103).

Essa realidade que está alcançando cada vez mais lugares escolápicos precisa ser entendida, assumida, amada e cuidada. Para isso, será necessário, em primeiro lugar, que a Província e a Fraternidade deem passos nesse sentido.

Nas presenças em que os escolápios confiaram uma paróquia ou têm um centro de culto, serão necessários passos para ingressar na Rede de paróquias escolápias²¹ com uma identidade clara, onde essa Comunidade cristã escolápica tem um lugar adequado. E onde não houver essa possibilidade, será necessário ver a maneira mais oportuna de oferecer esse espaço tão necessário para as pessoas que promovem a presença a partir dessa chave.

Essa Comunidade cristã escolápica deve ter como centro, como toda comunidade, a Eucaristia. E deve ter esses elementos que ajudam o crescimento pessoal e comunitário cristão, tornando-se um espaço de inserção eclesial para aqueles que se sentem chamados a isso.

A presença escolápica e a Comunidade cristã escolápica são duas realidades inter-relacionadas e diferentes. Isso deve ficar claro: a comunidade é o grupo de crentes escolápicos que vive sua fé, a celebra, a oferece como referência para a vida e a traduz em uma missão escolápica no lugar específico; presença (com seu coordenador, equipe e projeto) é a abordagem mais organizacional e diretiva em que os crentes ou não, ou os cristãos que vivem sua fé em outras comunidades têm espaço).

A Comunidade cristã escolápica, formada fundamentalmente pela comunidade religiosa e da Fraternidade, está aberta a quem a deseja: educadores, colaboradores, famílias, estudantes, pessoas do entorno... sempre com uma clara identidade cristã e escolápica.

Nela são visualizadas as diferentes vocações escolápias, unidas em Jesus pelo carisma e pela missão iniciada por Calasanz, é oferecida como âmbito de inserção eclesial sempre em comunhão com a Igreja local, uma comunidade viva e muito presente nas diferentes áreas (comunidade religiosa, da Fraternidade, famílias, grupos do Movimento Calasanz... e nas obras escolápias do local) e é o espaço adequado para momentos comemorativos cristãos da presença (sacramentos, envios, comissões, boas-vindas etc.) e para convocar e acolher crianças, jovens e adultos em uma igreja de rosto escolápico.

TESTEMUNHO DE TOLOSA (ESPANHA)

²¹ Documento “Rede de paróquias escolápias” em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2019/08/190520-Prot.S.206.2019-red-de-parroquias-escolapias-dossier-ESP.pdf> e Carta oficial de constituição em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2019/08/190520-Prot.S.206.2019-red-de-parroquias-escolapias-ESP.pdf>

A proposta do ministério leigo de pastoral foi um presente inesperado. Um presente que me assustou. A Escola Pia começava um compromisso de longo prazo comigo mesmo, e isso significava que eu também deveria definitivamente me comprometer com ela. Era hora de orar e refletir muito sobre isso. Considere se eu estava disposto a continuar nesse caminho que me deixou tão feliz, mas com um compromisso que daria estabilidade ao meu trabalho na presença de Tolosa e que ligasse meu presente e meu futuro a ele. O entusiasmo pela proposta e pelo compromisso escolápio em minha pessoa foi misturado com o medo da responsabilidade que isso implicava. Medo de jogar a longo prazo, de voltar a estudar, de estabelecer minha vida dessa maneira em um momento em que nada mais me amarrava...

Graças a Deus a ilusão era mais forte e lancei-me nessa aventura, ou melhor, continuei nela. Eu digo continue porque já havia muitos anos compartilhando missão. Desde que faço parte aos 10 anos de idade. Garoto do Movimento Calasanz, monitorei depois e, finalmente, membro da Fraternidade, que cuida de mim e me acompanha na minha vida e agora também no meu ministério. Muitos anos de ser e sentir-se escolápio. Anos de sonhos, aventuras e reuniões. Mas, de repente, tudo isso ganhou uma nova nuance, com o meu SIM, eu definitivamente estava apostando em tudo isso e decidi vincular meu presente e meu futuro a isso.

Não me arrependi um segundo da minha decisão. Como eu disse, algumas linhas acima, o ministério tem sido um presente. Possivelmente, um dos melhores presentes e uma das maiores aventuras que minha vida escolápia me levou. Ainda estou no estágio inicial do meu ministério. Formando-me a prestar o melhor serviço pastoral às crianças que conheço. Essa formação está me fazendo crescer como pessoa, como cristão e como escolápio. Estudos formais, ciências religiosas estão me ajudando a conhecer mais e melhorar minha fé, aprofundando-a. E quanto mais reuniões e formações escolápias estão me possibilitando conhecer mais e melhor a missão escolápia em sua totalidade. Fazendo-me sentir mais envolvido e corresponsável por isso e me dando a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e trabalhos que me encham de orgulho.

Meu trabalho no momento se concentrou acima de tudo no Movimento Calasanz, coordenando-o na presença de Tolosa e acompanhando vários grupos de crianças. Este ano também estarei presente no colégio como professor. Uma nova etapa que enfrento cheio de entusiasmo e desejo de continuar lutando pelo sonho escolápio e pela construção do Reino.

Para encerrar, gostaria de agradecer às pessoas que me acompanham e me acompanharam nesse processo e a todos que acreditaram em mim para esta aventura fantástica.

Iván Asenjo Elizalde, Fraternidade de Tolosa de Emaús

OS RAIOS E A BORDA

Não vamos esquecer os raios e a borda. O que são raios? Cada um de nós. Solidamente unidos no centro, partimos daquele centro comum do qual divergimos. Essa é a nossa natureza e nossa riqueza.

Mas, somos inúteis até que a borda chegue a unir nossas diferenças e juntar-nos. A borda indispensável e do qual frequentemente fugimos é a comunidade, a Igreja (Jacques Loew. "Fábulas e parábolas", p. 26)

25. Ministérios escolápios confiados aos leigos

A missão de todo cristão é assumir como seu o envio que Jesus nos faz:

"Ide, portanto, e façam de todos os povos meus discípulos. Batizem-vos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinem-vos a cumprir tudo o que lhes confiei. Estou com vocês todos os dias até o fim da história" (Mt 28, 19-20).

Para cumprir essa missão, a Igreja está confiando indivíduos e grupos específicos a alguns ministérios²² (que devem ser importantes, estáveis, com preparação adequada, confiada a eles pela autoridade eclesial correspondente, realizada na comunidade), serviços, comissões, designações...

Alguns são ministérios pessoais:

- Os ministérios ordenados são aqueles que a Igreja tem decidido para "ordenar", organizar a comunidade: Bispos, padres e diáconos.

²² Mais informação em <https://es.catholic.net/op/articulos/18452/cat/748/los-ministerios-laicales.html#modal>

- Os ministérios instituídos pela Igreja são atualmente o leitorado e o acolitado... e os reconhecidos pelas diferentes Conferências Episcopais.
- Os ministérios reconhecidos, que podem ser para homens e mulheres (diferentemente dos anteriores), não são “tão oficiais”, mas têm reconhecimento e certa permanência: ministros eucarísticos, animação musical, assistência aos doentes, dedicação aos pobres, gestão administrativa...

Alguns são ministérios confiados a entidades:

- Os mais claros são os ministérios das Congregações religiosas ou institutos reconhecidos pela Igreja.
- Às vezes, também são chamados ministérios genéricos de grupos específicos: o ministério dos educadores ou de diferentes profissões (saúde, comunicação...), de pais e mães... mas é sempre uma realidade mais difusa.

Também existem serviços, cargos ou comissões mais ou menos específicos, carismas pessoais, talentos de cada pessoa... que são muito importantes no dia a dia. Mas eles não têm esse reconhecimento da comunidade ou a estabilidade ao longo do tempo que os ministérios têm.

A Ordem dos Escolápios tem reconhecida em suas Constituições, aprovadas pela Igreja, o ministério da educação cristã, especialmente para crianças, adolescentes, jovens e pobres. A maioria, sendo padres, também tem o ministério do presbiterado e dos ministérios anteriores. Assim,

- Todos os religiosos escolápios têm dois ministérios: educação cristã e cuidado das crianças pobres.
- Os padres escolápios também têm os ministérios do leitorado, acolitado, diaconato e presbiterado... isto é, os ministérios pastorais instituídos e ordenados (alguns também o episcopado).

A Fraternidade das Escolas Pias compartilha, pelo reconhecimento da Ordem, o carisma escolápio e participa como comunidade do ministério escolápio.

Isso abre um caminho, que pode ser compartilhado pela Ordem e pela Fraternidade, para também confiar a pessoas específicas da Fraternidade alguns dos ministérios escolápios.

Desde 2000, aprofundando nessa linha, foram confiados três ministérios escolápios para leigos, homens e mulheres, correspondendo aos três ministérios da maioria dos religiosos escolápios:

- O ministério pastoral, para colaborar com a equipe de ministros escolápios ordenados no cuidado pastoral da celebração, da Palavra, da comunhão e do serviço.
- O ministério da educação cristã, para promover aspectos fundamentais da ação educativa escolápia (acompanhamento familiar, iniciação na fé, atenção à diversidade, identidade institucional das obras...)
- O ministério da transformação social, para promover nossa opção escolápia aos mais necessitados (atenção a situações de pobreza, minorias, consciência social...).

Para iniciar esses ministérios, temos alguns critérios que devem ser levados em consideração (Secretariado de Integração Carismática e Missão Compartilhada, "Participar nas Escolas Pias", nº 26):

- Escolher pessoas que participem de equipes de missão compartilhada ou, melhor ainda, da Fraternidade escolápia.
- Determinar o estágio inicial de formação após um itinerário adequado de preparação para o ministério correspondente, tanto para a pessoa que irá assumir o ministério quanto para a presença escolápia na qual será desenvolvido, pois todos precisam dessa preparação.
- Fazer a designação desde o Superior Maior correspondente em nome da Demarcação e, se existirem as condições necessárias, também da Fraternidade, das equipes de missão compartilhada e da Comunidade Cristã Escolápia.
- Um sinal formal de compromisso mútuo, geralmente no âmbito de uma celebração da Eucaristia da Comunidade Cristã Escolápia.
- O ministério é confiado por um período longo e renovável.
- O ministério escolápio é sempre realizado em equipe, que acompanha a pessoa ao longo do tempo em seu trabalho, decisões, formação permanente etc.

Já existem alguns anos de rica experiência ministerial com mais de 40 designações ministeriais, algumas delas também renovadas no final do período para o qual foram realizadas. Nos documentos da Ordem, no Diretório de Participações nº 73 e nos Estatutos de algumas Províncias, podemos encontrar diretrizes mais específicas²³.

Em algum momento, pensamos no diaconato para as pessoas da Fraternidade, mas esse caminho ainda não foi percorrido.

A comunidade e o espírito ministerial da Igreja são fundamentais. A comunidade é o espaço de encontro com o Senhor e de se enviar à missão. E é complementado pelos vários ministérios que ajudam a desempenhar a função da comunidade e a contrastar com ela.

Sem serem ministérios, também existem envios, encomendas para pessoas específicas ou pequenas comunidades... e, é claro, cargos, comissões, serviços para realizar determinadas tarefas, projetos e obras. Sem o caráter de ministérios, são aspectos de grande importância para realizar todas as tarefas, tirar proveito de carismas pessoais, implicar mais todos e funcionar melhor.

TESTEMUNHO DE PAMPLONA - IRUÑA (ESPANHA)

Lembro-me bem da época em que me foi proposto ser ministra da educação cristã. Depois da Eucaristia todos os sábados, um escolápio queria falar comigo para fazer a proposta. A verdade é que não me custou nada dizer que sim. Como não confiar em quem cuidou tão bem de mim e deu o dom da fé? Não havia nada a fazer senão confiar. Outras vezes, eu o fiz e tudo correu muito bem, então dizer sim não tinha muito mérito... Essa conversa terminou rapidamente. SIM. Já está. Meu ministério tinha acabado de começar ...

No começo, fiquei muito preocupada com meu treinamento... queria saber muito, "controlar", (pode-se ver que isso me deu muita segurança e me ajudou a equilibrar os medos que apareciam quando eu conhecia minhas funções). Felizmente, pude participar de um curso de formação para agentes pastorais, reuniões de ministros, palestras diferentes e um mestrado em interioridade. E como eu fiquei sabendo de mais alguma coisa, frases e dúvidas do tipo "mas se eu não souber disso", com o que contribuirei aqui? ", não sou boa nisso... "estavam aparecendo no meu dia de dia.

No entanto, o Evangelho sussurrou em meu ouvido outros tipos de mensagens que se opunham e diluíam minhas desculpas: "É Deus quem nos capacita", "você é o sal e a luz do mundo", "venha e você o verá", "quem quiser ser o maior para se tornar o servidor de todos"... e, é claro, "deixem que as crianças venham até mim". E é que me sinto privilegiada porque meu ministério se materializou para estar próximo dos pequenos. Que sorte eu tenho em poder servir meninos e meninas, aos mais sagrados, puros, doces e gentis que existem em nosso mundo! E que responsabilidade acompanhá-los no caminho da fé; eles e suas famílias, e ir semeando juntos e descobrir como cada criança é habitada por Deus!

O ministério é um serviço ao qual a Fraternidade e a Província o enviam. É assim que eu quero e tento viver. O ministério da educação cristã me desafia continuamente a ter um coração mais próximo de Deus e, para isso, não há exemplo maior que o coração de uma criança. Com meus fracassos, minha preguiça, minha ignorância, minhas dúvidas..., mas também com a convicção de que a fé semeada na primeira infância ajuda a transformar o mundo e tornar o Reino de Deus possível e viável. O ministério da educação cristã me fala de esperança, de futuro, de transformação, de amor, de realização.

O ministério da educação cristã é sonhar com cada criança e família, é semear e orar por eles e com eles, é trabalhar para eles, formar, criar, inovar, programar, brincar, cantar... No meu caso, uma de minhas funções gira em coordenando Tipi Tapa (os grupos do Movimento Calasanz de Iniciação na fé entre os graus 1 a 4 da Primária). No meu caso, especificamente, é ser uma monitora, acompanhando as famílias através de diferentes reuniões e programando junto com a equipe de monitores e treinando juntos à medida que aprendemos uns com os outros e com as crianças com quem estamos.

²³ Podemos encontrar alguns materiais e experiências no Diretório de Participação nas Escolas Pias nº73, na publicação da Secretariado de integração carismática e missão compartilhada, "Participar nas Escolas Pias", nº 19-28 e em alguns Estatutos e documentos dos ministérios, que podemos encontrar em <https://www.escolapios21.org/documentos-2/documentos-principales/>

Mas, acima de tudo, resumiria esse ministério que fala muito sobre servir e principalmente sobre CONFIAR; Afastar-se um pouco e deixe o Espírito soprar, que é quem, afinal, faz a semente da fé germinar e que uma pessoa possa encontrar o coração de Jesus.

Maite Larrañeta. Fraternidade Lurberri de Emaús

ORAÇÃO PELOS IRMÃOS DA FRATERNIDADE

Pai, hoje quero lhe pedir por meus irmãos da comunidade.
Você os conhece pessoalmente: conhece o nome e o sobrenome deles,
suas virtudes e defeitos, alegrias e tristezas,
sua força e fraqueza. Você conhece toda a sua história;
Você os aceita e os ama como são e os vivifica com seu Espírito.
Ensine-me a amar como você os ama,
não por suas palavras ou obras, mas por si mesmos.
Agradeço por eles, Pai. Todos são um presente para mim.
Dê-me o olhar e o coração de Jesus para contemplá-los
e amá-los ao extremo, porque eu quero ser para cada um deles
sacramento vivo da presença de Jesus.

26. Os envios para outros países e presenças

A Fraternidade também está possibilitando os envios como uma iniciativa de grande valor para os envolvidos, para as Fraternidades e Províncias de onde partem, bem como para os que chegam e, sobretudo, para a missão escolápia.

1. Uma apresentação para começar

Como resultado do crescimento da Fraternidade e das experiências de voluntariado de verão nas presenças escolápias de outros países, estão surgindo os envios escolápios que atualmente estão sendo promovidos por algumas Províncias e Fraternidades escolápias, bem como pela Rede Itaka Escolápios.

Os primeiros envios desse estilo foram de Bilbao (Emaús - Espanha) para a Venezuela em 1995. Desde então, mais de 90 pessoas da Fraternidade de sete cidades foram enviadas, através de Itaka - Escolápios, de envios de Províncias e Fraternidades da Espanha (Bilbao, Granada, Madri, Pamplona, Tafalla, Tolosa e Valência), da Venezuela (Valência) e do Brasil (Governador Valadares) para diferentes países: Bolívia, Brasil, Camarões, Guiné Equatorial, Indonésia, Nicarágua, República Dominicana e Venezuela.

Os envios de pessoas da Fraternidade para outras presenças no mesmo país, especialmente na Espanha, também começaram de maneira semelhante: neste momento, existem mais de vinte pessoas enviadas dessa maneira.

E, apesar de não apresentar aqui, também houve e há outro caminho, da Ordem ou de Províncias específicas, de envios com certa semelhança: pessoas que não são da Fraternidade, que Itaka - Escolápios não intermedeia, que estão no tempo mais limitados, que são mais contratos de trabalho... Não os apresentamos aqui (devido à dificuldade de coletar essas informações e porque a avaliação é bastante diferente), embora seja aconselhável deixar essa menção.

Uma característica comum desses envios da Província (e da Fraternidade) é o objetivo de promover a missão escolápia em um lugar ou Província específica. Está cada vez mais focado em aumentar a presença e não apenas na missão. E sempre com um forte vínculo com os religiosos e a Demarcação correspondente, mantendo ao mesmo tempo uma relação viva com a Província e a Fraternidade que enviou.

A forma de comunidade onde essas pessoas enviadas viveram foi diversa. Na maioria das vezes, foi em uma comunidade conjunta de religiosos e leigos, compartilhando moradias, vida, oração, missão... com mais ou menos intensidade. Em alguns casos, os leigos moram em lugares diferentes dos religiosos, compartilhando

alguns momentos e sempre a missão. Na medida do possível, entendemos que o primeiro modelo ajuda muito mais em todos os aspectos.

É importante, e mais ainda neste momento, focar esse envio em três áreas: como parte da vocação pessoal dos enviados, como compromisso da Província e da Fraternidade como um todo, normalmente através da Rede Itaka – Escolápios, e como parte de um Projeto de presença escolápia para o qual são enviados, em que cada um, de maneira coordenada, contribui melhor.

Um envio faz parte da vocação de alguém, que é vivida em resposta a um chamado de Deus através da comunidade, que é vivida com uma espiritualidade cuidadosa, que é confrontada com a confiança depositada em quem envia (o próprio Jesus, a Igreja, as Escolas Pias) e com a disponibilidade de estar ao serviço das Escolas Pias daquele lugar.

É um compromisso da Província, que pressupõe que os enviados sejam escolápios durante a estadia no local de envio e que façam parte da Província desde a sua própria vocação leiga, sendo responsáveis por eles da melhor maneira possível.

É um compromisso da Fraternidade, que cresce como entidade corresponsável de um envio, que cuida de seu acompanhamento e das necessidades que os enviados podem ter em todos os momentos, o que garante a continuidade dos envios para dar estabilidade à missão, que sinta o trabalho dessas pessoas como seu...

É um compromisso da Itaka - Escolápios, que assume o apoio e a experiência nesses envios com a contribuição necessária em cada situação e incentiva essa iniciativa que tanto ajuda as pessoas enviadas, as presenças anfitriãs, a Província e a Fraternidade... a todos!

Faz parte de um projeto de presença escolápia do lugar que recebe esses enviados, aprovado em conjunto e liderado pela equipe correspondente, que se torna o guia do ser e fazer de todos.

Tudo isso supõe tanta riqueza que deve ser vivida com abertura à novidade, com generosidade, com espírito de aventura e confiança, com boa preparação e apoio permanente.

2. Uma experiência com uma história

Os anos de experiência e o número de pessoas envolvidas nos permitem uma avaliação muito positiva, tanto para a vida dos enviados quanto para a promoção da missão e presença onde eles prestaram seus serviços.

90% dos enviados nesses mais de 25 anos ainda estão na Fraternidade hoje, um é sacerdote escolápio, 12 são escolápios leigos, 14 são ministros leigos, 24 vivem em comunidades conjuntas...

As experiências foram diferentes, dependendo do lugar de recepção, das pessoas específicas, do momento... mesmo em três ocasiões em que foi necessário reduzir o tempo de envio, foram anos avaliados muito positivamente.

O momento do envio e também o retorno foram momentos muito importantes para toda a Fraternidade, enriquecida com uma experiência escolápia de grande intensidade que chega a todos e encoraja outras pessoas a tomar decisões. E também é importante para a Província e a Ordem, que confirma o compromisso dessas pessoas e da própria Fraternidade.

Até dezembro de 2019, 92 pessoas foram enviadas. Destas, 17 para Venezuela, 14 para Brasil, 28 para Bolívia, 2 para Camarões, 2 para Guiné, 4 para República Dominicana, 3 para Nicarágua, 2 para Indonésia, 2 para Chile, 2 para México... E na Espanha, 6 para Vitória, 3 para Tolosa, 4 para Logroño, 4 para Oviedo e 2 para Salamanca. Alguns foram enviados duas ou três vezes, para lugares diferentes.

Não coletamos aqui os religiosos escolápios, onde os envios são muito mais comuns. O envio, a obediência é outra característica preciosa da vida religiosa.

É conveniente incluir em um compromisso os elementos fundamentais do envio, tanto em estilo quanto em termos de implicações e responsabilidades para as partes envolvidas. Esse compromisso deve ser assinado pela pessoa enviada e pela Demarcação e Fraternidade de origem, com a participação também de Itaka -

Escolápios. Além disso, a Demarcação anfitriã e a Fraternidade, quando apropriado, serão informadas de todos os seus extremos.

Para dar solenidade e aprimorar o que esse compromisso significa para a pessoa e a comunidade, um momento apropriado para assiná-lo é na Eucaristia da Comunidade cristã escolápio em que o envio é comemorado, algumas semanas ou dias antes da partida da pessoa.

3. Preparativos da Província, Fraternidade e Itaka - Escolápios

Logicamente, esses envios exigem preparação e uma série de elementos que agora citamos apenas:

- Determinar o calendário que ajuda o itinerário: data oficial do envio, viagem, retorno, atividades de preparação...
- Aprofundar no sentido do envio por parte das pessoas enviadas... e também da Província e Fraternidade que envia e recebe: espiritualidade missionária
- Preparação pessoal como enviado, para se colocar na nova realidade, para aprender e compartilhar...
- Preparação para se integrar nos projetos escolápios para onde é enviado
- Compromissos de cada uma das partes
- Como aproveitar a cultura vocacional na presença escolápio, na Fraternidade, no Movimento Calasanz...
- Determinação da experiência de vida e missão no lugar de recepção
- Atendimento de aspectos específicos: passagens, vistos, vacinas, procurações, licença de trabalho, seguros...
- Preparação para a celebração etc.

TESTEMUNHO DESDE ANZALDO - BOLÍVIA

Viver as opções importantes da vida em fraternidade é sentir-se acompanhada, enviada e segura de que o que você vai viver terá um impacto no mundo. Porque as loucuras que vivemos são loucuras que constroem o Reino.

Pertencer à Fraternidade me faz corajosa e sonhadora. E capaz de grandes aventuras. Assim como a Fraternidade me ajuda a me conhecer, o melhor e o pior. E com o pior, saber crescer e amadurecer. O que mais há a dizer! Sou muito grata por poder viver minha fé na pequena comunidade e celebrar a vida na Fraternidade escolápio. Onde quer que eu esteja.

Acontece que passei quase dois anos vivendo em uma missão e comunidade escolápio em Anzaldo (Bolívia) e sinto que é o mesmo que vivi em Pamplona. Isso é uma coincidência? Bem, não, é porque a fé e o mundo escolápio abrangem muito e há espaço para todos.

O compromisso que adquiri ao longo da minha vida na Fraternidade cresceu em seriedade e importância. Mas acredito que o SIM que mais me ajudou a viver isso como meu e não apenas meu... está tendo escolhido viver a fé em uma pequena comunidade.

O envio é um compromisso forte e recíproco entre Fraternidade, eu mesma, a missão e Deus. É assim que vivo, não estou sozinha, mas sou enviada por meus irmãos em Fraternidade para realizar um sonho de Deus. E que alegria ter sido a protagonista da minha própria fé e testemunho da vida dada por muitos outros. É disso que se trata, vivendo a fé com alegria, com dedicação e em comunidade.

É verdade que há momentos mais altos e mais baixos. Mas, isso é a vida, encontros mais tristes, desentendimentos com as pessoas, momentos inesquecíveis, relacionamentos que nos fazem crescer muito e encontrar vida abundante para compartilhar.

No meu envio pessoal, acho que só posso escolher uma palavra para descrevê-la, TRANSFORMADOR. E encontrei grandes tesouros na Bolívia, mas sozinha nunca teria experimentado meu envio como algo transformador, nem teria encontrado tesouros tão valiosos. Eu nunca poderia ser uma seguidora de Jesus se andasse sozinha (nem quero) e a cada dia que passa me sinto mais seguidora de Jesus, que minha vida faz

muito sentido e quero me entregar aos outros. Então, obrigada, pequena comunidade, obrigada Comunidade cristã escolápia: por me ajudar a crescer, a me aproximar desta bela realidade, a me sentir perto de Deus e a realizar grandes sonhos.

Finalmente, um conselho, CONFIAR. Confiando se doam compromissos apaixonantes, que valem muito a pena, porque, na verdade, as realidades do nosso mundo podem ser melhoradas.

Idoia Gil, Fraternidade Lurberri de Emaús, enviada a Anzaldo na Bolívia

CHAMADA PARA FORMAR UMA COMUNIDADE

Quando ele estava subindo a montanha, foi chamando aqueles, que queria, a se juntaram a ele. Ele designou doze para serem seus companheiros e para enviá-los com o poder de expulsar demônios. Foi assim que o grupo dos Doze foi formado: Simão, apelidado de Pedro, Santiago Zebedeu e seu irmão João, apelidado de Boanerges (os Raios), André, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tome, Tiago Alfeu, Tadeu, Simão, o fanático, e Judas Iscariotes, o mesmo que o traiu (Marcos 3, 13-19)

27. Os escolápios leigos: integração também jurídica

Outra novidade que a Fraternidade traz é a modalidade de integração carismática e jurídica, os escolápios leigos (Diretório de Participação nas Escolas Pias, Capítulo Geral 2015, nº 66), que aparecem como uma nova vocação escolápia de grande interesse.

Quando a Fraternidade é vivida com intensidade e se caminha na identificação escolápia com cada vez mais generosidade e exigência, pode parecer o desejo de dar mais um passo: a figura do escolápio leigo pode ser, está sendo, mais um passo.

Em junho de 2002, surgiram os primeiros escolápios leigos. Havia então sete: três casais e um homem solteiro. Todos eles caminharam por muitos anos na missão escolápia, na Fraternidade, compartilharam comunidade com os religiosos por alguns anos, fizeram a Opção definitiva pela Fraternidade, quase todos foram enviados por três anos à Venezuela, onde compartilharam vida e missão escolápia... e agora eles precisavam seguir em frente.

A vocação do escolápio leigo, também integração jurídica com as Escolas Pias, parecia uma opção interessante. É uma vinculação mais forte à Fraternidade e também com uma participação jurídica na Ordem. Este é o passo mais significativo e inovador: o vínculo jurídico com a própria Ordem.

Foi necessário definir melhor essa vinculação e, para isso, é elaborado um Estatuto do Escolápio Leigo²⁴, após um longo processo de participação de religiosos e leigos, também de consultas canônicas e aprovação "ad experimentum" da Congregação Geral, indicando que é um Estatuto da Província.

Aos primeiros escolápios leigos, outros foram acrescentados, até o número atual de vinte: treze com uma promessa definitiva e sete com um compromisso que ainda é temporário.

Durante esse período, diversas reflexões e materiais foram publicados²⁵, foram elaborados processos de convocação, formação para discernimento prévio e, nos primeiros anos, estão sendo realizadas várias reuniões nesse tempo de todos, o que confere maior consistência a essa vocação.

Como resultado disso, no Capítulo Geral de 2015, essa modalidade foi definitivamente aprovada no Diretório de Participação nas Escolas Pias, nº 66.

²⁴ Estatuto do escolápio leigo (2002) que define a integração carismática e jurídica em Emaús: <https://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/04/2010-Estatuto-escolapio-laico.pdf>

²⁵ Em 2011 é publicado um Papiro com essa finalidade: <https://www.itakaescolapios.org/wp-content/uploads/2012/07/190-ESCOLAPIOS-LAICOS.pdf>

Essa modalidade de participação nas Escolas Pias é de grande valia, tanto para as pessoas que a vivem como para as presenças (Províncias e Fraternidades) onde estão se desenvolvendo. A contribuição desses escolápios leigos, a maioria deles com importantes responsabilidades na vida e na missão, é muito grande. É também uma vocação incorporada nas pessoas que fazem uma união entre a Província e a Fraternidade, devido ao seu forte relacionamento com ambas as entidades. Ter essa possibilidade vocacional aberta é outra grande riqueza que deixa em aberto o leque de maneiras de fazer parte das Escolas Pias.

TESTEMUNHO DE BILBAO (ESPANHA)

Desde 2000, faço parte da Fraternidade escolápia de Emaús, culminando em um processo iniciado em 1993, quando conheci os grupos do colégio onde estudava COU. Entrei na comunidade com quem, um ano depois seria meu marido, com quem também havia conhecido naquele ano letivo e com quem compartilhei o processo de catecumenato. Uma educação familiar profundamente religiosa e minha participação na paróquia nutriram minha experiência de Deus, mas, nos grupos do colégio, descobri outra maneira de viver a fé, cumprir a missão e compartilhar a vida. Assim, foram anos fortalecendo meu seguimento de Jesus e descobrindo o chamado para estar com as pessoas mais pobres através do voluntariado. Também senti que Deus me ofereceu o dom da comunidade para poder viver fielmente essas opções.

Em 2012, fomos convidados a discernir a vocação dos escolápios leigos. Nós compartilhamos a comunidade com algumas pessoas que receberam essa vocação e a contemplamos com respeito e carinho. Não foi a primeira vez que nos perguntaram, mas, até então, algo estava faltando para que a ligação ocorresse dentro de nós. Agora eu sei que uma experiência que abriu nossos corações para Calasanz era necessária. Qual foi o nosso momento?

Em janeiro de 2009, adotamos nossos filhos, que, na época, tinham 4 e quase 3 anos de idade. Foi um irmão da comunidade que nos disse que viu em nossa opção familiar um passo profundamente escolápio. Isso me surpreendeu e agradou, e me fez reler nossa história de outra maneira. Olhando para trás, me vi querendo servir a Deus, atendendo seu chamado à vocação do casamento e tentando iniciar uma família. Eu me descobri passando por um deserto doloroso de infertilidade. Descobri-nos, nesse caminho, abrindo nossos olhos para a realidade da infância desprotegida, descartando soluções médicas, calibrando a medida de nosso amor para fazer nossa oferta adotiva. E me descobri entendendo que o amor não tem medida, e essa oferta estava se expandindo: um bebê saudável, ou por que não, um menino ou uma menina mais velha, ou talvez mais de um, ou com uma deficiência ou com um histórico familiar especialmente difícil... E hoje eu entendo que enquanto estávamos meditando em casal, nossa oferta nos sussurrou uma voz: "Olha, olha ...".

Nossos filhos chegaram, me senti cheia, descobri que havíamos encontrado uma maneira de servir a Deus, que foi esse o chamado que ele fez ao nosso casamento... Conhecemos a maravilhosa experiência de amor que é adoção: dar boas-vindas a sua casa e seu peito para uma pequena pessoa que precisa, deixar sua história irromper em sua vida, que a dor de sua ferida primária seja sua própria dor e assumir a responsabilidade de apoiá-la, acompanhá-la, demonstrando todos os dias a incondicionalidade de nosso amor. Uma bela aventura, nem sempre fácil, mas que não mudaríamos por nada no mundo.

Ler minha própria história, assim abriu meu coração para Calasanz. Eu me identifiquei com sua caminhada, fiz a minha, fui inspirado por sua esperança, sua humildade, sua perseverança e o abandono confiante nas mãos do Pai. O conhecimento de sua vida e missão que ele tinha até então se tornou um verdadeiro encontro. E a proposta de discernimento à vocação dos escolápios leigos caiu em terreno macio, já pago por nossa rica vida comunitária, um relacionamento íntimo com Deus, um profundo desejo de melhorar o mundo, especialmente para aqueles que mais sofrem, e a companhia acolhedora de alguns religiosos escolápios.

Somos escolápios leigos temporários desde outubro de 2015. Não me dedico profissionalmente à educação. Sou arquiteto de uma sociedade pública que promove a reabilitação em bairros vulneráveis e vivo com dedicação e alegria minha dedicação profissional. Encontro múltiplas situações de pobreza na minha vida cotidiana: no meu trabalho, na vizinhança onde moro, no meu compromisso... E isso me faz questionar meu

estilo de vida e minha maneira de estar no mundo. Por outro lado, descubro diariamente o valor pedagógico do meu trabalho e estou convencido de que a educação transformará o futuro. Assim, valorizo, respeito e aprecio o trabalho de tantos professores que realizam essa tarefa desde a linha de frente, e procuro meu próprio lugar para apoiar esta missão.

Essa opção vocacional é um presente que Deus nos oferece por meio da Escola Pias e da Fraternidade que nos leva a aprofundar nossa disponibilidade e compartilhamento. A Escola Pia nos acolhe e nos faz generosamente co-protagonistas na história de amor e dedicação que Calasanz começou há 400 anos. Uma história que, mantendo seu argumento principal (educar, anunciar, transformar), é enriquecida pela vida de todos nós.

Fui convidada a escrever parte dessa história e o faço com entusiasmo e vertigem, ciente de minhas limitações e fraquezas, mas também fortalecida pelas pessoas que encontro ao meu lado, em quem confio e apoio. Sinto-me em contínuo processo de discernimento, desejando continuar aprofundando meus conhecimentos sobre Calasanz e a Escola Pia, mas, acima de tudo, desejando continuar me abrindo para experiências e encontros que tocam meu coração com um aroma escolápio.

Elena Pérez Hoyos, Fraternidade Itaka de Emaús, Escolápia Leiga

DONS DIVERSOS PARA UM CORPO ÚNICO

"Os dons são variados, mas o Espírito é o mesmo; as funções são variadas, embora o Senhor seja o mesmo; as atividades são variadas, mas é o mesmo Deus que ativa tudo em todos.

A manifestação particular do Espírito é dada a cada um para o bem comum. Um, por exemplo, através do Espírito, recebe palavras corretas; outro, palavras sábias, segundo o mesmo Espírito; um terceiro, fé, pela obra do mesmo Espírito; outro, através da obra do mesmo Espírito, dons para curar; outro, realizar milagres; outro, uma mensagem inspirada; outro, distinguir inspirações; aquele, falar línguas diferentes; outro, traduza-as. Mas, tudo isso é ativado pelo mesmo e único Espírito, que o distribui, dando a cada indivíduo em particular o que Ele pensa que é.

É fato que o corpo, sendo um, tem muitos membros; mas os membros, embora sejam muitos, formam juntos um corpo. Pois, o Messias também é assim, porque todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados com o único Espírito para formar um único corpo, e sobre todos eles derramaram o único Espírito; e o corpo não é o mesmo órgão, mas muitos. Embora o pé diga: "Como não sou mão, não pertence ao corpo", ele não deixa de ser isso. E embora o ouvido diga: "Como não sou olho, não pertence ao corpo", isso não significa que deixa de sê-lo. Se todo o corpo fosse olhos, como poderia ouvir? Se todo o corpo fosse ouvido, como poderia cheirar? Mas, de fato, Deus estabeleceu no corpo cada um dos órgãos como ele queria. Se eles fossem todos do mesmo órgão, que corpo seria esse? Mas não, de fato, existem muitos órgãos e um corpo.

Além disso, o olho não pode dizer para a mão: "Eu não preciso de você". Pelo contrário, os membros que parecem ser menos valorados são os mais indispensáveis, e aqueles que parecem menos dignos de nós os vestem com mais cuidado. Tratamos o menos apresentável com mais consideração; o apresentável não precisa de isso.

Deus combinou as partes do corpo, buscando mais cuidado com o que era menos valioso, para que não haja discórdia no corpo e os membros se preocupem igualmente um com o outro. Assim, quando um órgão sofre, todos sofrem com ele; quando você é bem tratado, todo mundo fica feliz com isso.

Bem, você é o corpo de Cristo, e cada um de vocês é um membro" (1 Coríntios 12, 4-27)

28. Rede Internacional Itaka - Escolápios

Outro fruto valioso da Fraternidade é a Rede Itaka – Escolápios internacional, criada e sustentada conjuntamente pela Ordem e pela Fraternidade Geral, como plataforma de vida e missão compartilhada institucionalmente entre as duas entidades, com as Demarcações e Fraternidades que desejam, que está presente hoje em grande parte da geografia escolápia.

1. A intuição original

À medida que a Fraternidade cresce, surge a necessidade de promover a missão escolápi, além da dedicação de seus membros, com o envolvimento institucional da própria Fraternidade. E há três maneiras de fazer isso:

- Trabalhar nas obras e projetos que a Ordem e as Províncias têm. É uma realidade em toda Fraternidade que é valorizada de maneira muito positiva e que é necessário manter. Mas surge uma pergunta: a Fraternidade sempre terá que depender das obras da Ordem? Já sabemos que muitos leigos, da Fraternidade ou não, assumem responsabilidades pessoais de grande importância (e isso é bom), mas sempre com a Ordem com a última palavra. Será assim com a Fraternidade?
- Iniciar algumas obras próprias da Fraternidade, onde a Fraternidade seja a responsável. Essa é uma possibilidade que começou a ser efetivada, até que se percebeu o perigo: isso não levaria a uma separação da Ordem? É um caminho possível que, por enquanto, está sendo preferido para não desenvolver.
- Iniciar uma entidade compartilhada pela Ordem e Fraternidade para realizar alguns trabalhos e projetos juntos: Itaka - Escolápios. Compartilhar uma entidade legal permite que as duas entidades sejam corresponsáveis, tenham própria voz e andem juntas para realizar a missão escolápi e apoiar a vida de ambas as instituições.

Valorizando e mantendo a primeira possibilidade mencionada, sabendo que existe uma segunda possibilidade, as Fraternidades que atualmente têm a caminhada mais longa estão vendo em Itaka - Escolápios um caminho futuro particularmente válido. Esta é a primeira intuição.

Existe uma segunda intuição, possivelmente devido ao momento escolápi em que nasceu e devido à própria natureza de uma Fraternidade que é sempre chamada à universalidade: a abordagem de trabalhar em uma rede internacional, de aproveitar as sinergias para funcionar como um sistema, de assumir a chave para a eficiência (trabalho em equipe, com o projeto sempre em revisão e melhora, transparência econômica, gerenciamento moderno e flexível).

Essa intuição, que parece muito aceitável, acrescenta muita dificuldade para ser bem entendida devido à sua complexidade e, sobretudo, à novidade que traz de ser uma entidade compartilhada, que inclui a Ordem e a Fraternidade, que une diferentes países, Demarcações e projetos com diferentes mentalidades e legislação, que não tem dificuldade em aceitar diferentes níveis de envolvimento, que está crescendo muito rápido, que, às vezes, caminha em paralelo com equipes da Ordem com o mesmo objetivo e funcionamentos diferentes, que ainda continua a definir seu modo de ser e está continuamente se reinventando... Não é fácil entender, porque ainda é uma estrada em construção que está descobrindo novos horizontes a cada momento.

Em relação às duas intuições anteriores, aparece uma terceira: a descoberta de que a Rede Itaka – Escolápios não apenas impulsiona a missão escolápi atual e futura, mas também é uma ferramenta ideal para que a Ordem e a Fraternidade continuem crescendo em número e identidade escolápi através desse compartilhamento que nos coloca em uma nova dimensão. Não estamos mais cada um, a Ordem e as Províncias e cada Fraternidade buscando seu próprio caminho, mas essa Rede nos permite compartilhar experiências, vida, relações pessoais e institucionais, projetos que nos ajudam a avançar, respeitando a identidade da Ordem e da Fraternidade.

Alguns exemplos, apenas a título explicativo. Itaka - Escolápios permite, através dos projetos que estão na Rede, conceder um salário a mais de cem religiosos, que certamente o merecem por seu trabalho, mas não puderam obtê-lo de nenhuma outra maneira na missão em que estão. Essa capacidade econômica permite que as comunidades religiosas vivam, se encarreguem das vocações, ganhem estrutura como Província... O Movimento Calasanz na Rede Itaka - Escolápios não só tem mais mãos e corresponsabilidade institucional, mas a oferta do horizonte escolápi na vida religiosa e na Fraternidade, tem uma referência e visibilidade mais claras. Com muita frequência, nós religiosos, que fundamentalmente temos uma vocação educativa e pastoral, temos que assumir gestão, administração econômica, trabalhista e jurídica, responsabilidades na construção de edifícios... porque tudo deve estar sob o controle da Ordem; mas em projetos compartilhados em Itaka - Escolápios, muitas dessas funções podem ser atendidas muito mais facilmente pelos membros da Fraternidade com essa preparação, permitindo um desenvolvimento vocacional mais adequado para religiosos e leigos. E poderíamos continuar com exemplos mais reais hoje.

2. A realidade hoje

Não é fácil apresentar a realidade do Itaka - Escolápios em todos os momentos, por causa de como está mudando, dos novos países e presenças em que está presente, dos projetos que estão entrando e transformando, dos planos de cada momento.

Mas, vamos apontar alguns elementos a serem bem informados:

- Hoje, a Rede Itaka – Escolápios está sendo promovida pela Congregação Geral e pelo Conselho da Fraternidade Geral, juntamente com o Conselho Assessor (aqueles mencionados mais os Provinciais e representantes dos Conselhos de Fraternidades que estão na Rede), através do Patronato (equipe permanente representando o Conselho Assessor), pela Comissão Executiva (equipe de gerenciamento da Rede) e pelas diferentes equipes gerais e cada Demarcação²⁶.
- Itaka - Escolápios começou como uma associação em 1985, tornou-se uma Fundação em 2001, aberta a outras províncias e países em 2005 e, em 2015, a Rede Internacional Itaka - Escolápios foi lançada com a Carta Programática. A cada ano, a participação de cada Província e Fraternidade é especificada com um Acordo anual, indicando os projetos e trabalhos que são compartilhados, as equipes de direção, os objetivos do ano e o orçamento necessário²⁷.
- A cada seis anos, a Rede elabora e o Conselho Assessor aprova o Plano Estratégico, onde são definidas as prioridades fundamentais para os próximos seis anos.
- Atualmente, mais da metade das Demarcações da Ordem participa da Rede. E metade das Fraternidades, as que têm uma história mais longa e reúnem mais de 80% dos membros, também participam do Itaka - Escolápios.
- Atualmente, 19 entidades participam (a Ordem, a Fraternidade Geral, 11 Demarcações e 6 Fraternidades), operando em 19 países e aumentando a cada ano, mais um pouco, em mais de 60 localidades e com mais de 200 projetos. Uma operação tão diversa e extensa requer muita flexibilidade, diferentes graus de envolvimento, grande complexidade... e uma riqueza maravilhosa.
- Atualmente, a Rede Itaka - Escolápios continua avançando, tornando-se mais presente e em mais lugares, aumentando a visibilidade e superando as dúvidas lógicas iniciais quando uma nova realidade está enriquecendo o mundo escolápio, descobrindo mais potencialidades, ganhando reconhecimento e sempre oferecendo novos passos. .
- A página www.itakaescolapios.org e também www.escolapios21.org, bem como as redes sociais correspondentes estão coletando eventos atuais e as informações necessárias em todos os momentos.

3. Gama de possibilidades

No III Conselho Assessor de 2018, foram apresentados vários trabalhos de grande interesse²⁸, refletindo sobre as possibilidades oferecidas pela Rede Itaka – Escolápios e o relacionamento enriquecedor com a Ordem e com a Fraternidade.

Apresentamos agora um resumo do primeiro deles, ao mesmo tempo em que recomendamos a leitura cuidadosa e a reflexão de todos eles.

Itaka - Escolápios é como aquelas facas multiuso que têm muitas possibilidades e que normalmente são usadas para apenas uma. O mesmo poderia ser dito hoje de outros recursos e, especialmente, de "smartphones", que podem realizar muitas tarefas... e que a maioria de nós tira proveito de possibilidades mínimas e talvez nas menos lucrativas.

Hoje, carregamos no bolso, naquele pequeno dispositivo, o telefone, a máquina fotográfica, o calendário, o e-mail, todas as notícias que queremos, acesso a todas as informações que a Internet oferece, entretenimento de todos os tipos, música, leitura, GPS, uma oferta cada vez maior de novas possibilidades... e até muitos recursos para orar. Isso poderia nos libertar de ter que carregar outros dispositivos, porque já temos alguém que faz isso melhor e de forma integrada.

Às vezes, a ignorância, a preguiça, a rotina nos impedem de ver o potencial que temos em mãos e as oportunidades que podemos perder.

Algo assim pode acontecer com o Itaka - Escolápios. Esses exemplos podem nos ajudar a conhecer mais sobre essa rede e as possibilidades que ela abre e não devemos deixar uma vantagem mínima.

Agora, apontamos alguns dos muitos caminhos que se abrem, que aparecem cada dia com as contribuições de todos:

²⁶ Em <https://www.escolapios21.org/red-itaka-escolapios/los-equipos-principales/>

²⁷ Encontramos esses documentos e outros em <https://www.escolapios21.org/red-itaka-escolapios/documentos-internos/>

²⁸ Em <http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2018/05/01-Ponencias-y-m%C3%A1s.pdf>

- Procurar dinheiro para projetos no próprio país e para compartilhar com outros países. Mais de quinze milhões de euros foram enviados nos últimos dez anos para projetos escolápios de diferentes países onde foram obtidos. Logicamente, muito mais é alcançado e alocado em cada um dos países por meio do Itaka - Escolápios. Esse valor pode ser muito maior se trabalharmos com um planejamento mais longo, com projetos mais claros e definidos, com melhor preparação das pessoas responsáveis.
- Segurar, ano após ano, o funcionamento da missão e ajudar o autofinanciamento progressivo de cada projeto por si só. Esse é um desafio muito maior do que obter um dinheiro ocasional para a compra ou construção, e é muito mais importante.
- Ajudar a organização da missão pela dinâmica de trabalhar com projetos, com equipes, com um acordo anual no início de cada ano em que os objetivos, equipes e orçamentos são marcados, com justificativas de contas, com análise dos resultados obtidos...
- Colocar em rede escolápia, unindo pessoas, entidades, Fraternidades e Províncias muito diferentes em objetivos comuns, crescendo no sentimento escolápico universal, aprendendo mais de perto as realidades escolápias distantes, avançando na corresponsabilidade, compartilhando, possibilitando intercâmbios e enviando pessoas de alguns lugares para outros etc.
- Incentivar o voluntariado e o chamado à vida e à missão escolápias. As escolas do voluntariado, sua promoção e acompanhamento, os convites para participar de atividades e projetos escolápios, as ações de informação de Itaka - Escolápios, o número de pessoas que colaboram de diferentes maneiras, a colaboração com o Movimento Calasanz, a oferta de compartilhar como parceiros... são algumas das possibilidades que estão crescendo.
- Fortalecer a Fraternidade, pois permite uma entidade legal que atue em questões econômicas e jurídicas, desenvolva a missão escolápia de forma mais corresponsável, ganhe identidade escolápia de grande envolvimento, cresça no compartilhamento econômico dentro da Fraternidade e, acima de tudo, no sentido da missão escolápia com essa boa prática do dízimo da solidariedade.
- Fortalecer a Província e a Ordem, ajudando sua expansão, no início de novas presenças e obras, a colaborar, especialmente onde houver maior necessidade, a possibilitar também recursos financeiros às comunidades e Demarcações, à formação de jovens religiosos...
- Oferecer um novo quadro legal, que pode ser muito interessante onde a entidade religiosa é mais difícil e que pode contar com assessoramento da própria Rede.
- Crescer na atual cultura escolápia com uma visão mais sistêmica, uma mentalidade de Ordem, funcionando a partir do modelo de presença, da Comunidade cristã escolápia, da chave da vida que envolve a integrar as diferentes modalidades de participação nas Escolas Pias...
- Enriquecer a ação escolápia em escolas e centros educativos, trazendo muitos projetos, de missão compartilhada, de foco educativo em tempo integral... Um colégio, com uma comunidade religiosa e / ou da Fraternidade, com o Movimento Calasanz e uma sede da Itaka - Escolápios é muito mais que um colégio.
- Enriquecer o Movimento Calasanz, oferecendo uma certa estrutura de apoio para iniciá-lo e uma referência quando ele crescer. Não é por acaso que, quando o Movimento Calasanz se integra à Rede Itaka - Escolápios, cresce cada vez mais: a sinergia com os demais projetos, a associação da Fraternidade, a formação que as escolas de educadores oficiais podem oferecer... são possibilidades mais acessíveis a partir de Itaka - Escolápios.
- Ajudar na pastoral vocacional, envolvendo agentes escolápios de maneira mais formal e alcançando mais pessoas e mais áreas dessas mesmas pessoas e do entorno.
- Ajudar a criar itinerários para as diferentes formas de participação.
- Ajudar na atitude de “estar em saída”, pela flexibilidade de ação que oferece, pela capacidade de lançar rapidamente novas iniciativas.
- Ajudar no desenvolvimento da Educação Não Formal, com uma Rede que dá consistência a esses projetos com sustentabilidade em recursos e pessoas.
- Criar um espaço institucionalmente compartilhado onde a Ordem e a Fraternidade possam caminhar juntas na vida e na missão escolápia.

A Fraternidade, juntamente com a Ordem, possibilitou essa realidade de Itaka - Escolápios, que é chamada para ser um instrumento de revitalização escolápia e de impulso à missão em todo o mundo.

TESTEMUNHO DESDE LOGROÑO (ESPANHA)

Quando Itaka-Escolapios começou em 2001, em nossa Província de Emaús, eu tinha 21 anos e era voluntário e parte dos grupos que chamamos agora Movimento Calasanz. Naquela época, eu não sabia da importância do passo em que nossa Fraternidade se uniu à Província religiosa na responsabilidade de administrar, em todos os níveis, as ações educativas, sociais e pastorais da esfera extracurricular que foram desenvolvidas em nosso entorno escolápio.

Nos anos seguintes, comecei a entender que esse compromisso assumido pelos religiosos e a resposta que as comunidades da Fraternidade deram naquele tempo realizavam um novo estilo de Igreja e de uma missão compartilhada escolápio na qual a comunhão de vocações era o paradigma da Igreja em que sonhar e organizar juntos respostas aos chamados da Escola Pia. E esse modo de fazer Igreja me desafiou em meu discernimento pessoal em relação à Fraternidade, porque exigia que eu me comprometesse indefinidamente com essa missão, sem permanecer na retaguarda ou ser um colaborador pontual, saindo de meus interesses pessoais e pensar no bem comum da missão que dependia de todos nós.

Após um discernimento pessoal e também conhecer outros espaços eclesiais e outros carismas, entrei na Fraternidade e comecei a trabalhar em Itaka - Escolápios em 2007. Logo fui testemunha direta de outro salto especialmente significativo para mim. A Província religiosa de Emaús e nossa Fraternidade propuseram que, por meio de Itaka - Escolápios, adquiríssemos um compromisso constante e indefinido com a missão e a vida escolápio de outros países. Até então, realizamos algumas campanhas ou obtivemos ajuda para enviar dinheiro quando pudéssemos, mas essa nova visão nos pedia para nos sentirmos mais irmãos de toda a realidade escolápio da Ordem, compartilhando recursos financeiros e humanos diariamente e comunicando nossos sucessos e dificuldades em direto com todos esses lugares. A Rede Itaka - Escolápios tem sido uma boa plataforma desde então para enriquecer minha vocação escolápio dessa maneira.

Desde então, vi essa ferramenta escolápio que chamamos de Itaka - Escolápios crescer muito com diferentes projetos socioeducativos, com muitas ações pastorais (principalmente através do Movimento Calasanz) e com novas formas de conscientização em muitos lugares, abordando, principalmente, as realidades de pobreza que muitas vezes eu não conhecia e onde Deus estava presente para mim.

E, por meio dessa ferramenta, conheci muitas pessoas que estão dando suas vidas pela Escola Pia, sentindo-me profundamente apegado a elas, mesmo que estejam a milhares de quilômetros de distância e me enriquecendo com seu testemunho, suas forças, experiência, profissionalismo e espiritualidade.

Como membro da Fraternidade, sinto que esse caminho ajuda a mim e a Laura a sermos cristãos realmente adultos e comprometidos com a missão escolápio até o fim, oferecendo nossa disponibilidade e tempo através da participação em Itaka - Escolápios como voluntários e pessoas contratadas e colocando todo mês nosso dízimo em dinheiro para seus projetos.

Acredito que Itaka - Escolápios continuará a servir o carisma escolápio, chamando cada vez mais pessoas. E vivo com muita alegria e mais, neste Ano Jubilar Escolápio, essa busca pela vontade de Deus e de Calasanz de construir uma realidade de missão compartilhada que luta contra todos os tipos de pobreza que afetam crianças e jovens.

Jon Calleja, Fraternidade de Logroño de Itaka - Emaús

POESIA DE ITAKA (Kavafis)

Quando você partir, em direção a ITAKA, deve pedir que o caminho seja longo,
cheio de aventura, cheio de conhecimento. Deve pedir que a jornada seja longa,
que sejam muitas manhãs quando você entrar em um porto que seus olhos não conheciam,
e vá para as cidades para aprender com quem sabe. Mantenha sempre a ideia de ITAKA em seu coração.
Você tem que alcançá-la, é o seu destino. Mas nunca force a jornada.
É preferível que dure por muitos anos. E você envelheceu ancorando na ilha,
enriquecido por tudo que você ganhou ao longo do caminho, sem esperar que lhe ofereça mais riquezas.

ITAKA deu-lhe a bela jornada. Sem ela você não teria zarpado.

E se você a achar pobre, não pense que ITAKA o traiu. Como um sábio que você se tornou,
você saberá muito bem o que significam as ITAKAS.

Você tem que ir além, mais longe das árvores caídas, que agora o aprisionam.

E, quando você tiver sucesso, tenha muito cuidado para não parar.

Além disso, sempre vá além, mais longe do presente que agora acorrenta você,

e quando você se sentir liberto, dê novos passos novamente.
Sempre em frente, sempre muito mais.
E quando você achar que já chegou, saiba como encontrar novos caminhos.

29. Diferentes modelos comunitários

O início da Fraternidade também traz algumas possibilidades quanto à possível organização das comunidades locais, principalmente se o número de membros permitir.

O mais comum é geralmente a pequena comunidade que se reúne um dia por semana, para compartilhar um momento de oração, algo sobre a vida e o progresso da missão escolápia, algum plano de formação...

Algumas comunidades têm dois momentos de reunião por semana: um para a pequena comunidade e o outro, também para toda a comunidade, para compartilhar a Eucaristia na Comunidade cristã escolápia. Às vezes, outros momentos são adicionados para tarefas específicas da missão, embora não seja mais a comunidade inteira, mas alguns membros para diferentes tipos de tarefas.

O lugar de encontro da comunidade também pode ser diferente: às vezes, o encontro é em um local de obras escolápias (o colégio, a paróquia, o centro social...). Normalmente, é onde o grupo nasceu e geralmente é o local habitual, pelo menos inicialmente.

Em outras situações, a reunião é na casa de um dos membros, talvez porque ele tenha filhos pequenos e deva estar em casa para atendê-los, talvez porque ele tenha mais espaço. Às vezes, a reunião gira pelas diferentes casas. Isso permite uma atmosfera mais familiar, talvez compartilhando um lanche ou jantar. Isso também pode permitir um tempo comunitário com as crianças para orar e compartilhar o jantar.

A maneira pela qual os religiosos participam das comunidades da Fraternidade é feita de modos muito diferentes. Em alguns lugares, toda a comunidade religiosa também é considerada uma comunidade da Fraternidade e os momentos de encontro são em assembleias, celebrações, ocasiões específicas. Existem também comunidades religiosas que são distribuídas entre as pequenas comunidades que estão na presença, às vezes, cada uma estando fixo em uma delas e, às vezes, rodando pelas diferentes comunidades. O papel do religioso deve ser bem cuidado, para que fique claro que ele é mais um irmão da comunidade, embora ele tenha um papel especial para seu ministério e vocação, assim como outros também: ele deve fugir de ser o monitor da comunidade ou aquele com um status diferente, oferecendo, como todo mundo, sua própria experiência. Essa presença religiosa e a maneira específica de realizá-la têm muitas variações e podem trazer grande riqueza para todos.

Cada pequena comunidade poderia receber uma encomenda da Fraternidade: assumir uma missão específica na presença, assumir a responsabilidade por algum assunto (liturgia, proximidade com o catecumenato e pessoas no processo de se aproximar da Fraternidade, cuidar de algum espaço, patrocinar uma comunidade criada recentemente...). Isso pode dar mais vida à pequena comunidade, sempre que tenhamos em mente que o que importa é a própria vida da comunidade.

Também existem comunidades conjuntas de religiosos e leigos, porque alguns leigos se juntam à comunidade religiosa no momento da reunião ou porque vivem juntos compartilhando o dia a dia na mesma casa, com algum espaço mais reservado para diferentes situações e compartilhando todos os dias oração, refeições, missão... e vida.

Essa experiência de comunidades conjuntas tem uma longa história nas Escolas Pias. É vivida de maneira muito natural quando são pessoas enviadas para outros países, como acontece em muitos países da América e em alguns da Ásia. Hoje também é uma realidade nas localidades onde a Fraternidade tem caminhado há tempo. E mesmo nas novas fundações escolápias, iniciadas com alguns religiosos e leigos da Fraternidade, que proporcionam uma experiência preciosa.

A avaliação dessas comunidades conjuntas, atualmente em torno de vinte em sete países, é muito boa, tanto para os religiosos que se enriquecem com a experiência dessas comunidades muito vivas, quanto para os leigos que podem compartilhar a comunidade e a trajetória espiritual dos religiosos. Viver em conjunto com diferentes vocações ajuda a viver a sua própria e a descobrir a possível complementaridade na comunidade.

Outro elemento de novidade nessas comunidades conjuntas é o compartilhamento, não apenas de solteiros, ou de homens e mulheres, mas também de famílias inteiras. Aqui a experiência é menos viajada (quinze anos já em alguns

casos) e compartilhando o crescimento das crianças, o ambiente em que elas estão se desenvolvendo nessa "família extensa", os religiosos sendo colocados com esses "filhos e netos" em outra perspectiva, é uma oportunidade excepcional para todos.

Devemos também citar a experiência das comunidades, todas elas leigas e geralmente jovens da Fraternidade, vivendo juntos por um tempo na mesma casa, às vezes, em um bairro marginal, com o compromisso escolápio de realizar algum trabalho e de abordar a vida em situações de pobreza de forma vital. Eles estão sendo experiências mais pontuais, com mudanças nas pessoas, que representam muito progresso na vida pessoal daqueles que as vivem.

Para finalizar este capítulo, devemos destacar a oportunidade de ter diferentes modelos de comunidade, que proporcionem diferentes espaços para as pessoas e os momentos de cada um, que enriquecem a Fraternidade e a presença escolápio com uma cor comunitária que compartilha o mesmo carisma escolápio de várias formas.

Outros elementos da diversidade podem ser mencionados: comunidades com membros mais jovens ou mais velhos, novas comunidades, com diferentes sensibilidades, talvez destacando alguma dimensão da Fraternidade (oração, comprometimento, formação...).

Ter a possibilidade de oferecer essa diversidade também é uma boa chamada para as pessoas no entorno que podem mais ou menos se identificar com os diferentes modelos. E esse pode ser o chamado inicial para entrar na Fraternidade.

Estamos em uma era, como todos os tempos possivelmente, em que precisamos atualizar a comunidade para continuar sendo um sinal do Reino, um espaço de fraternidade, lar e oficina...

A avaliação dos diferentes modelos, sem pretender julgar nenhum deles, a mobilidade de pessoas entre pequenas comunidades, os momentos de encontro de toda a Fraternidade e também de alguma comunidade com outra (para uma reunião, um retiro, uma experiência), saber como se situar na Comunidade cristã escolápio e na Igreja local, são grandes tesouros que cada um de nós precisa descobrir e compartilhar com os outros.

TESTEMUNHO DE GRANADA (ESPANHA)

Vida comunitária conjunta ("O que temos visto e ouvido")

Refletindo um pouco sobre o testemunho que nossa vida em comunidade conjunta pode supor, acreditamos que, em grande parte, é uma maneira de materializar o amálgama de encontros pessoais, experiências que fundaram nossa fé, propostas vocacionais que sempre tiveram um tom de comunidade... Quando jovens, iniciamos a turnê nos grupos do Centro da Juventude de Calasanz, e logo tivemos a sorte de ser catequistas dos processos. Com uma proposta de abertura de horizonte escolápio recentemente amadurecido, a Fraternidade Albisara, ao longo do tempo, tivemos a certeza de que nos deixava felizes em compartilhar nossa vida e nossa fé dessa maneira. Em meio a tudo isso, nossa sede comunitária é alimentada de maneira especial ao enviar a Camarões por um ano e meio como escolápios leigos temporários.

O desejo não totalmente consciente de transmitir o que vivenciamos em nossa jornada pessoal e que nos deixou felizes está por trás da necessidade - mais do que uma opção - de nos inserirmos em uma comunidade como a nossa, formada neste ano por três religiosos e duas famílias, com 2 filhos cada. Sem desejar ser exaustivo, existem vários impulsos que experimentamos nesse compartilhamento:

- certeza de que cada vocação, em seu modo radical de ser, é de Deus e imbui a vida e a missão escolápio de dimensões diferentes e complementares e que, ao fazê-lo, cada um admira e olha para o outro, tomando forma, amolecendo e reforçando um ao outro;

- a acolhida de uma herança dinâmica, preciosa e frágil: a de Calasanz e sua tarefa de educar os menores e principalmente os mais pobres

- e a responsabilidade de ser um sinal que exige que muitos cooperem estreitamente entre si, porque o que temos em mãos é premente. Nesse sentido, devemos nos perguntar se nossas comunidades (de religiosas, da Fraternidade...) são abertas o suficiente para serem convocadoras e se somos suficientemente proativos

Trabalhando lado a lado com religiosos como catequistas, educadores, ministros..., tendo experimentado especialmente no Sul (Bolívia, Camarões...) a alegria de se sentir em casa (descalço, mas protegido; escutado, mas exigido, cansado para ser aliviado) e uma proposta e uma maneira e tempo muito específicos que nos incentivaram a começar há oito anos (4 também compartilhando o mesmo teto) a aventura de fazer parte de uma comunidade

conjunta. Apesar de nossas muitas falhas e fraquezas, a leitura feita até agora está na chave do presente, porque estamos convencidos da fecundidade do projeto, que podemos alcançar mais coisas, que nos sentimos mais nossos, até mesmo nos projetos que nos sentimos mais distantes ou não ocupam nosso tempo, ajudando-nos a transcender nossa proximidade e miopia.

Duas rodas que cultivam uma casa comum

A correção fraterna sempre nos alerta e, ao longo desses anos, aprendemos a nos permitir ser acompanhados, questionados e perdoados. A experiência das crianças no meio da comunidade trouxe ternura e criatividade, e tivemos a experiência de expandir os espaços físicos sem abrir mão da intimidade familiar.

Essa casa comum é guiada por Deus sempre em frente, que também exige simplicidade e austeridade, em meio à nossa falta de jeito e egoísmo. Esse compartilhamento materializado à mesa nos fala do carinho e cuidado dos irmãos entre si.

E tudo isso com a oração dirigida ao Pai como guardião de nossa vida - nossos encontros e discordâncias - e nosso discernimento comunitário em busca de seu Reino.

Inma Armillas e Alberto Márquez - Comunidade Ángel Ruiz Isla, Fraternidade Albisara de Emaús

30. O Movimento Calasanz

O Movimento Calasanz nasceu oficialmente em 2012, para dar continuidade ao trabalho dos grupos educativos e pastorais existentes nas Escolas Pias, colocá-los em conexão entre si, estabelecer alguns critérios fundamentais de identidade e funcionamento e guiá-los a um horizonte adulto onde a proposta da vida religiosa escolápica e da vida na Fraternidade não pode faltar.

A existência de uma Fraternidade viva é uma condição, para que o Movimento Calasanz esteja no caminho certo, da mesma forma que a presença da comunidade religiosa escolápica também é necessária. E se o trabalho de Ordem e Fraternidade é visualizado na Rede Itaka - Escolápios, já estamos nas melhores condições para o Movimento Calasanz nascer e se desenvolver plenamente: os dois principais sujeitos escolápios assumem seu impulso institucionalmente e estão presentes como uma oferta de horizonte.

1. Lembramos suas características²⁹

A rica ação educativa e pastoral escolápica nos centros educacionais, nas paróquias, nos centros sociais, em diferentes obras, precisa de um complemento, um fio educacional, que ofereça e possibilite processos vocacionais em roteiros de grupo da infância à juventude e até idade adulta, que ajudam a descobrir e responder à vocação pessoal.

É um processo contínuo, sempre acompanhado por educadores, que possibilita experiências e conhecimentos que se preparam para o encontro com o Senhor, para descobrir a vocação pessoal e responder positivamente com a formação e as decisões necessárias. Supõe também uma inserção eclesial de acordo com a referida vocação.

É essencial que esses processos tenham um horizonte claro, que é a vida cristã comprometida e adulta, que sempre implica um grupo de referência, uma comunidade, onde a oferta explícita da vida religiosa escolápica e da Fraternidade não pode estar ausente. Se essa oferta inicial estiver ausente ou os grupos não alcançarem a vida cristã comprometida e adulta, temos um sinal claro de que nossa ação pastoral não está desenvolvendo processos educacionais e pastorais adequados.

É preciso dizer com clareza: hoje os meios pessoais não são suficientes, nem processos que nunca chegam a nada, nem a tentativa de continuar indefinidamente o mesmo grupo... É necessário apresentar as diferentes possibilidades de nossa Igreja e, de maneira especial, a inserção eclesial escolápica oferece: a própria Ordem, a Fraternidade e a Comunidade cristã escolápica. Os atrativos modelos de referência, os próprios educadores dos processos e a proximidade dessas realidades escolápias são fundamentais para torná-lo realmente um processo que leva ao fim.

A preparação e celebração dos sacramentos podem ser incorporadas à dinâmica do Movimento Calasanz, desde que mantenhamos o caráter processual contínuo.

²⁹ Ephemerides de junho de 2012, páginas 671-672

É também a comunhão de grupos de diferentes Demarcações de toda a geografia escolápica, que se unem na mesma proposta educativa e evangelizadora, inspirada no espírito e no estilo de Calasanz. Assim, as realidades existentes são reforçadas, colocando-as em conexão, para obter uma identidade escolápica e oferecer um horizonte pastoral àqueles que dela precisam neste momento.

Os elementos fundamentais, sempre inter-relacionados entre si e com a perspectiva de seguir Jesus no estilo Calasanz, são:

- O encontro pessoal com o Senhor na oração, nos sacramentos, na Palavra, na leitura crente e cristã da realidade, na proximidade solidária com os pobres, na comunidade, na história eclesial e escolápica e no compromisso pessoal.
- Um estilo de vida baseado nas chaves do Evangelho, seguindo Jesus, buscando sempre a vocação para a qual Deus nos chama e adaptando nossa vida à sua proposta, numa atitude de conversão permanente.
- Formação humana, cristã e escolápica que nos permite dar razão à nossa esperança e incorporar valores cristãos e escolápicos enquanto crescemos como pessoas.
- Serviço aos outros e compromisso com a construção do Reino de Deus, especialmente com os mais necessitados, a partir das intuições de Calasanz.
- Compartilhar o seguimento de Jesus e todos os aspectos da vida com os irmãos e irmãs em pequenos grupos e comunidades, em clara comunhão com as Escolas Pias e com toda a Igreja.

Algumas etapas são apontadas nesse processo, para que possam ser realizadas em todas as idades, desde a infância até a idade adulta, com ênfase especial na juventude. Os itinerários sempre terminam em discernimento vocacional, abrindo-se para uma clara inserção eclesial.

Diferentes possibilidades de chamadas são propostas nas diferentes etapas do processo e dependendo das diferentes situações.

O estilo do Movimento Calasanz será delineado ao longo do tempo, mas vale a pena destacar alguns princípios metodológicos necessários:

- Processo sempre em pequenos grupos, com referência ampla a todos eles
- Manter a reunião semanal
- Atividades com certa intensidade periodicamente: retiro, acampamento, convivência, missões
- Pedagogia ativa com protagonismo dos membros
- Itinerário de experiências, descobertas: oração, social, relacional...
- Educação integral e apropriada para a idade
- Acompanhamento pessoal
- Acompanhamento da Comunidade cristã escolápica e da Fraternidade e Província.
- Apoio dos maiores ao processo dos pequenos
- Centralidade de Jesus e da Palavra
- Participação na celebração da Eucaristia
- Estrutura simbólica, especialmente nas primeiras idades
- Sinais que marcam os estágios
- Projeto de vida revisado e contrastado
- Atenção à realidade social, solidariedade
- Compromisso em cada estágio, serviços
- Voluntariado e sentido missionário
- Relacionamento com a escola, obra e comunidade escolápica
- Participação na Igreja local e na vida da Demarcação e da Ordem

Esse Movimento Calasanz precisa de educadores, sempre em equipe e com treinamento adequado para realizar essa iniciativa. Algumas características necessárias nesses educadores são:

- Participar pessoalmente das etapas do próprio Movimento Calasanz, da Fraternidade ou da Ordem
- Ter formação adequada e atualizada constantemente
- Ter uma identificação escolápica clara e com o estilo do Movimento Calasanz
- Levar uma vida cristã coerente
- Trabalhar sempre em equipe de educadores

A formação desses educadores será especialmente cuidada, complementando a formação pessoal, espiritual e escolária que recebem constantemente em seus grupos de referência, com a correspondente formação inicial e permanente.

Não podemos esquecer que o objetivo final é a descoberta da vocação e a obtenção de equipamentos suficientes para poder ouvi-la e responder fielmente. Quem é Jesus para mim, para o que ele me convida, em que posso ser mais útil, com quem quero viver minha vocação, como se encaixam aspectos fundamentais como amor, família, afetividade, participação na Igreja e trabalho? E nesse processo, aqueles de nós que acreditam na vocação escolária, religiosa e secular, devem convidar a conhecê-la e permitir-se ser questionados por ela.

2. Fraternidade, Província e Movimento Calasanz

A Fraternidade e a Ordem encontram no Movimento Calasanz um campo de missão privilegiado e, portanto, o lugar ideal para reunir e acompanhar os futuros membros das Escolas Pias.

A Fraternidade e a Demarcação prestam um grande serviço às crianças, jovens e adultos, com seu compromisso em favor do nascimento e desenvolvimento do Movimento Calasanz. Tornam-se a referência fundamental, pessoal e institucional para os participantes deste processo escolário.

Por esse motivo, deve ser um projeto especialmente assumido e amado por todos os irmãos e irmãs da Província e da Fraternidade, cada um de acordo com suas habilidades e possibilidades.

E, ao mesmo tempo, o Movimento Calasanz é a pedra do futuro escolário, de onde jovens e adultos que descubrem sua vocação escolária na Fraternidade ou na Ordem devem aparecer naturalmente.

Usando um símile cinematográfico, poderíamos dizer que o Movimento Calasanz tem que ajudar cada jovem a descobrir o papel que o diretor do filme quer dar a ele, não permanecer como um mero espectador da vida ou como um ajudante que serve apenas como agente de preenchimento, assumir seu papel protagonista e jogá-lo em comunhão com os outros, para que tudo corra como Deus quer.

O Movimento Calasanz é um projeto que pode e deve ser compartilhado pela Província e pela Fraternidade (Itaka - Escolários) para ter mais força e mais referência nessa missão. Por seu lado, Itaka - Escolários considera, desde o início, esse processo educacional integral como o projeto mais importante e a espinha dorsal de todos, porque visualiza a missão fundamental (a transformação de cada pessoa ao descobrir sua vocação) e porque é a fonte principal das pessoas que realizarão os outros projetos a partir dessa vocação descoberta.

TESTEMUNHO DESDE SEVILLA (ESPANHA)

Fraternidade e Movimento Calasanz ... e, neste exato momento, o texto de São Paulo vem à mente: "Porque o fato de pregar o evangelho não é motivo de orgulho para mim, esse é o meu destino, pobre de mim se eu não o anunciar!" (1 Coríntios 9,16)

Lembro-me também de como começa o manifesto do Movimento Calasanz: "Nós, escolários, religiosos e leigos, reunidos pelo Pai em nome de Jesus, sob a orientação do Espírito Santo e fiéis à inspiração de José de Calasanz, nos sentimos enviados por Cristo e para a Igreja evangelizar educando".

Para mim, membro da Fraternidade, essas palavras assumem uma importância vital. Como não posso testemunhar o que me fez tanto bem? Como posso manter o que me fez ser o que sou? Como não posso falar sobre o que deu sentido à minha vida?

Minha experiência no Movimento Calasanz é maravilhosa, desde quando comecei em grupos até me tornar parte da Fraternidade. Não posso deixar de agradecer que tive a sorte de um dia o Pai, através do encontro com os escolários, ter me dado a oportunidade de transmitir tudo o que ele me deu e que fez da minha vida e com ela minha fé, crescer "em abundância" em felicidade, em doação, amadureci e pude encontrar uma maneira de estar na Igreja de maneira ativa e comprometida.

O dom do Evangelho e do carisma de Calasanz que eu descobri há muitos anos não podiam e não podem ser guardados. É essencial no meu dia a dia transmiti-lo a outras pessoas. Do Movimento Calasanz, encontro um espaço para fazê-lo. Eu vivo com profunda convicção de que quanto mais você descobrir esse presente precioso, mais mãos haverá para anunciar que outro mundo é possível, onde o Amor, a mensagem central de Jesus, é vivido com intensidade.

E temos o maravilhoso presente de fazê-lo através da educação. Vamos lembrar as palavras de Calasanz "o resto da vida boa ou ruim do futuro homem depende da boa educação dos meninos".

Malen Rebollo, Fraternidade Guadalquivir de Emaús

MISSÃO DOS ESCOLÁPIOS (Capítulo Geral 1997)

Nós, religiosos escolápio, pobres da Mãe de Deus,
reunidos pelo Pai, em nome de Cristo, e ouvindo o Espírito Santo,
que nos abre para compartilhar o carisma com os leigos,
desafiado pelo grito de multidões de crianças e jovens
em um mundo em rápida mudança,
fiel à inspiração do Fundador,
nós professamos nossa fé em Cristo Jesus,
que acolhe e abençoa os filhos e, por essa graça,
queremos significar, como consagrados,
a radicalidade evangélica de seus seguidores,
de acordo com o caminho aberto por Calasanz,
em um processo de conversão contínua;
nós vivemos, como convocados,
a alegria da fraternidade, sinal profético do Reino,
em comunhão com a Igreja, o Povo de Deus
e com toda a família humana, sendo a voz dos pequenos;
nos entregamos, como enviados,
na diaconia educacional apropriada ao nosso ministério
comprometendo-nos a trabalhar,
unidos aos leigos na nova evangelização.
Proclamamos, assim, nossa fé e esperança para um novo mundo,
já presente na disponibilidade de tantos irmãos, religiosos e leigos,
aberto à gratuidade e caráter popular de nossa missão,
e queremos compartilhá-los com as novas gerações de escolápios,
para que juntos vivamos com autenticidade e fidelidade criativa
o carisma de Calasanz.
Colocamos nosso futuro nas mãos de Maria,
sob cuja proteção materna nossa Ordem foi fundada.

31. Cultura vocacional e formativa

A existência da Fraternidade multiplica as possibilidades de estabelecer uma cultura vocacional e formativa escolápio que esteja verdadeiramente presente em cada lugar e dirigida a todos os que estão próximos.

Obviamente, a Ordem por si só tem a capacidade de desenvolver essa cultura, mas quando a Fraternidade está envolvida nessa tarefa, a participação de toda a Comunidade cristã escolápio é muito mais possível, a preparação de um futuro com esse novo sujeito escolápio que se junta à Ordem, colaboração de diferentes abordagens e situações, a oferta vocacional e formativa mais rica e, na chave da comunhão das várias vocações, a implementação de ações e projetos nesta linha.

Durante muito tempo, pensou-se que a vocação era algo próprio de religiosos e padres, que os leigos eram aqueles que não tinham vocação própria. Hoje estamos conscientes de que todos os cristãos são chamados à santidade e à missão, para responder à vocação recebida de Deus, para construir a partir da comunhão uma Igreja viva com todos os carismas e vocações.

A vocação hoje não é uma questão espiritual para algumas pessoas, mas uma questão vital para todos e, mais ainda, para todo cristão. O objetivo central da educação é criar as condições para que cada criança, jovem e adulto desenvolvam todo o seu potencial para descobrir e cumprir sua missão no mundo, ser feliz e contribuir da melhor maneira para construir uma sociedade melhor. O objetivo da evangelização e do trabalho pastoral é também

descobrir sua própria vocação e responder generosamente. Não se trata apenas de conhecer o Evangelho e uma série de verdades, ou receber os sacramentos, ou manter uma certa conduta: o fundamental é o encontro com o Jesus vivo que nos ama e nos chama a segui-lo. O que toda sociedade deve buscar é que cada um de seus membros seja feliz, possa desenvolver plenamente suas vidas, contribuindo para o bem comum: essa é também a vocação.

Tal abordagem, tal cultura vocacional, coloca o centro em cada pessoa, mas não em suas expectativas narcísicas e individualistas, mas em colocá-las em um mundo que precisa delas, em um Deus que as acompanha, em uma felicidade que só é possível quando a pessoa está certa no sentido de sua vida. E também tem potencial para aparecer em diferentes lugares: na escola, na paróquia, na família, na mídia, no ambiente social, nos coletivos de cidadãos... porque é do interesse de todos que cada um seja o protagonista de sua vida e encontre e desenvolva sua vocação.

A cultura vocacional é o ambiente, a estrutura na qual queremos estar, para ajudar crianças, adolescentes e jovens a encontrar seu lugar no mundo, na Igreja, na vida. E também para o adulto que, às vezes, precisa reorientar sua própria existência para preenchê-la de significado.

Essa cultura vocacional nos leva a ajudar cada pessoa a descobrir suas qualidades e limitações, seus desejos mais profundos (bem diferentes daqueles que a sociedade de consumo deseja), ao mesmo tempo em que suscita as necessidades de um mundo que exige a diversidade de vocações e sempre entendê-las como necessárias, na medida em que ajudem o bem comum. É o desafio de encontrar minha própria identidade, o que me fez ser eu mesmo, na rica vivência de várias identidades (família, país, hobbies, pertencas...) sempre ordenadas de acordo com o valor de cada uma delas para a identidade fundamental.

Essa cultura vocacional deve andar de mãos dadas com a cultura formativa. Formação é literalmente a ação de tomar sua própria forma. E, nesse sentido, a cultura vocacional também é um processo formativo de descobrir o mundo, culturas, possibilidades... e sempre manter uma atitude de aprendizado contínuo.

No mundo escolápio, dedicado principalmente à educação cristã de meninos, meninas, adolescentes e jovens, a cultura vocacional e formativa é a linha que dá continuidade a toda a nossa ação. O conhecimento transmitido, as atitudes favorecidas, as experiências vividas, os desafios colocados devem favorecer gradualmente a descoberta e o desenvolvimento da própria vocação.

Logicamente, os educadores e acompanhantes devem ser pessoas que vivem sua vocação e continuam treinando para mantê-la sempre viva. A exortação "Christus vivet", depois do "Sínodo dos jovens, fé e discernimento vocacional", encoraja-nos nesse caminho e nos fornece pistas de grande clarividência.

Assim, a pastoral vocacional para a vida religiosa e para a vida leiga plena, da mesma forma que a formação inicial e permanente, deve sempre ser uma referência para o nosso trabalho. E a Fraternidade, juntamente com os religiosos, podem ser os que mais promovem essa cultura que humaniza e cria as condições para um futuro melhor para todos.

Isso exigirá:

1. Viver feliz a sua própria vocação escolápio, pessoal e comunitária, como religioso e como membro da Fraternidade. A coisa mais contagiosa é alegria e felicidade... e, mais ainda, se é comunitária.
2. Ter uma firme e esperançosa convicção de que a Boa Nova de Jesus já está presente, mesmo nas situações mais difíceis.
3. Mostrar sinais de nova humanidade com a vida de amizade de Jesus que se traduz em vida com o testemunho da própria comunidade, com compartilhamento econômico, com ações de solidariedade, com dedicação voluntária...
4. Valorizar todas as vocações, especialmente aquelas que, em cada situação, são mais necessárias. E a preocupação para que cada um viva com fidelidade, alegria e comprometimento com a própria vocação. As celebrações de envio e agradecimento aos diferentes serviços, encomendas, ministérios, etapas vocacionais são sementes dessa cultura vocacional.
5. Nos processos educativos e pastorais, ajudar, na idade e tempo apropriados, a desenvolver um projeto de vida que contemple as diferentes áreas da vida (estudos, profissão, serviço a outros, família, amigos, hobbies, formação, estilo de vida, compartilhamento, pertença ao grupo... relação com o Senhor da vida). E seguir em frente para que não seja apenas um projeto pessoal, mas também compartilhado com educadores, amigos... E tentar chegar à pergunta vocacional que responde ao melhor projeto de vida: o que Deus planejou para nós, o que mais pode servir aos outros.

6. Para isso, é essencial oferecer experiências de vida: interiorização, orações, celebrações, retiros, convivências, proximidade com a Palavra, leitura fiel da realidade, contato com os mais pobres, voluntariado, ações solidárias que compartilham tempo e dinheiro, testemunhos recebidos e também oferecidos a outros, formação...
7. Apresentar as várias vocações escolápias o mais próximo possível, com testemunho direto e com experiências vitais, entre as quais a vida religiosa e sacerdotal escolápias, a vida na Fraternidade e outras formas de participação nas Escolas Pias e eclesiais no entorno escolápico.
8. Trabalhar em coordenação com os diferentes educadores "que podem aprimorar essa cultura vocacional e formativa: família, professores e tutores, conselheiros, catequistas, educadores do Movimento Calasanz, responsáveis por projetos e voluntários, religiosos, membros da Fraternidade, os próprios jovens, os responsáveis pela comunicação escolápias..." "Para educar uma criança, toda a tribo é necessária", diz um sábio provérbio e é muito real para criar essa cultura.
9. Multiplicar as convocatórias específicas e, de maneira pessoal, formar e discernir a possível vocação religiosa e sacerdotal escolápias, com o respectivo acompanhamento. E o mesmo para as vocações que precisam (a Fraternidade, o Escolápio Leigo etc.) e os caminhos da preparação profissional (entrada na mesma escola ou obra escolápias, Movimento Calasanz, escola e/ou formação para famílias, voluntariado etc.)
10. A pastoral vocacional à vida religiosa escolápias precisaria de um capítulo próprio devido à sua importância e especificidade. Agora, não tentamos resolver esse problema que exigiria uma análise mais aprofundada, mas apenas para abordá-lo nessa abordagem mais ampla.

TESTEMUNHO DESDE ANZALDO (BOLÍVIA)... E OUTROS LUGARES

SER ESCOLÁPIO NA FRATERNIDADE

Desde o início da vida escolápias, a missão e a vida compartilhada com homens e mulheres leigos foram uma constante que enriqueceu minha própria vocação.

Nos anos 90 e no início do novo século, tive a sorte de coordenar o trabalho da então Vice-província da Venezuela para promover a vida leiga escolápias. Foi uma experiência emocionante, reunir, formar, acompanhar e, acima de tudo, sonhar com uma Escola Pia aberta a todas as vocações. Mais tarde, a partir dessas culturas, nasceu a Fraternidade Escolápias da Venezuela, que deu muitos frutos e continua a produzir naquela terra de nossa Escola Pia.

Mais tarde, também tive a oportunidade de viver em uma comunidade com leigos em um núcleo da vida que fazia parte de uma comunidade maior, pertencente à Fraternidade Itaka, em Bilbao. Foram apenas dois anos, mas a intensidade e profundidade com que vivemos reviveram completamente minha experiência escolápias desgastada.

Mais uma vez as terras latino-americanas me ligaram, desta vez, foi o Brasil. As circunstâncias da Demarcação levaram-me a coordenar o trabalho de criação da Fraternidade escolápias do Brasil. Por alguns anos, tive a sorte de acompanhar pessoalmente os grupos de formação e discernimento em Belo Horizonte, coordenando também o processo que estava sendo seguido no Governador Valadares. Essas reuniões semanais com cada grupo eram como acompanhar uma gravidez. Testemunhei o despertar de autênticas vocações escolápias no coração dos adultos, cujas vidas adquiriram um novo sabor do calor de São José de Calasanz. Deus estava nos abrindo para uma verdadeira fraternidade, mesmo antes de nos estabelecer oficialmente como tal. As reuniões e retiros de todos os grupos no Brasil, o entusiasmo por uma vida escolápias compartilhada, os sonhos de uma Escola Pia brasileira renovada, forjaram em todos nós uma identidade escolápias que hoje sustenta e guia nossas vidas.

Finalmente, em minha caminhada de vida, vim para a Bolívia, também para uma comunidade mista da Fraternidade escolápias da Bolívia. Compartilhar o dia a dia, missão, vida, fé, discernimento e sonhos com escolápios de diversas vocações e estados de vida, abriu meu coração e minha mente a novas sensibilidades, visões de mundo e vida mais real e menos ideológica, para vidas diversas, mas enraizada no mesmo tesouro carismático e evangélico.

A vida compartilhada com outras vocações é uma oportunidade excepcional para evitar cair no clericalismo, que continua a causar tanto dano à nossa Igreja e à nossa Escola Pia. Viver com homens e mulheres leigos, com casais, com famílias, é uma experiência que apenas gerou aprendizagens e transformações positivas em mim, no entendimento de minha própria vocação e ministério, como serviço e dedicação, e não por privilégios ou poder. A Fraternidade escolápias tornou-se uma nova maneira de ser escolápio, descobrindo o dom de vários irmãos e irmãs

que Deus está colocando em minha vida. Na comunidade da Fraternidade, o mandato evangélico de serviço, silencioso e humilde, de amor fraterno, de construção de um coração e uma alma únicos, se torna real, vencendo com o diálogo e o perdão os conflitos que sempre existem.

A Fraternidade escolápia é um tesouro que devemos cuidar para que nossa Escola Pia continue a crescer na vida evangélica e no serviço ao Reino de Deus.

Carlos Aguerrea, religioso escolápio em Anzaldo, na Fraternidade da Bolívia

PARA ORAR: VOCÊ, SENHOR, NOS CHAMA

Deus e Pai nosso, sua escolha vem por caminhos inesperados.

Você nos chama através de outras pessoas. Você nos chama através de eventos.

Mas acima de tudo, pai, você nos chama através dos pobres,

dos simples, doentes, desempregados,

daqueles que morrem de fome, daqueles que morrem da injustiça da guerra.

Agradecemos, porque Você nos ligou e nos escolheu

para ser construtores de um mundo mais fraterno e solidário.

Para ser jovens de paz e tolerância, de justiça e liberdade.

Você nos chamou, em suma, para sermos criadores de uma nova terra.

Envie sua chuva e seu sol no deserto de nossa terra

para que germinem flores e frutos da vida.

Agarre nossas mãos com sua mão

para que juntos possamos segurar outras mãos

e elevemos muitas vidas às alturas.

32. Experiências que fazem crescer

A Fraternidade tem gerado, nesses anos, muitas experiências pessoais e comunitárias que ajudam a crescer. A diversidade de pessoas, idades, lugares e rotas nos permite encontrar muitas iniciativas que vale a pena pegar aqui, mesmo sabendo que sempre será uma apresentação limitada que continuará a se expandir a cada dia.

Compartilhar algumas dessas iniciativas é um serviço para todos.

1. A mobilidade das pessoas entre pequenas comunidades. No início da Fraternidade, essa ação não é possível, porque exige ter vários núcleos comunitários. Mas, quando a Fraternidade cresce, ajuda muito, apesar da resistência inicial, às mudanças de pessoas de uma comunidade para outra. Isso nos obriga a repensar a dinâmica de cada grupo e de cada pessoa, que foi capaz de se acostumar a um certo ritmo, nos faz sentir a Fraternidade além de ser membro de uma pequena comunidade, nos permite caminhar em direção a comunidades mais heterogêneas e resolver possíveis dificuldades em relacionamentos pessoais. É conveniente ter um mecanismo para essa mobilidade, normalmente baseado na confiança no Conselho da Fraternidade ou na equipe de animadores, sempre em diálogo com cada pessoa, com uma boa sensibilização prévia de todos...
2. É muito útil ter um plano de formação para toda a Fraternidade, sempre flexível de acordo com a situação de cada pequena comunidade, que nos faça refletir juntos e criar uma mentalidade comum, que ajude a dar conteúdo a cada encontro, que nos faça avançar para ao longo dos anos. Podemos aproveitar planos de outras Fraternidades³⁰, preparar alguns tópicos entre os membros, escolher um livro ou documentação, pedir a algumas pessoas de dentro ou de fora da Fraternidade que nos acompanhem periodicamente etc.
3. O compartilhamento econômico é uma característica de toda comunidade cristã. Algumas Fraternidades planejam compartilhar 10% de toda a renda pessoal através da Rede Itaka – Escolápios internacional: é uma maneira de participar institucionalmente dessa plataforma de missão compartilhada escolápia. Em muitos casos, é realizado por débito direto como parceiros colaboradores, indicando no início de cada ano o valor que lhes corresponde. Isso também permite, em alguns países, um certo benefício fiscal. Outras Fraternidades deixam esse compartilhamento como um elemento importante, mas sem marcar quantidade

³⁰ Temos bastante material de formação em <https://www.escolapios21.org/fraternidades/materiales-de-formacion/>

ou forma concreta: alguns participam de alguma campanha, outros como parceiros, outros através da obra escolápia.... Obviamente, o compromisso de fazê-lo formalmente é uma indicação da maturidade da Fraternidade.

4. Independentemente desse compartilhamento de solidariedade, é sempre necessário assumir despesas internas da própria comunidade: materiais, reuniões, atividades, exportações para Fraternidade Geral, etc. É um sintoma da idade adulta da Fraternidade que não precisa depender dos outros (a obra escolápia, a Província...). Esse compartilhamento pode ser feito no início, contribuindo com o montante necessário a qualquer momento ou, conforme o progresso é feito, através de uma taxa periódica que cobre o orçamento feito pelo Conselho e aprovado pela Fraternidade. Em alguns lugares, são feitas cotas diferenciadas de acordo com a situação diferente dos membros, ou com uma porcentagem do dízimo, ou com contribuições secretas feitas até que as necessidades sejam atendidas.
5. Há também experiências preciosas de compartilhamento econômico quando alguém da comunidade passa por um momento difícil, quando dinheiro é emprestado daqueles que têm algumas economias para outros que precisam, com o compromisso de retornar com a intervenção do Conselho ou de algumas pessoas que o fazem de intermediários para manter o anonimato, quando um dinheiro mensal extraordinário é contribuído para poder contratar por algum tempo uma pessoa desempregada da Fraternidade com a intenção de ajudá-lo e também prestar algum serviço à comunidade e missão escolápias... e outras iniciativas de mais pessoal.
6. Retiros comunitários e exercícios de toda a Fraternidade também são iniciativas interessantes. Às vezes, no plano de formação, existe uma proposta de retiro da pequena comunidade. Também pode ser um convite para juntar-se a duas pequenas comunidades para ter um tempo de retiro compartilhado. Outra possibilidade é encomendar alguém, religioso ou leigo, para preparar um retiro e oferecê-lo às comunidades. Também podemos aproveitar ofertas da Igreja local.
7. Confiar a uma pequena comunidade um serviço para o bem de toda a Fraternidade ou para a missão escolápia também é uma experiência que está sendo valorizada muito positivamente pelo serviço prestado e pelo compromisso de toda a comunidade que ajuda muito a crescer. Algumas experiências dessas comissões são o acompanhamento de um grupo que começa na Fraternidade, a animação da liturgia da Comunidade cristã escolápia, a responsabilidade em algum projeto escolápico, a animação da formação pessoal e comunitária na Fraternidade...
8. Algumas Fraternidades, na medida em que são formadas por diferentes idades e situações pessoais, propuseram algumas ações para crescer nos diferentes ciclos da vida: um retiro etário, alguma reunião, algum material de trabalho pessoal ou comunitário. Geralmente, é muito rico ter pequenas comunidades heterogêneas em idades e rotas, graças à mobilidade e alguma iniciativa para cuidar dos diferentes momentos é muito rica para toda a Fraternidade.
9. Uma experiência interessante foi, por meio de personagens bíblicos, fazer propostas temporárias para se aprofundar em um aspecto do seguimento de Jesus. Por exemplo, com Zaqueu investigando o uso de bens e o compartilhamento, com Maria de Betânia avançando na oração pessoal, com o bom samaritano dando passos mais perto dos mais necessitados etc.
10. Favorecer oficinas especiais para tratar de um assunto com pessoas interessadas é outra iniciativa da Fraternidade, que pode ser aberta a outras pessoas próximas: jantares de colóquio ou reuniões com um convidado de interesse, oficina sobre aprofundamento de situações vitais (luto ante da morte de pessoas próximas, chegada de doenças, compromisso social...), dia conjunto de reflexão etc.
11. Pensar, no Conselho da Fraternidade ou Equipe de animadores, algumas propostas personalizadas que poderiam ser apresentadas para cada um dos membros da Fraternidade e, com toda delicadeza, falar com cada um para apresentá-las.
12. Quando existe uma possibilidade devido ao número de pequenas comunidades, é interessante procurar uma certa diversidade no estilo de cada uma delas para responder melhor às diferentes expectativas e situações. Por exemplo, alguma comunidade que compartilha a vivenda, ou mais jovens ou mais velhos, que trabalham no mesmo projeto, pessoas que estão interessadas em crescimento pessoal em algum aspecto...
13. A avaliação regular do progresso de cada pessoa, pequena comunidade e Fraternidade é uma atividade sempre necessária. Um método apropriado pode ser um questionário de autoavaliação pessoal (poderia ser com as características da vocação comum e outros aspectos que interessam) que permite ter dados de cada pequena comunidade e da Fraternidade, o que ajuda a ver cada uma delas e, se mantém no tempo, permite ver a evolução que está ocorrendo e fazer melhorias.

14. Cuidar da formação dos animadores de cada pequena comunidade e dos Conselhos da Fraternidade, para que recebam o apoio necessário e disponham de alguns instrumentos e diretrizes para realizar da melhor maneira suas tarefas.
15. Promover a diversidade vocacional dos membros da Fraternidade, que, além de ajudar aqueles que dão novos passos, cria o ambiente comunitário da necessidade de continuar avançando e novas perspectivas para possibilidades futuras. Poderia ser a criação de ministérios confiados a leigos, pessoas que fazem sua promessa como escolápios leigos de também integração jurídica com a Ordem, comissões pessoais ou alguma pequena comunidade, envios a outras presenças ou países para promover a vida e missão escolápias...
16. A implementação da Opção Definitiva na Fraternidade é outro momento importante que pode orientar nos primeiros anos da Fraternidade, que pressupõe um compromisso pessoal e também de toda a comunidade em relação às Escolas Pias e à missão, ao mesmo tempo que introduz um passo já consolidado.
17. A renovação anual da promessa feita na entrada da Fraternidade é uma boa ocasião para revisão pessoal, para a proposta de novos passos, para a espiritualidade vivida mais intensamente. Também pode ser renovado em momentos litúrgicos especiais: no Natal, na Páscoa, no dia de Calasanz...
18. Ler periodicamente o Estatuto da Fraternidade, pessoalmente e em comunidade, é sempre um lembrete do que nos define, estabelece metas para nós e nos constitui como comunidade escolápia.
19. A presença de religiosos na Fraternidade é um elemento de grande importância para a Fraternidade, devido à experiência de vida comunitária escolápia que eles têm e por sua formação e identidade. É importante que participem como mais um membro, que contribui com simplicidade e disponibilidade sua rica vocação religiosa, evitando o papel de monitor ou companheiro de fora da Fraternidade. Por sua vez, para os religiosos, a experiência de participar da Fraternidade supõe um ar fresco para sua própria comunidade escolápia e vocação ministerial.
20. A Fraternidade pode e deve trabalhar com planos e projetos por um certo período que a ajude a estabelecer prioridades e concentrar sua atenção em questões importantes: pode ser um projeto comunitário, uma participação no projeto de presença local ou provincial, o projeto pessoal que não pode faltar...
21. A Fraternidade que fomenta a cultura vocacional, o convite constante a pessoas próximas para participarem mais ativamente das diferentes formas de ser escolápio e das diferentes atividades e trabalhos, é uma Fraternidade viva que nos convida a viver. Promover vocações religiosas, convidar processos para a Fraternidade, convidar a participar do Movimento Calasanz e em colaboração com a missão escolápia... são sempre tarefas fundamentais de uma Fraternidade que vive o carisma de Calasanz, apaixonada pelo projeto escolápio e quem precisa compartilhar esse tesouro de sua própria vocação com os que estão próximos.
22. Buscar para que a Fraternidade e a possibilidade de participar dela atinjam todas as presenças escolápias da Demarcação em que nos encontramos é um grande desafio que nos ajuda a estar no espírito missionário, na saída, para oferecer aos outros o que tivemos a sorte de encontrar.
23. Ser exigente na vida de cada pequena comunidade, não deixar passar atitudes acomodáticas, falta de assistência ou compromisso, preguiça de participar... Precisamente porque somos irmãos, precisamos nos ajudar a viver com intensidade a vocação para a qual fomos chamados.
24. Aprofundar sempre na identidade cristã e escolápia, evitando atitudes de acreditar que somos melhores que os outros, ciente de que essa identidade é a nossa contribuição, que somente nós podemos dar à nossa Igreja e à nossa sociedade. Trabalhar a consciência da comunhão eclesial é hoje e sempre um sinal fundamental da nossa fé.
25. Tomar medidas no compartilhamento econômico é um dos grandes desafios que nos ajudam a crescer espiritualmente: a coisa mais espiritual é o dinheiro, porque nos mostra onde está o coração. Devemos sempre avançar na consciência de que não somos donos dos bens, mas administradores de recursos que devem estar orientados, antes de tudo, para o bem comum.
26. Uma experiência que está dando bons resultados é a elaboração de orçamentos pessoais ou familiares e compartilhá-los na pequena comunidade. Além da organização que envolve, ela nos faz refletir sobre o uso do dinheiro e nos coloca em uma situação de discernimento comunitário.
27. Além do dinheiro, há outro indicador muito claro de nosso compromisso: é a dedicação de tempo a serviço da missão e da comunidade. Analisar o uso do nosso tempo, crescer em nossa dedicação aos outros, compartilhar cada vez mais o nosso tempo são passos fundamentais na Fraternidade.

28. Compartilhar as decisões mais importantes da comunidade: o trabalho que vou assumir, o lugar da casa que vou comprar, a maneira de criar os filhos, a organização da casa em si, o trabalho voluntário escolápio... esses são alguns aspectos que nos ajudam a nossa vida cristã e enriquecer a comunidade. Pode ser tão simples quanto apresentar esse tipo de decisão na comunidade e pedir que eles nos ajudem a discernir o que é mais de acordo com o que o Senhor poderia nos indicar. Esses exercícios de discernimento comunitário fazem crescer no humano e no cristão.
29. Manter-se sempre informado e disponível nos grandes âmbitos escolápios: o que a Província e a Ordem estão fazendo, as opções da Fraternidade Geral e a nossa, os passos da Rede Itaka - Escolápios, do Movimento Calasanz, de nossa Igreja universal e local, da nossa presença escolápia.
30. Ouvir com atenção especial os jovens, os novos irmãos e irmãs da Fraternidade, os colaboradores próximos, as pessoas mais necessitadas em nosso ambiente... porque são canais extraordinários para continuar descobrindo o que o Senhor nos pede em todos os momentos. .
31. Outro indicador da maturidade da Fraternidade é quando é capaz de sair de si mesma, de assumir a responsabilidade por outras realidades escolápias, eclesiais e sociais, da localidade e do país ou de outros.
32. e certamente podemos pensar em possíveis iniciativas que nos ajudem a continuar avançando cada um de nós, cada pequena comunidade, a Fraternidade, as Escolas Pias... Estar nessa atitude de seguir sempre em frente, de não estar em conformidade nunca, é fundamental para seguirmos Jesus no estilo de Calasanz e dos escolápios.

TESTEMUNHO DE BELO HORIZONTE - BRASIL

Acredito no legado deixado por São José de Calasanz, que viveu o Evangelho de Jesus Cristo de forma bonita e trabalhou na construção de um mundo mais justo e humano, onde a dignidade da pessoa é preservada.

Após vários anos vivendo e participando de uma Paróquia Escolápia, descobri, na catequese, o gosto e o significado da palavra “evangelizar”. Através dos muitos catequistas que tive e também da oportunidade de ser catequista, descobri o que é educar na piedade e nas letras.

A minha juventude foi marcada pela presença dos padres escolápios, aos poucos, fui conhecendo e entendendo um pouco melhor a dimensão de uma missão que era muito maior do que eu poderia imaginar. Participei de grupos da crisma e depois da Pastoral da juventude e, com 17 anos, fui convidada a ser catequista. Desde então, fui trilhando um caminho que passou pela catequese com crianças e adolescentes, Pastoral do Menor e tantos outros grupos. O trabalho nas obras escolápias me ajudou nessa descoberta do carisma escolápio. Ao longo dos anos, pude ver pessoas que tiveram suas vidas transformadas a cada dia, pequenos detalhes que me fazem acreditar e querer continuar essa missão.

É com muita alegria que sinto que o Carisma deixado por Calasanz também pertence a pessoas como eu que vivem sua vocação Cristã a partir da vida comum de cada dia. Sinto o chamado de Deus na minha vida, e essa resposta passa necessariamente pela Escola Pia.

Também considero que a vivência e partilha de vida junto aos religiosos escolápios foram fundamentais para conhecer a fundo a missão, além de criar laços fraternos.

A vinda dos leigos escolápios da Comunidade Nova Terra da Província de Emaús foi uma maneira de despertar em nós a vontade de compartilhar a vida, a espiritualidade e a missão. No ano de 2008, eu e mais quatro pessoas solicitamos o acompanhamento das Escolas Pias para um pequeno grupo que sentia a necessidade de entender melhor a respeito da vocação de leigos escolápios, pois nos sentíamos identificados com a missão e carisma de Calasanz. Após alguns meses, recebi dos padres escolápios o convite para participar de um grupo de discernimento que, futuramente, seria a Fraternidade Escolápia. No ano de 2013, aconteceu a assembleia da Fraternidade escolápia na cidade de Governador Valadares. Na oportunidade, foi escolhido o primeiro Conselho demarcacional, e eu fui uma das eleitas para representar a Fraternidade Escolápia em Belo Horizonte. Tive também a oportunidade única de participar da I Assembleia da Fraternidade Geral em Peralta de la Sal, cidade onde Calasanz nasce para a vida e também para a fé.

Hoje, com muita alegria, posso dizer que também sou funcionária dos escolápios, trabalhando na área de comunicação do Colégio São Miguel e fazendo parte da Equipe de Comunicação da Província Brasil-Bolívia.

Agradeço a Deus e a todos os queridos irmãos fraternos e religiosos. Coloco nas mãos de Deus os nossos sonhos e anseios, que Calasanz nos ajude, sinalizando o caminho.

SEU DESAFIO É VIVER A FÉ EM COMUNIDADE

Sozinho, Senhor Jesus, não é possível segui-lo.
Sua oferta é viver com alegria a alegria do seu Evangelho.
Seu desafio é viver fortemente a fé na comunidade.
Sua exigência é levar a cruz alta todos os dias.
Sua missão é um chamado profundo ao compromisso do Reino.
Ser um crente em você, Senhor, não está desempenhando o papel principal;
Acreditar em si mesmo é aceitar as regras justas do seu jogo;
Ser crente, Jesus, é contar e sentir o homem ao meu lado;
Acreditar em si mesmo é tornar a vida um serviço gratuito.
Você me chama, Senhor, para procurar 'lugar' onde viver minha fé;
você me chama para quebrar minha concha e derrubar minha parede;
você me chama para abrir bem meu coração;
Você me chama para segui-lo com a ajuda de um grupo.
Você quer que eu compartilhe meus planos e projetos;
você quer que eu seja sensível ao mistério oculto do homem.
Você quer que eu esqueça de mim mesmo e viva a comunhão do amor.
Eu lhe dei minha vida cheia de ilusões e utopias.
Eu sei que a opção profunda da minha vida é Você.
Quero viver Você vivendo a realidade da sua Igreja.
Eu me pergunto, Senhor: onde está minha comunidade?
Onde integrar minha vida para viver seu projeto?
Onde compartilhar o que eu procurei, o que sou, o que tenho?
Onde estar e criar raízes para me tornar 'fecundo'?
Não estou claro, Senhor, o caminho para ficar com os outros.
Tenho medo de perder minhas ideias, de deixar de ser eu mesma.
Tenho medo de me sentir insegura, instável, desenraizada.
Receio que eles não me levem a sério.
Como quebrar esse egoísmo absurdo que carrego em minhas entranhas?
Como acabar com essa desconfiança no irmão?
Dê-me, Senhor, a força do seu Espírito de amor;
Venha ungir-me com o óleo perfumado da caridade ardente;
faça-me sentir minha fraqueza, minha insegurança quando estou sozinho;
deixe-me experimentar a alegria de ser muitos, de serem eles.
Senhor Jesus, me coloque na estrada e me dê um senso de Igreja.
Quebre meu individualismo e me abra à fraternidade.
Ensine-me a compartilhar os presentes, para que eles floresçam e deem frutos.
Eu quero ser um servo da sua Palavra e uma mão aberta ao homem.
Quero ser um servo do seu Evangelho e Boa Nova que faz feliz.
Eu quero ser trigo moído e uva pisada feita Eucaristia.
Eu quero ser 'enviado' pela comunidade em seu nome, Senhor Jesus.
Eu quero ser um crente entre os crentes reunidos em seu Espírito. (Concepcionistas)

VI. PARA AVANÇAR NA FRATERNIDADE

"Nós carregamos esse tesouro em recipientes de barro,
para que seja certo que esse poder extraordinário
não vem de nós, mas de Deus (2 Cor 4, 7).

Repetimos várias vezes que a implementação da Fraternidade introduz uma profunda renovação nas Escolas Pias: é um novo assunto escolápio que se une à Ordem que tem sido o sujeito escolápio desde o início.

Agora nós, escolápios, somos mais. "Nós, os escolápios, religiosos e leigos", diz a missão que o Capítulo Geral de 1997 preparou, no qual foi dado um grande passo na participação dos leigos. Os escolápios são um novo "nós", enriquecido pela Fraternidade e outras formas de participação nas Escolas Pias. E somos chamados à fraternidade universal, abrindo nossa missão e nossos corações às crianças e jovens, aos pobres, aos voluntários e colaboradores, às mulheres, às famílias, aos usuários ou destinatários de nossos projetos e obras... para que sejam, para que também sejamos "nós", para que sejamos irmãos da mesma família de Deus. Os pobres, os jovens... eles nos evangelizam, nós nos evangelizamos!

33. Fraternidade é compartilhar cada vez mais

O lançamento da Fraternidade, tornando-se parte dela, é um passo muito importante que abre novos caminhos e novos horizontes que devemos seguir procurando: A Fraternidade é compartilhar mais todos os dias, entrando na aventura de descentralizar critérios pessoais para descobrir em comunidade a vontade do Senhor, porque seguir Jesus é descobrir os novos caminhos que seu Espírito está nos mostrando.

Os primeiros companheiros da primeira comunidade de Jesus eram muito diferentes, estavam mais unidos a Jesus do que aos outros irmãos... e, pouco a pouco, terão que compartilhar momentos de triunfo, decepções pessoais e comunitárias, covardias, experiências pessoais de encontrar-se com o Ressuscitado, os momentos compartilhados em comunidade, a estratégia missionária, a solução de discrepâncias e problemas, o discernimento para continuar com o projeto de Jesus, a dedicação da vida. Dessa maneira, eles constroem uma comunidade "com um coração e uma alma" (Atos 4, 32), porque compartilham a presença de Jesus, oração, compromisso, vida, o Espírito.

Portanto, é necessário crescer no compartilhamento na comunidade, discernindo todos os dias como compartilhar mais. Não é uma técnica, mas um estilo de vida, baseado em relações pessoais inspiradas na confiança, na estima do outro e não na desconfiança, na capacidade de apreciar o bem do outro e não na inveja, no desejo de estar juntos e não no desejo de ir sozinhos, no reconhecimento da capacidade do outro de chegar à verdade, não no pretexto de autossuficiência.

É continuar avançando em um estilo de vida unido àquelas pessoas com vocação semelhante, que compartilham um projeto existencial comum, que compartilham o mesmo objetivo de seguir Jesus no estilo escolápio.

É decidir e manter essa opção, um estilo de vida que implica dar-se à comunidade, ao outro com suas luzes e sombras, aceitando o direito de serem diferentes, confiando na capacidade de mudança e na contribuição que eles podem dar para eu possa mudar. Porque estamos conscientes de que todos precisamos dar e receber, evangelizar e ser evangelizados, para ser não apenas o que já somos, mas o que somos chamados a ser.

Temos que assumir a ética do caminhante, do aramaico errante, que passa a vida com os outros com o desejo de entrar em diálogo e sem conhecer o caminho. E sempre com a convicção de que o Senhor anda conosco e se mostra nos caminhantes que seguem nossos próprios caminhos.

Na Fraternidade escolápia, temos a grande sorte de caminhar juntos, religiosos e leigos, pessoas de diferentes países e culturas, de diferentes épocas e história, nos sentindo irmãos pelo mesmo carisma que Deus nos deu em Calasanz e na história escolápia de mais de quatro séculos. Compartilhar a vocação religiosa e leiga, bem como as outras vocações profundamente escolápias, é um presente maravilhoso que enriquece a todos se pudermos aceitá-lo.

A loucura de Babel, onde todos falavam sua língua e ninguém ouvia, contrasta com a experiência de Pentecostes, onde todos também falam sua língua, mas deixam o Espírito fazê-los entender um ao outro. Essa é a experiência de compartilhar em comunidade, de permitir que o Espírito fale através dos irmãos.

Fraternidade é a comunicação que nos treina na arte de entrar em sintonia com a comunidade, sentindo, pensando, dizendo, fazendo, ouvindo, aceitando em chave da fraternidade.

A comunidade é compartilhar a fé recebida como um presente, orado e celebrado em comunidade, vivido e traduzido em obras, provado e sofrido, estudado e compreendido graças a outros, compartilhado com os irmãos e anunciado com a palavra e testemunho pessoal e conjunto.

Às vezes, na história de pessoas ou nações, há uma mudança inesperada do destino que muda tudo.

Stefan Zweig em seu livro "Momentos Estelares da Humanidade" narra magistralmente como uma porta entreaberta mudou o destino da história universal. Bizâncio, também conhecida como Constantinopla, a cidade melhor fortificada de sua época, que resistiu heroicamente a um terrível cerco, foi superada pelo descuido, pela imprudência. Alguém deixou uma porta aberta. A uma curta distância do ponto principal de cerco até a muralha, dois guerreiros otomanos conseguiram romper a parede externa e vagar vagarosamente pelo interior da cidade. Ao certificar-se de que não era uma armadilha e de que haviam conseguido entrar com facilidade, decidiram entrar com uma pequena tropa de janízaros. A Kerkaporta foi atravessada como seria atravessado em qualquer domingo pelos comerciantes, eles se plantaram no centro da cidade e atacaram os defensores bizantinos inesperadamente, gritando uma frase que era mais mortal do que qualquer canhão: "A cidade está tomada!" Aquele ataque surpresa e aquele grito rasgaram a resistência bizantina em pedaços, acreditando que eles foram traídos e abandonaram seus postos para encontrar segurança no porto e nos navios. A menor chance, a Kerkaporta, a porta esquecida, decidiu a história da Europa e do mundo...

A comunidade cristã é uma daquelas forças que transformam pessoas e sociedades com uma força irresistível. Elas podem parecer coincidências, ou intervenções de Deus, que abrem portas para um futuro que continua se aproximando do sonho de Jesus de um Reino de Deus, onde descobrimos cada dia mais família, mais irmãos, mais capacidade de perdoar a nós mesmos, de compartilhar a vida e o destino.

Devemos crescer em compartilhar, nunca nos contentando com o que já foi alcançado, buscando sempre aprofundar e expandir a Fraternidade.

Aqueles de nós que, de alguma forma, sentiram o chamado de Jesus para segui-lo estão encontrando aqueles que receberam o mesmo chamado. E estamos descobrindo que eles têm nosso mesmo DNA, que são nossos irmãos e irmãs. Ser fiel a esse chamado é compartilhar o material, o emocional e o espiritual.

Compartilhar bens porque nos torna mais livres: "Você não pode servir a Deus e dinheiro". Porque nos faz colocar segurança no Senhor e nos irmãos, e não em nossos recursos. Porque nos permite ser mais solidários, mais irmãos de todos.

Compartilhar o afetivo, porque somos chamados a ter o mesmo coração, a fazer parte do mesmo corpo. E isso só é possível através do crescimento de conhecimento, aceitação, reconhecimento, carinho, amizade, fraternidade.

Compartilhar o espiritual, porque nosso vínculo de união é o Pai do céu, nosso irmão Jesus e seu Espírito. Porque na Eucaristia, na oração compartilhada, na leitura cristã da realidade, no discernimento compartilhado, é quando sentimos mais irmãos. Porque "a vida em comum é de pouco valor se não houver comunhão de vida" (B. Olivera, Martiri na Argélia, Milão, 1997, p. 96).

TESTEMUNHO DE GRANADA - ESPANHA

Desde o início da Vice-província da Andaluzia, começamos a tomar consciência das funções que os leigos deveriam ter na Igreja. Assim, em 1973, formamos a comunidade "Cerro do Águia", em Sevilha, uma comunidade formada por religiosos e leigos.

O funcionamento da Vice-província, desde o seu início, foi forjado na coexistência trimestral, onde foram analisados os progressos da Vice-província e seus planos futuros. Religiosos e leigos participaram deles. E tudo com voz e voto. E, da mesma forma, funcionavam os capítulos locais e vice-provinciais, nos quais havia sempre a participação dos leigos, com voz e voto, exceto no voto canônico do Vice-provincial.

Com a caminhada da Vice-província, ocorreu uma catarata de eventos: o projeto de co-gestão de religiosos e leigos do colégio (1970); organização de catequese fora da escola com uma grande maioria de leigos (1982); diretores acadêmicos leigos (1985); primeira fraternidade de São José de Calasanz (1991); diretor titular leigo (1995); a Comunidade eclesial de Calasanz (1996); início de grupos de fé de religiosos e leigos em Sevilha (1997); Fraternidade Albisara (2003).

Nesse contexto e com as responsabilidades que tive por muitos anos, eles me fizeram estar em contato permanente com os leigos em todos os níveis e trabalhar em simbiose com eles e em todos os níveis: trabalho nos colégios, grupos e comunidades de fé, comunidades da vida... Tudo isso criou uma consciência de total unidade e complementaridade.

Atualmente, neste canto das Escolas Pias, a Província não seria mais compreendida sem a simbiose religiosos e leigos em uma unidade de projeto que engloba vida e missão. Apesar da melancolia de alguma parte dos religiosos,

para dizer a verdade cada vez menos, que eles não conseguem ver esse papel cada vez mais importante dos leigos e que parecem ter medo de compartilhar a vida com eles, talvez porque acreditam que religiosos têm uma categoria mais alta.

Minha experiência de muitos anos atrás é muito satisfatória em todos os campos: na missão, na responsabilidade compartilhada e na vida.

Em nossa Província, onde já percorremos um caminho importante, devemos continuar a aprofundar. E o mesmo para o resto da Ordem e para toda a Igreja. Eu sinceramente acredito que o futuro da Igreja está aqui.

Pe. José Manuel Jiménez, Fraternidade Albasara de Emaús

NÃO DIGA O PAI NOSSO

Não diga Pai se você não se comporta como uma criança todos os dias...

Não diga o nosso se você vive isolado em seu egoísmo...

Não diga santificado seja o seu nome se você não o honrar...

Não diga que seu Reino vem se você o confunde com sucesso material...

Não diga que sua vontade será feita se você não a aceitar quando for doloroso...

Não diga, dê-nos o nosso pão de hoje, se você não ajuda as pessoas famintas...

Não diga perdoar nossas ofensas se você guardar rancor contra seu irmão...

Não diga não nos deixe cair em tentação se você pretende continuar pecando...

Não diga livrar-nos do mal se não tomar partido contra o mal...

Não diga amém se você não levou a sério as palavras desta oração.

34. Compartilhar o material

A insistência de Jesus pelo uso de bens, pela denúncia daqueles que confiam neles, é uma constante que não podemos silenciar.

A Fraternidade também deve nos ajudar nessa área. Já citamos, nos capítulos anteriores, algumas experiências muito interessantes que podem nos ajudar a iluminar ou sugerir iniciativas.

Entrar na Fraternidade é uma opção radical que pode ser vivida de maneiras diferentes, mas nunca esquecendo esse chamado para compartilhar os bens. A comunidade de Jesus tinha uma bolsa comum compartilhando seus bens, mas havia outros seguidores de Jesus (Nicodemos, José de Arimateia, Bartimeu, Lázaro...) que acreditam em Jesus e são chamados a compartilhar sua vida com Ele de outra maneira.

A comunidade de Jerusalém tem tudo em comum:

"Ninguém considerava sua propriedade como sua, mas tudo era comum entre eles. Ninguém sofreu necessidade, porque todos os que possuíam terras ou casas os venderam e colocaram o dinheiro à disposição dos apóstolos, para que pudessem ser distribuídos a cada um de acordo com suas necessidades. (Atos 4, 32-35).

Assim, as comunidades de Paulo não compartilham seus bens, mas são chamadas a mostrar solidariedade com as necessidades da Igreja de Jerusalém (1 Cor 16: 1-3). Paulo reprova as diferenças econômicas na comunidade de Corinto, exige o amor como norma fundamental do cristão e pede que *"cada um dê de acordo com o que resolveu em seu coração, não com relutância ou pela força"* e nos lembra que *"Deus ama quem dá com alegria"* (2 Cor 9,7).

Parece que não existe um modelo único para compartilhar, mas o que está claro é que o uso do dinheiro é essencial para seguir Jesus e um dos melhores indicadores para ver como é a nossa fé.

Pode ser interessante coletar alguns dos muitos textos dos Evangelhos (ou do Novo e Antigo Testamento) para refletir na comunidade. Apenas ver o número de referências que existem nos faz ver a importância desse aspecto. E uma leitura comum pode nos guiar nos passos que podemos percorrer.

Também vale a pena considerar a importância dada pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos, que se reflete em muitas considerações dos Santos Padres. Como exemplo, que poderia ser expandido e trabalhar em comunidade, juntamente com os textos evangélicos, apresentamos alguns:

- "Não é possível servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo" (Mt 6,24)
- "Acredite em mim: é muito difícil para um homem rico entrar no Reino dos Céus" (Mt 19, 23)

- “Ai de vocês ricos, porque você já tem seu conforto! (Lc 6, 24)
- “Hoje à noite você vai morrer e por quem serão todos os seus bens? Evite todo tipo de ganância, porque a vida do homem não depende da abundância dos bens que ele possui” (Lc. 12, 15-21)
- “Quem não renuncia a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo” (Lc. 14, 33).
- “O que é supérfluo para os ricos é o necessário para os pobres. E você tem coisas de outros quando tem coisas supérfluas” (São Agostín).
- “Quem, ao suprir os necessitados com o que recebeu de Deus, se torna Deus daqueles que recebem de suas mãos, ele é o verdadeiro imitador de Deus” (Discurso a Diogneto).
- “Veja o julgamento que está por vir. Os que abundam, portanto, buscam os famintos” (Pastor de Hermas).
- “Então, todos nós que formamos um coração e uma alma única, não hesitamos em comunicar bens materiais. Todas as coisas são comuns entre nós” (Tertuliano).
- “Você se comunicará em todas as coisas com o seu próximo e não dirá que as coisas são suas, porque se você compartilha do imperecível, quanto mais no perecível! Não seja um daqueles que buscam receber e se encolhem para dar” (Carta de São Barnabé).

Analisar em comunidade os possíveis passos no compartilhamento econômico, dentro e fora da Fraternidade, é um aspecto necessário para avançar na comunidade.

Outro foco desse compartilhamento pode ser refletir sobre a capacidade de nos permitir contrastar no uso do dinheiro (dentro de nossa própria família, na comunidade), na maneira como temos que obter bens (trabalho ético, honestidade em nosso profissionalismo), sobre a contribuição para o trabalho em casa (ainda é econômico), sobre hospitalidade, generosidade em situações de especial urgência...

1. Compartilhar tempo

Além de dinheiro e bens, há outro elemento não tão material que reflete claramente nossa disponibilidade para seguir Jesus: é o tempo.

"Quem pensa que seu tempo é valioso demais para desperdiçar a escuta de outros nunca encontrará tempo para Deus e para o próximo. Ele só encontrará tempo para si mesmo, para sua verbosidade e projetos pessoais" (Bonhoeffer). Tempo para os idosos, para o doente, para o irmão que precisa de nós ...

Um bom exercício é analisar em comunidade como é o nosso tempo, como passamos as horas de cada semana (ou mês ou ano). Quanto tempo é para nós, para os outros, para a comunidade, para Deus? Traduzi-lo em números é um bom teste para conhecer onde temos nossos corações.

Um detalhe, não exatamente sem importância, é a pontualidade. Quem valoriza os outros se esforça para não fazer perder tempo aos demais esperando e está disposto a desperdiçá-lo chegando mais cedo. Negligenciar esse aspecto é um sinal que deve ser analisado.

Também pode ser útil analisar o número de vezes que afirmamos que "não temos tempo" para assuntos realmente importantes na vida da Fraternidade ou na missão escolápica à qual somos chamados. É impressionante como as pessoas mais comprometidas e corresponsáveis sempre "têm tempo" para uma nova tarefa, enquanto as menos envolvidas sempre têm uma desculpa.

Mais exigente e libertadora é a liberdade daqueles que se colocam à disposição da Fraternidade e da Ordem para serem enviados para outra tarefa, para outro lugar, para deixar muitas das suas seguridades habituais. Isso é renunciar a aparentes seguridades para descobrir a riqueza da Providência (Mt 6, 25s), a liberdade de se colocar nas mãos da comunidade, a felicidade de colocar antes o bem do outro do que a sua própria segurança.

Compartilhar os bens, com cada vez mais liberdade e generosidade, é um caminho que devemos percorrer na vida e na Fraternidade:

“Se alguém diz: eu amo a Deus, e odeia seu irmão, ele é um mentiroso. Pois, quem não ama a seu irmão a quem viu, como pode amar a Deus a quem não viu?” (1 João 4:20)

TESTEMUNHO DE BILBAO (ESPANHA)

Compartilhando bens na comunidade

"Onde estiver o seu tesouro, também estará o seu coração" (Lc 12,34)

Começo essas linhas com uma citação do Evangelho que nos desafia quando se fala em compartilhamento econômico. Essa passagem me traz uma pergunta muito específica: qual é o tesouro que eu tenho? Onde eu realmente coloco meu coração e com ele meus valores mobiliários, minha confiança, minhas futuras apostas...? Essas são perguntas chave para aqueles que seguem Jesus em comunidade, que são respondidos não apenas com palavras, mas sobretudo com obras e com o estilo de vida.

Outra premissa para abordar o assunto é como me coloco diante do mundo em que vivo, que sabemos ser injusto, exclusivo e radicalmente desigual. Assim que analiso a realidade, percebo que faço parte de uma minoria privilegiada, pelo bem-estar material que posso acessar e outros não. Diante disso, posso me deixar ir e até "ir para mais", como a sociedade de consumo me convida, buscando aumentar esse privilégio para mim e para o meu. Ou posso me colocar em uma perspectiva lazarista, para a qual o Evangelho convida, e, portanto, valorizar a situação social e minhas opções da perspectiva dos pobres e excluídos. Ou, mais especificamente, à maneira de Calasanz, ousar algo tão escolápio quanto olhar a realidade dos olhos da pobre criança.

A partir dessas chaves, compartilhar os bens é um processo de descobertas, chamados e opções em que Deus me encontra através da comunidade e da missão.

Hoje, aprecio profundamente ter vivido um processo pastoral de grupo desde a infância, no qual o compartilhamento de solidariedade sempre foi uma chave educacional fundamental: através da "caixa" do grupo, participação em campanhas de solidariedade e também cultivar um estilo austero e simples no que somos e fazemos.

É a partir daí que outros passos na partilha chegaram, convividos com os irmãos e irmãs da Fraternidade:

- O dízimo da solidariedade, como uma das características essenciais de nossa vocação comum, entendendo a entrega regular de pelo menos dez por cento da renda, para sustentar a missão por meio da Itaka - Escolápios, nossa plataforma de solidariedade.

- A contribuição para cobrir as despesas internas da própria Fraternidade, respondendo a elas de forma responsável e de acordo com minha capacidade. E fazê-lo não apenas da chave da minha Fraternidade local, mas também globalmente.

- Da mesma forma, a participação em outras formas de compartilhamento que surgiram entre nós: empréstimos para atender às necessidades econômicas extraordinárias dos membros (Itaka-Kutxa); um fundo comum para poder contratar quem precisa de emprego (Itaka-Lan)... Propostas que nos aproximam, ainda que limitada e parcialmente, do ideal da primeira comunidade cristã: "entre eles ninguém passava necessidade" (He, 4,34).

- O contraste na pequena comunidade do orçamento familiar, para que os irmãos e irmãs nos guiem e nos corrijam, sobre como levamos nossa economia diária e as decisões que estamos tomando a esse respeito.

- E, finalmente, o compromisso como escolápio leigo de compartilhar receitas e despesas com a Província, como um dos aspectos específicos que implica a integração carismática e jurídica dessa vocação.

Dito isto, o que posso acrescentar da minha experiência em compartilhamento econômico?

A primeira coisa que posso dizer é que, embora seja uma parte essencial de nosso ser cristão, é ao mesmo tempo algo que achamos difícil falar, geralmente nos incomoda e até nos coloca um pouco na defensiva. Percebo isso em mim mesmo com frequência, pelas minhas fraquezas, egoísmo e inconsistências; E também percebo isso, às vezes, na comunidade, quando não somos transparentes, ou somos complacentes ou pouco exigentes.

Custa-nos, sim, porque não em vão estamos tocando em um dos aspectos mais contraculturais da nossa vida comunitária: não é comum hoje e aqui encontrar alguém que descarte permanentemente parte de seu dinheiro para compartilhar com outras pessoas (além de sua própria família); e é socialmente raro falar sobre dinheiro abertamente.

Precisamente por esse motivo, essa dimensão de compartilhar se torna ainda mais valiosa, pelo que supõe testemunhar e porque nos conecta à proposta evangélica de desapego (liberdade) em relação ao material e à solidariedade com quem sofre. E é na nossa maneira de nos relacionar com o material onde as opções mais espirituais aparecem.

Também considero muito importante manter sempre a tensão em relação à questão econômica e ao compartilhar os bens, pessoalmente e em família e em nível comunitário, na Fraternidade escolápio. Tensão de questionar o que fazemos ou não a esse respeito e se estamos sendo fiéis em seguir Jesus no estilo Calasanz. Mas, não uma tensão culpada, mas sim uma tensão criativa que nos coloca em uma dinâmica de crescimento. Nesse sentido, tem sido muito valioso para mim que a Opção Zaqueu tenha sido lançada há alguns anos em nossa Fraternidade, como uma

proposta de avanço pessoal e comunitário que proponha medidas concretas de compartilhamento e rumo a um estilo de vida mais solidário.

Por fim, creio que da Fraternidade somos chamados a viver a partilha econômica acima de tudo com alegria, com confiança nos irmãos e irmãs e com a paz diante de nossas contradições. Compartilhar é antes de tudo um presente, não uma renúncia... mesmo que você nem sempre seja lúcido o suficiente para vê-lo dessa maneira.

Na verdade, tenho muita sorte de ter uma comunidade com a qual compartilhar, uma missão de transformação social com a qual me comprometer e umas Escolas Pias que me recebem com o que sou e o que tenho. Ganhei na loteria, como não posso compartilhar o prêmio?

Igor Irigoyen. Fraternidade Itaka - Emaús

ENVIO DA COMUNIDADE

Os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte onde Jesus os havia convocado. Ao vê-lo, eles se prostraram diante dele, embora alguns duvidassem. Jesus veio e falou com eles assim: "Recebi plena autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os para consagrá-los ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, e ensinando-os a guardar tudo o que eu lhes ordenei. Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo "(Mateus 28, 16-20)

35. Compartilhar o afetivo

Naquela primeira comunidade "*todos tinham o mesmo coração e uma alma*". Obviamente, uma comunidade não é um "grupo fogão" que mantém seus membros felizes por dentro e de onde eles não querem sair, nem é um grupo terapêutico em que cada um buscará uma resposta para suas expectativas e traumas. Mas, uma comunidade deve ser um espaço acolhedor, um lugar onde possamos nos curar de tantas fraquezas que temos, um ambiente em que nos sentimos amados e crescemos como irmãos.

Uma comunidade que é apenas uma "equipe de trabalho", ou um "grupo de formação" ou "um centro de oração", precisa crescer para ter o mesmo coração e alma. E isso tem muito a ver com a construção de um oásis no meio do deserto, um lar onde você pode recuperar força e orientação, uma família onde sente que tem o mesmo sangue e o mesmo espírito, um momento para reforçar o sentimento de um Deus Pai que nos ama, que nós somos irmãos e Ele nos envia para construir uma terra melhor.

Na comunidade, temos que crescer compartilhando o afetivo, a alegria de estar juntos, a recreação compartilhada, o descanso da comunidade: "Veja que deleite os irmãos unidos" (Sl 133). Este é o melhor testemunho e o dom de Deus que ele nos dá: "E todo aquele que deixou casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos ou terra em meu nome, receberá cem vezes mais e herdará vida eterna" (Mt 19, 29)

Compartilhar o afetivo é compartilhar os sentimentos de Cristo. Não se trata de criar comunidades com ideias semelhantes, mas descobrir a fraternidade em pessoas que o Senhor chamou para o mesmo lugar que cada um de nós. Devemos descobrir que o que nos une é a mesma vocação, o mesmo carisma, os mesmos valores, a mesma vocação comum. E isso está acima da diversidade, diferenças, costumes, sensibilidades.

Compartilhar o afetivo está gradualmente incorporando os mesmos sentimentos, desejos, projetos e ideais de Jesus, sua sensibilidade, sua maneira de olhar, sua liberdade, afeto, amizade (Fl 2,5), nutrindo-se com suas palavras, compartilhando suas razões para viver. Jesus compartilha sua alegria, sua oração, seu sofrimento com sua comunidade. E tudo isso para compartilhar com Jesus o espiritual, o conhecimento do Pai (João 15, 15). É participar dos mistérios de Deus, da vida de Jesus, de sua santidade, da Fraternidade como um presente.

Em toda comunidade, aparecem as dificuldades, mais ou menos importantes, nos relacionamentos pessoais. É normal, quanto mais convivemos e a história compartilhada é maior, aparecem diferenças, pessoas mais difíceis, momentos de conflito, dúvidas, defeitos, cansaço, manias, egoísmo, pequenas feridas que podem crescer ou curar... Aqui temos o desafio de compartilhar, talvez não diretamente e em grupo, mas ver as formas mais adequadas de cura que sempre passam pelo compartilhamento também dos aspectos afetivos. Nos capítulos posteriores, discutiremos algumas "doenças" e algumas "curas" na vida comunitária.

Existem aqueles que temem os sentimentos e estão bloqueados na comunidade: será necessário preparar as situações apropriadas para promover a comunicação na comunidade, talvez em um relacionamento mais pessoal, em um momento de oração, em um retiro...

Às vezes, o medo de críticas, de conflitos, devido a um mau relacionamento com outra pessoa da comunidade, evitamos esse compartilhamento. Será necessário desbloquear essa situação que machuca a todos. É necessário ir do egoísmo e dos critérios egocêntricos para a alteridade que mantém o nosso ser e nos abre para reconhecer o outro como diferente de mim, com o direito de ser diferente e como uma possibilidade de enriquecimento mútuo. É necessário tomar muito cuidado com as mudanças que possam ocorrer e que nos levem a evitar classificar o outro, objetivá-lo, marcá-lo para sempre, desistir e esquecer dele. A importância do perdão, da confiança incondicional no irmão sobre as diferenças, o amor que não vem da minha impressão, mas do dom do Pai que me dá esse irmão.

Será necessário cuidar da estima mútua além da cortesia ou da benevolência, dos momentos que permitem a abordagem pessoal, da descoberta da necessidade dos outros e da responsabilidade que cada um tem com os irmãos, as refeições compartilhadas, as festas e momentos de festa, a hospitalidade...

Esse compartilhamento, inicialmente baseado na confiança que está sendo conquistada gradualmente, deve ser resolvido, com a confidencialidade do que é compartilhado na comunidade, com comentários superficiais longe da própria contribuição de uma comunidade cristã. E deve crescer em reconhecimento ao irmão que vai além da pequena comunidade e não é prejudicado por mudanças nas comunidades, mas está ganhando a sensação de uma comunidade mais ampla.

A amizade dentro da comunidade, entre as comunidades da Fraternidade, também pode nascer e deve ser fortalecida ao máximo, o que acrescenta à mesma vocação comum o relacionamento amigável daqueles que se sentem à vontade com o irmão da comunidade.

É fácil detectar em uma comunidade se existe um ambiente acolhedor, preocupado com a situação de cada um, interessado nas preocupações do outro, aberto a outras pessoas, comunicativo da experiência da comunidade que é vivida (não das questões pessoais que devem permanecer dentro de um mesmo), sempre em diálogo...

"*Ensinamos e exortamos uns aos outros com sabedoria*" (Col 3, 16). É um bom conselho para qualquer comunidade que deve continuar a crescer sempre no seguimento de Jesus e no compartilhamento da comunidade.

TESTEMUNHO DO GOVERNADOR VALADARES (BRASIL)

Sou Maria Izabel de Jesus, 51 anos, casada, há onze anos, com Carlos Antônio da Silva, pai de dois filhos, avô de seis netos. Sou a segunda esposa, não temos filhos em comum. Pertencço a uma família de cinco irmãos e sou a mais velha. Minha mãe, hoje com 74 anos, desde muito cedo, sem nenhuma leitura, me levava a participar da comunidade e das celebrações da Eucaristia. Um verdadeiro testemunho de fé e resiliência.

Iniciei minha caminhada junto aos Padres Escolápios aos sete anos de idade, participando do "catecismo", hoje na Ordem das Escolas Pias, denominado Movimento Calasanz. Era acolhida por o Pe. Eulálio Lafuente, sempre com muita alegria. Aos 15 anos, após o sacramento da Crisma, fui chamada a ser catequista e iniciar o grupo de Jovens Meamá, (menos arma, mais amor). Como grupo de jovens, tínhamos muitas atribuições, momento de oração, celebrações, seresta nas casas dos membros, em datas comemorativas, recolher alimentos para doar aos assistidos e cuidar da limpeza semanal do templo. Essas atividades rotineiras eram realizadas por mim com tamanha alegria, sentia-me orgulhosa, pois era uma oportunidade de compartilhar a vida, a missão. Passaram-se os anos e eu assumi a coordenação da catequese em nível paroquial e da comunidade Cristã Escolápia. Essas funções exigiam tamanha dedicação. Mas, nada era difícil para mim. Sentia uma inquietação, às vezes, perguntava a mim mesma de onde vinha tanto desejo de colaborar, de fazer tantas coisas sem nenhum cansaço, somente um sentimento de querer contribuir para o engajamento e crescimento dos envolvidos e da missão.

No ano de 1999, comecei a trabalhar profissionalmente com os padres Escolápios, na paróquia Nossa Senhora das Graças, onde fiquei por dez anos. Há oito anos, atuo como Assistente Social e agente de pastoral no Colégio Ibituruna. Todos esses anos trabalhando junto aos escolápios, voluntariamente, no âmbito da educação da fé e, profissionalmente, na educação formal, serviram para confirmar a razão da chama que ardia em meu peito. O cuidado dos escolápios ao olhar, viver, servir, sonhar e projetar o futuro da Escola Pia junto aos leigos, aguça minha paixão em viver o carisma escolápio. No ano de 2009, ao ser convidada para iniciar o caminho da Fraternidade, assustei-me, pois não sabia o que era, para onde ia? Mas, comecei. Após oito anos de pertença à Fraternidade, deparei-me com uma nova mulher na vida pessoal, profissional e comunitária. Minha vida tomou um novo sentido. Atualmente,

coordeno o Conselho local e o Demarcacional da Fraternidade. Faço parte do Conselho geral da Fraternidade. Como escolápio que sou, quero continuar colaborando, para que o legado tão bonito deixado a nós por São José de Calasanz fortaleça a missão onde já existe e possa expandir para os lugares onde ainda não existe. Sou feliz e grata aos Escolápios por fazer parte dessa família e poder dizer que nela encontrei o verdadeiro sentido para realizar a missão que a mim foi confiada.

Izabel de Jesus, Fraternidade de Valadares do Brasil

SEMPRE DE DOIS EM DOIS

Vamos começar a marcha pelos caminhos da vida.

Nenhuma bagagem é necessária, mãos amigáveis são suficientes.

Os caminhos são estreitos para andar sem amor:

só chegamos a um bom porto se for de dois em dois.

Um homem é um, e a vida é difícil,

dois juntos caminhando avançam melhor.

Um homem sem amigos não tem suporte,

e para se sustentar são necessários dois.

Você não pode andar separadamente na vida.

Você precisa se apoiar no outro para se sentir apoiado.

É o caminho difícil da vida andar sem amor:

você só chega a um bom porto se for de dois em dois (G. Fernández- E. Pascual)

36. Compartilhar o espiritual

O centro da Fraternidade é Jesus: Ele é quem nos chamou e nos mostrou o Pai de todos que nos vá fazendo irmãos. Essa realidade deve ser uma experiência compartilhada com frequência na comunidade.

A Eucaristia é o centro da comunidade, é o sinal e o motor da comunhão, não apenas da pequena comunidade ou da Fraternidade ou da Ordem, mas também da Comunidade cristã escolápio e da Igreja local e universal. A experiência semanal da Eucaristia, tentando torná-la o mais comunitária e viva possível, é essencial para o crescimento da Fraternidade. Nela, focamos nossas preocupações, pedimos perdão, ouvimos a Palavra com as diretrizes correspondentes, apresentamos nossas ofertas e nossas vidas, nos alimentamos com o pão da comunhão e a presença de Jesus Cristo vivo, saímos fortalecidos para continuar a missão.

Algo semelhante acontece com a oração comum, onde dizemos um ao outro a alegria de ser irmãos e a beleza de viver juntos com um coração e uma alma. É hora de compartilhar a vida e a experiência espiritual. É uma oportunidade de não perder de vista o carisma que nos une, a missão que assumimos, a vida que devemos levar.

É aconselhável revisar a nós mesmos se não for esse o caso, se acontecer o contrário: ausência sem razão, atrasar-se para a oração comum ou a Eucaristia, não participar ativamente, não seguir a mesma cadência (alguns correm muito, outros vão devagar, uns murmuram e outros declaram, alguns bocejam e outros estão em outro lugar...) e então aparece a falsidade, honrando a Deus com os lábios, mas não com o coração (Is 29, 13). Devemos analisar nossa maneira de compartilhar o espiritual como sinal da autenticidade da Fraternidade.

Compartilhar o espiritual é compartilhar a oração e, na oração, colocar aqueles que nos enlouquecem, aqueles que nos criticam e pedir a Deus que nos ajude a vê-los como irmãos que Ele colocou na estrada. É viver o ícone da comunidade com o paralítico que é trazido diante de Jesus pelo grupo e, às vezes, nos descobrir como necessitados e, outras vezes, como alguém que leva os outros... e sempre na comunidade (Lc 5,18s).

Compartilhar o espiritual é redescobrir na Eucaristia todo momento litúrgico como criador e sustentador da comunidade. Compartilhar o espiritual é valorizar e comunicar os bens do espírito (1 Cor 12,7), os carismas de cada um, inclusive o carisma escolápio que nos une, porque, mais do que educadores ou pessoas comprometidas, devemos ser criadores de comunidades vivas que nos faça crescer e tornar um sinal de quem está no centro. Compartilhar o espiritual é compartilhar a leitura crente da realidade em um espírito de discernimento e não tentar convencer os outros. Compartilhar o espiritual é saber se comunicar, como uma experiência de fé, o dinheiro, a interdependência, as decisões, as amizades, o tempo e toda a vida.

Para avançar nesse compartilhamento, temos de renunciar a falsos ideais que nos paralisam na realidade e nos descobriremos fracos, vulneráveis, portadores de um tesouro sendo vasos de barro (2 Cor 4,7), necessitando de outros e não de seus juizes, conhecendo e reconhecendo nossos próprios limites e erros, com disponibilidade para lavar os pés dos outros... e nos deixarmos lavar (João 13,1-17).

Em nossos corações, há muita agressividade oculta, inconsciente, sorrateira e aparentemente sob controle, mas, muitas vezes, reage inesperadamente a algumas situações e provoca situações e reações que não ajudam na comunhão com os sentimentos dos outros. E, então, essa agressividade degenera em raiva, ódio, angústia, silêncio e rejeição dos outros.

Isso pode parecer excessivo, porque normalmente controlamos a agressividade e as explosões acontecem muito ocasionalmente. Mas, violência explícita ou não, física, verbal ou psicológica, se traduz em uma falta de esforço para entender os outros, à distância emocional, em não participar da dor e das alegrias dos outros ou fazê-lo sem envolvimento, em não ter empatia com os irmãos. Isso também vai contra a comunidade e contra o plano de Deus.

E seria fácil acabar com essa violência: percorrer o caminho que leva ao centro de nossos corações e nos faz ver como é estúpido e prejudicial colocar o lobo para proteger nossas feridas. E, seguindo esse caminho, vendo que, no fundo, não somos tão diferentes daqueles que são mais irritantes para nós.

Compartilhar o espiritual é ler a Palavra de Deus pessoalmente e em comunidade. É ler os Atos dos Apóstolos e as cartas do Novo Testamento como a vida das primeiras comunidades que estavam descobrindo o caminho juntos, compartilhando muitas dificuldades e, acima de tudo, um Espírito que também continua hoje em nossa Fraternidade. Um exercício precioso é atualizar em nossa comunidade todos os textos que lemos da Bíblia.

Compartilhar o espiritual é descobrir que temos o dom de uma família escolápia, de irmãos muito diferentes que nos enriquecem muito e nos lembram quem nos chamou, nos apoiam e nos ajudam a melhorar a cada dia.

A comunidade é um banco de dons espirituais para toda a humanidade, é um projeto de lar e oficina da nova humanidade. E isso só pode ser feito tornando palpável o Espírito que é mostrado na comunidade, a cada Pentecostes com a Fraternidade reunida... e unida.

Compartilhar o espiritual é tomar consciência do "homem planetário", na expressão do escolápio Pe. Ernesto Balducci, e tornar a comunidade um experimento na nova humanidade, unida pelo amor e pelo compromisso com um mundo melhor para todos. Na medida em que a comunidade é assim, estamos abrindo o caminho para essa nova humanidade, tornaremos a Igreja evidente como o Corpo de Cristo vivo hoje, como o Povo de Deus, como uma comunhão católica ou universal... como um sinal: "*Nisto, eles reconhecerão que você é meu discípulo...*" (João 13,35).

TESTEMUNHO DESDE CARORA (VENEZUELA)

Quero expressar meu agradecimento a toda a Escola Pia, por abrir suas portas aos leigos, através da Fraternidade escolápia, especialmente em Carora (Venezuela), onde tenho a oportunidade de compartilhar esse carisma específico dedicado às crianças e aos jovens. Quero agradecer a confiança, o carinho e a dedicação que depositaram em mim durante esses sete anos de vida fraterna.

Olhando para trás, senti a presença de Deus que está guiando minha vida a partir do trabalho escolápio; durante esses anos, tive proximidade com os mais necessitados, especialmente com os menores; experiências que enriqueceram minha vida e afinaram minha missão em favor do outro. Também posso dizer com certeza que minha história de fé foi guardada por Deus, porque tive a bênção de pertencer à Fraternidade escolápia, onde a fortaleci com o acompanhamento e o treinamento oportuno de tantos escolápios, homens de Deus, de integridade, que até hoje me deram um exemplo de doação e impregnaram em mim o amor ao carisma de Calasanz. Por isso, dando um passo à Fraternidade representada para mim, o desejo que eu tinha, desde muito jovem, de ir além de uma reunião de grupo, de aprofundar e amadurecer na fé, de estar disponível para a missão confiada e de criar comunidade de irmãos que compartilham esse presente.

Foi assim que, na comunidade "Senhora do Bom Querer", tive a oportunidade de conhecer, apreciar e valorizar essa forma de participação na Escola Pia, tentando ser consistente e respondendo ao compromisso que assumi há sete anos como leiga escolápia; do meu humilde serviço como monitora e da realização de projetos de Itaka - Escolápios, integrando a Equipe de Presença e o Conselho de Fraternidade, que me deram uma visão global da obra. Também como família cristã, meu marido e eu fomos fortalecidos, ajudando-nos na educação de nossos filhos, em seu

desenvolvimento integral e que eles continuam a se desenvolver como voluntários e membros do Movimento Calasanz; isto é, esse amor pela Escola Pia é renovado e continua a crescer na vida das crianças, agora com uma família maior de Irmãos espalhados por todo o mundo.

Por todas essas razões, a Fraternidade representa para mim a pérola preciosa, a energia que me fortalece e uma das alegrias mais gratificantes; nela encontrei a maneira solidária de dar minha vida, de compartilhá-la com minhas limitações e realidades. É um tesouro inesgotável que, mesmo com mais de 400 anos, surpreende com sua novidade e relevância hoje. Finalmente, além do que posso escrever, com profunda gratidão, peço a Deus que me conceda continuar a fazer parte da família, criada para a glória de Deus e utilidade do próximo.

Yelitza Alvarado. Fraternidade de Carora. Venezuela

OBRIGADO POR CONTAR CONOSCO

Naquela tarde, a comunidade monástica fez uma oração intercessora em seu oratório. Uma após o outra, as orações dos monges foram ouvidas: "Senhor, eu peço a você", "Senhor, eu te peço", "Senhor, peço a você". O abade também fez sua oração: "Senhor, eu te peço ...". Por fim, todos ficaram em silêncio.

Até que a voz do abade foi ouvida novamente: "Agora, Senhor, diga-nos como podemos ajudá-lo; ouvimos você em silêncio."

Depois de um tempo, ele concluiu: "Obrigado, Pai, porque Você quer contar conosco." E todos os monges responderam em uníssono: "Amém".

(Porque eles entenderam que a oração, como o amor, tem dois momentos: dar e receber e que, se um deles está faltando, ela morre.)

37. Doenças da comunidade

Toda comunidade, como toda pessoa, experimenta momentos de doença. Se for descoberto precocemente e tratado adequadamente, não terá efeitos negativos e pode até ser uma vacina para doenças mais graves. A condição é descobrir, diagnosticar, tratar a tempo... e confiar no Senhor da vida.

Na comunidade, podem ocorrer as mesmas doenças que Jesus curou: surdos que nunca ouvem a comunidade e as necessidades dos outros, mudos que não dizem nada, cegos que não veem ou não querem ver, doentes e vítimas sempre... ou mesmo demonizados, que parece que eles só querem machucar.

A doença pode ser nossa própria culpa se não cuidarmos de nós mesmos, se não fizermos uma revisão periódica, se não tivermos hábitos saudáveis. E também pode ser o resultado de condições ambientais, vírus ambientais, contágio.

É útil conhecer algumas das doenças mais comuns para tentar evitá-las ou curá-las nos primeiros sintomas. E deixamos para cada comunidade fazer o exercício de apontar quais outras doenças ocorrem em seu próprio ambiente.

1. Individualismo

O individualista é um paciente que não compartilha o "mesmo coração e alma" da comunidade. Ele tem suas próprias convicções e acha que as manter apesar da comunidade é uma coisa boa. E ele não descobre que sua doença é prejudicial para ele e para o todo, que pode ser contagiosa, que cria agressividade e pode romper a comunhão.

Às vezes, assume a forma de "atirador de elite", que pode ser eficaz por um curto espaço de tempo, mas para que sua intuição e ação persistam, ele precisa da comunidade. E se essa atitude é prolongada no tempo, ela rompe a comunidade e a missão, decepcionando as pessoas que confiam nele.

O individualismo logo leva à autogestão, especialmente espiritual, e se fecha, o que geralmente leva a outros sintomas muito prejudiciais: falta de objetividade, conflitos com os mais próximos, diferentes maneiras de estar de acordo com o ambiente, às vezes, até o dobro estilo de vida.

Essa doença individualista autossuficiente cria o fenômeno do distanciamento psicológico, relacional e espiritual dos outros (a dispersão), de modo que, mesmo vivendo juntos, cada um assiste, de maneira mais ou menos elegante, seus próprios assuntos, começando pelos espirituais, enquanto aumenta a incapacidade de entender um ao outro e encontrar um centro comum, uma paixão comum, uma identidade comum, uma santidade comum (a confusão das

línguas). E quando o mesmo ideal não é vivido juntos, a atração diminui e também a vida comunitária que afunda na mediocridade e na desolação. É triste encontrar comunidades onde a confusão de idiomas tornou os relacionamentos insípidos e terminou com a beleza de estarmos juntos.

Um sinal do individualista é a falta de pontualidade, uma delicada expressão de amor fraterno, violada por seus próprios planos, pela maior valorização de seu tempo do que pelos outros, pela falta de responsabilidade em atos conjuntos.

O narcisismo está intimamente ligado a esse individualismo, onde um pensa que é o centro, o único importante... sem perceber que é devido à baixa autoestima e aos complexos e sempre termina em decepção ao encontrar a realidade, falhas pessoais, a oposição dos outros. Às vezes, é compensada sendo mendigo do reconhecimento de pessoas "de fora", tentando aparentar, vivendo com um papel que não corresponde à vida interna. O narcisismo deve ser detectado cedo em si mesmo e nos irmãos para corrigi-lo o mais rápido possível.

O individualismo, que é contagioso por desencorajar outras pessoas do trabalho compartilhado, pode levar a fazer da comunidade um lugar onde tudo serve (o Panteão que permite todos os deuses), onde prevalece o mais forte (a violência do Far West), onde cada um faz o que pensa sem levar em conta ou valorizar os outros (o exército de Pancho Villa), onde vive confortavelmente (o hotel, o grupo de amigos), onde tem espaço os raros, os maníacos e os isolados... tudo isso muito longe da Fraternidade que compartilha fé, vida e missão.

2. Crítica... sempre contra os outros

Não é incomum encontrar atitudes críticas permanentes na comunidade, sob o disfarce de "profetas", caracterizados por denúncia constante, sempre contra os outros, sem assumir qualquer responsabilidade ou compromisso.

É a doença da crítica, muitas vezes, na forma de fofocas por trás, ironia constante, zombaria superficial, que, muitas vezes, se traduz em pessimismo e silêncio quando há um contraste da comunidade.

Muitas vezes, essas críticas andam de mãos dadas com as reclamações permanentes que prejudicam gravemente a comunidade. Às vezes, leva à divisão em facções dentro da Fraternidade, devido à ideologia que tem pouco a ver com o Evangelho e a vocação compartilhada recebida. Tende a esquecer que a comunidade é feita por todos nós, que a culpa nem sempre é dos outros. É conveniente saber que as reclamações são uma gaiola que nos afasta dos outros.

Essa divisão pode levar ao sectarismo, considerar os irmãos como pessoas "que não são dos nossos", porque não coincidem em nosso pequeno grupo (Mc 9, 38-40). No fundo, isso são ciúmes.

Muitas vezes, podemos encontrar-nos com a atitude de que São Paulo já nos falou: "*Conhecemos que alguns de vocês vivem ociosamente, sem fazer nada e se intrometendo em tudo*" (2 Ts 3.10).

3. Idealismo... sem realismo nem transformação pessoal

Uma doença comum, normalmente presente após o primeiro período da Fraternidade, é uma certa decepção, porque a comunidade não responde à imagem que criamos, ao ideal que nos inspirou.

É uma situação comum que é curada ao se aproximar desse ideal, com o contágio da ilusão a toda a comunidade para continuar dando passos em direção a uma comunidade melhor.

Mas, às vezes, leva a uma decepção paralisante, que leva a deixar a comunidade, criticar outras pessoas sem compromisso pessoal, para nos acomodar com metas mais baixas...

Uma Fraternidade saudável deve acompanhar essa primeira etapa, oferecendo comunicação, espaços para compartilhar a experiência e preparar novos passos, tentando controlar os cétricos da comunidade.

Deve-se lembrar que é uma doença que pode ser positiva se levar à mobilização de todos, se tocar nos confortos e rotinas da comunidade, ajudando a continuar crescendo.

É muito conveniente ler, refletir, orar com esta reflexão preciosa de D. Bonhoeffer em seu livro "Vida em comunidade"):

Comunidade cristã significa comunhão em Jesus Cristo e por Jesus Cristo. Nenhuma comunidade pode ser mais ou menos que isso. E isso é válido para todas as formas de comunidade. Se podemos ser irmãos, é somente através de Jesus Cristo e em Jesus Cristo.

Desejar algo mais do que Cristo fundou entre nós não é desejar a fraternidade cristã, mas procurar quem sabe que experiências extraordinárias que você acha que encontrará na comunidade cristã e que não encontrou em

outros lugares, introduzindo assim a comunidade o fermento perturbador de seus próprios desejos. É justamente nesse aspecto que a fraternidade cristã é ameaçada (quase sempre e desde a sua criação) pelos perigos mais graves: intoxicação interna causada pela confusão entre a fraternidade cristã e o sonho de uma comunidade piedosa.

Por isso, é importante perceber, desde o início, que, antes de tudo, a fraternidade cristã não é um ideal humano, mas uma realidade dada por Deus. E, em segundo lugar, que essa realidade é de ordem espiritual e não de ordem psicológica.

Muitas foram as comunidades que falharam por ter vivido uma imagem quimérica da comunidade. É lógico que o cristão, quando entra na comunidade, carrega consigo um ideal do que deveria ser e tenta realizá-lo. No entanto, a graça de Deus destrói constantemente esses tipos de sonhos.

Defraudado pelos outros e por nós mesmos, Deus nos leva ao conhecimento da autêntica comunidade cristã. Na sua graça, Ele não nos permite viver, nem por algumas semanas, na comunidade dos nossos sonhos. Porque Deus não é um deus de emoções sentimentais, mas o Deus da realidade. Por esse motivo, somente a comunidade que, consciente de suas tarefas, não sucumbe à grande decepção, começa a ser o que Deus deseja e alcança pela fé a promessa que lhe foi feita.

Quanto antes esse tempo de decepção chegar para a comunidade e para o próprio crente, melhor para os dois. Desejar evitá-lo a qualquer custo e tentar se apegar a uma imagem quimérica da comunidade, destinada a esvaziar de qualquer maneira, é construir na areia e, mais cedo ou mais tarde, condenar-se à ruína.

Devemos nos vencer de que nossos sonhos de comunidade humana, introduzidos na comunidade, são um perigo real e devem ser destruídos sob pena de morte para a comunidade. Quem prefere seu próprio sonho à realidade se torna um destruidor da comunidade, por mais honestas, sérias e sinceras que sejam suas intenções pessoais.

Deus odeia sonhos piedosos, porque eles nos tornam duros e pretensiosos. Eles nos fazem exigir o impossível de Deus, dos outros e de nós mesmos. Eles nos fazem juizes dos irmãos e do próprio Deus. Nós nos comportamos como se dependesse de nós criar uma sociedade cristã que não existia antes, adaptada à imagem ideal que se tem.

E quando as coisas não correm como gostaríamos, falamos sobre falta de colaboração convencidos de que a comunidade entra em colapso quando vemos o sonho cair. Dessa maneira, começamos a acusar os irmãos, então Deus e, finalmente, desesperados, dirigimos nossa amargura contra nós mesmos.

Muito pelo contrário, acontece quando estamos convencidos de que o próprio Deus estabeleceu o fundamento único sobre o qual construir nossa comunidade e que, antes de qualquer iniciativa de nossa parte, Ele nos uniu em um corpo através de Jesus Cristo. Portanto, não entramos na comunidade com exigências, mas agradecemos de coração.

Portanto, nasce a verdadeira comunidade cristã quando, deixando-nos com sonhos, nos abrimos para a realidade que nos foi dada.

4. O Conforto e a imobilidade

Esta doença pode apresentar sintomas diferentes: "sempre foi assim", para não sair da zona de conforto, despreocupação e indiferença para o irmão e para a marcha da Fraternidade ("*onde está seu irmão?*") que exige muito e contribui pouco, o cético que reprime as ilusões dos jovens...

Na Fraternidade, devemos estabelecer mecanismos que ajudem a enfrentar essa ameaça sempre presente. Não somos guardiões de museus, nem observadores tristes da vida comunitária, nem consumidores narcisistas da comunidade... mas construtores de uma Fraternidade que é a obra do Espírito através de cada um de nós.

Somos peregrinos e não transeuntes nem turistas, mas pedras vivas de uma Igreja que leva a cara de cada um de nós quando moramos na Fraternidade e colaboramos na construção do Reino.

Hoje, o consumismo é um fator muito presente que afeta não apenas o nível econômico, mas também a maneira como nos relacionamos com o risco de fazê-lo de maneira utilitária, com a atratividade que ele tem e pode nos tornar escravos (um exemplo muito visível é o uso celular excessivo), com tendência ao egoísmo e ao egocentrismo...

5. Fraquezas devido aos descuidos que se tornam graves

A negligência da dimensão sacramental, especialmente da Eucaristia, nos leva a uma anemia espiritual que pode levar à ideologia sem conexão com o Senhor da Vida, presente nos sacramentos da comunidade eclesial.

Esquecendo elementos essenciais da experiência cristã: a leitura constante da Palavra, a conversão, a formação permanente, a perda do significado moral, talvez pela assimilação com os valores sociais do meio ambiente, a visão parcial da Igreja... que está enfraquecendo nosso seguimento a Jesus.

Críticas sem consequências de maior comprometimento pessoal, muitas vezes da lógica da mídia sempre interessada, que magoa a nós mesmos e àqueles que nos ouvem e não trazem nenhuma melhoria real para a Igreja. Algo semelhante acontece com a falta de senso de comunhão e envolvimento eclesial que se traduz em pouca presença de eventos e na vida da Igreja.

A falta de formação suficiente, que deve ter um plano muito específico a cada ano na vida comunitária e pessoal, também está nos desgastando e pode causar pequenas falhas em nossa fé.

A desorganização pessoal e da pequena comunidade, a impaciência que não esquece a dura persistência da realidade, a inconstância, a autossuficiência de cada um e da própria comunidade que podem levar a se tornar uma seita, o utilitarismo da vida comunitária (o que contribui para mim, deixando de lado o que tenho que contribuir para os outros) o psicologismo (não me sinto bem, não sinto falta), a integração acrítica nas modas e critérios da sociedade sem contrastá-los com o Evangelho e a comunidade são outras fraquezas com sérias consequências se forem mantidas ao longo do tempo.

6. As pessoas problemáticas... e a estupidez!

Não é estranho encontrar em todas as comunidades uma pessoa problemática, com estranhas motivações para estar na Fraternidade, o que complica muito a vida da comunidade. É uma doença séria.

Caracteriza-se por estabelecer relações pessoais estranhas, assimétricas de superioridade ou inferioridade, com papéis falsos e papéis fingidos, longe de um relacionamento saudável (de interdependência, reciprocidade, corresponsabilidade, flexibilidade sem dogmatismo), levantando problemas de todos os tipos e em todos os momentos. Ele costuma manter relacionamentos mais significativos fora da comunidade, onde parece ter um papel mais gratificante para si mesmo, mas que sempre termina com novos problemas. Às vezes, está ligada à indiscrição, fofoca, criando um ambiente ruim aonde quer que vá ...

Geralmente, é confundido, a princípio, com pessoas que precisam de mais atenção, ou mesmo com problemas psiquiátricos.

Talvez, uma explicação mais simples e precisa seja considerar essa doença como estupidez. Temos um pequeno livro, "As Leis Fundamentais da Estupidez Humana", de Carlo M. Cipolla³¹, que pode nos esclarecer. Apresentamos agora um breve resumo para incentivar sua leitura individual e comunitária que nos ajudará muito no dia a dia e também na vida da comunidade.

- Existe em nosso mundo um coletivo extremamente poderoso e perigoso, desorganizado e grande que não segue nenhuma lei nem tem chefe, mas age em perfeita harmonia para reforçar seu poder destrutivo: eles são os estúpidos.
- Uma pessoa estúpida é uma pessoa que causa dano a outra pessoa ou grupo de pessoas sem obter, ao mesmo tempo, um lucro para si mesma: ela também obtém dano. Existem três outros tipos de pessoas: os iníquos que machucam para eles ganharem, os incautos (ou generosos) que perdem para que outros venerem, e os inteligentes que fazem todos ganharem.
- Sempre e inevitavelmente, cada um de nós subestima o número de pessoas estúpidas que circulam pelo mundo.
- A probabilidade de uma determinada pessoa ser estúpida é independente de qualquer outra característica da mesma pessoa. Portanto, a probabilidade de encontrar alguém estúpido é semelhante em todos os países, culturas, religiões, idades, níveis de educação...
- As pessoas não estúpidas sempre subestimam o potencial prejudicial de pessoas estúpidas. Os não estúpidos esquecem constantemente que lidar e/ou associar-se com indivíduos estúpidos infalivelmente se manifesta como um erro caro.
- A pessoa estúpida é o tipo mais perigoso de pessoa que existe, mais perigoso que o malvado.

³¹ Em <https://detemasytemas.files.wordpress.com/2012/08/cipolla-carlo-m-las-leyes-fundamentales-de-la-estupidez-humana.pdf>

- A porcentagem de estupidez é sempre constante: somente a ação de todos os outros pode, controlando os maus, reduzir a capacidade prejudicial dos estúpidos.

Possivelmente, essas breves notas não demonstram a importância dessa análise, que pode ajudar muito na vida da comunidade e em todos os grupos.

7. Vírus contagiosos

A boa notícia é que todas as doenças mencionadas e as que podemos acrescentar têm uma constante comum: negligenciar a vocação recebida de Deus pela Fraternidade, priorizando outros aspectos. Isso pode nos ajudar no processo de cura. A má notícia é que as doenças da comunidade são contagiosas... se não fizermos um esforço para detectá-las, isolá-las se necessário e aplicar os remédios necessários.

Quando um membro da comunidade é individualista e não vai com outros, desencoraja a todos no trabalho comum e pode levar todos a assumirem atitudes individualistas. O mesmo vale para informalidade, a frequência intermitente na comunidade, a falta de preparação para a reunião, a desordem, o atraso, a falta de comprometimento, a corrupção. Um bom ambiente colaborativo ajuda todos a se integrarem e participarem; uma situação de negligência também infecta mais pessoas ou todos.

Uma comunidade é um grupo de pessoas reunidas em nome de Jesus Cristo, para viver o mandamento do amor, movido pelo dinamismo do Espírito, baseado em uma missão que consiste em estabelecer o Reino de Deus no mundo.

A comunidade cresce à medida que cada um de seus componentes amadurece. O resto é pura aparência. Entre a comunidade e o indivíduo, existe uma relação dialética, que pode parecer contraditória, mas é muito real: a pessoa cresce em autonomia quando se identifica com o projeto comum e amadurece em liberdade através da interdependência e do discernimento comunitário. Na comunidade, ele encontra ajuda para que o respeito à pessoa não se torne um culto à personalidade: a comunidade deve ser a favor do indivíduo, mas contra o individualismo.

Fazer que cada membro da Fraternidade cresça, ajudar a conscientizar-se com gratidão de ter sido engendrado pela fé, chamado pelo Senhor a uma vocação preciosa, fazendo parte das Escolas Pias, assumir a missão de gerar vida e futuro para toda a humanidade devem ser prioridades em todas as pequenas comunidades e em toda a Fraternidade para eliminar as doenças que podem nos afligir.

TESTEMUNHO DESDE SERRA - BRASIL

Estou feliz por fazer parte das Escolas Pias através da Fraternidade Escolápia. Há quatrocentos anos, um homem viu em um pequeno grupo de crianças pobres o futuro e, na educação, a chave de transformação social, encontrando assim sua maneira definitiva de servir a Deus, colocando-se a serviço dessas crianças. A ação desse homem foi como um grande raio de luz de esperança para muitas crianças e jovens que nasceram marcados pela pobreza e falta de oportunidades.

Encontrar com Calasanz me fez voltar a sonhar. Um sonho de que a criança não será julgada pela sua condição social ou por ser diferente, mas pelo seu conteúdo, seu caráter e terá a oportunidade de provar seu valor. Um sonho de um futuro melhor para todas. Um futuro em que os profissionais da educação – Formal ou Não Formal- saibam olhar para cada criança e reconhecer suas especificidades e diferenças de aprendizagem. Que entendam que cada sujeito é único e, por isso, é necessário conhecer sua realidade. Um sonho de uma pedagogia de autonomia e esperança que colabore para que cada sujeito seja consciente de seu papel transformador na sociedade.

Como Fraternidade, sinto o desejo de compartilhar dessa paixão, cuidando, da melhor forma, das crianças e oferecendo-lhes o melhor de mim. Trabalhando, com ternura, para ajudar a sustentar e ampliar o serviço e a missão de forma dinâmica. Colocando-me sempre a caminho, acreditando no projeto de modo comprometido. Confiando e zelando por ele de um modo audacioso. Correspondendo às expectativas, sem medo das dificuldades, com um projeto comum claro, situado em cada contexto, não para se adaptar à demanda, mas para oferecer um serviço valioso e humilde, no entanto cheio de convicções. Os jovens e crianças necessitam de educadores comprometidos. É preciso deixar um legado, como Calasanz, descartando o que não oferece luz, para poder crescer. Compartilhar, renovar e propor, sendo testemunho vivo de Jesus Cristo. Uma obra escolápia deve ser um local especial para construir a felicidade, coletivamente. Devemos acolher como Calasanz, cada menino e menina com um carinho especial, principalmente aquelas rejeitadas por todos. Devemos preparar o futuro a partir do presente.

É assim que me sinto, engajada, envolvida, pertencente à grande família de Calasanz. Meus propósitos enquanto projeto de vida coincidem com o jeito calasânico de cuidar da vida e das pessoas. Pertencer à Fraternidade é o caminho para ser mais completamente Escolápia.

Katiúscia Pinto Nascimento. Fraternidade de Serra em Brasil

ASNOS, MAIS DO QUE ASNOS

Dois burros foram amarrados. Nos dois lados, a cerca de cinco metros, seu dono havia colocado dois montes de alfafa verde e rica. Desajeitados, como burros que eram movidos pela fome, eles insistiam em comer cada um da pilha mais próxima deles. Havia tanta vontade de comer, tanto esforço para jogar cada um por sua conta, tanta obstinação e teimosia e tanto egoísmo, que eles estavam exaustos sem dar uma mordida. Eles estavam no ponto, cada um deles, tocando a grama na frente deles com o focinho, mas não tiveram sucesso. Isso aumentou ainda mais o sofrimento, a angústia e o esforço fútil.

Passou uma hora, até que, exaustos pela fome, pelo trabalho e pela raiva, caíram no chão com dois dedos (apenas dois dedos!) da alfafa.

Duas vacas que passaram, em maravilhosa camaradagem, pararam e, com parcimônia inteligente, liquidaram uma das pilhas e, posteriormente, com o mesmo entendimento, terminaram com a segunda (Alfonso Francia. "Histórias de vida").

38. Para curar as doenças da comunidade

É importante estar ciente de que as doenças mencionadas e outras que possam ocorrer são doenças e não males. Não se trata de julgar as pessoas e separá-las, mas de considerar que são ações devido a certos "vírus" que precisamos curar.

Obviamente, para uma boa cura, é necessário conhecer em detalhes cada situação. Aqui vamos simplesmente introduzir alguns remédios e terapias que podem ser úteis.

1. Um bom ambiente comunitário

Quando a comunidade desfruta de um bom ambiente comunitário, bons relacionamentos, espírito de compromisso e esperança, é mais fácil que as doenças não apareçam ou sejam levadas com muita paz.

Por esse motivo, é muito importante cuidar de tudo o que contribui para criar uma atmosfera de fraternidade, compromisso com a missão e espiritualidade que nos concentra em um Jesus muito vivo entre nós. Alguns elementos que precisamos cuidar:

- Criar espaços de comunicação, de compartilhar a vida. Podem ser momentos de oração compartilhada, dias de comunidade, retiros, tempo compartilhado... É necessário ter momentos em que sentimentos, preocupações, alegrias, dificuldades possam ser comunicados. Passar um tempo com a comunidade cria um bom espírito de fraternidade.
- Incentivar a amizade, dentro da comunidade e também fora, a proximidade humana, desinteressada, preocupada com o outro, caritativa e libertadora. E tenha muito cuidado com as falsas amizades que criam grupos separados, que dividem.
- Tornar a comunidade um "lugar de perdão e festa" (vale a pena ler o livro de Jean Vanier com esse título), onde são celebradas a vida, a fé, os eventos de cada pessoa e da comunidade: e onde sabemos pedir perdão com palavras e gestos. Uma comunidade que celebra o perdão aos irmãos, àqueles que podem ter nos ofendido e a nós mesmos.
- Permitir uma comunidade que seja "lar e oficina" (outro livro lindo, agora de José Antonio García), onde é um prazer estar e onde projetamos o mundo que queremos, onde nos amamos e nos conjuramos em um compromisso transformador.
- Uma comunidade aberta, que convoca, que contagia aos outros, que sabe como receber os outros e aprende com eles. Uma comunidade que aceita o diferente, que valoriza as diferenças e sabe como se enriquecer com elas.

- Ter a capacidade de controlar pessoas tóxicas que sempre podem aparecer, aquelas que introduzem muito joio e negatividade. É preciso tratá-las com delicadeza e correção fraterna, com carinho e firmeza... e, se necessário, levando-as a deixar a comunidade.
- Criar alegria na comunidade e no entorno. Esse sal da vida é um indicador e uma meta de toda comunidade, percebida de fora e que mantém todos esperançosos. Não é uma alegria baseada em sucessos, no prazer de realizações, em carinho e aplausos, mas na descoberta do tesouro da vida (Mateus 13, 44s), em estar fazendo o que tínhamos que fazer (Lc 17, 7-10), fazendo o que amamos e amando o que fazemos, sabendo que Deus nos ama e nos dá irmãos, nos quais nossos nomes estão escritos no céu (Lc 10, 17-24), na alegria de colaborar com Deus em sua criação e em sua presença no mundo, em saber olhar com olhos limpos...

Um bom ambiente comunitário é condicionado por ser uma comunidade aberta, unida e feliz, transformando a realidade com sua missão e mobilizando seus membros e pessoas próximas.

2. Algumas ferramentas concretas

Já indicamos alguns elementos específicos para promover um bom ambiente na Fraternidade. Destacamos outros concretos:

- O Projeto da comunidade e Fraternidade, onde são indicadas algumas linhas e objetivos a médio ou longo prazo. E a programação da comunidade, clara e assumida por todos, onde é especificada a organização do ano: horários, datas, atividades, plano de formação, maneira de realizar a oração... Se estivermos certos para onde vamos e com que meios concretos, a comunidade funcionará melhor e não perderá tempo e esforço na organização, que deve ficar clara desde o início.
- A revisão da vida, pessoal e na pequena comunidade. Se possível, com um projeto de vida bem trabalhado e sustentado ao longo do tempo, que se forma a cada ano em ações compartilhadas na comunidade. A Palavra, os Estatutos da Fraternidade, o projeto da comunidade e os próprios irmãos serão o contraste e a luz para continuar avançando no seguimento de Jesus.
- Momentos cuidados de compartilhar vida e fé: oração cuidadosa e compartilhada que também favorece a comunicação da vida, o cenário da oração e da reunião da comunidade, algum tempo mais longo e cuidado (um retiro, um dia especial), horários dedicados a cada membro (algumas comunidades marcam cinco minutos em cada reunião para uma pessoa compartilhar como está...).
- Correção fraterna. No evangelho, fala-se de correção fraterna (Mat 18, 15-17); nas primeiras comunidades, foi praticada. Paulo corrige Pedro (Gl 2, 11) e recomenda a correção fraterna em suas cartas (1 Tes 5:14; 2 Tim 4,2; Tit 3,10). Nas comunidades de exigência espiritual, é praticada quase como sacramento. Está situada no esclarecimento do "eu cego". Pedir aos irmãos que nos corrijam é nosso direito; corrigir o irmão é nosso dever de amor. Pela mesma razão que pedimos ao médico que nos diga a verdade sobre o nosso estado de saúde, podemos esperar a ajuda dos irmãos. O objetivo é ajudar o irmão para que ele se conheça melhor e possa superar suas falhas e crescer. Sempre deve ser movido pelo amor; antes de ousar corrigir nosso irmão, devemos ter muita certeza de que somos movidos pelo amor e não por sentimentos inegáveis. Temos que estar dispostos a ser corrigidos e agradecer àqueles que nos corrigem por suas ações. É sempre muito delicado e devemos pensar no sistema mais adequado (por meio de uma pessoa encarregada da comunidade, por alguém mais próximo, em um momento bem planejado...).
- Uma boa formação humana e teológica da vida comunitária, que também atinge a vida cotidiana, a mobilidade entre pequenas comunidades, o acompanhamento pessoal, a proposta de etapas no crescimento pessoal, são muitos outros meios que ajudam a combater a pobreza de cada um e da comunidade.
- Revisar nossos limites de sensibilidade quando isso nos afeta pessoalmente e quando descobrimos as necessidades de outras pessoas. Existem aqueles que têm um limiar baixo para si mesmos e são facilmente prejudicados por pequenos detalhes, uma frase, um comentário, uma situação... e é necessário ver que o problema não está fora, mas dentro de si onde existem complexos, baixa autoestima, narcisismo. Às vezes, o limiar é tão alto que as indicações de outras pessoas não são capturadas e será necessário abrir mais os olhos, ouvidos e coração para o meio ambiente. E algo semelhante acontece com o grau necessário para ver o que está acontecendo com nossos irmãos da comunidade. Pode ser uma boa ferramenta pensar no limiar de sensibilidade que possuímos e, se for necessário, adaptá-lo.
- Lutar contra o dragão ou libertar a princesa? Em cada momento de nossa Fraternidade, o que mais pode nos ajudar: destacar o negativo para lutar contra ele ou o positivo para uma maior motivação para

continuar? Em certas situações, pode ser conveniente destacar nossa fraqueza, os problemas negativos e nos fazer reagir. Em outros momentos, é preferível deixar "o dragão" e apresentar as novas possibilidades com mais força, "a princesa", que é um sinal do que faria todos felizes, dos sonhos que nos animam. O importante é saber combinar os dois elementos, ambos muito reais, para continuar andando.

- “Se você quer construir um barco, não comece procurando madeira, tábuas de corte ou distribuindo o trabalho; primeiro você deve evocar nas pessoas o desejo de um mar livre e amplo” (Saint-Exupéry).

3. Autoridade e animadores

Uma ingenuidade que, às vezes, ocorre na comunidade cristã é pensar que não há necessidade de um animador, que nenhuma autoridade é necessária dentro da comunidade.

Todo grupo humano, e mais ainda uma comunidade cristã, precisa de alguém que possa ajudar o grupo a crescer, organizar, resolver conflitos... Obviamente, existem diferentes maneiras de liderar e, na Fraternidade, teremos que procurar essas pessoas e maneiras de desempenho que nos ajudará a crescer mais em nosso estilo.

Na Igreja, sempre se pensou que a pessoa do ministério ordenado assegurava a comunhão, era a imagem do próprio Cristo, especialmente nos sacramentos, era um guia na interpretação da Palavra e servia a todos. O papel do padre é fundamental na Igreja e também na Fraternidade, onde temos a oportunidade de ter padres escolápios. Devemos cuidar para que sejam irmãos como todos na Fraternidade e que possam prestar seu serviço sem absorver ou eliminar o papel dos outros membros. Seu papel é de grande importância.

As pessoas que exercem o serviço de animação na Fraternidade e em cada uma de suas comunidades são um presente para cada membro da comunidade e para toda a Fraternidade. Será muito conveniente que sejam escolhidos, que tenham capacidade e disponibilidade para esse serviço, que recebam treinamento adequado, que trabalhem em equipe...

A formação daqueles que assumem a liderança da Fraternidade é essencial para promover direção, autoridade, poder, sempre na chave do serviço e tentando envolver muitas pessoas. Eles devem ser claros sobre o projeto da Fraternidade, o cuidado de todas as pessoas, a situação e a cultura que está sendo criada³², a dimensão local e global... Sem bons líderes, a Fraternidade não tem direção e pode ir para qualquer lugar.

Em cada situação, será necessário ver que tipo de animação é mais conveniente e que meios podem ser usados. Porque uma boa equipe de animadores, um bom Conselho da Fraternidade, é uma condição indispensável para que tudo funcione.

4. Crescimento pessoal

A comunidade precisa de cada pessoa e cada pessoa precisa da comunidade, mas ao mesmo tempo há uma tensão básica entre as expectativas e necessidades da pessoa e as demandas da vida comunitária. Sentimos a vocação de Deus, somos capazes de reconhecer os dons que Ele nos deu, estamos dispostos a dar a vida... mas achamos difícil aceitar que essa doação seja feita, precisamente através da comunidade, onde não nos sentimos totalmente compreendidos ou amados, onde somos confrontados com demandas que não correspondem exatamente à nossa disponibilidade. Entre a pessoa e a comunidade, sempre há uma tensão necessária para o crescimento da pessoa, impedindo-a de se fechar e para a comunidade que precisa de forças que a façam crescer constantemente.

O crescimento da pessoa e da comunidade está profundamente unido, mas não pode ser comparado. Uma boa comunidade será a que garantirá que todos, ou a maioria deles, tenham um bom desenvolvimento de suas vidas. Para fazer isso, sugerimos

- Um trabalho pessoal de purificação de nossas motivações nas diferentes áreas da vida, uma crescente consciência do eu em suas diferentes dimensões, um projeto de vida que está se tornando o projeto de Deus para a minha vida ...
- Um cuidado na crescente maturidade em relação ao limiar de sensibilidade que temos diante de dores, críticas, situações de dificuldade, disponibilidade, corresponsabilidade... Ao colocarmos nossa vida e nossa

³² É importante conhecer e trabalhar a cultura da organização que consiste no conjunto de crenças, valores, rituais, mitos, sentimentos, estilos de trabalho e relacionamentos que distinguem uma organização das outras e que influencia de maneira decisiva o comportamento de cada organização, dos indivíduos e grupos a ele vinculados, pois encontram nesse conjunto de elementos as chaves a partir das quais interpretam sua atividade e sua posição na organização.

sensibilidade no "Reino de Deus e sua justiça", tudo o mais é substituído a partir dessa chave, tornando-nos mais livres e mais fraternos.

- Uma vigilância constante de nossas diversas identidades, dos diversos papéis que desempenhamos nas diferentes instâncias em que operamos, para que se complementem e não sejam vidas paralelas na família, trabalho, tempo livre, voluntariado, comunidade, com o Senhor...
- Não esquecer do serviço da comunidade para conhecer a mim mesmo. Uma das maneiras é descobrir como o que mais me incomoda nos outros é geralmente o que me define. Aceitar a mim e ao irmão será essencial para aceitá-lo e amá-lo como ele é, sem medi-lo com meus critérios, nem impor minha visão a ele ou forçá-lo a se comportar como eu quero. Aqui as palavras mágicas da comunidade nos ajudam muito: "por favor, obrigado, eu convido você, sinto muito, eu estava errado, você está certo, como você vê isso, você pode me ajudar?" E também nos ajuda a destacar sempre o positivo do outro.

A relação de amizade com Jesus Cristo, a meditação e reflexão pessoal, o contraste do projeto de vida com o Senhor e com a comunidade, serão instrumentos valiosos para cuidar da nossa saúde humana, cristã e escolápiã.

5. Focar-se em Jesus

Qualquer coisa que ajude a se descentralizar de si mesmo para colocar nossa vida em Jesus será fundamental para essa vida saudável: deixar a autorreferencialidade para viver em referência à Fraternidade, ao Evangelho, a Jesus Cristo.

Devemos viver o caminho de Emaús com mais e mais intensidade: reconhecer em nosso caminhar pessoal e comunitário o Senhor que está ao nosso lado, entender as Escrituras, sentir nossos corações ardendo, reconhecer Jesus na vida e no pão compartilhado na Eucaristia, voltar a transmitir a grande nova de que Jesus está vivo...

Temos que viver a experiência do filho pródigo que sabe voltar para casa, temos que estar muito vigilantes para não ser o irmão mais velho que julga e, no final, fica fora, devemos assumir o papel de pai que sai para procurar o filho pródigo e também procura o filho mais velho, o pai que cuida de todos e nunca perde a esperança.

Temos o exemplo de Maria, a quem as Escolas Pias tomam como referência e confiam em sua proteção. Ela, sempre com Jesus, também é um modelo de comunidade:

- Maria concorda em colaborar no plano de Deus. Esse também é nosso objetivo principal: permitir que o Senhor aja em nós e através de nós. São os planos de Deus que devem prevalecer sobre os nossos e nunca devemos esquecer isso: "*Eis a serva do Senhor*" (Lc 1, 38).
- Maria acolhe Jesus nela e o entrega ao mundo. Não é fácil deixar um espaço central para Jesus em nossa comunidade, porque a agenda de nossos assuntos nos faz esquecer que estamos aqui para dar Cristo a outros. Devemos aprender com Maria a nos enchermos de Deus para que possamos dar depois.
- Maria preserva e medita em seu coração a Palavra que lhe é falada. Para ela, é uma semente que germina e cresce. Às vezes, é difícil para nós que as necessidades da missão não anulem a escuta e a meditação da Palavra.
- Maria segue Jesus até a cruz, seguindo-o sempre, participando de sua vida e sorte. Maria é um chamado à perseverança.
- Maria continua no meio da Igreja: lá estava ela no dia de Pentecostes, mantendo fé e esperança, no meio da comunidade. E assim ela nos convida a estar sempre em uma atitude de esperança compartilhada.

6. Saber dar razão de nossa esperança

"Quando um grupo não pode descrever e explicar suas convicções para o resto da sociedade, é inexoravelmente forçado a adotar comportamento sectário ou sofrer uma série de dissonância cognitiva, um tipo de esquizofrenia entre suas crenças religiosas e as convicções da sociedade da qual faz parte, o que a longo prazo é insustentável.

Os cristãos devem trazer à nossa sociedade nossa resistência profética a todas as situações de injustiça e a instrumentalização das pessoas, ao mesmo tempo que o anúncio da possibilidade de um mundo melhor através do amor escandalosamente universal" (Pedro José Gómez Serrano).

Uma boa formação, sempre atualizada e adequada à comunidade e seus membros, torna-se um elemento fundamental para a boa saúde da Fraternidade. Essa formação deve ser ativa para que possa ser internalizada, para responder ao dia-a-dia, ser testemunha e responder às exigências de pessoas próximas que sempre acabam se interessando pela vida da comunidade.

É útil conhecer a contribuição do cardeal Ratzinger, antes de se tornar Papa, quando ele comparou a Igreja com a lua e apontou que, como foi verificado ao chegar a ela, observou-se que é uma estrela sem vida própria, árida e estéril: e, no entanto, ao contemplá-la da Terra, fomos admirados por sua luminosidade e beleza. Ela reflete para nós, no meio da noite, a luz que vem do Sol. Assim, a Igreja, que pode parecer pobre e desprovida de vitalidade, existe para refletir o amor de Deus e iluminar e aquecer todas as pessoas em nosso planeta, até quando eles não estão cientes.

7. Um conto para a nossa cura

“O abade de um mosteiro estava muito preocupado. Anos atrás, seu mosteiro havia visto tempos de esplendor. Suas celas estavam cheias de jovens aprendizes e o canto harmonioso de seus monges ressoava na capela. Mas, os tempos ruins haviam chegado: as pessoas não vinham mais ao mosteiro para alimentar seus espíritos. A avalanche de jovens candidatos cessara e a capela estava em silêncio. Apenas alguns monges permaneceram, tristemente e rotineiramente, cumprindo suas obrigações.

Um dia, ele decidiu pedir conselhos e foi a um bispo idoso que era considerado um homem muito sábio em sua idade avançada. Ele empreendeu a jornada e, dias depois, se viu diante do bom homem. Ele lhe apresentou a situação e perguntou: "Qual é a razão dessa triste situação? Talvez tenhamos cometido algum pecado?" Ao que o bispo idoso respondeu: "Sim. Você cometeu um pecado de ignorância. O próprio Senhor Jesus Cristo se disfarçou e está vivendo entre vocês, e você não o conhece". E não disse mais nada.

O abade se retirou e voltou para o mosteiro. Durante a viagem, seu coração sentiu como se estivesse pulando do peito. Não podia acreditar! O próprio Filho de Deus estava morando lá no meio de seus monges! Como ele não o reconheceu? Era o irmão sacristão? Talvez o irmão cozinheiro? Ou o irmão administrador? Não, ele não! Infelizmente, ele tinha muitas falhas... Mas, o velho bispo havia dito que "se disfarçara". Esses defeitos não seriam parte de seu traje? Considerando tudo, todos no convento tinham falhas... e um deles tinha que ser Jesus Cristo!

Quando ele chegou ao mosteiro, reuniu seus monges e contou o que havia descoberto. Os monges se entreolharam incrédulos. Jesus Cristo... aqui? Surpreendente! É claro que se ele estivesse disfarçado... Então, talvez... Poderia ser Fulano... Ou Beltrano? Ou...?

Uma coisa era certa: se o Filho de Deus estivesse disfarçado, não era provável que o reconhecessem. Então todos começaram a se tratar com respeito e consideração. "Você nunca sabe", todos pensavam ao lidar com outro monge, "talvez seja esse..."

O resultado foi que o mosteiro recuperou sua antiga atmosfera de alegria transbordante. Logo, dezenas de candidatos voltaram a pedir para serem admitidos na Ordem e, na capela, ressoou o júbilo dos monges, radiante com o espírito do Amor” (Anthony de Mello).

TESTEMUNHO... DESDE O CÉU E MUITO PRESENTE NA TERRA

No momento da coleta desses depoimentos, as notícias da marcha para a Casa do Pai de uma irmã da Fraternidade de Itaka - Emaús em Bilbao, de Mari Tere... e, alguns dias depois, do jovem religioso Jean Luc em Belo Horizonte. Lá, no céu, cresce a Fraternidade das Escolas Pias, começando pelo próprio Calasanz, com tantos religiosos escolápios que deram a vida em resposta ao chamado do Senhor para cuidar de crianças, adolescentes, jovens e pobres, através da educação cristã transformadora. Já existem muitos irmãos e irmãs da Fraternidade, alguns religiosos e leigos, e dali continuam participando de nossas celebrações, reuniões, encontros... É impossível mencionar todos os nomes, mas sabemos que seus nomes estão escritos no céu.

Sabemos que, quando for a nossa vez de dar o passo, eles estarão esperando por nós e nos convidando para aquele encontro definitivo com o Senhor e com a Fraternidade definitiva.

Por esse motivo, pedimos ao Senhor e a todos os santos que estão com Ele, que nos acompanhem, intercedam por nós, aumentem nossa fé e nossa disponibilidade para aproximar o céu da terra.

QUÃO DIFÍCIL É O PERDÃO!

Havia um rei que tinha três filhos. Ele também tinha muitas riquezas. Especialmente um brilhante de valor extraordinário, admirado em todo o mundo. Para quem seria esse brilhante no momento de distribuir a herança? O pai deles os testou. Seria para quem realizasse o maior feito no dia marcado... Quando a noite chegou, cada um relatou os eventos do dia.

O mais velho havia matado um dragão que espalhou pânico por todo o reino. O segundo venceu dez homens bem armados com uma pequena adaga. O terceiro disse: "Saí hoje de manhã e encontrei meu maior inimigo dormindo na beira de um penhasco... e deixei que ele continuasse dormindo".

Então o rei se levantou do trono, abraçou o filho mais novo e entregou-lhe o brilhante (Manuel Sánchez Monge. "Parábolas como dardos", p. 116)

39. Felizes na Fraternidade

Toda pessoa deseja a felicidade e tenta encontrá-la através de múltiplos caminhos, nem sempre corretos, para encontrá-la por si mesma, pelas pessoas próximas a ela e por toda a humanidade.

A Fraternidade é uma proposta de felicidade em todas as áreas. Pessoalmente, porque é um lugar privilegiado para amar e sentir-se amado, para ser útil, para dar sentido à vida, para encontrar o Senhor da vida e viver plenamente.

Em uma cultura de suspeita, ou pelo menos de dúvida, que ajudou a humanidade a avançar tanto, também enfrentamos um sério problema em encontrar essa felicidade. A confiança da pessoa como centro do universo e rei da criação está desmoronando e pode nos deixar com um sentimento de vazio e infelicidade. A Terra e seus habitantes não são o centro do universo, mas apenas um pequeno planeta em torno de uma pequena estrela em uma galáxia não muito importante (Copérnico). O homem é apenas outro animal, muito parecido com os outros e talvez apenas mais um elo na evolução das espécies, que pode desaparecer sem afetar a natureza (Darwin). A suposta inteligência das pessoas é muito limitada e o comportamento é condicionado às realidades sociais e políticas (Marx) e a um inconsciente que é muito mais influente que a racionalidade (Freud). A própria ideia de Deus como um pai amoroso pode ser um desejo e uma projeção de nós mesmos sem qualquer fundamento real (Feuerbach). Misericórdia e solidariedade humana podem ser uma fraqueza que vai contra a mesma história e natureza (Nietzsche). Talvez a vida de cada pessoa seja completamente indiferente aos outros e ao curso do universo. Em meio a tanta incerteza, como você encontra a felicidade e uma vida cheia de significado? É apenas o prazer imediato, a evasão das grandes questões?

É interessante a contribuição de Yuval Noah Harari em seus livros e principalmente no que fala sobre o futuro, "Homo Deus". Nele, afirma que os desafios da humanidade até o século XX foram o fome, a praga e a guerra. No século XX, a possibilidade de acabar com esses três desafios foi alcançada. Isso não significa que eles não estão mais ocorrendo hoje com muito sofrimento e injustiça para milhões de pessoas, mas que eles já poderiam ser evitados e, de fato, estão sendo reduzidos. Hoje, temos possibilidades de alimentos e produção para alimentar toda a humanidade, mesmo que não o façamos. Hoje as doenças estão sendo controladas e as formas de cura estão sendo descobertas, embora ainda estejam reservadas para aqueles que podem pagar por elas. Hoje, a comunidade internacional pode parar as guerras, ou pelo menos reduzi-las bastante, mesmo se ainda houver muitos interesses que impedem que isso aconteça.

Os desafios para o futuro, segundo esse autor, são três: a imortalidade, a felicidade e ser deuses. Na agenda atual, está a imortalidade, vivendo mais, muito mais. Todos os anos, aumentamos a expectativa de vida da humanidade e sobretudo dos mais ricos. Obviamente, isso traz problemas que precisam ser resolvidos: maiores gastos e dificuldades de apoio, problemas de convivência... A felicidade é entendida como um direito e isso implica evitar a dor, tornar o prazer mais acessível, usar drogas legais que nos libertam de ansiedades e do sofrimento... Ser como deuses parece, todos os dias, uma possibilidade mais real com modificação genética, tecnologia aplicada e incorporada ao próprio corpo humano, dando-lhe novas faculdades... Cada um desses horizontes é cheio de possibilidades e também de novos problemas éticos, de coexistência, de limites, que precisamos abordar com uma perspectiva ampla e com bom discernimento.

As imensas possibilidades da tecnologia também podem eliminar gradualmente nossa liberdade. Hoje, as redes sociais e as informações de nossos canais de comunicação podem nos conhecer melhor do que nós, controlando o que vemos, o que compramos, o que escolhemos... Eles podem até escolher, usando algoritmos cada vez mais sofisticados, nosso parceiro, nossos amigos, nossa profissão, nosso plano de férias melhor do que nós. Não é apenas que "alguma mão negra" nos controla, mas que podemos dispensar qualquer escolha, para que "o computador" seja quem escolhe para nós a certeza de que será mais bem-sucedido do que nós.

Cientes dessas abordagens e das questões que surgem, estando bem integrados à nossa sociedade, continuamos a apresentar a proposta cristã, vida compartilhada em uma pequena comunidade cristã, como o caminho que pode nos guiar na vida atual e futura.

As bem-aventuranças são a proposta de felicidade que Jesus nos oferece: felizes são aqueles que têm o coração dos pobres, que sabem olhar com olhos limpos, que trabalham pela paz, que têm fome e sede de justiça, que têm misericórdia...

As bem-aventuranças são a carteira de identidade do cristão, seus genes... sempre terão que estar constantemente vigilantes para ganhar espaço em suas próprias vidas, na comunidade e no ambiente em que nos encontramos.

O mandamento do amor, a entrega da vida em favor dos outros, a descoberta do Pai que nos ama, a amizade de Jesus vivo ao nosso lado, a Fraternidade que nutre nossa fé e compromisso, a formação adequada sempre em contraste com os valores do evangelho, o compromisso de construir um mundo melhor para todos, são os pedaços de uma felicidade que já pode ser concretizada em nosso meio.

TESTEMUNHO RELIGIOSO DA VIDA INSTITUCIONAL

Em uma reunião de comunidades de base em Madri, foram reunidas diferentes experiências de vida comunitária. Cada membro de uma dessas realidades apresentou seu testemunho para riqueza de todos.

O assunto ganhou intensidade quando um dos participantes comentou que em sua comunidade haviam decidido compartilhar todos os bens da comunidade, que cada um compartilhava todo o salário que possuía pela vida da comunidade. Isso chamou muita atenção e eles perguntaram mais intensamente como isso era possível.

Ele continuou dizendo que eles haviam pedido a um deles que deixasse seu emprego profissional para se colocar ao serviço exclusivo da dedicação social da comunidade. Estava ficando cada vez mais surpreendente e as perguntas continuavam!

Os mencionados acima apresentaram que pensavam que a melhor maneira era morar no mesmo apartamento, onde poderiam compartilhar um momento de oração todos os dias, onde podiam comunicar o que estavam experimentando e juntos pensar em como continuar agindo para melhorar o bairro e sua própria vida. Viver em comum? Isso foi muito novo e ousado.

Diante de inúmeras perguntas, ele continuou explicando que todos os membros da comunidade haviam decidido viver celibatários para ter mais disponibilidade de ação, colocar todo o coração na comunidade e em compromisso social. Isso já parecia extraordinário! Como isso poderia ser? À medida que a exposição prosseguia, tudo foi esclarecido, dizendo que eram religiosos.

“Ah, é claro, não tem mais mérito!”, foi o comentário de um deles... até que perceberam como tinham esse sinal diante de seus olhos e já não estavam dando valor a ele.

Isso também acontece entre nós?

DIZER COMUNIDADE

Dizer comunidade é dizer um caminho compartilhado, uma multidão de mãos que se unem para, entre todas, fazer a marcha mais leve, abraçar olhares que buscam buscar, unidos, o olhar d'Aquele que nos deu vida. É compartilhar, a vida entrelaçada, é reunir sob as mesmas esperanças as diferenças que assim não nos separam.

Dizer comunidade é falar de um projeto comum, sonhos compartilhados, caminhos acompanhados. É pensar no outro e no melhor para o outro e pensar, juntos, no melhor de nós para todos os outros. É encorajar com uma tapinha no ombro, é corrigir sem medo de raiva. É encorajador crescer juntos pouco a pouco.

Dizer comunidade é falar de abertura e dedicação, serviço aos outros, aprender a se doar, generosos. É compartilhar a vida de Deus, fonte de vida, de esperança e amor.

Dizer comunidade é unidade comum de critérios verdadeiros (os do Evangelho), de opções corajosas (as de Jesus), de desafios ousados (os do Reino em andamento).

Dizer comunidade é o encontro de muitos que, encorajados pelo Espírito, procuram clamar a Deus: aqui estamos, Senhor, unidos e no caminho de fazer seu Reino crescer onde você possa pedir. Amém.

VII. PARA SEGUIR A VIDA DA FRATERNIDADE

"Vão e façam de todos os povos meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a cumprir tudo o que lhes ordenei. E eu sempre estarei com vocês até o fim do mundo" (Mateus 28, 19-20).

A Fraternidade é uma realidade viva, muito variável, sempre a caminho. Por esse motivo, também é necessário ter alguma orientação para poder seguir a vida da Fraternidade das Escolas Pias.

40. Situação atual da Fraternidade

A Fraternidade está em um momento de crescimento, geograficamente (novos países e localidades) e o número de membros em cada lugar. E também, pouco a pouco, na identidade escolápia como um novo sujeito que, juntamente com a Ordem, deve assumir o carisma de Calasanz em nosso mundo.

No final de 2019, temos 11 Demarcações (das vinte existentes) com a Fraternidade em andamento. Existem cerca de mil pessoas, das quais 900 são homens e mulheres leigos, e cerca de cem são religiosos, com uma clara tendência a uma participação progressiva e maior dos religiosos. No estágio de discernimento da Fraternidade, podemos contar com mais 200 pessoas.

A idade média dos membros da Fraternidade é de pouco mais de 40 anos e inclui todas as faixas etárias, desde a mais jovem com cerca de 24 anos até a idade mais velha de 80 anos ou mais. A porcentagem de gênero é muito igual: o número de religiosos ajuda a equilibrar essa proporção.

Pouco mais da metade trabalha profissionalmente em obras escolápias (colégios, centros sociais, paróquias, projetos de Itaka – Escolápios...) e praticamente todos colaboram voluntariamente na missão escolápia.

A contribuição financeira das Fraternidades, algumas têm como critério contribuir com 10% da renda pessoal para a missão escolápia através da Rede Itaka - Escolápios, é um compromisso de grande valor também para o apoio às obras e projetos escolápios.

A situação das Fraternidades é diversa, dependendo sobretudo dos anos de funcionamento (alguns já existem há 25 anos e outros ainda estão começando), do procedimento de novas convocações (aqueles que já vincularam os processos do Movimento Calasanz à Fraternidade estão crescendo cada vez mais) e com a clara identidade escolápia da Fraternidade, que depende muito do processo formativo anterior. Outros elementos também influenciam o bom progresso da Fraternidade: o envolvimento conjunto dos religiosos e da Província, a participação na Rede Itaka - Escolápios que oferece à Fraternidade muito mais possibilidades, os passos que estão dando os membros da Fraternidade (Opção definitiva, compromissos pessoais, experiência de cada pequena comunidade, envios, ministérios, encomendas...).

A Fraternidade está possibilitando e dando maior impulso a iniciativas de grande interesse para a vida escolápia: envios a outros países e localidades para promover a vida e a missão com os religiosos, comunidades conjuntas que permitem novos horizontes, ministérios confiados aos leigos com garantia de continuidade, o desenvolvimento da vocação do escolápio leigo... e contribuindo com muita dedicação, muito conhecimento, muita vida.

O Conselho da Fraternidade Geral já está em terceiro relevo, que consolida um funcionamento mais compartilhado de todas as Fraternidades e está descobrindo a necessidade de um maior impacto desse Conselho na vida de cada Fraternidade.

O material disponível já é bastante considerável, tanto em documentos comuns quanto em bibliografia, planos de formação, iniciativas que estão sendo divulgadas, informações nas redes sociais e no site da Fraternidade, contatos formais e informais como resultado dos momentos do encontro...

No momento, não é possível apresentar uma visão geral que valha por alguns anos, devido às grandes mudanças que estão ocorrendo. Mas, é possível prever, se essa linha continuar, um crescimento importante da Fraternidade e uma maior identidade como sujeito escolápio adulto que, juntamente com a Ordem, pode proporcionar um salto qualitativo na vida e na missão das Escolas Pias.

Para ter informações atualizadas, será necessário recorrer aos Conselhos Gerais e Demarcacionais, além de permanecer conectado à página www.escolapios21.org e às redes sociais.

TESTEMUNHO DESDE A COLÔMBIA (NAZARET)

A Fraternidade, uma experiência progressiva

A experiência da Fraternidade das Escolas Pias tem uma história que remonta décadas. História que passou das intuições às certezas. De algo em busca a algo verdadeiro e vivo.

Em mim, marcadamente desde 1995, no primeiro Capítulo Provincial da Colômbia e no Vicariato do Equador, em Cuenca, quando eu estava encarregado da "questão dos leigos" e tentei coletar as experiências daqueles que já se chamavam "Fraternidade" em Pereira, Cúcuta, Cuenca, Saraguro e outras cidades da Província e do Vicariato. Apostar pelo folheto verde que tinha uma pequena árvore com um novo galho. Um secretariado que acredita profundamente no assunto e se compromete a dar do próprio bolso, com alegria, regularidade, entusiasmo, nos tornamos itinerantes, incentivando as comunidades.

O panorama foi esclarecido com o Projeto Institucional dos Leigos de um Capítulo Geral e depois com o Diretório dos Leigos, emanado da Congregação Geral, mas todos baseados em experiências de vida.

Experiências vivas que mais tarde aumentaram em universalidade, como Assistente Geral, como na antiga Emaús, Brasil, Venezuela, México, Califórnia... me fizeram crescer a força, a vida e o horizonte da Fraternidade.

Chegou a hora de relançar na Província de Nazaré o que se chamava "Missão Compartilhada e Integração Carismática", em suas modalidades, passando por todas as presenças, com um secretariado reflexiva, atuante, orador, comprometido e entusiasta que aticou a cooperação e que ele deixou a aspiração a "algo mais" em leigos e religiosos.

O "algo mais" estava se tornando realidade em pequenas comunidades. Essa "outra coisa", vivida em pequenas comunidades, ganhou força, mesmo quando o Provincial nos chamou para iniciar a Fraternidade na Província. Comunidades que foram chamadas primeiramente de missão compartilhada, depois da pré-fraternidade e hoje do Movimento Calasanz Adulto ou Fraternidade, falando propriamente.

Começamos a convocar discernimento para a Fraternidade, refazendo as dez fichas de Betânia e transformando-as em vinte fichas de discernimento, com fios inicianos, cada um com textos bíblicos e escritos calasanzianos. Um forte movimento de acompanhamento começou, de discernimento. As primeiras promessas. Hoje, sem pressa e sem pausa, temos 50 membros e somos um Conselho ativo e comprometido da Fraternidade, com membros da Colômbia e do Equador.

Preciosa e inigualável a experiência de viver em uma comunidade da Fraternidade, onde são compartilhadas as experiências, as experiências da fé, a Lectio Divina, a revisão da vida, a avaliação da missão comum e a celebração. É maravilhoso ver como a própria casa comum se expande e a paixão pela consagração e missão cresce.

Pe. Diego Bernal, Fraternidade de Nazaré

REUNIDOS EM SEU NOME

Senhor Jesus, nos reunimos em seu nome e sabemos pela fé
que você está em nosso meio para nos ensinar como mestre,
para nos curar como médico, para nos guiar como pastor,
amar um ao outro como um irmão.

Torne-nos sensíveis à ação do seu Espírito que constrói e incentiva nossa comunidade.

Que não fugimos das tensões que possam surgir entre nós
mas conseguimos vencê-los desde o Evangelho, a fé e o diálogo aberto e confiante.

Nos dê a coragem de enfrentar nossa própria verdade.

Não caiamos na tentação de confundir paz com evasão,
fidelidade com rigidez, franqueza com agressividade,
o diálogo com o palavreado, a compressão com a fuga dos problemas,
benevolência com falta de radicalismo.

Senhor, torne nossa reunião frutífera

e que, no final da reunião, não tenhamos mais nada além de amor.

Que nossa Fraternidade continue crescendo

até que tenhamos apenas um coração e uma alma,
até que nos amemos como você nos amou.

41. Momentos especialmente significativos

Coletamos como parte da história e da atualidade algumas mensagens particularmente significativas do Conselho da Fraternidade Geral. São textos curtos e densos que dão consistência à Fraternidade e moldam a todos nós.

1. Peralta de la Sal. 2014. Carta aberta aos que formam as Escolas Pias.

Caros religiosos escolápios, membros da Fraternidade escolápia, pessoas que compartilham a missão escolápia e colaboradores:

Durante a última semana de julho, realizamos em Peralta de la Sal, sob a presidência do Pe. Geral, a I Assembleia da Fraternidade Geral e a Reunião de Responsáveis pela Integração Carismática e Missão Compartilhada da Ordem.

A primeira coisa que queremos comunicar a vocês é a nossa alegria e felicidade. Foram alguns dias de intensa reflexão, trabalho e, também, uma profunda experiência de comunhão. Atualmente, nos familiarizamos melhor com os esforços que muitos religiosos e leigos escolápios estão fazendo em todo o mundo para fortalecer o sujeito escolápio que realiza nossa missão, onde quer que o Espírito nos chame.

Constatamos, com alegria, que milhares de pessoas, religiosas, leigos e leigas receberam de Deus o dom e a tarefa de seguir a Jesus Cristo, continuando a missão de José de Calasanz, cada um de acordo com sua vocação específica. Muitas pessoas fazem isso em conjunto com os religiosos escolápios, pertencendo a uma das nove Fraternidades escolápias que hoje existem nas Demarcações da Ordem. Outras o fazem com o desejo de compartilhar a missão escolápia e colaborar em várias plataformas educativas formais e não formais, de acordo com as modalidades do Projeto Institucional para o Laicato, lançado pela Ordem dezoito anos atrás.

Estamos felizes que o testemunho de fé e perseverança que tantos religiosos escolápios deram ao longo da história tenha produzido frutos abundantes e diversos em todo o mundo. Além das vocações religiosas escolápias necessárias, surgiram muitas vocações escolápias em pessoas que querem ser seguidores de Calasanz por sua própria vocação leiga.

Desse modo, descobrimos que as Escolas Pias, que assumem a tarefa confiada por Deus e pela Igreja ao nosso Fundador, hoje estão formadas por uma Ordem centenária que continua a se recriar em novos lugares, juntamente com uma Fraternidade que, mesmo dando seus primeiros passos, quer contribuir o melhor de si para unir forças sempre que necessário, assim como muitas pessoas que compartilham a missão e colaboram conosco no que é comum a todos: a convicção de que encontramos o mesmo Deus em meninas e meninos, especialmente nos mais necessitados, quando nos tornamos seus instrumentos para lhes trazer amor e futuro. Essa comunhão, que é promovida por cada Capítulo Geral desde o Concílio, é sem dúvida a graça de Deus, mas foi forjada tenazmente ao longo desses anos por numerosos religiosos, leigas e leigos que a tornaram sua própria vocação.

Após essa Primeira Assembleia, o Conselho Geral eleito da Fraternidade, juntamente com o Secretariado Geral de Integração Carismática e Missão Compartilhada, assume, pelos próximos seis anos, a tarefa de aprofundar o caminho percorrido. Para isso, deve ser formado como uma equipe que possa acompanhar as Fraternidades emergentes, além de ser uma interlocução válida da Congregação Geral e dos Secretariados Gerais para promover nosso projeto comum.

Nesse sentido, existem várias áreas em que essa colaboração é necessária e pode ser muito proveitosa: é necessário continuar difundindo o conhecimento das opções da Ordem e de seu Projeto Institucional do Laicato entre todos os religiosos e leigos interessados em compartilhar nossa missão. É necessário projetar e desenvolver juntos processos de formação na chave de identidade escolápia para religiosos e leigos, nos quais as chaves desse projeto comum aparecem claramente.

A proposta de definir em conjunto, sempre que possível, projetos de presença escolápia nos quais o papel das comunidades religiosas, da Fraternidade, das equipes de missão compartilhada e das várias plataformas da missão pode ser uma maneira de colocar em prática os desejos de comunhão que são propostos.

Nesses projetos de presença escolápia, o horizonte de formar, em todos os lugares em que estamos presentes, uma Comunidade cristã escolápia, com as comunidades religiosas e a Fraternidade no centro, onde há espaço para todos

pessoas que desejam compartilhar e celebrar sua fé na Eucaristia, onde os processos pastorais, especialmente do Movimento Calasanz, veem sua saída natural, onde os jovens que consideram sua vocação religiosa e a pertença à Fraternidade podem ter um espaço para crescer vocacionalmente, onde os ministérios escolápios necessários possam ser criados para o melhor desenvolvimento de nossa missão....

Nessa semana de encontro, também verificamos o alcance da Fundação Itaka – Escolápios como uma conquista concreta da missão institucional compartilhada entre a Ordem e a Fraternidade. Estamos convencidos de que essa plataforma está dando bons frutos em nosso esforço compartilhado de aumentar a presença e missão escolápia em todo o mundo. Da mesma forma, notamos a importância da implementação do Movimento Calasanz em muitos lugares. Essa proposta da Ordem está possibilitando a configuração de processos pastorais completos, oferecendo a crianças, jovens e adultos uma inserção na Igreja com uma identidade escolápia.

Continuar a construir essas Escolas Pias na chave da comunhão é tarefa de todos. Essa I Assembleia da Fraternidade Geral foi um passo significativo, mas é necessário continuar trabalhando e nos comprometendo com este projeto empolgante.

Não queremos terminar sem apreciar o trabalho e a dedicação do Conselho Geral Provisório nos últimos anos, que, entre outras realizações, tornaram possível a realização desta Primeira Assembleia.

Colocamos nossos sonhos nas mãos de Deus e pedimos que Calasanz continue a apontar o caminho para nós e que Maria, nossa Mãe, sempre nos acompanhe e nos proteja. Assim seja (Peralta de la Sal, 31 de julho de 2014).

2. Esztergom (Hungria) 2015. Comunicação do Conselho Geral da Fraternidade das Escolas Pias ao 47º Capítulo Geral

Prezado Padre Geral, queridos membros do 47º Capítulo Geral, queridos irmãos e irmãs convidados:

A primeira coisa é saudar e agradecer, desde o Conselho Geral, a todos os membros da Fraternidade das Escolas Pias, que hoje dirigem com carinho seus pensamentos e orações para este Capítulo Geral.

Não é a primeira vez que alguns leigos participam de um Capítulo Geral para transmitir nossas experiências e sonhos, nossos pedidos e até medos. Exatamente 30 anos atrás, no Capítulo Geral de 1985 em Salamanca, dois irmãos que hoje pertencem à Fraternidade contaram aos capitulares o início dessa caminhada.

É a primeira vez, no entanto, que falamos em nome da Fraternidade Geral das Escolas Pias. Acreditamos que este é um marco histórico e um sinal claro de que a Ordem está avançando com um passo firme no caminho que os sucessivos Capítulos Gerais marcam há muitos anos. Pode ser um bom momento para lembrar tantas pessoas, religiosas, leigos e leigas, que, por sua intuição, às vezes, não muito bem compreendidas, seu testemunho e seu trabalho em todos esses anos, tornaram possível chegar aonde estamos hoje, neste caminho compartilhado entre duas vocações escolápias diferentes, mas chamadas para o mesmo sonho.

Na sessão de ontem, apresentamos nossa realidade em números e nosso alcance nos mapas escolápios. Ainda somos uma realidade incipiente e nossos números são um reconhecimento do que ainda falta ser uma entidade escolápia enraizada, ampliada e significativa em toda a Ordem. Estamos cientes de nossa pequenez, mas não estamos menos convencidos de que carregamos e apresentamos a vocês, neste Capítulo, um pequeno tesouro. A experiência que estamos tendo nos indica que, onde a Fraternidade escolápia está alcançando uma realidade escolápia significativa e bem localizada na Demarcação, começa uma mudança no modo de entender as Escolas Pias, que abre novos caminhos para o objetivo geral da revitalização.

Fazemos esse reconhecimento sem vergonha diante de vocês, também convencidos a fazê-lo diante daqueles que sabem reconhecer no pequeno e no humilde, como na mais humilde das sementes, ou na menor moeda, as árvores mais frondosas e os mais preciosos tesouros.

Lembramos, novamente na última Páscoa, em uma cadeia que nunca foi quebrada desde que, como o apóstolo Pedro, no primeiro sermão da comunidade em missão, se lembrou do profeta Joel: *“e seus filhos e suas filhas profetizarão, seus jovens eles terão visões, e seus anciãos sonharão sonhos”* (Atos 2.17)... O sucessor de Pedro, Francisco, pede que sejamos uma Igreja profética na saída e busquemos um estilo de vida profético (Laudato si. n. 222. Francisco 2015). Por sua parte, o Pe. Pedro Aguado, em sua última “carta aos irmãos” antes do Capítulo, lembrou-nos a urgência das profecias hoje. O chamado à profecia ecoa de todos os cantos.

Nesse sentido, dois anos depois de ter sido premiado por seu amigo João Paulo II e um ano antes da morte de ambos, o filósofo cristão Paul Ricoeur incluiu “a capacidade de prometer” entre os elementos que moldam seu conceito de identidade narrativa (Tornar-se capaz, ser reconhecido. “Paul Ricoeur, 2004). De acordo com esse

conceito, muito brevemente, as pessoas são o que dizemos e o que narramos que somos, o que outros de nós dizem, o que fazemos, o que assumimos a responsabilidade por ter feito e o que projetamos e prometemos que faremos. Partindo dessa ideia de incluir em nossa identidade o que ainda não somos, mas queremos ser, entendemos a urgência da profecia que nós, cristãos, somos solicitados em geral nesta hora que tivemos que viver, nós como Fraternidade escolápia, e também àqueles que encontramos neste Capítulo Geral.

Dissemos a vocês o que dizemos que somos e o que fazemos, vocês já ouviram o que dizem sobre nós, mas hoje também queremos lhes dizer o que queremos ser. Estejam cientes de que esse fato, e por essa mesma razão, também compromete aqueles que ouvem. Como vocês devem ter notado, todas as características da identidade narrativa que Ricoeur propõe são necessariamente comunitárias, requerem reciprocidade. Ao contrário das antropologias individualistas dominantes, a antropologia subjacente a esse modelo de raízes bíblicas e cristãs contempla a necessidade de uma identidade como um processo de partida e encontro com outras pessoas, onde dizer e contar, fazer, assumir responsabilidades e prometer, apenas tem sentido se é ante dos outros, pelos outros ou com outros semelhantes e, finalmente, ante o Totalmente Outro.

No caso da capacidade de projetar e prometer, os outros significativos, a comunidade, assumem o papel insubstituível de testemunha da promessa. Não há promessa válida se não houver quem a receba, mas também se não houver quem a testemunhe. Quem recebe e aceita uma promessa está comprometido, e quem a testemunha também. Gostaríamos que disséssemos hoje como um projeto e uma promessa foram recebidos e aceitos por Deus e que vocês são nossas testemunhas. Nesse caso, este será nosso compromisso e nossa profecia, para que assim possamos ser os anciãos esperançosos que sonham, os jovens com capacidade de ver além do imediato e os filhos e filhas de Deus capazes de profetizar um Novo Céu e uma nova terra.

1. Sonhamos com umas Escolas Pias fiéis à intuição original de Calasanz. Estamos convencidos de que a Fraternidade escolápia, como a Ordem, existe para a Missão escolápia, e por isso sonhamos em ser participantes dessa história de fidelidade.
 - a. Vemos a extraordinária tarefa que realizamos em nossos colégios, acompanhando as crianças em seu processo de tornarem-se pessoas e suas famílias, que confiam tanto em nós, e fornecendo às nações onde estamos inseridos um tesouro indiscutível para o seu futuro.
 - b. Vemos um enorme esforço da Ordem para manter e expandir presenças centenárias e, ao mesmo tempo, abrir-se a novas necessidades e tornar-se mais presente entre os mais pobres do mundo.
 - c. Vemos que, nesse esforço, é necessário buscar a maior coalizão possível de vontades que nos permita atender a todas as necessidades que esse crescimento missionário está descobrindo para nós: novas comunidades, novas casas de acolhimento e formação, novas escolas, novos centros de educação não formal..., são requisitos que, ao mesmo tempo, podem tornar-se apelos à mobilização e colaboração de muitas pessoas sensíveis que estão em sintonia com a missão escolápia.
 - d. Vemos que a experiência de missão compartilhada que desenvolvemos pessoal e institucionalmente através de Itaka - Escolápios e outras organizações irmãs é um modelo que permite, ao possibilitar a proposta de maior corresponsabilidade na construção das Escolas Pias, canalizar a vocação e o esforço pessoal, voluntário, profissional e também financeiro dos membros da Fraternidade e de muitos leigos que desejam colocar seus grãos de areia neste crescimento das Escolas Pias.
 - e. Nesse sentido, a Fraternidade das Escolas Pias se compromete a contribuir com tudo em nossas mãos nesse esforço missionário, redobrando nosso compromisso institucional em Itaka - Escolápios, promovendo projetos escolápios sempre que necessário, incentivando o envolvimento voluntário neles de nossos membros, além de exigir fidelidade ao compromisso financeiro assumido por cada membro em apoio à missão escolápia.
 - f. Prometemos formar pessoas de nossas comunidades, a quem podemos enviar um tempo para onde é mais necessário, de acordo com o perfil e as necessidades determinadas pelos Superiores correspondentes.
 - g. Comprometemo-nos a eleger e formar alguns de nossos membros para confiar a eles, juntamente com os Superiores Maiores, os ministérios escolápios nos campos da educação, evangelização e transformação social, para que, durante o tempo determinado, apoiem significativamente a missão escolápia.

2. Sonhamos com umas Escolas Pias compostas por diversas pessoas, religiosos e leigos, homens e mulheres, velhos e jovens, com uma identidade escolápia inequívoca.
 - a. Vemos a prioridade que a Ordem definiu para trabalhar pelo surgimento e acompanhamento de novas vocações religiosas em todo o mundo e nos sentimos especialmente comprometidos com essa prioridade. A Fraternidade das Escolas Pias não existiria sem o sinal da vida religiosa escolápia, pois é fruto de sua eficiência atraindo outros a seguir Jesus no caminho de Calasanz.
 - b. Vemos também a caminhada exemplar da Ordem, refletida em suas reflexões e documentos, e realizada em inúmeros lugares, em busca de um caminho conjunto para compartilhar com os leigos e leigas o seu próprio tesouro. Humildemente, mas também claramente, devemos nos orgulhar do caminho percorrido, ousado, mas paciente, no estilo de nosso Fundador, que nos trouxe aqui.
 - c. Vemos em nossas comunidades da Fraternidade um grande esforço para nutrir sua identidade escolápia com uma formação exigente, um compromisso significativo com a missão escolápia e, acima de tudo, uma vida espiritual cada vez mais enraizada na leitura calasância do Evangelho de Jesus Cristo e forjada em o contraste fraterno da comunidade.
 - d. Vemos em muitos religiosos e leigos um desejo sincero de avançar no caminho de compartilhar a riqueza que cada vocação escolápia pode trazer: compartilhar experiências formativas, responsabilidades na missão confiada, momentos de oração e celebração, alguns elementos da vida comunitária...
 - e. A Fraternidade das Escolas Pias compromete-se a se envolver como prioridade na sementeira e acompanhamento de novas vocações escolápias, especialmente participando do Movimento Calasanz, propondo à vida religiosa escolápia e à Fraternidade como ofertas completas para suas vidas e fundação das Comunidades cristãs escolápias que, ao redor da Eucaristia, são o sinal da unidade de que nosso mundo precisa.
 - f. Renovamos o compromisso de nos formar na chave da identidade escolápia, aproximando-nos da figura de nosso Santo Calasanz, descobrindo o que seu exemplo espiritual e vital também pode contribuir para a vocação leiga escolápia.
 - g. Comprometemo-nos a facilitar para a Fraternidade mais experiências de compartilhar esse caminho entre religiosos e leigos, que além de enriquecerem as pessoas que participam, acreditamos que são extremamente esclarecedoras para o futuro das Escolas Pias: participação dos religiosos nas comunidades da Fraternidade, comunidades escolápias conjuntas de religiosos e leigos, algumas até compartilhando espaço de vida, escolápios leigos com laços jurídicos com a Ordem...
3. Sonhamos com presenças escolápias nas quais as comunidades religiosas e de Fraternidade assumem juntas a tarefa de promover a missão escolápia em termos de complementaridade (Cf. Christifideles laici, n.20 João Paulo II. 1988) e reciprocidade, reconhecendo a responsabilidade e a contribuição específica de cada um, formando uma Comunidade cristã escolápia que é um sinal escolápico de unidade.
 - a. Vemos a magnífica oportunidade que temos de formar uma Fraternidade escolápia intimamente ligada à Ordem, compartilhando com ela os elementos fundamentais do carisma escolápico.
 - b. Vemos a necessidade de assumir responsabilidades em muitos lugares, para dar nossa contribuição para revitalizar a presença escolápia, sendo comunidades significativas e fiéis à vocação recebida.
 - c. Vemos que a Ordem avança em seu próprio entendimento em termos de Presença escolápia, assumindo a necessidade de projetar coerentemente o avanço de toda a estrutura escolápia de cada lugar.
 - d. Temos o compromisso de promover um estilo de Fraternidade com as comunidades cristãs adultas, mas firmemente enraizadas no carisma escolápico, sempre atento às necessidades da presença escolápia onde estão inseridas.
 - e. Comprometemo-nos a participar de bom grado da reflexão e concreção que a Ordem faz sobre os estilos e modelos comunitários necessários em todos os momentos e em cada contexto cultural, social e eclesial.

- f. Comprometemo-nos a participar, nos lugares em que estamos presentes, nos projetos de presença escolápi, assumindo nosso papel em sua concepção, desenvolvimento e avaliação, tendo consciência da responsabilidade pessoal e institucional que isso implica.

Como vocês podem ver, simplesmente compartilhamos o que somos e o que queremos ser com vocês, porque queremos fazer parte desse sonho que é a Escola Pias. Estamos cientes da seriedade das abordagens que fazemos e do compromisso que assumimos ao fazê-lo neste fórum. Estamos convencidos de que a presença da Fraternidade escolápi na Demarcação é um passo importante que pode abrir caminho à uma maneira nova e muito rica de entender as Escolas Pias, possibilitando um salto qualitativo na direção que os últimos Capítulos Gerais marcaram.

Esperamos que o que dissemos também tenha despertado o desejo de sonhar juntos. Nós estamos prontos. Obrigado novamente por nos permitir estar aqui e compartilhar esses dias com vocês.

Um abraço fraterno do Conselho Geral da Fraternidade das Escolas Pias.

3. Roma, 27 de novembro de 2016. Cerimônia de abertura do Ano do Jubilar Calasancio. Construir juntos as Escolas Pias.

Uma metáfora sem dúvida muito sugestiva é proposta como o título dessa pequena contribuição. "Construir juntos as Escolas Pias." O verbo construir é um verbo poderoso. Além de seu som, pelo menos em espanhol, é verdade também, porque sugere uma ação planejada, contínua e energética, com o objetivo de criar algo sólido, com uma vocação para resistir. Não podemos falar sobre construir algo da noite para o dia, ou fazê-lo com materiais frágeis, ou com a perspectiva de ser levado pela primeira tempestade de verão. O Evangelho nos lembra da importância de edificar sobre a rocha para a casa durar e até as histórias das crianças que contamos a nossos filhos e alunos que salvam do perigo aqueles que constroem sua casa com materiais sólidos.

Talvez haja quem nos lembre que um verbo tão ligado à experiência e à vocação humana corre o risco de esquecer que a construção das Escolas Pias não é apenas uma questão de esforço e sucesso humano, mas também a graça do próprio Deus. E o lembrete não é ruim. Mas, para aqueles que acreditam que tudo o que é bom é obra de Deus e, portanto, um presente incondicional do infinito amor de seu Pai, é essencial assumir que todo presente tem uma responsabilidade, uma tarefa. Da mesma forma, para aqueles que seguem alguém que foi um exemplo de tenacidade e paciência como o nosso Santo Calasanz, é inevitável lembrar sempre o que ele costuma nos dizer: nada do que fazemos tem valor sem contar com a graça de Deus. É por isso que, sem dúvida, as Escolas Pias, como uma pequena parte do Reino de Deus que são, só podem ser, ao mesmo tempo, graça e promessa. Presente e projeto. Presente e tarefa.

Construímos as Escolas Pias dia após dia, mas como pedreiros inúteis a serviço do Primeiro Arquiteto. Eu sempre pensei que os escolápios deveriam aprofundar nossa "espiritualidade do andaime". Quem descobriu o tesouro de se dedicar à educação teve que sentir a mesma sensação: acompanhar as crianças desde a mais tenra infância, desde as fundações, para ver como crescem os muros principais de sua personalidade, como alcançam no topo, as torres de sua vocação, do andaime, com energia, mas sempre com cuidado e delicadeza, fornecem o material de construção necessário e, em um momento, retiram-se sem muitas honras, mas felizes por ter contribuído com algo para esse belo edifício que é toda pessoa. A espiritualidade do andaime, parecendo um simples pedreiro a serviço do Grande Arquiteto, que é quem sonha com cada pessoa, é a maneira humilde de quem não espera recompensa, muito menos do que os mestres pedreiros, que tiveram que deixar sua marca nas pedras para poder carregar; é o caminho de quem, depois de deixar a vida no trabalho, não aspira deixar vestígios, mas mantém no coração a alegria de um trabalho bem feito, a admiração pela grandeza do edifício e, ao final do trabalho, descansar o olhar reconfortante do Arquiteto, amoroso e paterno.

Como na época de Calasanz, a construção das Escolas Pias também exige que quem se preocupa com a solidez e a segurança dos andaimes que são nossas obras, que o material de construção nunca falte, continuar chamando mais trabalhadores para essa "muito necessária" Obra. Aqueles que hoje têm a responsabilidade de dirigir as Escolas Pias, visitam nossas presenças como gerentes de construção, com a tarefa insubstituível de ouvir e incentivar aqueles de nós que estão ocupados no trabalho diário de erguer os andaimes escolápios e aqueles que sonham em pertencer algum dia a uma força de trabalho tão entregue. Este ano do Jubileu é também um momento de agradecer a Deus pela vocação e coragem daqueles que sucederam Calasanz nessa tarefa.

Além disso, no andaime, aprendemos que ninguém constrói nada que valha a pena sozinho. O próprio Deus, que se revelou para nós como uma comunidade trinitária e enviou seu Filho, para convocar e formar uma comunidade que

anunciou seu Reino, inspirou Calasanz, há 400 anos, a não descansar reunindo colaboradores que dariam estabilidade às suas escolas.

E, certamente, Calasanz continua convocando. Como obreiros da última hora, a Fraternidade das Escolas Pias juntamente com milhares de colaboradores leigos em todo o mundo, ouviram esse chamado que nos atinge através dos séculos, graças ao testemunho silencioso de tantos escolápios.

Os teólogos dizem que nosso Deus é o Deus que cria espaço consigo mesmo para que o homem possa participar de seu trabalho criativo. Os escolápios, por inspiração do mesmo Espírito, geraram espaço suficiente no seu andaime para que juntos possamos participar do seu trabalho. Como dissemos solenemente em um Capítulo Geral: "Nós, escolápios, religiosos e leigos..." não nos sentimos mais apenas convidados, mas somos chamados a trabalhar naquilo que, cada vez mais, também é nosso andaime, nosso trabalho, nossa missão. E não só espaço no andaime, no trabalho, no cansaço; vocês também compartilharam conosco até os seus tesouros mais preciosos: sua história, sua espiritualidade, seu carisma, até seu lar e sua vida, como São Paulo. É verdade que, às vezes, chegamos com muito barulho, bagunçando tudo, trocando de lugar com todas as ferramentas e colocando tudo perdido. Mas vocês, com a paciência de bons educadores, souberam responder com simpatia, gerando novos espaços, novos nomes, novas narrações que nos ajudam a entender melhor a nós mesmos, a receber esse presente da última hora que são as Escolas Pias de hoje. O último Capítulo Geral consagrou os novos nomes daqueles espaços em que todos, religiosos e leigos, homens e mulheres, casados e celibatários, jovens e idosos, podemos sentir e sentar em circularidade, como em nossa própria casa: o modelo da presença escolápia, a Comunidade cristã escolápia, a própria Fraternidade escolápia, a vocação do escolápio leigo, os ministérios leigos, a missão compartilhada, o Movimento Calasanz, a Fundação Itaka – Escolápios, são os novos andaimes, os novos lugares que, junto com quem sempre foram e serão, permita-nos explicar melhor o que as Escolas Pias são hoje, tão diversas e tão ricas e, acima de tudo, o que elas podem se tornar, com o favor de Deus.

É muito importante que todos entendamos e sintamos que essa novidade não questiona, desfigura ou invalida, muito menos destrói tudo o que as Escolas Pias são e foram nesses 400 anos. Por um lado, esses novos andaimes são o trabalho original e exclusivo, eu diria com algum orgulho, das próprias Escolas Pias, para que não possam questionar sua própria origem. Por outro lado, a Ordem os gera, sem dúvida, para responder melhor aos desafios do presente e do futuro, que continuam condenando milhões de crianças e jovens em todo o mundo ao analfabetismo e à miséria, ou à desesperança dos que não encontram sentido a suas vidas, mesmo vivendo em opulência material. Ele faz isso também para continuar educando e chamando mais jovens a dar a vida como religiosos e sacerdotes, como animadores de comunidades cristãs adultas, como educadores impecáveis, como pais e mães acolhedores, como profissionais de qualquer área, sensíveis à dor dos outros, especialmente da infância e juventude mais vulneráveis, como pessoas solidárias que buscam uma sociedade mais justa que acolhe os pequenos e os pobres, os doentes, os estrangeiros, os maltratados, os excluídos, os refugiados.

A Fraternidade escolápia, juntamente com todos os colaboradores leigos, sente-se grata por ter um lugar na construção das Escolas Pias. Estamos cientes de que uma boa construção precisa, além de andaimes e pedreiros, de um bom cimento. A identidade escolápia é o cimento que garante a solidez de nossa construção.

Não concebemos a identidade escolápia como uma testemunha doadora, como se fosse uma corrida de relevos. Quem entrega a testemunha para, fica sem nada para fazer, permanece vazio, sem motivo para continuar correndo. E a última coisa de que precisamos nas Escolas Pias é que existam aqueles que sentem que não precisam mais fazer, que sua carreira já terminou, que não precisam mais dar mais. Entendemos a identidade escolápia como um tecido colorido no qual todos começamos a tecer juntos, cada um contribuindo com seus próprios fios de identidade, cada um costurando suas próprias peças de tecido vocacional. Na grande história que Calasanz começou há 400 anos, e que hoje são as Escolas Pias, as histórias fundadoras, a história vocacional de cada um de nós, as histórias de vida de cada criança e cada jovem a quem servimos, são fios insubstituíveis que nos fortalecem e eles dão identidade a todos os outros. Ninguém, jovem ou sábio, religioso ou leigo, homem ou mulher, fica nessa tarefa de tecer a identidade escolápia de nossas obras, de dar sentido a tudo o que fazemos, a partir de nossos andaimes.

A construção das Escolas Pias é, hoje mais do que nunca, uma coisa para todos nós. Temos andaimes, pedreiros, diretores de obra e cimento. Contamos, como sempre, com o olhar atento e afetuoso do Primeiro Arquiteto e de nossa Mãe Maria.

Então, vamos construí-lo juntos, vamos celebrá-lo juntos e não vamos esquecer de continuar contando-lo juntos.

Conselho Geral da Fraternidade Escolápia.

4. Roma. Novembro de 2017. Encontro dos Superiores Maiores. Tecendo identidade escolápia da Fraternidade

Quem é guiado na fé pelo Espírito Santo é capaz de discernir em cada evento o que acontece entre Deus e a humanidade, reconhecendo como ele mesmo, no palco dramático deste mundo, está tecendo a trama de uma história de salvação. O fio com o qual essa história sagrada é tecida é a esperança e seu tecelão não é outro senão o Espírito Consolador. ”

"O recurso a imagens e metáforas para comunicar o poder humilde do Reino não é uma maneira de subestimar sua importância e urgência, mas uma maneira misericordiosa de deixar ao ouvinte o" espaço "de liberdade para recebê-lo e até mesmo se referir a si mesmo. Além disso, é a maneira privilegiada de expressar a imensa dignidade do mistério pascal, permitindo que imagens "mais que conceitos" comuniquem a beleza paradoxal da nova vida em Cristo "

"Convido todos a oferecer aos homens e mulheres de nossas narrativas do tempo marcadas pela lógica da 'Boa Nova' (Mensagem do Papa Francisco no 51º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 24-01-2017).

A imagem da identidade pessoal e institucional como tecido elaborado com os fios narrativos da história escolápia de cada pessoa, cada obra, cada presença ou cada Demarcação, fornece um acesso simples e sugestivo a esse importante ideia, que, às vezes, é difícil de explicar e definir, ainda mais se tentarmos fazê-lo em diferentes idiomas e em diferentes registros culturais. Um tecido sugere, quase universalmente, trabalho, elaboração, processo, tradição, virtuosismo, sabedoria, delicadeza, proteção, calor, personalidade, beleza, pertencimento, diversidade, força... Existem culturas que usam tecidos como forma de identificação de grupo, de comunicação, em suma, de expressão de sua própria identidade.

Considerar que todos somos chamados a tecer a identidade escolápia que dá qualidade e cordialidade à nossa missão, voltada para meninas, meninos e jovens, muitos dos quais ainda hoje não têm nada a que se esconder do frio, da ignorância, da manipulação, da pobreza material ou espiritual, é uma honra e uma responsabilidade que assumimos da Fraternidade escolápia com grande entusiasmo.

1. Uma proposta para a vida cristã adulta em, de, para as Escolas Pias

Agora, dois anos após a nossa última apresentação ao SS.MM. no Capítulo Geral, a Fraternidade Geral está presente em 12 Províncias da Ordem, 14 países e 52 localidades. Nesses anos, surgiram novas Fraternidades nas Províncias de Nazaré, Eslováquia e Hungria, passando de 700 membros para 982.

O Conselho Geral da Fraternidade, além de suas reuniões virtuais a cada quinze dias ou mais, realizou duas reuniões presenciais, em Puebla (México) e Belo Horizonte (Brasil). Além disso, reuniu-se com a Congregação Geral e o Secretariado Geral de Participação e, juntos, pudemos aprender sobre a realidade leiga e fraterna de cada lugar.

Em duas ocasiões, uma virtual e a outra presencial, o Conselho Geral Ampliado reuniu-se, formado com uma representação de cada uma das Fraternidades Provinciais existentes. Foram momentos de comunhão e confirmação do crescimento dessa realidade escolápia que, pouco a pouco, amplia seu alcance e fortalece sua identidade.

Pertencer a uma pequena comunidade é a proposta fundamental da Fraternidade escolápia. Nela podemos viver e desenvolver plenamente nossa identidade cristã e escolápia, compartilhando os elementos fundamentais de nosso carisma: vida, espiritualidade e missão escolápias, além de contribuir para a recreação das Escolas Pias.

2. Para compartilhar a vida

»» Nas pequenas comunidades, temos a possibilidade de nos acompanhar em nossos processos vitais. Dessa maneira, aprendemos a nos aceitar como somos e a reconhecer e agradecer os presentes que recebemos. Através desse acompanhamento comunitário, podemos apoiar e servir de contraste em nossas decisões pessoais e familiares, combinando proximidade humana com o requisito indispensável para sermos fiéis à nossa vocação.

»» A pequena comunidade é o lugar privilegiado para compartilhar nossos processos vocacionais. É uma mediação fundamental, juntamente com a celebração dos sacramentos, para experimentar o perdão de Deus e permitir a conversão.

Uma vida cristã adulta não é possível sem compartilhar o que somos e temos com os outros. A pequena comunidade é o lugar onde é possível compartilhar nossos dons pessoais, nossos bens espirituais e nossos bens materiais. Através dessa comunicação de bens, descobrimos a liberdade que um estilo de vida austero e humilde proporciona.

»» É na comunidade onde os irmãos se tornam portadores das promessas e votos pessoais de todos. Dessa forma, a comunidade os recebe, testemunha e, de certa forma, verifica o caráter profético de nossas promessas.

»» A comunidade cristã deve ser, acima de tudo, um lugar de celebração do amor que Deus tem por nós. Nela, recebemos e celebramos com alegria os milagres que Ele está fazendo em nós, e especialmente as novas vocações escolápias, religiosas e leigas que Ele desperta entre nós, que nos enchem de alegria e esperança.

3. Para compartilhar a Espiritualidade

»» O objetivo central da Fraternidade escolápia é ser uma comunidade de seguidores de Jesus de Nazaré, ou seja, ajudar a moldar a vida de acordo com sua experiência de Deus, seu testemunho de dedicação, sua proposta, interiorizando seu caminho como nosso próprio caminho.

»» Assumimos a espiritualidade escolápia como nossa, por isso nos esforçamos para conhecer e nos identificar cada vez mais com o modo particular de seguir Jesus de São José de Calasanz.

»» Consideramos nossa tarefa inevitável enriquecer e atualizar essa espiritualidade com nossa própria identidade vocacional: leigos e religiosos juntos, famílias, mundo do trabalho, cultura, política...

»» Queremos contribuir com essa espiritualidade particular da Fraternidade escolápia para toda a Escola Pia e para a Igreja.

4. Para compartilhar a missão

»» A Fraternidade escolápia assume por si mesma a missão confiada pela Igreja às Escolas Pias e deseja contribuir com o compromisso pessoal e material de seus membros e comunidades.

»» Muitos de nós assumimos voluntariamente responsabilidades na missão escolápia, tanto profissional quanto voluntariamente.

»» O caminho dos ministérios escolápios encomendados aos leigos está avançando em algumas Fraternidades como uma forma de compromisso estável de algumas pessoas que são formadas especificamente para alguma área da missão escolápia.

»» Da mesma forma, a dinâmica de enviar membros da Fraternidade para outras presenças escolápias está sendo fortalecida.

»» A Fraternidade escolápia assume como plataforma missionária própria, compartilhada juridicamente com a Ordem e as Demarcações que a desejarem, a Fundação Itaka - Escolápios, que está ampliando e fortalecendo seus projetos, dentro de suas possibilidades, sempre que necessário.

5. Recriando as Escolas Pias e a Igreja

»» A Fraternidade escolápia está cada vez mais consciente de seu papel no projeto de recreação e revitalização das Escolas Pias do Mundo.

»» Antes de tudo, somos um lugar onde leigos que compartilham a missão escolápia podem encontrar um lugar para crescer em identidade e compromisso.

»» Da mesma forma, proporcionamos aos religiosos escolápios que desejam outra mediação para crescer e desenvolver sua própria vocação religiosa e, acima de tudo, um lugar privilegiado para compartilhar nossas vocações diversas e, portanto, complementares e interdependentes.

»» A rede que estamos tecendo na Fraternidade escolápia e a acolhida que ela está recebendo estão nos permitindo avançar no relacionamento e na harmonia com toda a Ordem.

»» Estamos ansiosos pela tarefa de difundir a cultura vocacional escolápia e apoiar a pastoral vocacional específica à vida religiosa onde quer que estejamos.

»» Consideramos essencial envolver-nos como acompanhantes do Movimento Calasanz, especialmente nos estágios do discernimento vocacional, para tornar visível a proposta da Fraternidade escolápia como sua saída natural, juntamente com a vida religiosa escolápia.

»» A Fraternidade escolápia, onde existe, faz parte essencial do Modelo de presença escolápia, que liga a missão escolápia ao sujeito que é seu agente e horizonte.

»» Para isso, é essencial que a Fraternidade seja integrada ao organograma de cada Demarcação e Presença escolápia, como parte essencial do sujeito escolápico.

»» Dessa maneira, podemos ser um eficiente sinal escolápio de unidade e comunhão, um desejo de Deus que chama todas as pessoas a compartilhar a missão escolápio e a participar da Comunidade cristã escolápio.

»» Nossa inserção eclesial nas Escolas Pias deve ser uma garantia de comunhão e fidelidade à Igreja, para que nossa contribuição do próprio carisma resulte em renovação e transformação da realidade social e cultural, segundo seus princípios.

6. Proporcionar experiências, narrações, histórias, imagens, símbolos regeneradores da identidade escolápio

»» A Fraternidade escolápio expande o “campo semântico escolápio” com novas experiências, histórias e imagens de grande conteúdo simbólico, que expressam aspectos essenciais das Escolas Pias em constante renovação e que nos permitem tecer uma identidade narrativa atualizada, sugestiva e capaz de gerar novas vida escolápio.

»» Algumas das imagens que estamos usando já são conhecidas: a identidade escolápio como um tecido multicolorido que nos mantém e nos mantém unidos, novas realidades escolápias como andaimes que nos permitem construir juntos ...

»» Também temos experiências que atuam como verdadeiros “elementos de cremalheira” que garantem unidade na diversidade que está sendo gerada e que, por esse motivo, funcionam como elementos simbólicos que atuam e se concentram, fazendo as pessoas falarem e, portanto, alimentando o pensamento, alguns aspectos essenciais da nova visão escolápio: a formulação da missão escolápio realizada nos últimos Capítulos Gerais: (Nós, religiosos e leigos, ...); comunidades conjuntas; a vocação do escolápio leigo, os ministérios escolápios aos leigos, os envios para outros lugares, a Fundação Itaka Escolápios, a Comunidade cristã c, o mesmo modelo de presença...

7. Fortalecendo o modelo de presença escolápio

»» O modelo de presença escolápio, no qual a Fraternidade escolápio tem seu espaço natural, é uma inovação em nossa organização, que, de certa forma, simboliza uma realidade escolápio que está ficando mais rica e complexa a cada dia.

»» A partir dessa visão de nossa organização, é mais fácil para a Ordem e a Fraternidade olharem, sentirem, contarem e sonharem juntos umas Escolas Pias abertas a todos.

»» Dessa forma, é possível descobrir novos “espaços intersticiais”, novas possibilidades, novas sinergias, que vão além do alcance de cada uma de nossas plataformas e nos permitem avançar na missão que compartilhamos.

»» O modelo da presença escolápio torna-se o tear, onde entrelaçamos os traços de identidade de uma trama escolápio mais forte nos níveis local, provincial e geral.

»» Para simbolizar a Unidade em que Deus é tudo e lembrar que, em nenhum caso, somos os protagonistas da presença escolápio, mas é Ele quem está presente no mundo através de nós e de nossas obras.

8. Uma profecia chave da presença escolápio

Sejamos os escolápios, religiosos e leigos, jovens e idosos, Ordem e Fraternidade, que, de maneiras diferentes, mas com um único olhar, em comunidade, acompanham as fileiras ao longo das avenidas do século XXI, para que nossas crianças e jovens não perder, não nos perder, ir e vir, sentir-se em casa, encontrar Jesus, contar suas histórias, ser ouvidos, fazer suas profecias, ser felizes, como Deus deseja. Amém.

Conselho Geral da Fraternidade escolápio.

5. Madri, III Conselho Assessor de Itaka - Escolápios. 2018. O que está contribuindo Itaka - Escolápios e o que poderia contribuir para a Fraternidade: uma visão desde os dez desafios

Quando, no verão de 2014, a Primeira Assembleia da Fraternidade Geral, reunida em Peralta de la Sal, aprovou os “10 desafios das Fraternidades escolápias” por sua manutenção e avanço, a décima proposta era a participação no Itaka - Escolápios. Uma leitura possível é que ela foi colocada como o último desafio, pois é, em uma caminhada lógica, o último passo que pode ser considerado ou, em alguns casos, o mais complexo a ser executado.

Outra leitura possível, que propomos hoje, é que o que facilita às Fraternidades e, portanto, às Demarcações onde existem Fraternidades, avançar nos outros nove desafios é precisamente a participação deles em Itaka - Escolápios. Esta leitura do mesmo documento dos 10 desafios, feitos do fim ao começo, permite ver melhor a contribuição que Itaka - Escolápios faz para a Fraternidade escolápio e, portanto, para a vida e missão escolápias de cada Demarcação.

Nove. Início do Movimento Calasanz

Onde o Movimento Calasanz é promovido por Itaka - Escolápios, ele se configura como o projeto nuclear da presença escolápia. Quem vê Itaka - Escolápios como uma plataforma para atrair recursos ou desenvolver projetos sociais deve saber que sua gênese foi exatamente o oposto. Projetos sociais e outras ações, como captação de recursos, emergem e complementam os processos educacionais e pastorais que hoje chamamos de Movimento Calasanz. Assumindo o Movimento Calasanz como eixo de Itaka - Escolápios, é garantida a conexão entre seus projetos e grupos pastorais, facilitando um voluntariado escolápio de qualidade, a identidade missionária e escolápia do Movimento Calasanz, a formação social de seus monitores, enfim, sua inserção efetiva na presença escolápia.

Oito. Início do modelo de presença escolápia

Onde a Fraternidade escolápia existe, o principal potencial do modelo de presença é criar o espaço apropriado onde a Fraternidade e Demarcação escolápia se encontram, sonham juntas, compartilham missão, projetam e assumem a responsabilidade pela missão escolápia. A Itaka - Escolápios, por definição, é uma organização criada para executar o modelo de presença escolápia. Por meio de Itaka - Escolápios, a Ordem e a Fraternidade compartilham, de direito e de fato, a missão escolápia, vinculando estreitamente todas as áreas que a Presença escolápia compreende, e, assim, revelando-se como um dos “elementos de zíper” mais poderoso disso. Dentro dessa vocação, Itaka - Escolápios tem maior flexibilidade para assumir novos projetos que respondem a realidades específicas de um determinado contexto ou momento, permitindo que os projetos de presença escolápia sejam instrumentos reais para atualizar a análise e para uma resposta mais eficaz na realidade em que nos encontramos e mais fiéis ao nosso próprio carisma. Dessa forma, diante das limitações que, às vezes, junto com vantagens inquestionáveis, nossas plataformas tradicionais de missão, a Itaka - Escolápios está permitindo um número interminável de intervenções mais ágeis que respondem a realidades que são apresentadas como apelos claros a nossa identidade escolápia: cuidado e alfabetização de jovens imigrantes, acolhimento em residências e internatos, presença em áreas de exclusão que, além disso, em muitos casos, estão enriquecendo bastante nossa presença mais tradicional em colégios e escolas.

Sete. Início dos ministérios escolápios compartilhados entre a Província e a Fraternidade

Os ministérios escolápios são outro elemento de zíper que une fortemente as presenças escolápias onde elas são desenvolvidas. São leigos, de preferência membros da Fraternidade, que assumem por algum tempo o ministério eclesial de promover alguma área da missão escolápia. Onde esses ministérios são promovidos conjuntamente pela Demarcação e pela Fraternidade, que é a situação ideal, Itaka - Escolápios é a plataforma natural para desenvolver esses ministérios e a partir da qual resolver de maneira compartilhada os aspectos práticos, legais e econômicos desta proposta, facilitando opções como liberação temporária para a realização de estudos, possíveis contratos de trabalho ...

Seis. Promoção da diversidade vocacional

A Fraternidade escolápia nasceu, essencialmente, para canalizar a diversidade vocacional que as Escolas Pias recebem como um dom do Espírito Santo. O fato de muitos leigos desejarem compartilhar com os religiosos o carisma escolápio é um sinal dos tempos a que a Ordem responde com ousadia e decisão, criando a Fraternidade escolápia. Itaka - Escolápios nasceu e se espalhou pelo mesmo impulso do Espírito, com a intenção de que essa diversidade vocacional encontre um canal institucional para se fortalecer e se multiplicar através da missão escolápia compartilhada institucionalmente entre leigos e religiosos. Sem elementos institucionais que permitam dar continuidade histórica à inspiração do Espírito de Deus, pode acontecer, como Calasanz já nos avisou, que ela passa sem ser ouvida e dá frutos.

Cinco. Participação na Fraternidade Local, Demarcacional e Geral

Uma pequena comunidade que não tem uma inserção clara na Fraternidade local e, por ela, na Fraternidade Demarcacional e Geral, corre o risco de depender excessivamente de pessoas específicas, de ver limitado o crescimento de sua identidade escolápia ou de se esgotar o ciclo natural dos grupos humanos. Itaka - Escolápios, graças ao seu compromisso com o crescimento das Escolas Pias em todo o mundo, é um canal eficaz para que uma pequena comunidade, a Fraternidade local ou Demarcacional, participe e se vincule de várias maneiras no projeto global das Escolas Pias. Desse modo, ela reforça sua identidade escolápia e participa de projetos da Ordem e das Fraternidades em outros lugares, inclusive aqueles que seriam inacessíveis à distância. Participar de campanhas globais, apoiar projetos escolápios em outros lugares com contribuições financeiras, conhecer irmãos e irmãs de

presenças escolápias de outros continentes, com tudo o que isso implica em crescimento da identidade escolápia, é possível hoje, também graças à Rede e os projetos da Itaka - Escolápios.

Quatro. Fluxo de novas incorporações

Uma chave fundamental para o crescimento e a continuidade da Fraternidade escolápia, como em qualquer organização, é sua capacidade de atrair mais pessoas, de preferência jovens, para se juntar a ela. Nesse sentido, é essencial a conexão da Fraternidade com os processos do Movimento Calasanz e sua apresentação como horizonte natural do mesmo, juntamente com a vida religiosa escolápia. O pressuposto da animação do Movimento Calasanz por Itaka - Escolápios e seu enriquecimento com todos os seus projetos e projeções fazem deste um apoio inestimável para garantir a incorporação dos jovens à Fraternidade. Da mesma forma, Itaka - Escolápios é um espaço especialmente projetado para dar lugar e espaço às novas propostas de projetos, ideias e sonhos que jovens, tanto religiosos quanto leigos, sempre trazem consigo, e que, às vezes, nossas plataformas tradicionais de missão têm mais difícil de assumir.

Três. Participação adequada dos religiosos

A participação dos religiosos na Fraternidade é uma das características mais apreciada do nosso modelo. Além de seu papel ministerial essencial como sacerdote, o religioso escolápio é um irmão a mais da Fraternidade, onde contribui com toda a riqueza que sua vocação religiosa contém e seu testemunho da vida comunitária, pobreza, dedicação exclusiva à missão. Às vezes, para muitos membros da Fraternidade que não participam das plataformas dos colégios, onde os religiosos normalmente realizam sua missão, a visibilidade desse testemunho é limitada à presidência da Eucaristia ou de outros sacramentos. Encontrar a presença de religiosos como companheiros do Movimento Calasanz ou como voluntários onde Itaka - Escolápios desenvolve projetos de presença social entre aqueles que mais precisam, é um sinal encorajador e torna mais visível e próxima essa dupla dimensão vocacional dos religiosos sacerdotes. No caso dos religiosos mais velhos, já livres de suas tarefas colegiais, os projetos da Itaka - Escolápios podem ser o lugar natural onde podem continuar seu envolvimento na missão escolápia e sua conexão com o mundo dos mais jovens, o que ajuda a uma experiência positiva desse ciclo de vida.

Dois. Lugar real na demarcação onde compartilhar espiritualidade, vida e missão

A Fraternidade escolápia precisa ter um espaço real onde possa ser inserida na organização da Demarcação e contribuir. A Fraternidade escolápia não pode ser considerada mais um grupo, juntamente com o restante dos grupos existentes. A Fraternidade escolápia é o conjunto de comunidades de pessoas que reconhecem compartilhar o carisma escolápio com religiosos escolápios. Ele é um novo sujeito escolápio que assume espiritualidade, vida e missão escolápias. Essa nova realidade modifica completamente o mapa da organização da Demarcação e precisa ter canais para tornar-se vida compartilhada e, assim, ser portadora da nova vida escolápia. O modelo de presença escolápia, com suas equipes, coordenadores e projetos de presença, é o mapa natural para acomodar essa nova realidade e a Itaka - Escolápios é a entidade que melhor incorpora esse modelo. Nele, a Fraternidade encontra um canal para cumprir sua missão, compartilhá-lo com os religiosos e garantir sua sustentabilidade futura, tanto do ponto de vista das pessoas como dos recursos materiais. É muito interessante notar que Itaka - Escolápios fornece uma plataforma na qual as pessoas que, devido à sua dedicação ou vocação, dificilmente podem se conectar às plataformas tradicionais das missões escolápias, encontram seu lugar. Por outro lado, a dedicação das contribuições financeiras de cada membro da Fraternidade, dos chamados dízimos em algumas Fraternidades, aos projetos de Itaka - Escolápios, é um canal concreto, específico, avaliável e de inegável compromisso escolápio que em todos os casos representam uma oportunidade de crescimento, contraste e aprofundamento do compromisso com a missão escolápia.

Um. Clareza na identidade, vocação comum e funcionamento da Fraternidade, das comunidades e de seus membros

Mas, logicamente, toda essa nova maneira de entender as Escolas Pias só é possível com pessoas, religiosos e leigos, claramente identificadas com o carisma escolápio. Para isso, é essencial que a Fraternidade escolápia seja muito clara sobre os elementos fundamentais de sua vocação comum e seja capaz de contribuir com comprometimento e fidelidade. Uma proposta de relacionamento jurídico como Itaka - Escolápios é, sem dúvida, uma das melhores provas de comprometimento e lealdade que podem ser dadas. O fato de uma Fraternidade escolápia ser de fato, e também de direito, co-titular legal, juntamente com sua Demarcação, de seus projetos garante um compromisso presente e futuro que vai além da boa vontade de pessoas específicas em um momento específico. Itaka - Escolápios é, ao mesmo tempo, testemunho e profecia da viabilidade dessa nova maneira de entender as

Escolas Pias como um caminho conjunto entre aqueles que escolheram seguir Jesus de Nazaré ao longo do caminho de Calasanz.

Nesse verão de 2014, dissemos: "Nenhuma Província ou Fraternidade deve deixar de considerar sua possível participação em Itaka - Escolápios". A verdade é que, desde essa data, várias Demarcações e Fraternidades o refletiram e algumas deram uma resposta afirmativa. É um sinal eficaz de que continuamos atentos à voz de Deus que toca o coração e passa.

Conselho Geral da Fraternidade escolápia.

6. Madri, de 10 a 12 de maio de 2018. Encontro da Congregação Geral, do Conselho da Fraternidade Geral, do Secretariado Geral de Participação e dos SS.MM. que têm Fraternidade em sua Demarcação. O que implica a existência de uma Fraternidade na Demarcação escolápia?

Com o nascimento das primeiras Fraternidades escolápias e, principalmente, com a constituição em 2011 da Fraternidade Geral, as Escolas Pias marcam um antes e um depois em sua história. O carisma escolápico, fielmente encarnado por religiosos escolápios durante 400 anos, tornou-se em outra maneira concreta de seguir Jesus Cristo em uma realidade eclesial diferente da Ordem. Assim nasceu a Fraternidade das Escolas Pias, chamada a viver e trabalhar em conjunto com a Ordem dentro da Igreja para continuar oferecendo ao mundo o sonho que Deus deu a Calasanz. Desde então, as Escolas Pias são mais que uma Ordem religiosa, são uma "família carismática" na qual diferentes estruturas escolápias de vida e missão, com a Ordem como referência nuclear, se entrelaçam para desenvolver um projeto comum: o projeto da presença escolápia onde existem Escolas Pias.

Essa mudança decisiva na história das Escolas Pias está apenas no início de seu desenvolvimento. A mudança de paradigma que supõe que a Ordem dê origem à Fraternidade escolápia levará tempo para revelar todo o potencial que já estamos começando a ver hoje. Mas, para que isso seja possível, é necessário que, desde o primeiro momento, em cada presença e Demarcação escolápia em que a Fraternidade se manifeste, saibamos tirar proveito de toda a riqueza de vida e missão que ela pode trazer.

Vamos agora tentar citar algumas das implicações da existência de uma Fraternidade escolápia numa Demarcação da Ordem. Nenhum dos elementos listados abaixo é mera especulação. Pelo contrário, eles já são uma realidade na vida concreta da Fraternidade e da Ordem. Esperançosamente, com a graça de Deus e nossa disponibilidade ao impulso do Espírito, eles serão consolidados e generalizados em todos os cantos da geografia escolápia.

IMPLICAÇÕES ECLESIOLÓGICAS

Eclesiologia da comunhão

Com a Fraternidade, as Escolas Pias assumem o desafio, como Igreja, de desenvolver a eclesiologia da comunhão própria ao Concílio Vaticano II. As comunidades da Fraternidade são um belo testemunho de uma igreja de carisma escolápico, de serviços e ministérios a serviço de nossa missão e da comunidade cristã que formamos. Somos chamados a ser um sinal do Povo de Deus para o qual fomos chamados.

"Carisma compartilhado com os leigos"

A Fraternidade incorpora e torna visíveis algumas das intuições que a Igreja vem esclarecendo após o Concílio. Em 1996, João Paulo II escreveu a exortação apostólica *Vita Consecrata*, na qual podemos ler:

54. (...) Devido às novas situações, não poucos Institutos chegaram à convicção de que seu carisma pode ser compartilhado com os leigos. Por isso, são convidados a participar mais intensamente da espiritualidade e missão do próprio Instituto. Em continuidade às experiências históricas das várias Ordens seculares ou Terceiras Ordens, pode-se dizer que um novo capítulo, rico em esperança, começou na história das relações entre pessoas consagradas e leigos.

55. (...) Não é incomum que a participação dos leigos leve a descobrir implicações inesperadas e frutíferas de alguns aspectos do carisma, suscitando uma interpretação mais espiritual e nos levando a encontrar indicações válidas para novos dinamismos apostólicos (...)

A vida da Fraternidade confirma nas Escolas Pias o que João Paulo II escreveu há mais de 20 anos.

Mais de dez anos antes de *Vita Consecrata*, nosso amado Pe. Ángel Ruiz, sendo General da Ordem e com o caráter profético que caracterizou sua contribuição para as Escolas Pias, escreveu: "O carisma escolápico não é dos escolápios. Não pertence à Ordem. É do Povo de Deus. E nisto haverá e haverá pessoas, de ambos os sexos e de

todas as idades, além dos escolápios, que têm o carisma da vocação evangelizadora dos jovens. Se assim fosse, essas pessoas participariam do carisma de Calasanz” (Pe. Ángel Ruiz, 1983)

Foram necessários anos para que as sementes plantadas pelo Pe. Ángel Ruiz, no coração da Ordem, germinassem na realidade eclesial que as Escolas Pias são hoje e que, com a orientação do Espírito, continuará a crescer e a se desenvolver para dar frutos em abundância.

A Fraternidade continua a manter na Igreja o caráter profético das palavras do Pe. Ángel. Muitos Institutos religiosos encontram nas Escolas Pias e em sua Fraternidade uma referência muito significativa no desenvolvimento da integração dos leigos no carisma do Instituto.

IMPLICAÇÕES NA CONFIGURAÇÃO DO "NOVO SUJEITO ESCOLAPIO"

Estruturado "sujeito escolápio"

Desde que o Capítulo Geral de 1997 cunhou que "nós, escolápios, religiosos e leigos", a expressão "novo sujeito escolápio" tornou-se familiar na vida das Escolas Pias. Por muitos anos, sabemos que muitos leigos se sintonizam pessoalmente com a "frequência carismática" das Escolas Pias. Mas, para que o "novo sujeito" seja real e tangível, deve ser articulado e organizado. A Fraternidade nas Escolas Pias supõe o caminho concreto, reconhecido pela Ordem, organizado e estruturado para viver em plenitude o carisma escolápio (espiritualidade, missão e vida fraterna) para os leigos, sempre junto aos religiosos.

Com a Fraternidade, passamos de um modelo em que a Ordem protegia grupos de leigos próximos do "escolápio", a um modelo em que uma associação autônoma de fiéis, inseparável da Ordem, mas autônoma, fica ao lado da Ordem (não atrás, nem abaixo, nem a certa distância... mas ao lado) para continuar promovendo na história o projeto das Escolas Pias.

"Novo sujeito escolápio" formado por duas entidades, "cozinhando juntos"

Estamos diante de uma mudança de paradigma cujo escopo provavelmente ainda não nos tornamos totalmente conscientes. O Pe. Ángel Ruiz disse que o carisma escolápio não pertence aos religiosos escolápios, mas ao Povo de Deus. Da mesma forma, poderíamos dizer que as Escolas Pias, quanto à identidade carismática eclesial, não são mais dos religiosos escolápios, mas um "novo sujeito" formado pela Ordem das Escolas Pias e pela Fraternidade das Escolas Pias, duas diferentes entidades eclesiais chamadas a promover o mesmo projeto na Igreja e no mundo.

Os religiosos não mais sonham, projetam, sofrem, desfrutam, trabalham, observam e oram pelo projeto escolápio em solidão, mas fazem isso juntos com outros irmãos leigos, membros da Fraternidade, reconhecidos por seu carisma escolápio. E eles não apenas colaboram, mas também compartilham a responsabilidade de sonhar, projetar, sofrer, gozar, trabalhar, assistir e orar pelo projeto escolápio. Como o Pe. Manel Camp costuma dizer ao falar sobre esse assunto, "religiosos e leigos começam a cozinhar juntos".

"Façam lio", disse Francisco

Essa expressão já é famosa quando o Papa Francisco dirigiu pela primeira vez aos jovens reunidos na Jornada Mundial da Juventude de 2013 no Brasil, e que ele repetiu em várias ocasiões. Nós o emprestamos para aplicá-lo à parte jovem do "novo sujeito escolápio" (a Fraternidade) e para enfatizar que as profundas implicações da suposição desse novo paradigma são uma verdadeira "bagunça" para a Ordem das Escolas Pias e para cada uma das Províncias nas quais nasce uma Fraternidade.

Se a aparição da Fraternidade escolápica em uma Província não supõe que as mudanças começam a ocorrer, algo falha: talvez a Fraternidade não tenha sido bem colocada na vida e na missão da Demarcação; talvez a dinâmica da Fraternidade tenha sido reduzida à de um grupo de fé "qualquer" que nutre espiritualmente a vida de seus membros, mas que não constrói Escolas Pias... Mas, se uma Fraternidade está bem localizada dentro da estrutura das Escolas Pias por um lugar e suas comunidades se tornam disponíveis ao impulso do Espírito, começam a haver mudanças: mudanças de uma maneira renovada de enfrentar a missão educativa, um aumento das possibilidades de empreender projetos, de uma maneira criativa de organizar estruturas, na promoção da cultura vocacional, em uma configuração mais horizontal e circular da comunidade cristã, em um dinamismo que nos ajuda a estar "em saída" ...

Núcleo da Comunidade cristã escolápica

Ao longo da história das Escolas Pias, a comunidade religiosa tem sido a comunidade cristã que evangelizou educando tantas crianças e jovens que passaram por nossas escolas e paróquias. Com o nascimento da Fraternidade e o novo paradigma que ela implica, a comunidade religiosa continua sendo fundamental na configuração da Comunidade cristã escolápica, mas ao lado dela estão as comunidades da Fraternidade, também

chamadas a convocar, incentivar, acompanhar e cuidar de uma comunidade mais ampla. A essa comunidade, juntamente com os religiosos e membros da Fraternidade, outras pessoas que participam das Escolas Pias serão adicionadas de diferentes maneiras. Será a comunidade responsável por manter a identidade cristã e calasância de nossas presenças, para promover o caráter missionário de nossas obras, para fazer envios, para celebrar a vida e missão escolápia, por desenvolver a ministerialidade necessária para a comunidade etc.

Aqui também precisamos de uma mudança de mentalidade para permitir que os religiosos escolápios compartilhem com o resto das atribuições e responsabilidades da comunidade que sempre foram dos religiosos. Outros, logicamente, como a presidência da comunidade na celebração sacramental, continuarão sendo seus.

IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL ESCOLÁPIO

Promover todas as vocações escolápias

O grande tesouro da vocação escolápia recebida não pode ser guardado. A vocação deve ser dada a crianças, jovens e pobres na forma de serviço; e compartilhada com outros irmãos, religiosos ou leigos, a quem o Senhor pode chamar para a colheita das Escolas Pias. A Ordem e a Fraternidade têm a responsabilidade de propor a vocação escolápia aos jovens, religiosos e leigos.

A Fraternidade, espaço de gestação para uma vocação religiosa escolápia

A breve história da Fraternidade das Escolas Pias nos mostrou que uma Fraternidade que vive intensamente o carisma escolápio é um ambiente favorável para os membros da Fraternidade e os jovens próximos fazerem seriamente a pergunta sobre a vocação religiosa escolápia.

Esclarecimento vocacional do religioso e do leigo

Vivemos em tempos na Igreja em que frequentemente surge a pergunta sobre a especificidade da vida religiosa. Colocar em diálogo a vocação religiosa escolápia e a vocação leiga ajuda a responder a essa pergunta. A existência da Fraternidade ajuda os religiosos que a ela pertencem a aprofundar sua identidade consagrada e os leigos a identificar o que é apropriado à sua vocação leiga. Longe de gerar a confusão que alguns temem, a coexistência das duas vocações ajuda alguns e outros a responder cada vez melhor ao que foram chamados.

O desafio da diversidade vocacional

A criação da Fraternidade não é de modo algum o fim do caminho no desenvolvimento da vocação leiga escolápia. A vida da própria Fraternidade exigirá da própria Fraternidade e também da Ordem o desenvolvimento de outras figuras vocacionais: opção definitiva, ministérios leigos, escolápios leigos... Além disso, a diversidade vocacional escolápia na vida leiga precisará de outros canais além da Fraternidade: colaboradores, equipes de missão compartilhada, Movimento Adulto Calasanz etc. A presença de uma Fraternidade na Demarcação pode ser um ponto de apoio muito importante para o desenvolvimento desses outros itinerários vocacionais.

IMPLICAÇÕES NO IMPULSO DA MISSÃO ESCOLÁPIA:

A Fraternidade assume a missão escolápia como própria

A Fraternidade não tem missão própria, paralela à da Ordem, mas sempre compartilha a missão escolápia com a Ordem. Isso implica que o nascimento de uma Fraternidade bem situada em uma Demarcação multiplica as possibilidades de promover a missão na referida Demarcação.

Sustentar a identidade escolápia do nosso ministério

Uma das chaves da vida das Escolas Pias busca sustentar e aprimorar a identidade escolápia de nosso ministério. Uma Fraternidade escolápia bem colocada em uma chave de missão significa que um bom número de pessoas e comunidades estão envolvidas nessa tarefa, juntamente com religiosos escolápios em nossas escolas, paróquias, obras da ENF, Itaka - Escolápios etc.

Movimento Calasanz

A Fraternidade das Escolas Pias e o Movimento Calasanz são realidades interdependentes que precisam um do outro. O Movimento Calasanz encontra na Fraternidade uma referência fundamental dentro da Comunidade cristã escolápia que acompanha seus processos grupais e pessoais, e que oferece uma saída escolápia clara, juntamente com a opção da vida religiosa.

A Fraternidade encontra no Movimento Calasanz uma de suas linhas de missão mais específicas e a área de desenvolvimento natural da vocação escolápia à Fraternidade e à vocação religiosa. É difícil imaginar que, se as

coisas vão mais ou menos bem na Demarcação, a existência da Fraternidade não implica a criação do Movimento Calasanz e vice-versa.

Itaka - Escolápios

Um “novo sujeito escolápio” composto por religiosos e leigos que juntos promovem um projeto de missão escolápio compartilhada, acaba logicamente precisando de uma plataforma missionária que pertença a ambos e possa ser promovida por ambos na mesma missão compartilhada integrada ao carisma escolápio promovido juridicamente em conjunto pela Ordem e pela Fraternidade das Escolas Pias.

Sem dúvida, uma Fraternidade é chamada a se envolver nos projetos e trabalhos de missão próprios da Ordem (escolas e paróquias fundamentalmente), mas o espaço mais inato para o desenvolvimento da missão da Fraternidade é, atualmente, Itaka - Escolápios. Se, vocacionalmente, já vimos que nenhuma subordinação é estabelecida entre religiosos e leigos, Itaka - Escolápios gera uma área na qual nenhuma subordinação jurídica também é estabelecida.

Por outro lado, a Rede Itaka - Escolápios amplia os horizontes da missão da Demarcação, abrindo canais para novos projetos, obras, envios, intercâmbios, formas de gestão... e ajuda a estabelecer dinamismos missionários para os mais necessitados.

IMPLICAÇÕES ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS

O Modelo de presença Escolápio

O nascimento de uma Fraternidade com tudo o que ela implica (articulação de um novo sujeito escolápio com os religiosos, configuração de uma Comunidade cristã escolápio renovada, novos impulsos de missão, o Movimento Calasanz, a possibilidade de Itaka - Escolápios) exige uma nova maneira de pensar e de nos organizar: o modelo de presença escolápio, no qual todas as realidades escolápias de um lugar são articuladas e alinhadas de acordo com o mesmo projeto. O dinamismo de uma Fraternidade viva e com "espaço de jogo" fará sentido e precisará da opção para o modelo de presença.

Funcionamento de rede

Durante anos, temos feito progressos como uma Ordem global, como uma rede de Demarcações interconectadas. A presença da Fraternidade na Demarcação aprofunda essa cultura de caminhar em rede. A própria Fraternidade Geral, da qual participam todas as Fraternidades provinciais, é uma rede à qual a Demarcação se une. Além disso, as realidades que fazem parte do funcionamento sistêmico da Fraternidade, como o Movimento Calasanz e Itaka - Escolápios, também são redes em si.

ALGUMAS CHAVES PARA AVANÇAR ...

Todas as implicações anteriores, derivadas da existência de uma autêntica Fraternidade situada bem, e outras mais que ficarão no tinteiro, representam um grande enriquecimento para a vida e indicam as Demarcações da Ordem e para a vida dos membros da Fraternidade.

Mas, para alcançá-las, é necessário:

»» Seguir aprofundando na mudança de mentalidade que exige aos religiosos e leigos para nos compreender, reconhecer e nos relacionar como o “novo sujeito escolápio”.

»» Aprofundar na identidade da Fraternidade demarcacional. Não “rebaixar” o projeto de Fraternidade; não conforme com o chamar da Fraternidade, simplesmente, um grupo de pessoas próximas; não consentir que a Fraternidade seja uma realidade grupal a mais entre outras muitas possíveis na Demarcação.

»» Impulsionar processos vocacionais e de formação integral, tanto para jovens como para adultos (entre os que se destaca o Movimento Calasanz), onde possam descobrir sua vocação escolápio e encontrar na Fraternidade seu lugar na Igreja e a sua missão.

»» Por parte da Demarcação, não ter medo para compartilhar (vida, fé, missão, espaços, decisões...), “soltar” atribuições, abertura das portas, tratamento dos membros da Fraternidade como escolápios nos que é possível confiar. Por parte da Fraternidade, não ter medo da corresponsabilidade e as exigências da vocação compartilhada.

Essas atitudes são fundamentais para garantir um espaço apropriado na Demarcação onde a Fraternidade possa compartilhar espiritualidade, vida e missão. A boa reação da Congregação Provincial e o Conselho da Fraternidade ajuda buscar juntos espaços necessários para a Fraternidade.

»» Favorecer e animar a participação dos religiosos na Fraternidade. Ela oferece um espaço comunitário compartilhado para religiosos e leigos escolápios. Precisamos de religiosos na Fraternidade. Quanto mais, melhor (sempre desde a liberdade). Porém precisamos de uma participação adequada: não como consiliários, acompanhantes, reitores; senão como um irmão a mais que, como religioso e ministro ordenado, também oferece à comunidade seu ministério específico.

»» Apresentar a possibilidade de desenvolvimento do Movimento Calasanz e de Itaka - Escolápios na Demarcação. Junto com a Ordem e suas obras de missão, a Fraternidade Escolápia, o Movimento Calasanz e a Rede Itaka - Escolápios criam um sistema que estabelece sinergias que nos ajudam a crescer. São partes dum *puzzle* que, juntas, nos mostram o rosto das Escolas Pias num "Pentecostes Escolápio".

Obrigado. Um abraço em Calasanz

O Conselho da Fraternidade Geral

TESTEMUNHO DESDE A PROVÍNCIA DE NAZARÉ (COLÔMBIA, EQUADOR, PERU)

Dado o que você me pede para escrever meu testemunho sobre a Fraternidade, sinto-me um pouco endividado, porque no que tem sido propriamente a dinâmica de participar das comunidades, vivi muito mal, não por falta de convicção, mas pelo ritmo da vida que a dinâmica da minha Província me imprime.

Posso dizer que estou convencido da intuição da Ordem e, com ela, dos Padres Gerais, desde o Pe. Ángel Ruiz até o Pe. Pedro Aguado, sobre a maneira pela qual o Espírito Santo tem situado tantos leigos que realmente descobriram o carisma das Escolas Pias como um vetor vocacional para suas vidas. Vi com grande alegria como vários leigos de nossa Província, homens e mulheres, descobriram como a Ordem entende a participação, sua melhor oportunidade de realizar suas missões, seus dons educacionais, sua experiência de fé e seu amor pela educação. Alguns deles expressaram que, mesmo sendo leigos, conseguiram encontrar, no projeto das Escolas Pias e na dinâmica da Fraternidade, a melhor maneira de viver sua vocação leiga.

Com essa convicção, quis assumir com grande senso de fidelidade e corresponsabilidade com a Ordem as diferentes formas de Participação, principalmente o impulso da Fraternidade das Escolas Pias. Pensamos muito na melhor maneira de organizar e dar lugar a esse precioso presente de Deus à Escola Pia e, por isso, garantimos, na estrutura da Província, as condições de possibilidade de ajudar a surgir, reconhecer e concretizar a vocação leiga escolápia que algumas pessoas carregam em sua alma.

- Queremos (eu queria) dar grande valor à saída vocacional de todos os nossos processos pastorais.

- Trabalhamos para garantir a formação integral do sujeito escolápio, para que as pessoas levem muito a sério seu crescimento humano e espiritual e, assim, possam garantir a adequação de todos os que vivem a Fraternidade das Escolas Pias como um estilo de vida.

- O Conselho da Fraternidade está levando muito a sério o papel de cuidar de seus membros, motivando e acompanhando os processos de discernimento do carisma, a dinâmica formativa dos membros e o envolvimento explícito dos membros na missão das Escolas Pias, seja nas obras da Demarcação ou nos locais de trabalho daqueles que não estão relacionados a nós.

- Um dos grandes desafios é aprender a situar o papel dos membros da Fraternidade na promoção do carisma em todas as suas facetas: espiritualidade, comunidade e missão. Para isso, criamos condições para que os membros da Fraternidade (fortes por seus dons e compromissos), mas também outros leigos significativos, muito comprometidos (mas não membros da Fraternidade), se envolvam nas diferentes instâncias de reflexão e decisão das grandes áreas da nossa Província. Para o estilo de governo que queremos imprimir na Província, é muito importante a participação de membros da Fraternidade e dos leigos, que colocamos na estrutura do Governo Provincial, mas também em cada um dos secretariados e equipes que trabalham para alcançar os grandes objetivos de nossa Província.

- Pessoalmente, me senti muito enriquecido com essa caminhada juntos na construção da Província das Escolas Pias de Nazaré: diálogo frequente com vários membros da Fraternidade, a total confiança em muitos deles (inclusive leigos significativos), a oração juntos e a celebração eucarística em todas as nossas reuniões provinciais são a melhor expressão da Fraternidade e da participação autêntica nas Escolas Pias segundo me olhar e viver.

Pe. Juan Carlos Sevillano

GRITAR PARA FICAR SALVO

Certa vez, um profeta chegou a uma cidade para converter seus habitantes. A princípio, as pessoas o ouviram quando ele falou, mas, aos poucos, se afastaram, até que não havia ninguém para ouvir as palavras do profeta.

Um dia, um viajante disse ao profeta: “Por que você continua pregando? Não vê que sua missão é impossível?”

E o profeta respondeu: “No começo, esperava mudá-los. Mas, se eu continuo gritando agora é só para que eles não me mudem” (Anthony de Melo. O canto do pássaro)

SEMPRE VENHA CONOSCO

Oh Senhor, vá em frente para nos guiar.

Vá atrás de nós para nos impulsionar.

Vá abaixo de nós para nos levantar.

Vá acima para nos abençoar.

Vá ao nosso redor para nos proteger.

Entre em nós para que, com corpo e alma,

vamos servi-lo para a glória do seu nome (N. Söderblom)

42. Os desafios da Fraternidade

Na primeira Assembleia da Fraternidade Geral, surgiram alguns desafios da Fraternidade que ainda são atuais, mais ou menos de acordo com as diferentes situações, na maior parte de nossa realidade escolápia.

1. Para ter continuidade e maior força

Os cinco primeiros se referem às chaves para a sobrevivência e o fortalecimento das Fraternidades existentes ou que estão sendo implementadas:

1. Clareza na identidade, vocação comum e funcionamento da Fraternidade, em cada uma das pequenas comunidades e seus membros.

As Fraternidades precisam, especialmente nesses momentos ainda bastante iniciais, de cuidar fortemente da qualidade de vida cristã e escolápia das pessoas que as compõem e das comunidades como um todo.

A referência ao documento da Fraternidade Geral que estabelece uma estrutura comum que define tudo deve ser clara. Algumas ações particulares de iniciar grupos com o nome de Fraternidade são uma confusão, oferecendo algo que não responde à realidade e, além disso, estão prejudicando o desenvolvimento de um compromisso decisivo atualmente para o futuro das Escolas Pias.

A clareza dos elementos que compõem essa vocação à Fraternidade, sua integração no carisma escolápico, em sua espiritualidade, vida e missão, deve estar formal e verdadeiramente presente no cotidiano de cada Fraternidade.

Também dentro de cada Fraternidade e em cada uma das pequenas comunidades que a compõem, os membros de seus membros, que estão e que não estão na Fraternidade, devem ser claros. Os traços da vocação comum e o esforço para sermos fiéis a eles devem ser muito claros e definidos, pois já está no documento-quadro da Fraternidade que devemos sempre tomar como orientação fundamental. O Conselho de cada uma dessas Fraternidades deve garantir isso.

2. Lugar real na Demarcação onde compartilhar espiritualidade, vida e missão

A Fraternidade precisa de um espaço claro, algumas instâncias para compartilhar vida, espiritualidade e missão com a Demarcação. Ao responder à modalidade de integração carismática, esse novo sujeito escolápico, que é a Fraternidade, precisa que sua conexão com o carisma seja algo palpável para não permanecer como uma característica etérea que se dissolve facilmente.

Isso pressupõe o lançamento de algumas iniciativas que tornam a Fraternidade presente na vida e na missão escolápica, como, por exemplo, incluí-la no organograma das Escolas Pias de cada Demarcação, iniciando as equipes de presença nas quais a Fraternidade é um pilar fundamental, reuniões da Congregação Provincial com o Conselho da Fraternidade, o vínculo legal que envolve a integração à Rede Itaka - Escolápios etc.

3. Participação adequada de religiosos

Outro aspecto muito importante para o crescimento e consolidação da Fraternidade é a participação adequada dos religiosos nela.

Os religiosos participam plenamente do carisma escolápio. Eles não precisam pertencer à Fraternidade para estar no coração do carisma, como tem sido durante os séculos anteriores.

E, no entanto, reconhecendo que a Fraternidade também compartilha o carisma, os religiosos encontramos novos irmãos escolápios no caminho. Parece muito conveniente caminhar com eles, encorajá-los em sua opção pela Fraternidade, envolver-nos também como uma demonstração real de nosso compromisso com as novas Escolas Pias.

Em algum momento e lugar, foi possível entender a pertença dos religiosos à Fraternidade como uma séria dificuldade em assumir uma dupla filiação em relação à Ordem. Nada poderia estar mais longe da realidade. Todos nós temos muitos pertences: são eles que dão identidade a cada um de nós. O importante é ter esses pertences em uma ordem clara.

Um religioso escolápio pertence à Ordem, sua Província, sua pequena comunidade, sua escola ou trabalho escolápio. Pertence à sua família. Talvez ele pertença como membro de alguma entidade piedosa, de uma ONG, de um clube esportivo, de alguma associação. Pertence a uma cidade, a um país. Pertence a uma Igreja.

A dificuldade pode surgir se esses pertences não forem ordenados ou forem contraditórios em suas abordagens. Evidentemente, não é o caso da Ordem e da Fraternidade das Escolas Pias que compartilham o mesmo carisma na Igreja a serviço da sociedade em que estão.

Como os religiosos pertencem à Fraternidade? Por um lado, eles são membros como todos os outros: não são monitores, responsáveis, chefes... mas mais um irmão. Por outro lado, devido à sua condição de sacerdotes e sua vocação religiosa, são uma grande contribuição para toda a Fraternidade. Entre esses dois polos, a participação dos religiosos na Fraternidade deve se mover.

Os religiosos, e também muitos leigos, participam de ambas as comunidades, a religiosa e a da Fraternidade. Possivelmente também em outros grupos de jovens, famílias... A prioridade à sua própria vocação é clara e é justamente por isso que está ligada à Fraternidade.

Às vezes, toda a comunidade religiosa participa junto com alguns leigos e leigas como uma pequena comunidade da Fraternidade. É uma possibilidade interessante que abre algum espaço da comunidade religiosa (algum dia ou vários dias e momentos) à Fraternidade.

Também temos a experiência já contrastada e perseverante, ininterruptamente desde 1995, de comunidades conjuntas onde os religiosos coexistem com alguns leigos solteiros ou com famílias com seus filhos. Sabendo salvaguardar os espaços e momentos necessários para o desenvolvimento de cada vocação específica, eles estão sendo uma grande riqueza para todos e para a missão escolápio.

Outra experiência interessante é a participação na Fraternidade de uma comunidade religiosa com todos os seus membros, ou mesmo uma comunidade de formação. É necessário definir quais momentos serão compartilhados e quais devem ser reservados para os religiosos. Sem perder nada, a comunidade religiosa participa como mais uma comunidade da Fraternidade. Algo semelhante poderia ser feito, embora ainda não exista, com outras comunidades religiosas.

De qualquer forma, é conveniente que os religiosos pertencentes à Fraternidade o façam claramente, sem que seja uma participação intermitente ou difusa. Pode ajudar, não tanto a promessa da Fraternidade, uma vez que eles já têm seus votos religiosos na Ordem, mas alguns sinais de onde seu momento de entrada é evidente: poderia ser a renovação de sua própria profissão religiosa na Fraternidade ou algo semelhante. Existem várias concreções que foram capazes de responder corretamente sobre esse ponto.

4. Fluxo de novos irmãos e irmãs

A Fraternidade, como a própria Ordem, precisa manter um fluxo sustentado de novas incorporações para sua sobrevivência.

O trabalho vocacional em sentido amplo, tanto para a vida religiosa quanto para a vocação à Fraternidade, é uma prioridade fundamental. Sem novas vocações, não apenas o futuro está ameaçado, mas estamos deixando de atender a uma área fundamental de nossa missão, talvez a fundamental, de convidar a participar da construção do Reino, cada um da vocação recebida.

O esforço para alcançar uma cultura vocacional no entorno, o fortalecimento dos processos educativos e pastorais que podem levar às vocações adultas, o envolvimento pessoal dos membros da Fraternidade nesses processos, a orientação pastoral de todas as nossas obras escolápias são algumas das ações que temos que cuidar.

O Conselho da Fraternidade, em conexão com a Congregação Provincial e os demais órgãos de cada Demarcação, deve estar vigilante, para que seja alcançado um fluxo sustentado de novas incorporações.

5. Participação na Fraternidade Local, Demarcacional e Geral

É importante gerar gradualmente uma identidade para os membros da Fraternidade que vá além de sua participação e pertença à pequena comunidade, por pertencer à Fraternidade local e da Demarcação e à Fraternidade Geral.

A característica definidora da Fraternidade é a integração ao carisma escolápio. E isso excede em muito os pequenos limites de cada referência específica. Somos católicos, porque somos universais, porque descobrimos irmãos em toda a humanidade, porque nos sentimos parte do mundo, da Igreja, das Escolas Pias, da Fraternidade...

Aqui nós jogamos muita identidade. E as Fraternidades ainda nascentes podem contribuir com esse sinal de seu sentimento geral de Escolas Pias com as conseqüências correspondentes.

Possivelmente os religiosos escolápios pecamos das particularidades de minha parcela de responsabilidade, de meu trabalho, de minha comunidade, de minha Demarcação... A opção atual de viver a função da mentalidade da Ordem é uma decisão importante no momento³³. A Fraternidade também pode ser uma oportunidade nesse sentido.

Para isso, será necessário possibilitar experiências e etapas para que os membros da Fraternidade transcendam sua pertença à pequena comunidade com mobilidade em sua própria Fraternidade ou mesmo em outras presenças escolápias, encontros de vários tipos (entre Fraternidades, com religiosos e leigos, com outras entidades eclesiais), comunicação e informação cuidadosa...

2. Para avançar ainda mais com a Província ou Demarcação

Existem algumas propostas de progresso que vão além da sobrevivência e consolidação da Fraternidade. São possibilidades, sempre com a Província, que permitem saltos importantes na vida e na marcha das Escolas Pias, tanto da Demarcação como da própria Fraternidade. Apontamos cinco desafios:

6. Promoção da diversidade vocacional

Indicamos anteriormente a importância e a necessidade de uma cultura vocacional para colocar nossa missão escolápia e também a pastoral vocacional específica para a vida religiosa e a Fraternidade escolápia.

Deve-se expandir agora com a proposta de que a Fraternidade, juntamente com a Província, tome essa cultura vocacional como prioritária, cuidando, é claro, da vocação comum a cada uma dessas duas realidades e, além disso, da diversificação vocacional que nos permite visualizar a necessidade de os diferentes órgãos do "Corpo da Igreja".

Cada um deve procurar e orar para descobrir sua própria vocação à qual Deus o chama na vida. A possibilidade de visualizar algumas delas, as propostas concretas dos educadores, o testemunho de vida, são ações essenciais para isso.

Não se trata de expor as diferentes vocações de um mercado para cada um escolher, mas de deixar claro que elas são diversas e necessárias e complementares quando contribuem para o bem comum. E que cada um deve procurar, orar, discernir, aquele chamado particular que Deus faz para sua vida.

Ao mesmo tempo, a Fraternidade ganha em riqueza vocacional, carismática e ministerial, crescendo como comunidade.

Algumas possibilidades vocacionais que não podem faltar, levando em consideração as modalidades de participação nas Escolas Pias: a vida consagrada escolápia, o ministério sacerdotal, o escolápio leigo (integração carismática e jurídica), a vocação à Fraternidade, a missão compartilhada, as diferentes formas de colaboração...

A diversidade de modelos comunitários na Fraternidade também ajuda, talvez, alguma pequena comunidade com uma comissão específica, com alguma característica que a define especialmente. Pode ser muito interessante garantir que exista alguma força motriz para a presença escolápia em cada lugar, no sentido de oferecer uma referência maior aos jovens, à vida e à missão do local. O envolvimento da Fraternidade, sempre com a Província, é muito importante.

³³ Salutatio do Pe. Geral publicada em Ephemerides de junho de 2011

Podemos incluir nessa diversificação vocacional determinadas tarefas pessoais ou comunitárias. Por exemplo, assumir uma responsabilidade na missão escolápica em uma obra ou na província. Também pode ser um envio para outro lugar, mesmo para outro país, para incentivar a presença e missão escolápicos. São ações que envolvem vocacionalmente as pessoas e representam um salto de qualidade na realidade da Fraternidade.

Mais simples, embora muito importante devido ao seu conteúdo e alcance a mais pessoas, é a Opção definitiva para a Fraternidade após alguns anos de experiência nela. Torna-se um momento privilegiado para o crescimento pessoal também vocacional e para o crescimento da Fraternidade, que vê como uma pessoa sempre aposta em seguir Jesus no estilo Calasanz dela.

7. Início dos ministérios escolápicos compartilhados entre Província e Fraternidade

Dedicamos anteriormente um espaço para apresentar a importância desses ministérios escolápicos. Não se trata de redundar a mesma reflexão, mas de perceber que estamos diante de uma grande possibilidade de avanço para a Fraternidade, para a Província, para a missão escolápica e também uma grande contribuição para nossa Igreja.

Os ministérios escolápicos existem desde o início da Ordem. Nós, religiosos, os assumimos ao longo dos séculos. E assim deve continuar.

Agora, uma grande oportunidade vocacional e ministerial se abre para as Escolas Pias. Os leigos também podem ser chamados a participar desses ministérios escolápicos³⁴.

Estamos propondo três grandes ministérios escolápicos que podemos confiar a leigos muito próximos e identificados com as Escolas Pias, possivelmente na Fraternidade³⁵. Daí a necessária colaboração da Província e da Fraternidade a esse respeito.

Como já mencionamos, nos referimos ao ministério pastoral, ao ministério da educação cristã e ao ministério da atenção aos pobres pela transformação social.

8. Início do modelo de presença escolápica

Também é apresentado na seção anterior. E, portanto, não repetimos o que já foi dito. Mas, deve-se enfatizar agora que estamos diante de uma oportunidade de aumentar a missão, a Província e a Fraternidade com a implementação desse modelo.

Falar da presença escolápica supõe o compromisso de unir tudo o que é escolápico em cada lugar, sempre desde a orientação da Província e da Ordem. É optar por um trabalho conjunto e coordenado, impulsionado por um projeto compartilhado, dando voz e espaço a todos os agentes que participam dessa ampla realidade da presença escolápica, é fazer com que o sujeito e a missão do escolápico cresçam com força.

Se implementarmos o modelo de presença escolápica, começaremos indicando quem os está promovendo. E imediatamente aparecerá a Província e agora também a Fraternidade. E, claro, todas as outras formas de participação nas Escolas Pias (missão compartilhada, colaboradores, destinatários). Já demos um passo importante.

Ao colocar esse modelo de presença, unimos a missão do lugar, partimos da situação atual, analisamos, definimos objetivos e caminhos, envolvemos mais pessoas... e, com tudo isso, percorremos um longo caminho na missão.

No momento de iniciar o modelo de presença escolápica, esclarecemos a organização, o funcionamento, as tarefas. Temos um coordenador, uma equipe motriz de todas as equipes que podem ser, um projeto que orienta todos e cada um.

O lançamento do modelo de presença escolápica é uma excelente oportunidade que não devemos perder.

9. Início do Movimento Calasanz

Ao falar da urgência da evangelização, refletimos sobre a proposta da Ordem de iniciar o Movimento Calasanz.

É uma opção da Ordem iniciar processos de grupo com crianças, jovens e adultos, com uma oferta clara de uma abertura em uma chave vocacional escolápica à vida religiosa escolápica e à Fraternidade.

Chegou a hora da Província e da Fraternidade marcarem conjuntamente essa tarefa de promover o Movimento Calasanz em seu campo e coordená-lo com o restante das Escolas Pias.

³⁴ Vale a pena ler a *Salutatio* do Pe. Geral publicada em *Efemérides* de abril e maio de 2011.

³⁵ Ver o documento "Participar das Escolas Pias" apresentado na reunião dos Superiores Maiores em outubro de 2011 em Peralta.

Essa responsabilidade compartilhada não apenas faz crescer a missão, mas também nos permite abrir uma convocação interessante que pode levar a novas vocações à Ordem e à Fraternidade.

10. Participar da Rede Itaka - Escolápios

Existem muitas Demarcações e Fraternidades que possibilitam hoje a Rede Internacional Itaka - Escolápios como espaço compartilhado, como plataforma de missão escolápia, como uma realidade de integração carismática e jurídica entre instituições.

É uma realidade com uma certa história, reconhecida em seus resultados na missão e na vida de quem participa, o que abre muitas possibilidades para a Ordem, as Demarcações, a Fraternidade e a missão.

Nesse momento, basta destacar a oportunidade que supõe articular Províncias e Fraternidades, ajudar na missão escolápia, especialmente onde é mais necessário, e proporcionar um claro espaço institucional para a Fraternidade e sua missão em todas as Escolas Pias.

Toda Província e Fraternidade têm a oportunidade de participar da Rede internacional Itaka - Escolápios. Seria, sem dúvida, um grande passo para elas e também para essa Rede escolápia que presta serviços tão bons às Escolas Pias e à sua missão.

3. E mais ...

Após a apresentação de alguns grandes desafios, também devemos pensar nos desafios que nossa realidade mais próxima apresenta. Defini-los já é um passo importante para continuar avançando nos caminhos que Calasanz nos mostrou para construir um mundo melhor através da vida, espiritualidade e missão escolápias.

NA APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTO DE FRATERNIDADE DE 2011³⁶

... Várias Fraternidades escolápias existem hoje nas Escolas Pias, que foram estabelecidas com a aprovação e apoio dos respectivos Superiores Maiores e, acima de tudo, com o esforço, entusiasmo, autenticidade da vida e compromisso escolápio daqueles que fazem parte da eles. Todas elas definiram sua identidade, estrutura e missão em documentos escritos. Todas elas são um presente extraordinário para as Escolas Pias e para a missão que somos chamados a promover na Igreja e a serviço da sociedade.

(...) Convido os religiosos escolápios a acolher as Fraternidades como um presente que enriquece e fortalece as Escolas Pias, e todas as pessoas que fazem parte das Fraternidades escolápias ou se sentem chamadas a viver de acordo com o dom carismático recebido para que todos unidos, vamos contribuir para o fortalecimento e renovação das Escolas Pias, para o bem de meninos, meninas, jovens, pobres e todas as pessoas a quem somos enviados por Deus, através da Igreja, pela ousadia afortunada e paciência teimosa de São José de Calasanz.

Pedimos a bênção de Deus para todos nós que sonhamos com Escolas Pias fiéis e renovadas, sob a proteção de Maria, rainha das Escolas Pias e São José de Calasanz.

O REGRESSO DA COMUNIDADE

Depois dessas coisas, o Senhor também designou setenta outros, quem ele enviou dois a dois diante de si para todas as cidades e lugares para onde ele deveria ir. E ele lhes disse: "A colheita é realmente muita, mas os obreiros são poucos; portanto, orem ao Senhor da colheita para enviar obreiros para sua colheita. Vai; eis que vos envio como cordeiros entre lobos. Não tragam uma bolsa, alforje ou sapatos; e não cumprimentem ninguém a caminho. Em qualquer casa em que você entrar, primeiro diga: A paz esteja nesta casa. E se houver algum filho da paz lá, a sua paz repousará sobre ele; e se não, ela voltará para vocês... curarão os enfermos que estão nela e dirão a eles: o Reino de Deus se aproximou de vocês..."

Os setenta voltaram com alegria, dizendo: "Senhor, até os demônios estão sujeitos a nós em seu nome".

E ele lhes disse: "...não se alegrem porque os espíritos estarem sujeitos a vocês, mas se alegrem por seus nomes estarem escritos no céu" (Lucas 10, 1-20)

³⁶ Resumo da apresentação do documento "A Fraternidade das Escolas Pias". Edições Calasâncias, 2011

43. Não é um fim...

"Se eu proclamo o Evangelho, não o faço para a glória: pelo contrário, é para mim uma necessidade urgente. Ai de mim se eu não pregar o Evangelho!" (1 Cor 9, 16-19).

Estamos chegando ao final dessas páginas, mas não no final do caminho que devemos continuar a descobrir e seguir. O mais importante será estar aberto ao Espírito do Senhor, que continua nos chamando e mostrando novos caminhos para seguir Jesus em comunidade, na Fraternidade, nas Escolas Pias.

Temos sorte, muita sorte, de ter uma história de centenas de anos, com uma experiência comunitária de vida religiosa, com pessoas muito diferentes e complementares, com instituições que nos ajudam a viver e cumprir a missão, com um chamado pessoal que recebemos para nos unir à Fraternidade e continuar avançando... Tanto presente recebido implica um compromisso grato de continuar, de transmitir a Boa Nova a toda a humanidade, de viver intensamente o presente que nos foi confiado.

1. Alguns livros e materiais de referência³⁷

Apresentamos alguns documentos de referência obrigatória e também uma bibliografia que pode nos ajudar. Obviamente, teremos que atualizá-lo constantemente.

1. O laicato nas Escolas Pias. É o documento fundamental que inclui o projeto institucional com os leigos. Capítulo Geral de 1997.
2. O carisma escolápio. Capítulo Geral de 1997.
3. Esclarecimento da identidade dos religiosos e leigos escolápios. 1999 Congregação Geral.
4. Diretório de participação nas Escolas Pias. Capítulo Geral de 2015.
5. A Fraternidade das Escolas Pias. Congregação Geral de 2011. (O documento inicial com o mesmo título de 1988)
6. Participar das Escolas Pias. Secretariado Geral do IC-MC 2012. (Também em português)
7. Constituições (2004) e Regras Comuns (2016). (As regras de 2009).
8. Diretório de formação dos religiosos escolápios (Capítulo Geral, 2015)
9. Diretório de formação permanente (Congregação Geral, 1994)

Referências sobre o escolápio leigo: integração carismática e jurídica

1. Estatutos da Fundação Itaka - Escolápios (2001) em que participam dos correspondentes acordos de Demarcações e Fraternidades, bem como da Congregação Geral.
2. Carta de adesão programática à Rede Itaka - Escolápios.
3. Estatuto do Escolápio Leigo (2002) que define a integração carismática e legal em Emaús.
4. Papiro 190 (2011) reflete a reflexão e a prática dessa vocação como escolápio leigo.

Referências aos Ministérios escolápios confiados a leigos

1. Estatuto dos Ministérios escolápios das Escolas Pias de Emaús (2002).
2. Ministérios leigos em Betânia (2015).
3. Colaboradores na vinha do Senhor. Bispos EUA 2005
4. Missões e Ministérios dos Cristas Leigos. Bispos Brasil 1999
5. Congar e a teologia dos leigos.
6. Raúl Berzosa. Os ministérios.
7. Ministérios: dossiê apresentado no Fórum de Nazaré de 2017.
8. Ministérios conferidos a leigos em Emaús. Nazareth Forum 2017
9. Missão e ministérios dos leigos. México
10. Ministérios, Carta aos Pe. Irmãos, Geral 2011.

Documentos de Demarcação

³⁷ Temos essa documentação em <https://www.escolapios21.org/documentos-2/documentos-principales/>

1. Escolas Pias entre todos (Estatuto de Participação em Emaús, 2014)
2. Estatuto da participação - Betânia (2019)
3. Estatuto de Participação de Nazaré - rascunho (2019)

E mais...

1. Assembleia da Fraternidade Geral e reunião dos responsáveis pela integração carismática e missão compartilhada da Ordem (Peralta 2014)
2. Encontramos esses documentos disponíveis e atualizados com os publicados em www.escolapios21.org

2. Alguma bibliografia de interesse (em espanhol)

- Elkin ARANGO. "El camino comunitário". Verbo Divino, 1990.
- José M^a ARNAIZ. "Vida y misión compartidas". PPC, 2014.
- Miguel Ángel ASIAIN. "Laicos y religiosos: luces y sombras de una relación de gracia", Confer 148 (1999), pp. 629-653.
- Berzosa, Raúl. "Ser laicos en la Iglesia y en el mundo", DDB, Bilbao 2000.
- Leonardo BOFF. "Eclesiogenésis. Las comunidades de base reinventan la Iglesia". Sal Terrae, 1986
- Dietrich BONHOEFFER. "Vida en comunidad". Sígueme. 2003.
- Antonio BOTANA. "Compartilhar carisma y misión con los laicos". Frontera Hegian 62. 2009.
- Antonio BOTANA. "Iniciación a la comunidad". Centro Vocacional La Salle. 1990.
- José Pascual BURGUÉS. "La experiencia comunitaria del escolapio". ICCE. Madrid, 1993
- José M^a CASTILLO. "La alternativa cristiana". Sígueme. 1985.
- José M^a CASTILLO. "Teología para comunidades". Paulinas. 1990.
- José M^a CASTILLO. "La Iglesia que quiso el Concilio". PPC. 2001.
- Amadeo CENCINI. Vida en comunidad: reto y maravilla. Sociedad de Educación Atenas. Madrid, 1996.
- Amadeo CENCINI. Relacionarse para compartir. Sal Terrae. Bilbao, 2006
- Carlo M. CIPOLLA. "Las leyes fundamentales de la estupidez humana". Booket, 1996.
- Jesús ESPEJA. El ministerio en la Iglesia. Un cambio de perspectiva. San Esteban – Edibesa. 2001
- Juan Antonio ESTRADA. "La identidad de los laicos". Paulinas, 1990.
- Juan Antonio ESTRADA. "La espiritualidad de los laicos". Paulinas, 1991.
- Juan Antonio ESTRADA. "Una eclesiología desde los laicos". Frontera Hegian 60, 2008.
- José Antonio GARCÍA. "Hogar y taller". Sal Terrae, 1991.
- Carlos, GARCIA DE ANDOIN. "Laicos cristianos, Iglesia en el mundo", Ed. HOAC, Madrid, 2004.
- Pedro José GÓMEZ SERRANO. "Nos sobran los motivos". PPC. 2011.
- Carlos GONZÁLEZ VALLÉS. "Viviendo juntos". Sal Terrae. 1994.
- Yuval Noah Harari. "Homo Deus". Debate, 2016.
- Antonio HORTELANO. "Las comunidades de base". Sígueme, 1987.
- Marcelino LEGIDO. "Fraternidad en el mundo". Sígueme. 1987.
- Alessandro MANENTI. "Vivir en comunidad". Sal Terrae, 1998.
- José M^a MARDONES. "Hay lugar para Dios hoy?" PPC, 2005.
- Juan MARTÍN VELASCO. "La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea". Sal Terrae, 2002
- Jesús MARTÍNEZ GORDO. "Los laicos y el futuro de la Iglesia". PPC, 2005
- Carlos MESTERS. "Vivir y anunciar la Palabra; las primeras comunidades". Verbo Divino, 2001.
- Asaamblea de OBISPOS DE QUEBEC. "Proponer la fe hoy". Sal Terrae. 2000.
- José Antonio PAGOLA. "Creer, ¿para qué?" PPC, 2008.
- José Luis PÉREZ. "Dios me dio hermanos". CCS, 1993.
- Revista SAL TERRAE. "Misión compartida", n^o 1157 de junio 2011
- Bernard SESBOÜÉ. "¡No tengáis miedo! Los ministerios en la Iglesia". Sal Terrae, 1998.
- Gabino URÍBARRI. "Portar las marcas de Jesús". Comillas, 2001.
- Jean VANIER. "Comunidad, lugar de perdón y fiesta". Narcea. 1983.

3. Obrigado... e continuamos

O mais importante em uma Fraternidade são as pessoas que as formam, os irmãos e irmãs que se reúnem chamados por Jesus Cristo para colaborar no anúncio das Boas Novas e na construção do Reino de Deus.

Então, obrigado de todo o coração.

A Fraternidade das Escolas Pias precisa de você, graças à sua dedicação... porque, sem você, ela não existiria. Agradeço de coração pelo que você já contribuiu e pelo que vai contribuir. Obrigado.

Graças a você, Jesus, porque você nos chamou pessoalmente e nos convocou a descobrir nosso Pai do céu e do Espírito que nos sustenta e nos guia. Porque você é o centro da Fraternidade.

Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível a Fraternidade das Escolas Pias... e especialmente a quem continua nos acompanhando do céu.

OBRIGADO Abel, Adalberto, Adela, Adelio, Adolfo, Adrián, Adriana, Agendia, Agnaldo, Agustín, Aimar, Ainara, Ainhoa, Aitana, Aitor, Aintzane, Aitzol, Alain, Alair, Alazne, Alba, Albert, Alberto, Albino, Alcendiney, Aldwin, Alejandro, Alessandra, Alex, Alexandre, Alexis, Alfonso, Alfredo, Aline, Altair, Álvaro, Amador, Amagoia, Amarildo, Amaya, Amós, Amparo, Ana, Ander, Andoni, Andrea, Andréia, Andreas, Andrés, Andrew, Ane, Ángel, Angela, Angelo, Ángeles, Angelica, Anibal, Anil, Antón, Antoine, Antonio, Antxon, Aparecida, Arantxa, Arelys, Ariel, Arilson, Arnel, Arnoldo, Arrate, Arturo, Asdrúbal, Asier, Assedina, Atila, Augustine, Avelino, Axun, Balleneyne, Baltasar, Bárbara, Baudilio, Beatriz, Begoña, Belén, Benedito, Benigno, Benito, Benjamín, Berna, Bernardeta, Bernardo, Bertrand, Beth, Bibiane, Bienve, Binod, Blanca, Borja, Breno, Bruna, Bruno, Buenaventura, Camila, Camilo, Canisio, Carla, Carles, Carlos, Carmelo, Carmen, Carmina, Carolina, Casilda, Casimiro, Caterina, Cecilia, Cecilio, Ceferino, Celestino, Celia, Celso, César, Cesáreo, Charleyson, Charo, Chiquinquirá, Christian Cidinha, Cipriano, Cirilo, Cyrille, Clara, Claude, Claudia, Claudio, Claudionor, Clement, Clemente, Clícia, Conchi, Constanza, Corina, Crisanto, Crispín, Cristian, Cristiane, Cristina, Cristóbal, Christophorus, Curro, Dalgisa, Dámaso, Damián, Daniel, Daniela, Danilo, Dante, Darío, David, Deibson, Demetrio, Diana, Didier, Diego, Dionisio, Divino, Domingo, Doris, Eba, Eddy, Eder, Edgar, Edinéia, Edixon, Edmundo, Eduard, Eduardo, Edurne, Edwin, Efraín, Efren, Egidio, Eladio, Elaine, Elena, Elene, Elías, Eligio, Elisa, Elizabeth, Eloy, Elton, Elvis, Elzana, Emanuel, Emelio, Emília, Emiliano, Emilio, Eneko, Enivaldo, Enrique, Ernesto, Emmanuel, Ermelio, Esperanza, Esteban, Esther, Estibaliz, Eugenio, Eulalio, Eunice, Eva, Evaristus, Ever, Everth, Fabiana, Fabiano, Fabiola, Fabrício, Fátima, Faustino, Federico, Feliciano, Felicien, Felicita, Felipe, Félix, Fermín, Fernanda, Fernando, Fidel, Fidencio, Flaminio, Flavia, Flaviany, Flavio, Florencio, Francesc, Francia, Francisco, Franklin, Fred, Gabino, Gabriela, Garazi, Gartxot, Geilsa, Gemma, Geni, Genoveva, George, Georges, Georgina, Gerald, Geraldine, Gerardo, Germán, Gil, Gilberto, Gilmar, Gisele, Glaucilene, Gloria, Gonzalo, Gorka, Gotzone, Gregorio, Grover, Guadalupe, Guerrero, Guilherme, Guillermo, Gumersindo, Gustavo, Haroldo, Héctor, Helaine, Helena, Helton, Heliodoro, Henrique, Heyder, Hilario, Hugo, Humberto, Ibon, Ignacio, Igone, Igor, Iker, Imanol, Inés, Ingrid, Inma, Inocencio, Inohelia, Iñaki, Iñigo, Ion, Irati, Iratxe, Irene, Ireneo, Iris, Irune, Isabel, Isac, Isaac, Isidora, Isidoro, Ismelda, Israel, Itxaso, Itziar, Iván, Ivanete, te, Ivomar, Ixone, Izaskun, Jacinto, Jacobo, Jackson, Jacqueline, Jakobo, Jaime, Jan, Javier, Jardel, Jazmín, Jarbas, Jaume, Jean, Jennifer, Jeremías, Jéssica, Jesús, Jins, Joane, João, Joaquín, Joel, Jon, Jone, Jorge, Josafá, José, Joseba, Josefa, Joseila, Josélia, Joseph, Josi, Josineia, Josu, Jovino, Józef, Juan, Juanjo, Juan, Jucelina, Judas, Jude, Judith, Julen, Julián, Juliano, Julimar, Julio, Jumkwa, Juncal, Justine, Justino, Kazimierz, Katuscia, Kattalin, Kelvin, Kepa, Kike, Kisito, Kossi, Kumar, Ladislao, Laida, Laura, Lara, Leandro, Leire, Lenin, Leonard, Leonardo, Léster, Leticia, Libia, Lidia, Lino, Livio, Loles, Loli, Lorea, Lorenzo, Lourdes, Luc, Luca, Luciane, Luciano, Luciene, Lúcio, Ludovico, Luis, Luisi, Luiz, Luz, Luziane, Mabel, Macario, Magda, Mahylda, Maia, Maider, Maipi, Maite, Malen, Manel, Manolo, Manuel, Marcel, Marcelino, Marcelo, Marcia, Marcio, Marcos, Marek, Marga, Mari, María, Maribel, Marilia, Marina, Mario, Maritza, Mariví, Mariano, Marisete, Markel, Marlene, Marly, Marta, Martín, Martiniano, Mary, Mateo, Mateusz, Mattin, Matxalen, Mauricio, Max, Maximiliano, Maximino, Máximo, May, Melchíades, Melvin, Mercedes, Mertxe, Micaías, Miguel, Mikel, Miren, Miriam, Mirosław, Modesta, Modesto, Moisés, Mónica, Montse, Moses, Murilo, Muskilda, Nacil, Nagore, Naia, Nany, Natalia, Natalio, Nati, Natxo, Nazaret, Nazario, Ndze, Neida, Nekane, Nelyimar, Nerea, Neziane, Nicolás, Nidia, Nieves, Nikhil, Nisséria, Nivaldo, Noelia, Norberto, Norival, Norma, Numa, Nuze, Nisséria, Odirley, Ofeliz, Oier, Olegario, Olga, Orlando, Oscar, Oskia, Pablo, Paco, Paloma, Pantaleón, Pascual, Patricia, Patxi, Paula, Paulino, Paz, Pedro, Pepe, Pierre, Pilar, Plácido, Poliana, Primitivo, Priscila, Puri, Radoslav,

Rafael, Raimundo, Raju, Rakel, Ramón, Raquel, Raúl, Regina, Renata, Renato, Reyes, Resu, Ricardo, Riselha, Roberto, Robinson, Rodolfo, Rogelio, Roger, Rogerio, Rolando, Romeo, Rommel, Romualdo, Ronaldo, Roniyer, Rosa, Rosalinda, Rosalio, Rosario, Roseane, Rosiane, Rozilda, Rubén, Rubia, Rudy, Saji, Salvador, Salvadora, Samara, Samson, Sandra, Santiago, Sara, Saturio, Saturnino, Sebastião, Secundino, Sergio, Severino, Sexto, Sherlock, Shinto, Shirley, Sidonio, Silas, Silvana, Sílvia, Silvio, Simón, Sonia, Stalin, Stanislaw, Stephano, Stephen, Stevons, Sueli, Suely, Susana, Tailo, Teodora, Teodoro, Terence, Teresa, Terezinha, Thadeus, Thuerryu, Thomas, Tiburcio, Tomás, Tulio, Txemi, Ugo, Unai, Unax, Urbano, Uxue, Valdésia, Valentín, Valeriano, Vanda, Vanderleia, Vanderson, Vanessa, Venio, Vera, Verônica, Vicente, Víctor, Victorien, Victorino, Vilma, Vinod, Virgile, Viviane, Walberleno, Warlem, Washington, Wemerson, Wilfred, William, Willians, Wilson, Xabier, Yelitza, Yefrin, Yolanda, Yrene, Zacarias, Zaida, Zigor, Zoraida, Zsolt, Zuriñe³⁸ (perdonad que no repita cuando coinciden dos nombres o cuando son nombres compuestos. Gracias a todos).

Para maior glória de Deus e utilidade do próximo

Índice

- I. APRESENTAÇÃO
 - 1. Situando este livro
 - 2. Paixão pela missão... com paixão pela Fraternidade
 - 3. Uma breve história da Fraternidade
- II. COMUNIDADE, NOSSA IDENTIDADE
 - 4. Povo de Deus desde o começo dos tempos
 - 5. A comunidade de Jesus... até hoje
 - 6. Igreja sinodal, missionária e comunitária
 - 7. O laicato na Igreja
 - 8. A vida religiosa
 - 9. Nossa vida comunitária escolápia
 - 10. Compartilhar missão, carisma, comunidade escolápia
- III. FRATERNIDADE ESCOLÁPIA, OUTRA MANEIRA DE VIVER O CARISMA
 - 11. A riqueza da vida religiosa em e para a Fraternidade
 - 12. O lugar da Fraternidade no futuro das Escolas Pias
 - 13. Escolas Pias enriquecidas com a Fraternidade
- IV. INICIAR A FRATERNIDADE
 - 14. A decisão de começar
 - 15. Opção para pequenas comunidades em rede
 - 16. O que é a pequena comunidade
 - 17. A vocação à comunidade
 - 18. Elementos de toda comunidade
 - 19. Diversidade de vocações na vocação comum
 - 20. Cuidar da Fraternidade como corpo vivo
 - 21. Etapas da Fraternidade e Opção definitiva
- V. ESCOLAS PIAS EM FRATERNIDADE, UM HORIZONTE QUE ABRE
 - 22. Viver na chave da presença escolápia
 - 23. Possibilitar diferentes formas de participação
 - 24. A Comunidade cristã escolápia
 - 25. Ministérios escolápios confiados aos leigos
 - 26. Envios para outros países e presenças
 - 27. Escolápios leigos e leigos: integração também jurídica

³⁸ Por simplicidade, não repetimos nomes e os nomes compostos são separados. Se você acha difícil se reconhecer na lista, perdoe-me, não se preocupe e obrigado por sua contribuição à Fraternidade das Escolas Pias e sua missão.

28. Rede Internacional Itaka - Escolápios
29. Diferentes modelos comunitários
30. O Movimento Calasanz
31. Cultura vocacional e formativa
32. Experiências que fazem crescer
- VI. AVANÇAR NA FRATERNIDADE
 33. Fraternidade é compartilhar cada vez mais
 34. Compartilhar o material
 35. Compartilhar o afetivo
 36. Compartilhar o espiritual
 37. Doenças da comunidade
 38. Para curar as doenças da comunidade
 39. Felizes na Fraternidade
- VII. PARA SEGUIR A VIDA DA FRATERNIDADE
 40. Situação atual da Fraternidade
 41. Momentos especialmente significativos
 42. Os desafios da Fraternidade
 43. Não é um fim...